BOSQUEJO HISTORICO

DA

LITTERATURA CLASSICA,

GREGA, LATINA E PORTUGUEZA,

PARA USO DAS ESCHOLAS.

POR

A. Cardoso Borges de Figueiredo,

CAVALLEIRO DA ORDEM DE N. SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA VIÇOSA,
PROFESSOR JUBILADO
EM ORATORIA, POETICA E LITTERATURA CLASSICA,
NO LYCEU NACIONAL DE COIMBRA, ETC.

QUINTA EDIÇÃO,

Mais correcta, e rematada com uma synopse das materias.

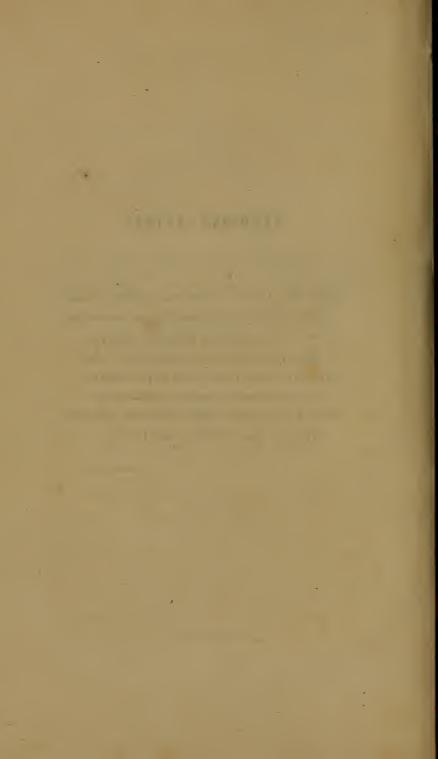
COIMBRA
LIVRARIA DE J. AUGUSTO ORCEL,
RUA DAS FANGAS N.º 1.
1862

Nous la verrons grandir avec les sociétés et dechoir avec elles; recevoir l'empreinte du climat, des institutions et des moeurs, et réfléchir à son tour sur eux l'éclat qui l'accompagne.

CAMILLE TURLES.

STUDIOSO LECTORI.

Sive tibi, Lector, lubeat res prodere gestas;
  Sive animos hominum flectere vocis ope;
Sive modis musarum delectare canoris;
  Exempla unde petas, indicat iste liber.
Auctores lusos cum graiis atque latinis
  Assiduus versa, percole, subsequere.
Hoc demum studio fies, praesente minerva,
  Orator, vates, historicusve bonus.

AUCTOR.

O critico prudente e justo indica
O que emendar em teus escriptos deves,
HORACIO.

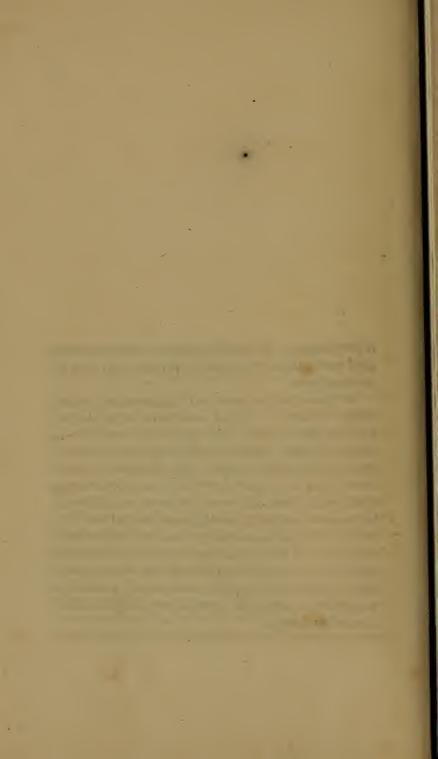
Depois que, ha dezoito annos, viram a luz estas primeiras linhas historicas da litteratura classica — grega, latina e portugueza — ; cuidei em melhorar, e fui, de feito, successivamente melhorando, essas humildes primicias de minhas lucubrações. Mas bem certo é o proverbio horaciano, — que não fere sempre a setta o alvo que ameaçára: —*Nec semper feriet quodcumque minabitur arcus*. Sim: por mais que um escriptor se desvele em apurar suas obras, 'nellas hão de olhos mais abertos enxergar imperfeições ou inadvertencias, que mais aturada reflexão teria evitado. São obras do homem.

Repartidas as horas a varios e, por ventura, indispensaveis officios, é muitas vezes estreito o tempo para quem escreve: milhares de objectos o distrahem; e assim o necessario tento lhe fraquêa. Em coisas de historia, porêm, onde o escriptor a cada passo carece de quem o encaminhe, segue elle, ás vezes e sem o

cuidar, um guia pouco certo na vereda; e, correndo sequioso de achar a verdade que rasteja, improvidente vai dar em fonte menos pura.

Tres vezes corrigira eu este bosquejo; e tres vezes lá me ficaram incorrecções; indo, em parte do meu caminho, após os mal seguros passos d'um auctor extrangeiro, aliás illustre e amador das lettras portuguezas. Tropeçou elle: caimos ambos. Escaparamnos, em datas, uns prochronismos e parachronismos: e, alêm d'outros ponctos, na genuinidade d'algumas obrinhas de menor tomo, cegamente nos mettemos em desvios. Tive porêm, um dia, a fortuna de achar um amigo intelligente, que, só por sua bondade e por seu amor á pública instrucção, notando aquelles descuidos, me chamou á direitura. Foi elle o nosso diligente bibliographo e prestante philologo, o Sr. Innocencio Francisco da Silva. Por tam relevante e espontaneo serviço e beneficio lhe rendi eu logo, muito

ingenuamente, as devidas graças; e hoje lhe firmo aqui um testimunho, público e perpetuo, do meu reconhecimento.

De taes manchas, pois, vai limpa emfim a quinta edição d'este livro; o qual, com outros meus elementares, usado, ha muito, por approvação superior, em nossas escholas, fôra novamente adoptado pela muito liberal e extremada graça de Sua Majestade, em decreto de 31 de janeiro de 1860. Com ânimo sempre agradecido a tam alta mercê e honra, e tambem ao favoravel e constante acolhimento do público illustrado; proseguirei em castigar mais e rectificar meus escriptos, se a Providencia me alargar ainda este meu derradeiro e avançado quartel da vida. Resta que ao meu, sempre vivo, empenho—em ser util á estudiosa mocidade — responda o fructo que ella póde colher de minhas fadigas.

PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Todos os que amam as lettras, sentem os incantos e reconhecem a utilidade da Historia Litteraria E, na verdade, se ha para a intelligencia um espectaculo digno de lhe ser offerecido, é o dos grandes homens que têm passado successivamente sôbre a scena do mundo, espargindo em redor de si essas fontes de moções e idêas, que têm o direito eterno de incantar e de instruir as sociedades envelhecidas. Por onde se manifesta que o estudo d'aquella sciencia é um dos poderosos meios de apurar o gôsto da mocidade dedicada ás lettras, inspirando-lhe com a admiração dos modelos o desejo de os estudar directamente. Assim, muito era para desejar que, á imitação d'outras nações, onde a historia das litteraturas é objecto de cursos especiaes, em Portugal tambem se curasse de encher uma lacuna que desaira nosso ensino secundario. Consome-se o tempo mo miudos preceitos theoricos sôbre os diversos rames de litteratura; de consagrar sequer alguns momentos á historia d'ella nam ha tractar. Se alguns professores zelosos dão a seus discipulos curtas noticias biographicas sôbre os escriptores cujas obras servem de texto a suas lições; se os professores de historia fazem entrar no quadro de seus cursos uma

rapida vista do estado das lettras nas diversas epochas historicas; isso nam póde ser senam d'uma maneira accessoria e incompleta.

Terminados os estudos classicos, deixa o moço os bancos com os ouvidos cheios dos nomes de Homero, Virgilio e Camões; de Thucydides, Livio e Barros; de Demosthenes, Cicero e Vieira. Mas perguntae-lhe — a que epocha e, até mesmo, a que paiz pertencem esses grandes escriptores? que influencia tiveram em seu seculo? que serviço prestaram ás lettras? que se havia feito antes d'elles e que se fez depois?—Ficará mudo: desculpará sua ignorancia com a impossibilidade de saber o que jámais lhe ensinaram, o que nam encontra nos livros que lhe foram subministrados.

E assim, nam nos constando que em nosso idioma exista um livro elementar de historia litteraria, concebemos a idêa de ordenar, nas horas sobejas dos fóros de nossa profissão, as breves lições que 'nesta materia davamos, no espaço d'um mez, a nossos discipulos. E tomámos alfim a imprêsa de as tirar á luz; nam que presumissemos de nossas fôrças, senam porque, fracas como são, intendemos que deviamos contribuir com ellas para a pública utilidade.

Pomos pois nas mãos da mocidade portugueza um *bosquejo historico de litteratura classica*, o qual reune em um todo a grega e a latina com a nacional; sendo que d'esta reuniào, quando bem regulada, deveria resultar uma sorte de unidade mui propria para formar o gôsto dos moços d'uma maneira homogenea e completa. Porque, em verdade, haveis de crer que, assim como a litteratura grega esclarece e completa a latina, assim ambas estas illustram e consum-

mam a portugueza. Como porêm é natural a um professor, que escreve, o olhar mais particularmente em seus trabalhos ás conveniencias de sua profissão, só lançámos as linhas historicas relativas á poesia, eloquencia e historiographia, cujos estudos a nossa mocidade sóe fazer em um mesmo anno.

Quanto ao methodo e plano, unimos a ordem chronologica com a scientifica; dividindo o todo de cada litteratura em certos periodos, em cada um dos quaes ella apparece com um character determinado e distincto; e lançando, ainda que ligeiramente, os olhos sobre as circumstancias politicas, que tanto influem no progresso e decadencia dos diversos ramos da cultura intellectual. Com as várias phases litterarias, damos as listas dos escriptores que as representam; e das vidas dos de maior nomeada tocâmos o que pareceu necessario para melhor se conhecer seu character, como escriptores. Na apreciação das obras, sob a triple relação da fórma, da linguagem e do estylo, como nam era possivel apresentar em toda a parte vistas novas e pessoaes, fizemos nossos os juizos dos antigos e modernos criticos: os nomes dos que mais nos auxiliaram, ver-se-hão na lista que se segue a este prefacio. Tomámos porêm especialmente pela róta do allemão *Franz Ficker,* e dos francezes *Turles, Géruzez* e *Ferdinand Denis,* nos quaes se póde ver acabado o quadro que bosquejámos. E nam só nos acostámos aos seus systemas, senam que até mesmo reproduzimos, nam poucas vezes, seus proprios conceitos. Uma tam singela confissão será bastante parte para que nos nam accusem de plagio nem d'ingratidão.

Pedir-nos-hão conta pelas edições, cuja noticia

muito conduz para a crítica e para a hermeneutica. Esta omissão nasceu nam tanto do amor da brevidade quanto da angústia do tempo que podiamos tomar para este trabalho. No catalogo dos nossos classicos, alguem quereria que a este ou áquelle substituissemos outro; que cada qual tem os seus mimosos. Porêm, ainda a querermos sacrificar o nosso ao alheio gôsto, fôra mister o addivinhar. A uns emfim parecerá escassa a collecção, a outros nam sei se redundante: quando, por um lado, nam podiamos memorar todos os auctores; e, por outro, um auctor ás vezes, com quanto somenos, sendo como um annel da cadêa intellectual, devia apparecer na parte, para se avaliar o todo. Ninguem póde contentar a todos: demais que escrevemos para as escholas; e lá está o professor habil e douto que saberá mondar o livro, supprir o que falta, e cortar o que sobeja.

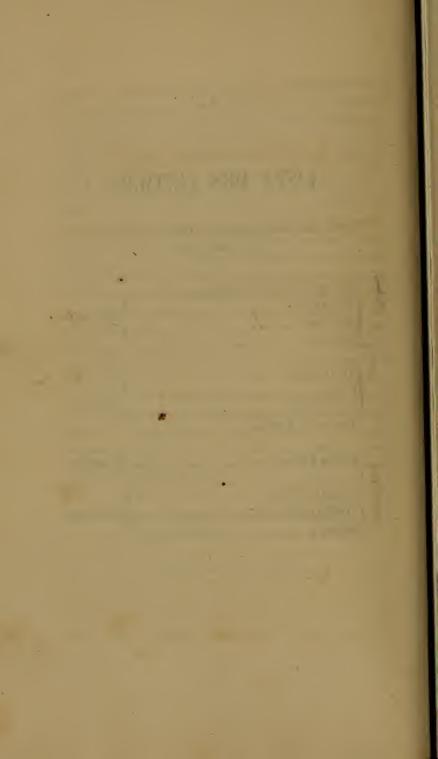
Se com isto fazemos algum serviço a nossos moços, e ainda aos que se destinam a entrar um dia na carreira do magisterio; havel-o-hemos pelo mais glorioso premio de nosso trabalho: senam, sirva elle de acordar alguem que melhor desimpenhe a imprêsa, nam menos fragosa que importante.

Haec, si displicui, fuerint solatia nobis;
Haec fuerint nobis praemia, si placui.

MARTIAL. l. II, epigr. 91.

LISTA DOS CRITICOS

QUE IMPORTA CONSULTAR PARA A EXPLICAÇÃO DO COMPENDIO.

	Nome	
ANTIGOS	Dionysio d'Halicarnasso.........	GREGOS.
	Plutarcho....................	
	Strabão......................	
	Suidas.......................	
	Aulo Gellio..................	LATINOS.
	Cicero.......................	
	Quinctiliano.................	
	Terencio Varrão..............	
MODERNOS	Franz Ficker.................	ALLEMÃO.
	Camille Turles...............	FRANCEZES.
	Ferdinand Denis..............	
	Géruzez......................	

NOÇÕES PRELIMINARES.

NATUREZA DA LITTERATURA, SUA IMPORTANCIA E SUBSIDIOS.

A Litteratura exprime pela linguagem, debaixo de fórmas diversas, os conceitos, sentimentos e paixões do espiritu humano. Assim que, na sua accepção mais ampla, comprehende ella todo o vasto campo das sciencias e das lettras, cujo dominio abraça toda a extensão do pensamento. A litteratura porêm, propriamente dicta, é distincta das sciencias e da erudição, designando o corpo das *humanidades* ou *boas lettras*, e as producções do genio em cada uma d'ellas. E toma finalmente o nome de *classica*, se se limita aos monumentos dos escriptores d'uma nação culta; entre os quaes se dizem *classicos* os que, sobrepujando aos demais em cabedal de conhecimentos, por um consenso unanime gozam de legítima auctoridade. É, por excellencia, *classica* a antiga litteratura grega e romana.

Um estreito parentesco liga as humanas e boas lettras; differençam-se porêm, já pelo objecto e fim particular, já pela fórma: sendo que umas, como a logica e a grammatica, dirigem as faculdades de pensar e de falar, que nos separam dos outros animaes; outras servem assim á nossa utilidade como ao nosso prazer,

e por isso se denominam *boas* ou *bellas;* taes são especialmente a poesia, a eloquencia e a historia.

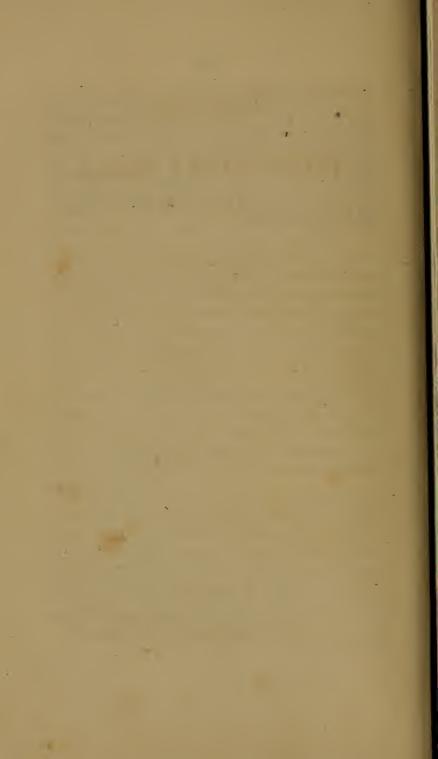
Entre a litteratura e a virtude existe uma íntima alliança; sendo aquella o bello ideal do mundo intellectual, e esta o do mundo moral. E, na verdade, as boas lettras adoçam os costumes, reprimindo a sua fereza; e, pelos sentimentos elevados e grandes exemplos que nos offerecem, vêm naturalmente nutrir em nossa alma o amor da glória, e a admiração de tudo o que é verdadeiramente bom, nobre e grande.

Mas, para que o homem seja distincto em qualquer genero de litteratura a que se dedique, raramente lhe bastam as disposições naturaes; carece da guia e succorro da arte e da imitação. E como, para seguir os bons modelos, é forçoso que os conheça. indispensavel se lhe torna o estudo da *historia litteraria* e da *critica.*

Com effeito a historia litteraria é—um quadro que apresenta a marcha das sciencias e lettras d'um ou mais povos —; ella marca as epochas do nascimento, progresso, esplendor e decadencia das mesmas; descobre as causas d'estas vicissitudes ; e indica o nome, a patria, a vida e as obras dos escriptores que em cada periodo floreceram.

Como porêm, ainda nos grandes auctores, se topa com alguns defeitos, importa que á *historia* se ajuncte a *critica* ou a applicação do bom gôsto ás differentes producções do espiritu. Esta distingue o bello do defeituoso, e pésa o merecimento dos escriptores; tendo o mesmo cimento que as demais artes, — a experiencia devida á observação das bellezas que agradam geralmente a todos os homens.

Mas, além d'isto, para se adquirir mais solido co-

nhecimento da litteratura classica, nam basta a sua propria historia; é mister demandar as fontes d'onde ella se deriva. Primeiro, pois, que 'neste nosso ensaio nos occupemos da historia da litteratura portugueza, convem remontar-nos á grega e á romana, que lhe deram o nascimento ou o exemplo: em cada uma porêm só tocaremos o que respeita á *poesia*, *eloquencia* e *historiographia*.

PRIMEIRA PARTE

LITTERATURA GREGA.

> *Graiis ingenium, graiis dedit ore rotundo*
> *Musa loqui . . . . .*
> HORACIO, *de Art. Poët.* v. 323.

§. 1. Começando pela Grecia, tocâmos a litteratura d'um povo para sempre celebre, assim nos fastos da civilização e das artes, como nos da glória das armas e da liberdade; d'um povo cujos escriptores, tornando-se os mestres dos que nos povos seguintes lhes succederam, têm exercido uma influencia universal. Nenhuma litteratura abraça um espaço de tempo tam consideravel como a hellenica. Lá vamos descobrir seu berço na epocha fabulosa que antecede a guerra de Troia, e seu tumulo só no meio do seculo XV da nossa éra, quando os turcos se assenhorearam de Constantinopla. Nenhuma tambem é mais rica; nenhuma com passu mais ligeiro subiu á perfeição; sendo que a posição geographica, a doçura do clima, o character nacional, e a independencia da antiga constituição politica, muito deviam influir na prompta, liberal e variada cultura dos hellenos.

POESIA.

§. 2. A porção mais brilhante d'esta rica litteratura é certamente a poesia; por cuja historia co-

meçaremos; visto como, na ordem dos tempos, ella precede a todos os outros desinvolvimentos do pensamento, sendo o fructo mais natural da intelligencia: a prosa veiu mais tarde. E aquella anterioridade nasceu nam só da vivacidade das primeiras impressões da alma antes da civilização; mas tambem da necessidade (que havia antes da invenção da escriptura) de submetter á medida a expressão do pensamento, para que a memoria mais facilmente guardasse o seu deposito.—Póde dividir-se a historia da poesia grega em seis periodos, marcados pelas revoluções do pensamento e pela deslocação do centro litterario.

PRIMEIRO PERIODO,

MYTHICO.

Desde o estabelecimento dos pelasgos na Grecia (no ann. 1856 antes de Christo) até á destruição de Troia (1184 ant. de Chr.).

POESIA SACERDOTAL.

§. 3. Este primeiro periodo nos offerece a *poesia sacerdotal*, primordio da civilização hellenica, e germe dos varios generos poeticos que mais tarde se haviam de desinvolver. É fama que os primitivos poetas reuniram o triple character de sacerdotes, musicos e legisladores, tendo por sua musa a religião; da qual e da harmonia metrica, ao som da harpa e da lyra, se serviam para celebrar, nas fe-

stas dos deuses, as maravilhas da natureza, e para d'est'arte irem domando os feros costumes da Thracia. Tinham estes poetas o nome *d'aëdos* (cantores); e entre os celtas lhes corresponderam os *druidas*. Assim, as primeiras manifestações do espiritu poetico foram *hymnos*, *poesias mysticas*, *theogonias* e *cosmogonias*: e os thracios, se é verdadeira a tradição, têm a glória de haver sido os primeiros creadores da poesia grega.

§. 4. Mas d'este periodo, involvido nas fábulas e trevas da antiguidade, apenas nos chegaram os nomes d'esses primeiros poetas, e alguns restos de cantos, escapados á destruição do tempo. E, comquanto os antigos tivessem por genuinas estas producções, hoje todavia se julgam apocryphas, por demostrarem, no plano e na fórma, uma edade posterior. Entre outros, celebrou a antiguidade o chalcidico *Lino*, o thebano *Amphion*, e os dois thracios *Museu* e *Orpheu*.

ORPHEU.

§. 5. Os cantos que se nos transmittiram sob o nome de *Orpheu*, são — 1.º hymnos d'iniciação (*Teletai*), que têm por óbjecto a theologia symbolica insinada nos mysterios que o mesmo instituíra. Estas poesias respiram geralmente o genio antigo, e são, a este respeito, um monumento notavel da antiga liturgia.—2.º Um poema sôbre a expedição dos Argonautas (*Argonautica*), que é um ensaio d'epopêa.—3.º Um poema physico sôbre as propriedades medicinaes de certas pedras (*peri lithon*). — 4.º Um poema sôbre os tremores de terra (*peri seismon*).

ORACULOS.

§. 6.º A este periodo se referem tambem os oraculos das Sibyllas, mulheres que prognosticavam o porvir; entre as quaes as mais conhecidas são a erythrêa e a cumana. É porêm fóra de dúvida que estes oraculos eram obra de tempos posteriores, e que mais d'uma vez esta ficção foi inspirada pelo designio formal de enganar. Os livros sibyllinos, guardados no templo de Jupiter Capitolino, e que eram consultados pelos romanos nas circumstancias críticas do estado, pereceram no incendio do Capitolio, no anno de Roma 670. Para reparar esta perda, se mandou por toda a parte ajunctar o qué ainda existisse dos oraculos sibyllinos; e a nova collecção se depositou no templo de Apollo Palatino, até que no reinado de Honorio se entregou ás chammas, como um objecto de abominação.

SEGUNDO PERIODO,

HEROICO.

Desde a tomada de Troia até á legislação de Solon (594 ant. de Chr.).

§. 7. A obscuridade dos tempos fabulosos se dissipa, e a historia começa a apparecer-nos em uma fraca luz. Tomada Troia, os gregos voltam a seus lares, ricos dos despojos da Asia, ricos do conhecimento de longes paizes. O repouso porêm é ainda interrompido pela invasão dos dorios, e depois por algumas raças hellenicas, que vêm nova-

mente agitar a Grecia; e os seus habitantes são forçados a contínuas emigrações. Mas a paz se restabelece alfim, e se firma insensivelmente, pelas beneficas leis de Lycurgo em Sparta, e de Dracon em Athenas. Entâm começam a desinvolver-se diversos generos poeticos; nasce a poesia epica, a didactica, a gnomica, a jambica e a lyrica; e para todas estas poesias a tradição oral foi por longo tempo, nam só por necessidade, mas ainda por causa da impressão mais viva que produz, o unico meio de propagação. Se a arte da escriptura se tinha achado, servia ella apenas nos monumentos publicos. Assim, as narrações fabulosas relativas aos heróes viviam na bocca dos gregos, onde tomavam uma fórma poetica; e as obras dos poetas íam tambem passando, por aquelle módo, á memoria e ao espiritu dos povos.

GENERO EPICO.

§. 8. O assumpto mais ordinario das inspirações poeticas eram as virtudes e os feitos d'aquelles que, por suas emprêsas guerreiras ou por suas instituições politicas, haviam bem merecido de sua patria. Infiel pois ao seu primitivo destino, mas grande sempre e respeitavel, a poesia se apraz em recontar as acções dos heróes, e em cantar a origem dos povos, e tudo o que parece proprio para excitar a bravura militar e o enthusiasmo da honra nacional. Tal foi a origem do canto narrativo ou *poesia epica*. Na Jonia, 'nesse bello e rico paiz da Asia, é que apparece uma eschola de cantores que se occupam, parte em compôr poesias novas, parte em ordenar as já existentes, para as recitar em

público; d'onde lhes veiu ao depois o nome de *rhapsodos.*

HOMERO.

§. 9. O chefe d'esta eschola foi *Homero* (ann. 1000 ant. de Chr.), no qual começa a verdadeira glória dos gregos na carreira poetica; e que parece ter sido natural de Smyrna, ainda que depois de sua morte septe cidades se disputassem a honra de lhe haver dado a luz (*). Este antigo páe da poesia e principe dos epicos passa por auctor dos dois divinos poemas,—a *Iliada* e a *Odysséa*—, cada um em vinte e quatro cantos ou *rhapsodias.* Deu assumpto á primeira epopêa o valor heroico de Achilles e outros capitães gregos no cêrco de Troia; fazem a materia da segunda as aventuras e longos erros de Ulysses na volta de Troia para Ithaca. A unidade que reina 'nestes dois poemas é o que mais adduz a crer que um mesmo espiritu presidiu á sua creação: todavia, se tudo é obra de Homero, ou se só se lhe devem os primeiros fundamentos, é o que jámais a crítica poderá resolver com certeza. Como quer que seja, estes cantos se conservaram por muitos seculos na memoria dos rhapsodos, que de terra em terra os andavam recitando, para despertarem o heroismo; como fizeram entre os celtas os *bardos* e *scaldas*, e entre nós na edade média os *trovadores.* Elles foram depois levados por Lycurgo da Jonia á Grecia propria, onde os *diascevastas* os confiaram á escriptura, e os pozeram por ordem, retocando-os ainda por várias vezes.

(*) Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri,
Smyrna, Rhodos, Colophon, Salamis, Chios, Argos, Athenae.

§. 10. Admirâmos nos cantos homericos o rico e vivo quadro da sociedade hellenica em sua nascente civilização; a pintura da natureza inteira, traçada com as mais brilhantes e variadas côres; uma lingua tam magnifica que quasi podia passar sem idêas, como essas bellas árias que nam têm necessidade do incanto das palavras para nos attrahir; a descripção quasi dramatica dos characteres; a exposição corrente e rapida; a mais viva clareza; a mais terna simplicidade; a mais doce harmonia. Tres mil annos vão passando sôbre as cinzas de Homero; e Homero é joven ainda na gloria e immortalidade. O nome do seu unico detractor, Zoilo, se ha coberto do mais vergonhoso opprobrio.

§. 11. Em muitas das edições das obras de Homero se encontram alguns cantos attribuidos aos homerides, que parecem ser os mesmos que os rhapsodos. Taes são os hymnos historicos, que serviam de preludio ás suas recitações (*prooimia*, *hymnoi*), e a *Batrachomyomachia*, especie de epopêa heroi-comica. Mas 'nestas obras reconhece o observador attento idêas que pertencem a uma edade moderna.

POETAS CYCLICOS.

§. 12. Depois de Homero vieram os poetas cyclicos (*kiklikoi*), que pretenderam imital-o. Percorriam em seus poemas o circulo inteiro das tradições mythologicas, ou seguiam a vida toda d'um heróe. Mas estas poesias, apresentando só o encadeamento dos factos por ordem chronologica, eram destituidas de interesse; faltava-lhes essa estreita unidade poetica que distingue as de Homero. São

citados entre estes poetas os seguintes: — Arctino de Mileto, Eumelo de Corintho, Stasino de Chypre, Lesches de Lesbos, e outros de cujos poemas só restam fragmentos.

GENERO DIDACTICO.

§. 13. A poesia epica nam podia ainda florecer senâm na Jonia, já feliz na relação physica e politica: na Grecia propria, que nam tinha achado ainda a tranquillidade interior, a poesia se desinvolveu mais tarde, e passou á vida practica, para obrar pelo insino sôbre um povo cuja educação estava ainda por fazer. Eis a origem da *poesia gnomica*, entre a qual e a epopêa Hesiodo marca a transição.

HESIODO.

§. 14. O creador da poesia didactica foi *Hesiodo*, quiçá nascido em Cumas na Eolia; mas cognominado o Ascreu, por haver habitado em Ascra na Beocia. D'elle possuimos o poema — *Os Trabalhos e os dias* — (*Erga kai emerai*), que comprehende preceitos sôbre agricultura com algumas lições moraes, e que inspirou as *Georgicas* de Virgilio. É um precioso monumento da antiguidade, mui proprio para fazer-nos conhecer o espiritu dos tempos primitivos da Grecia, e dar-nos uma exacta idêa da singeleza e innocencia dos primeiros gregos. Tambem se attribue a Hesiodo a *Theogonia*, em que canta o nascimento dos deuses, ou antes *Cosmogonia*, onde explica a origem do mundo debaixo dos nomes de divindades, symbolos das fôrças da na-

tureza. D'este poema são uma brilhante reproducção as *Metamorphoses* de Ovidio. A descripção do *Escudo d'Hercules*, que egualmente corre em nome do mesmo poeta, parece um fragmento d'um maior poema de cuja authenticidade os mesmos antigos duvidaram. As bellezas porêm dos dois primeiros poemas immortalizaram a glória do seu auctor, e lhe mereceram o segundo logar depois do cantor de Achilles.

GENERO LYRICO.

§. 15. Desdeque o homem deixou o mundo exterior para entrar em si mesmo, e começou a contemplar, em vez das tradições antigas, o estado presente; a poesia passou de *objectiva* a *subjectiva:* e assim nasce a *arte lyrica.* As circumstancias politicas a desinvolvem; e vêm ainda em seu favor os costumes nacionaes, que haviam consagrado o uso de acompanhar a poesia com a musica. Nas ilhas do mar Egeu é que retine pela primeira vez o harmonioso e agradavel som da lyra; resôam os cantos inspirados pelo amor da patria, pelo odio aos oppressores, pelos prazeres da vida, e pelas miserias públicas e particulares. Tal foi a origem da *ode heroica,* do *jambo pathetico,* da *ode erotica*, e da *elegia.*

ARCHILOCO.

§. 16. O primeiro grande poeta lyrico, que se nos offerece, é *Archiloco* de Paros (cêrca do ann. 750 ant. de Chr.), de cujos escriptos só restam fragmentos; perda tanto mais lamentavel quanto os testimunhos da antiguidade se conformam em lhe dar

um logar distincto entre os lyricos, pela fôrça dos seus pensamentos, e pelo calor e vivacidade de seu estylo. Uma amorosa indignação accendeu seu mordaz furor, e, por assim dizer, armou sua musa d'um açoute sanguinoso. Todos sabem qual foi a sorte de Lycambo, por lhe haver negado a mão de sua filha. Por isso é que se lhe attribue a invenção dos *jambos* ou satyra pessoal: — *Archilocum proprio rabies armavit iambo,* — diz Horacio.

CALLINO E TYRTEU.

§. 17. 'Neste periodo começou tambem a poesia *lyrico-elegiaca*, formada pela união do verso hexametro com o pentametro em distichos, cujo inventor se ignora. Esta poesia foi no seu princípio especialmente consagrada aos cantos guerreiros, preludios das batalhas; d'onde algumas peças d'este genero tomaram o nome de *elegias politicas*. Por meio de versos d'este metro inflammou *Callino* de Épheso o enthusiasmo de seus contemporaneos, e os excitou a darem gloriosamente a vida pol-a patria. A mesma senda pisou *Tyrteu* de Mileto, o qual, por suas poesias cheias de fogo e energia, conduziu á victoria o povo da feroz Lacedemonia. Das obras porêm d'estes dois poetas só se salvaram reliquias.

MIMNERMO.

§. 18. Percebendo-se depois que o metro dos distichos era principalmente proprio para a expressão de sentimentos ternos; a elegia passou bem depressa d'um tom valente e fogoso a uma doçura, a

uma tranquillidade, por assim dizer, epica. Consagrou-se á contemplação assim das dores como dos prazeres da vida humana; o que constitue o seu character essencial. E esta mudança, quanto nós o podemos saber, foi devida a *Mimnermo* de Colophon, contemporaneo de Solon, e que vivia cêrca da XLVI olympiada. Nos fragmentos das suas elegias se observa essa graça terna e delicada, por cuja admiração os antigos deram a Mimnermo o lisongeiro epitheto de *cantor harmonioso.*

ALCMAN E ALCEU.

§. 19. Entre os outros lyricos d'este seculo figuram *Alcman* e *Alceu. Alcman* ou *Alcmeon,* de Sardes na Lydia, mas que vivia em Sparta (na XXVII olympiada), é olhado como páe da *ode erotica* ou *melica*; sendo que a sua musa, cheia de doçura e graça, se havia votado inteira aos assumptos amorosos. *Alceu*, de Mitylene, foi inventor d'um metro particular, e que lhe era proprio; deve-se-lhe a *ode alcaica,* tam forte e sonora, e que d'elle tomou o nome. Nos seus cantos louvaram os antigos a riqueza das idêas, a nobreza, a concisão e a energia do estylo. Horacio o imitou e lhe rendeu homenagem : — *Et te sonantem plenius aureo, Alcaee, plectro.*—

SAPHO E ERINNE.

§. 20. Contemporanea e compatriota de Alceu (olymp. XLII ou XLIV), *Sapho* incantou os gregos pelo fogo de suas poesias, viva expressão dos sentimentos de que se achava penetrada. A sua vida é um

romance de amor, terminado por uma catastrophe: nam podendo vencer a indifferença do joven Phaon, ella se precipitou no mar. Creou uma fórma particular de metro lyrico, inventando a *ode trochaica*, tam doce ao ouvido, e que do seu nome ao depois se chamou *saphica*. Á feliz harmonia de sua lyra deveu Sapho o honroso nome de *decima musa*. Outra poetiza d'estes tempos foi *Erinne*, que morreu de 18 ou 20 annos, deixando um poema intitulado — *A Roca* —, de que a antiguidade fazia grande caso.

TERPANDRO.

§. 21. Precisamente pelo gôsto da musica e da poesia é que os gregos adquiriram o titulo de naçâo eminentemente poetica. Estas artes, entre elles, eram as delicias da sociedade e o incanto da vida: nam só invocavam elles o genio da poesia nas festas solemnes, senâm que ainda queriam que presidisse aos prazeres mais tranquillos de sua vida interior. D'isto dâo testimunho seus cantos bacchicos e seus *scolios*, que este periodo vê tambem nascer, e que se diz foram invençâo de *Terpandro* de Lesbos. Os *cantos bacchicos* (*paroinia*) eram cantados ao som da cithara, ou sem instrumento, nos festins, e successivamente pelos convidados, que tinham na mão, e íam passando ás dos outros, um ramo de murta. Os *scolios* (*scolia*) eram egualmente cantos convivaes, divididos em coplas, que se cantavam, nam segundo a ordem dos convidados, mas por uma fórma irregular.

TERCEIRO PERIODO,

AUREO.

Desde a legislação de Solon até ao reinado de Alexandre (336 ant. de Chr.).

§. 22. Depoisque Athenas pela sábia legislação de Solon tocou um grau de maior desinvolvimento, a quéda do poder colossal dos persas excitou os gregos a desinvolverem mais suas forças communs, e a lançarem d'est'arte os fundamentos de sua grandeza. As victorias de Marathon, de Salamina, de Platêa e de Mycale lhes deram a liberdade e a riqueza; e Pericles, que deu seu nome ao seculo, pela sua brilhante administração eleva Athenas ao mais alto esplendor. O genio vivo dos athenienses, seu talento em apreciar e aperfeiçoar as descobertas extrangeiras, seu fasto e sua magnificencia, tam favoravel ás artes e sciencias, fizeram justamente olhar Athenas como o centro do mundo civilizado, como a cidade que dava o tom a todas as outras. Todavia os athenienses, exercendo sôbre seus alliados uma especie de soberania, viram logo formar-se uma liga de resistencia, á testa da qual estava Lacedemonia. Accende-se a guerra do Peloponneso; e o poder de Sparta succumbe alfim aos attaques dos thebanos, commandados por Epaminondas e Pelopidas. Mas as republicas gregas achavam-se tam divididas que em breve vieram a soffrer a violencia do astuto Philippe macedonio: a batalha de Cheronêa poz termo á liberdade da Grecia.

§. 23. Chegâmos pois ao periodo mais notavel e mais brilhante na historia da litteratura grega; elle é, a todos os respeitos, o mais bello tempo da Grecia, o mais bello da humanidade. 'Neste periodo é geralmente reconhecida e applicada a arte da escriptura; nasce a prosa; floreсe a historia; brilha a eloquencia. E a poesia, que nos periodos antecedentes tinha só a inspiração natural, eleva-se agora e toca a perfeição, pela íntima e harmonica alliança da arte com a natureza. Varios generos se cultivam, como a poesia gnomica, a didactico-philosophica, a elegiaca, e sôbre todas a lyrica e a dramatica.

APOLOGO.

ESOPO.

§. 24. A origem do *apologo* parece nam dever referir-se a um povo particular, e ainda menos a um poeta determinado. Elle se encontra em todos os povos, maiormente nos rudimentos da sua civilização, sendo o livro da moral, e um como espelho em que ao homem se mostra a sua maneira de pensar e obrar, afim de se conduzir, por esta imagem de si mesmo, ao conhecimento de sua natureza e á intelligencia do bello e do bom. Nam é pois *Esopo* o inventor da fabula, visto que muito antes d'elle os gregos a conheciam por meio d'Hesiodo e outros. Tem porêm corrido debaixo do seu nome, porque principalmente a elle é que se deve o seu aperfeiçoamento. Ignora-se a patria d'Esopo; mas conjectura-se que era phrygio e contemporaneo de Solon. E com effeito as Fabulas d'Esopo parecem pertencer á epocha em

que o imperio da intelligencia começou a substituir o da imaginação; isto é, á epocha dos *gnomas* e da poesia moral.

POESIA GNOMICA.

§. 25. Os bellos tempos da poesia ethica ou gnomica referem-se ao seculo dos septe sabios da Grecia; cuja philosophia era toda práctica. A fórma d'esta poesia, cujo fim era o mesmo que o do apologo, distinguia-se por curtas sentenças (gnomas), cheias de senso e energia; nas quaes os homens sabios e experimentados enunciavam os resultados de suas observações para a educação moral do povo. O metro que nas mesmas se empregava era o disticho elegiaco; d'onde a *elegia gnomica*.

SOLON, etc.

§. 26. O primeiro d'estes poetas moralistas é o legislador *Solon*, que recommendou aos athenienses, em versos d'uma nobre simplicidade, o respeito das leis, a moral e o amor da patria. Cultivaram depois o mesmo genero de poesia—*Theogonis* de Megara, cujas sentenças nam são indignas de se compararem aos magnificos proverbios do poeta hebreu; — *Phocylides* de Mileto, no seu *poema exhortativo;* — *Pythagoras* de Samos, nos *versos dourados* que se lhe attribuem; e — *Cricias*, um dos trinta tyrannos de Athenas, no fragmento em que louva a moderação e austeridade dos spartanos.

ANTIGA POESIA DIDACTICO-PHILOSOPHICA.

§. 27. A poesia didactica d'este periodo é toda philosophica: 'nella domina um espiritu inteiramente diverso d'aquelle que anima as poesias hesiodicas. Tem ella por objecto verdades abstractas, e quasi sempre puramente especulativas, sôbre Deus e o mundo, apresentadas debaixo de fórma poetica; e nam os resultados da experiencia e do bom senso, como as verdades que Hesiodo nos offerece na simplicidade do estylo homerico.

EMPEDOCLES, etc.

§. 28. Esta poesia cultivaram os grandes philosophos precursores de Socrates, como *Xenophanes* de Colophon, e seu discipulo *Parmenides* d'Elêa. Foi porêm aperfeiçoada, segundo o testimunho dos antigos, pelo pythagorico *Empedocles* de Agrigento, que compoz um poema *sôbre a natureza*, modelo do de Lucrecio; outro *sôbre a medicina;* e *poesias expiatorias.*

POESIA LYRICA.

§. 29. No meio do desinvolvimento prodigioso do espiritu grego, necessariamente a arte lyrica, essa flor do sentimento, da inspiraçâo e da alegria, devia aperfeiçoar-se e ganhar maior extensão. Debaixo da impressão das suas victorias e dos jogos publicos, onde a força e a destreza se exercitavam em honra dos deuses, a Grecia, gozando ainda da liberdade, celebrava, como á porfia, sôbre a lyra o poder dos deuses, os feitos dos heróes e os incantos do prazer.

Assim apparecem novas faces de poesia lyrica, diversas no assumpto e no metro; taes são o hymno, como o *pean* e o *dithyrambo;* o *epinicio;* o *epicedio*; o *threno;* os *cantos choricos;* e outros. E, segundo os nomes dos poetas, inventam-se novos metros, taes como o verso pindarico, asclepiadeu, phaleuco, glyconio, anacreontico, etc.

STESICHORO.

§. 30. Nam foi só no Archipelago, senam tambem nas ferteis planicies da Sicilia, ainda hoje patria dos improvisadores, que a poesia lyrica brilhou com todo o esplendor. Alli viveu o velho poeta hymnico, *Stesichoro,* de Himera, pela XXXVII olympiada; o qual em seus hymnos cheios de fogo e devoção celebrou os deuses e os herões, sustentando sôbre a lyra o pêso da epopêa. Mas, por uma triste fatalidade, as brilhantes producções, assim d'este como d'outros muitos lyricos, foram prêsa do tempo; sendo que apenas as conhecemos por algumas reliquias que escaparam, pelos elogios da antiguidade, e por alguns échos que ainda resôam nos cantos de Horacio.

ANACREONTE.

§. 31. Em muitas especies de poesia lyrica se exercitou *Anacreonte* de Téos (530 ann ant. de Chr.), compondo hymnos, elegias, epigrammas e jambos; sôbre tudo porêm foi elle o cantor do prazer e do amor, e o mais completo modelo na ode erotica. Para esta inventou um metro particular, que de seu nome se veiu a chamar *anacreontico.* Seus cantos são quadros em que elle desenha com côres as mais frescas,

e com muita simplicidade e graça, os instantes fugitivos do prazer: são a expressão d'esses sentimentos que um mesmo instante vê florecer e murchar. Para Anacreonte a vida sensitiva era tudo, ainda no último quartel da sua edade: assim porêm salvou o contraste do prazer e das cans que só d'elle se nam póde dizer — *Triste senile melos, turpe senilis amor.*

PINDARO.

§. 32. Mas o maior lyrico da antiguidade, e quiçá tambem dos tempos modernos, é *Pindaro* de Thebas, que floreceu entre a LXIV e a LXXXIII olymp. Elle nam só é o principe da poesia lyrica, mas até, póde dizer-se, o poeta por excellencia: e tanto a patria admirou seu éstro que lhe teceu corôas, e erigiu estatuas. Inimitavel o reputa Horacio:

> — *Pindarum quisquis studet aemulari,*
> *Jule, ceratis ope daedalaea*
> *Nititur pennis, vitreo daturus*
> *Nomina ponto.*—

Com razão se admira em Pindaro a inexhaurivel fecundidade de imaginação; a energia dos pensamentos; a doçura e simplicidade do estylo; a mais suave melodia. Se alguma vez é menos claro, procede isto das frequentes allusões a cousas que nos são extranhas, mas que eram familiares a seus ouvintes. Seus mestres na arte lyrica foram — *Laso* d'Hermione, *Simonides* de Céos, *Myrthis* de Antedon, e principalmente a famosa *Corinna* de Thebas, que regulou a fogosa imaginação do joven cantor, e o introduziu

no verdadeiro dominio do bello. Formado 'nesta eschola, elle compoz hymnos, poesias choricas *(partheneia)*, threnos ou cantos funebres, e outras poesias, de que só restam fragmentos. Mas possuimos 45 *odes*, que bastam para a sua gloria: são cantos de victoria em honra dos athletas vencedores nos quatro grandes jogos — olympicos, pythicos, nemeus, e isthmicos, — que dão os titulos ás mesmas odes. Foi inventor d'um novo metro, dividindo as suas odes em estancias regulares, — strophes, antistrophes e epodos — : e do seu nome a ode heroica se denominou *pindarica*.

SIMONIDES, etc.

§. 33. Ainda entre os lyricos d'este periodo são dignos de memoria os que se seguem: — *Ibyco* de Messina, cujas poesias a fama notou pela arte que lhes havia presidido, e pela força dos conceitos, que era o seu principal character: — *Hipponax* d'Epheso, imitador de Archiloco: — *Simonides* o velho, de Amorgos, que passa por auctor d'um poema jambico contra Helena: — *Simonides* o moço, de Céos, que compoz elegias, cantos de victoria, inscripções ou epigrammas, e se distinguiu pelo pathetico de suas poesias; sendo tambem inventor d'uma mnemonica: — *Bacchylides*, sobrinho do antecente, célebre por seus hymnos: — *Asclepiades*, *Phaleco* e *Glycon*, que deram seus nomes a tres especies de versos.

CORINNA, etc.

§. 34. Como ornamento d'este periodo, muitas illustres matronas pulsaram tambem as chordas da

lyra; taes foram—essa mestra de Pindaro, *Corinna*, que cinco vezes o venceu nos certames poeticos, e cujos cantos devorou o tempo, respeitando a sua gloria: — *Telessilla* de Argos, que marchou pela senda de Tyrteu, amazona e musa ao mesmo tempo: — *Praxilla* de Sicyone, auctora de dithyrambos; e outras.

POESIA DRAMATICA.

§. 35. Porêm outra producção do seculo de Pericles, que em nenhuma outra parte do mundo antigo, e debaixo de nenhum outro céo, podia prosperar e florecer tanto como na Attica, é a poesia dramatica ou theatral. E, na verdade, muita influencia deviam ter no esplendor do theatro grego as memorias dos tempos heroicos, os nomes de Orestes, Agamemnon, Atreu e Thyestes, e o interesse nacional e religioso. — Teve o *drama* o seu nascimento nos chóros que o enthusiasmo popular havia introduzido, com acompanhamento de musica e dança, nas festas de Baccho, para a celebração dos feitos d'este deus. Para encher os intervallos do choro, se imaginou mais tarde uma representação mimica d'alguma particularidade da vida do deus do vinho. Mas dos cantos do choro uns eram dithyrambicos ou sómente em louvor de Baccho, outros alêm d'isto licenciosos ou satyricos: os primeiros foram o elemento da *tragedia;* os segundos o da *comedia* e do *drama satyrico.*

TRAGEDIA.

THESPIS, etc.

§. 36. O primeiro que transformou aquelles cantos dithyrambicos em tragedia foi o atheniense *Thespis* (555 an. ant. de Chr.), intercalando nos intervallos do choro uma representação, que d'ahi tomou o nome d'*episodio*. Um só actor, conduzido com o choro em um carro descoberto, representava uma das acções que a fabula attribue a Baccho; e tinha em recompensa um capro (*tragos*), que era consagrado áquelle deus, e de que alguns derivam a palavra *tragedia*. A Thespis seguiu-se *Phrynico*, tambem de Athenas, que parece ser o primeiro que reproduziu um acontecimento mythologico ou historico, grave e tocante, e o primeiro, ainda, que trouxe á scena os papeis de mulher. Citam-se tambem, como precursores d'Eschylo, *Pratinas* e *Cherilo*.

ESCHYLO.

§. 37. Atéqui a tragedia nam era mais que um monologo mimico, precedido, interrompido e seguido de cantos e danças. O que pois se deve ter por páe do drama tragico é o eleusino *Eschylo*, grande cidadão e soldado intrepido. Este elevou a acção ao logar de parte principal, estabeleceu entre ella e o choro uma ligação necessaria, introduziu um segundo actor, e creou assim o dialogo. Alêm d'isto, deu á representação theatral pompa e magnificencia, introduzindo o uso da mascara e do cothurno; dando aos actores vestidos mais conve-

nientes, e á scena uma fórma muito mais regular; e fazendo já a representação em um logar fixo e sôbre um tablado. Compoz innumeraveis tragedias, das quaes só nos restam septe (*); 'nellas se observa uma alma profunda e grave, e um estylo sublime e grandiloco. Eschylo moveu pelo terror; e o emprego, que faz, do destino é de um effeito prodigioso.

SOPHOCLES.

§. 38. Este illustre poeta, carregado de louros, tocava o termo de sua carreira, quando um joven, no vigor da edade e do talento, se apresenta na liça para lhe disputar a palma. Este joven é *Sophocles* de Colona (496—406 ant. de Chr.), principe dos tragicos, e a quem a arte da tragedia deve a perfeição. Introduzindo uma terceira personagem, deu á fabula tragica essa perfeita harmonia do todo, essa justa proporção de todas as partes, e fixou assim os seus limites debaixo da relação do bello. Subordinou o choro á acção, aperfeiçoou o rhythmo e o estylo, e creou emfim a scenographia. Assim como Eschylo tinha esgottado as fontes do terror, assim Sophocles esgottou as da admiração. Seu estylo tem o cunho da simplicidade majestosa do de Homero; e seus heróes respiram a nobreza dos da Iliada. De mais de cem peças dramaticas, que a antiguidade lhe attribue, restam septe; as quaes são — *Ajaz furioso, Electra, Antigone, Edipo rei, Edipo em Colona*, as *Trachiniennas, Philoctetes.*

(*) *O Prometheu, os Persas, os Septe Chefes deante de Thebas, Agamemnon, os Céphoros, as Eumenides, as Supplicantes.*

EURIPIDES.

§. 39. Havia Sophocles pintado os homens taes quaes elles deviam ser; *Euripides* de Salamina (480 an. ant. de Chr.) os pintou taes quaes são. Emb'ora inferior a seus rivaes no plano e disposição das peças, elle os excede todavia no conhecimento do coração humano; foi o mais pathetico de todos os tragicos. E, senam recorresse tanto ao maravilhoso, para cortar assim sem arte os seus complicados enredos; se tivesse a dignidade do estylo d'Eschylo, e a graça casta e nativa do de Sophocles; teria deixado duvidosa a glória d'ambos. Tambem se lhe attribuem muitas tragedias, entre as quaes indicaremos — *Hecuba, Orestes Hercules furioso, Medêa, Iphigenia, Helena,* e *Danae.*

AGATHON, etc.

§. 40. Depois d'estes tres grandes tragicos, aindaque começou a decadencia d'este drama, distinguiram-se todavia e merecem ainda ser citados — *Ion* de Chio, *Acheu* de Eretria, e o atheniense *Agathon.* Este tornou a tragedia mais sophistica e affectada do que ella já fôra nas mãos de Euripides; e foi o primeiro que introduziu o uso de cantar, nos entre-actos, peças lyricas extranhas á acção.

DRAMA SATYRICO.

§. 41. Costumavam as tragedias gregas terminar por um *drama satyrico,* ou representação grosseira e jocosa dos feitos de Baccho. Esta espe-

cie de drama toma o seu nome dos satyros que compunham ordinariamente o choro, e que ajunctavam á acção suas graças e danças lascivas. Nam tinha o character serio da tragedia, nem o tom zombador e satyrico da comedia; era um meio entre a dignidade tragica e a liberdade comica; e se destinava principalmente a alliviar o espiritu da séria attenção que a tragedia demandava. Jámais apparecia só; era como um appendice a uma serie de tragedias, de que tambem differia em ser mais breve e mais livre no metro. Todo o tragico que vinha disputar o premio d'uma lucta dramatica, se apresentava com uma *trilogia* ou *tetralogia*, i. é, com tres tragedias e um drama satyrico. Muitos cultivaram esta especie; mas ella deve o seu maior esplendor e perfeição a Sophocles e Euripides. Só possuimos um drama satyrico inteiro, o *Cyclope* de Euripides.

COMEDIA.

§. 42. A comedia, como já indicámos, teve tambem seu nascimento dos cantos phallicos, que nas festas de Baccho se distinguiam por sua licenciosa grosseria. Longo tempo passou ella sôbre um carro através dos campos e das aldêas *(come)*; d'onde tomou o nome. Como porêm aquelles excessos d'uma liberdade sem freio, e d'uma alegria extravagante, quadravam ás festas de Baccho e d'outras divindades que presidiam aos prazeres; taes divertimentos começaram a ter tambem logar nas cidades. Entam se transformaram em dramas comicos, e se representaram no theatro grego. A

fórma da *comedia* variou todavia com os tempos; d'onde a sua divisão em *antiga*, *média* e *nova*.

COMEDIA ANTIGA.

ARISTOPHANES, etc.

§. 43. Na comedia antiga, a satyra juncta á galanteria a ninguem poupava; mordia com maledico dente os magistrados, os capitães, os philosophos e todo o povo. Assim que, não havia cidadão nobre ou obscuro a quem se nam dirigissem os tiros da satyra, e cujas acções e sentimentos se nam dessem em espectaculo ao povo, como assumpto de riso e desprezo; olhando-se como um simples exercicio da liberdade o que só era um abuso vergonhoso. Parece haver sido inventor da comedia antiga *Suzarion* de Megara (594 ant. de Chr.), um d'aquelles a quem se devem os primeiros ensaios. A este se seguiram *Epicharmo*, *Crates*, *Eupolis* e outros. Mas de todos os comicos d'esta primeira edade o principal é *Aristophanes* de Athenas (420 an. ant. de Chr.); de cujas comedias ainda existem algumas, como — *o Pluto*, *os Cavalleiros*, *a Paz*, *as Festas de Ceres*, e outras. Todas ellas offerecem um quadro fiel dos costumes athenienses 'neste periodo; e mostram nam só a perfeição a que entam podia chegar o drama comico, senam tambem a originalidade da invenção do auctor, seu enthusiasmo poetico, sua linguagem e estylo, excellente modelo da pureza attica. Por isso diz Platão em um epigramma — que as Graças haviam escolhido para sanctuario o espiritu de Aristophanes.

COMEDIA DA SEGUNDA EPOCHA.

ANTIPHANES, etc.

§. 44. Mas a comedia antiga estava tam estreitamente ligada com a liberdade democratica, que devia florecer e caír com ella. Depois da guerra do Peloponneso (pela XCIII. olymp.) os 30 tyrannos, apoderando-se do governo de Athenas, prohibiram expressamente por lei o entregar-se alguem á irrisão pública, designando-o por seu nome. Entam finda o reino da antiga comedia; segue-se a *média,* forçada a comprehender-se no circulo, o mais restricto, da vida civil e domestica. Assim, a satyra começa a ser menos pessoal, disfarçando seus tiros menos picantes debaixo do véo da allegoria. D'esta comedia temos um exemplo no *Pluto* de Aristophanes; mas foi tambem cultivada por *Antiphanes* de Rhodes, e *Alexis* de Thurio.

COMEDIA NOVA.

MENANDRO, etc.

§. 45. Com quanto, na ordem dos tempos e segundo a divisão que seguimos, a *nova comedia* pertença ao periodo seguinte; todavia aqui a collocamos, por nam desmembrarmos este bosquejo da historia da comedia. A nova comedia nam foi politica como a antiga, nem allegorica como a média: d'ella desappareceram inteiramente os restos da antiga licença que a média ainda parecia conservar. Cessaram de todo as personalidades; e procu-

rou-se a pintura dos costumes e characteres no desinvolvimento d'uma fabula verisimil. E assim nam teve a comedia nova tanta vivacidade e força comica; teve porém mais decencia e mais moralidade. Mas, para bem conhecermos os seus progressos, fôra mister que possuissemos as obras comicas d'essa epocha, das quaes infelizmente só escaparam alguns fragmentos. Entre os muitos poetas que a esta comedia se votaram, os mais célebres foram — *Philemon* da Cilicia, *Diphilo* de Sinope, *Apollodoro* de Athenas, e mais que todos *Menandro*, tambem atheniense, em quem os criticos da antiguidade unanimemente louvam o incanto do estylo e a verdade das pinturas.

MIMO.

SOPHRON.

§. 46. Além das tres fórmas de drama de que acabamos de falar, os gregos tinham ainda o *mimo*, especie de monodrama, cujo fim principal era o representar characteres e paixões d'um baixo-comico, e divertir grosseiramente os ouvintes. Os auctores dos *mimos* eram ordinariamente pouco delicados na escolha dos meios para chegarem a seu fim, abusando da liberdade que se lhes concedia, para entreterem o povo; assim que, por suas obscenidades, offendiam os ouvidos castos. Taes eram os mimos *sotadicos*, um tecido de farças grosseiras, destinado a alegrar a baixa ralé. Mas o genio feliz e o delicado gosto dos gregos por tal arte souberam aformosear estes monodramas e convertel-os em

pequenos poemas, que offereciam aos olhos do leitor algumas scenas interessantes. A sua materia tomava-se da vida commum e domestica, no que se avizinhavam da comedia; mas differiam d'ella por carecerem d'enredo, e alguns tambem por uma licença excessiva. O mais famoso auctor de *mimos*, na antiguidade, foi *Sophron* de Syracusa, contemporaneo de Euripides.

POESIA EPICA.

ANTIMACHO, etc.

§. 47. Em quanto muitos generos de poesia tocam, 'neste periodo, o mais elevado poncto da sua perfeição, só a poesia epica, que na infancia do povo grego tanto havia brilhado, parece propender já para a sua decadencia. A escolha mesma do assumpto, procurado na historia contemporanea, como era o de *Cherilo* de Samos, que cantou a guerra persica, dá claramente a conhecer que o espiritu e o fim da epopêa era decididamente historico. Entre os poetas que seguiram as pisadas dos antigós épicos, distinguem os criticos como classicos— *Pisandro* de Rhodes, — *Panyasis* de Halicarnasso, auctor d'uma *Heracleida* ou poema sôbre os doze trabalhos d'Hercules, — e particularmente *Antimacho* de Colophon, que compoz uma *Thebaida*, poema que, no sentir de Plutarcho e de Quinctiliano, imitava a força e majestade dos de Homero.

QUARTO PERIODO,

ALEXANDRINO.

Desde Alexandre até á destruição de Corintho (146 ant. de Chr.).

§. 48. Havendo a Grecia perdido a sua independencia, Athenas vê decrescer cada dia sua importancia politica, reduzindo-se em breve a uma completa nullidade; e Alexandria, egualmente favorecida por sua posição e pelo commercio, chama a si, sob o governo dos Ptolemeos, as artes e as sciencias, deslocadas da sua séde. Ptolemeo, filho de Lago, havia já lançado em uma das residencias reaes os fundamentos d'uma bibliotheca, que, augmentada por seus successores, parece que chegou a conter mais de quatrocentas mil obras; e tinha, alêm d'isto, estabelecido 'nesse mesmo palacio um museu ou academia para os sabios mais distinctos. Sob o reinado de Ptolemeo Philadelpho, se estabeleceu outra bibliotheca, que se calculava comprehender septenta mil volumes. Assim começa a florescer o Egypto, tornando-se o centro litterario; mas a litteratura toma uma nova face. Em vez de produzir, como outr'ora, obras originaes, fructos do genio e do gôsto, a litteratura nam foi mais que o estudo das obras primas da antiguidade, convertendo-se em erudição propriamente dicta e em critica. Pelo que a poesia passa então a ser a imitação dos poemas antigos, e assim toda artificial e affectada. E, com quanto nam seja destituida de toda a graça, sendo-o todavia da força e da verdade, só

reflecte uma escassa luz da edade antecedente. Cultivam-se ainda muitos generos; mas sómente o elegiaco, o didactico e o bucolico, nos podem servir de modelo.

GENERO DRAMATICO.

LYCOPHRON, etc.

§. 49. 'Neste periodo teve logar a transformação da comedia *nova* de que já falámos. E a tragedia, que pelos fins do periodo antecedente havia já começado a descaír, agora destinada á eschola, e nam ao theatro, apparece com o cunho da declamação. Foi ella cultivada pelos poetas que compõem a chamada *pleiade tragica*, e entre os quaes se distinguiu *Lycophron* de Chalcis (285. ant. de Chr.), inventor do anagramma. Este compôz varias tragedias e tragicomedias, de que só existe um monologo mui extenso, intitulado *Cassandra*. É um longo e quasi impenetravel enigma, em que a filha de Priamo prediz a seu páe as desgraças que ameaçam os troianos, em que o poeta escurece de industria seu pensamento por periphrases e allusões quasi inintelligiveis. Tem todavia seu preço para o sabio que quer profundar a antiguidade.

SILLOS E SATYRAS.

TIMON. — MENIPPE, etc.

§. 50. A esta epocha se referem tambem as peças denominadas *sillos*, certas parodias satyricas, que convertiam em personalidades varios logares de auctores conhecidos. Como auctor d'esta especie,

distingue-se principalmente *Timon* de Philionte, discipulo de Pyrrhon, e por conseguinte philosopho sceptico. Os sillos d'este eram poemas jocosos, destinados a ridiculizar o dogmatismo philosophico. O cynico *Menippe* de Sinope deu nascimento, por *satyras* d'uma natureza particular, a um genero novo, misturado de prosa e verso, que foi imitado pelo romano Varrão. Tal foi tambem o espiritu das satyras de *Bion*.

GEN. LYRICO E ELEGIACO.

CALLIMACHO, etc.

§. 51. Da poesia lyrica e elegiaca nos deixou modelos *Callimacho* de Cyrene (260 an. ant. de Chr.), designado muitas vezes pelo nome patronymico de *Battiades*. De suas obras existem seis hymnos, varios epigrammas e innumeraveis fragmentos d'outros poemas, que se perderam O que porêm lhe grangeou os louvores da antiguidade, foi principalmente a elegia, em que os elegiacos romanos o imitaram; ainda que parece haver sido mais célebre pela erudição e estudo, que pelo espiritu poetico e riqueza do genio, como reconhece Ovidio, *Amor.* l. 1. 15:

— *Battiades semper toto cantabitur orbe;*
Quamvis ingenio non valet, arte valet.

Distinguiu-se tambem como poeta elegiaco *Philetas* de Cós, que serviu de modelo a Propercio; foi ao mesmo tempo grammatico e mestre de Ptolemeu

Philadelpho; muitos lhe dão o segundo logar depois de Callimacho.

GEN. EPICO.

APOLLONIO, etc.

§. 52. Na epopêa floreceu, pelo mesmo tempo, *Apollonio* de Rhodes, discipulo de Callimacho, erudito e grammatico, como seu mestre. Seguiu porêm um genero de poesia mais elevada, celebrando a expedição dos argonautas *(Argonautika)* em quatro cantos; poema que mais parece descriptivo que epico. A dicção é pura, doce e brilhante; as imagens e descripções agradaveis; mas o desinvolvimento do plano é menos feliz, assim na unidade e interesse como na pintura dos characteres. Outro epico d'este periodo, e egualmente famoso, foi *Euphorion* de Chalcis; o qual, alêm d'este genero, escreveu tambem no elegiaco e epigrammatico, e obras d'historia, etc.; mas nam restam mais que fragmentos.

GEN. DIDACTICO.

ARATO, etc.

§. 53. O progresso das sciencias e a fraqueza da inspiração poetica desinvolveram o genero didactico. O mais célebre d'estes poetas sabios é *Arato* da Cilicia (277 an. ant. de Chr.), que foi medico, crítico, philosopho e mathematico. Das suas obras existem dois poemas didacticos *(Phainomena, Diosemeia)*, *os Phenomenos*, e *os Prognosticos*: dos quaes o 1.º descreve o logar e apparição dos astros no céo;

o 2.º tira da observação dos phenomenos prognosticos para o futuro. O que em um e outro grangeou maior gloria ao auctor é a elegancia do estylo: foram ambos traduzidos por tres romanos célebres, Cicero, Cesar Germanico e Avieno. No mesmo genero compoz *Nicandro* de Colophon (alêm das *Georgicas*, que não foram inuteis a Virgilio, e que não existem) *as Theriacas* sôbre historia natural, e *Alexipharmacas* sôbre a medicina, que se conservaram.

GEN. BUCOLICO.

THEOCRITO, etc.

§. 54. 'Neste mesmo periodo floreceu um novo genero de poesia, o bucolico, que tem sua origem nas canções que os pastores improvisam, e nas placidas luctas que entre si travam, quando approximam seus rebanhos. A epocha heroica d'este genero é representada por *Daphnis*, pastor siciliano, dotado de todas as graças do espiritu e do corpo, e que se tornou o heróe da pastoril artificial. Das memorias d'este pastor se apoderou *Theocrito* de Syracusa (270 ant de Chr.), que, inspirado pela belleza dos amenos campos da Sicilia, consagrou ás musas os incantos da vida campestre e os singelos e innocentes cuidados dos pastores. Theocrito é o verdadeiro páe da poesia pastoril, e, sem contradicção, um dos mais felizes genios da antiguidade. Deu ás suas poesias o nome de *idyllios*, curtos quadros poeticos sôbre differentes assumptos; e distinguiu-se pela sua fidelidade na descripção das paizagens em que collocava a scena. Sabe dar vida aos quadros que descreve, ás

pessoas que põi em scena, aos sentimentos que exprime. A sua natural singeleza, candura e graça, o têm feito cognominar o *Homero da poesia bucolica*. Seus idyllios serviram de modelo ás eclogas de Virgilio. Ha tambem idyllios de *Bion* de Smyrna, e de *Moscho* syracusano; os quaes, tendo aliás uma certa graça amavel e uma exquisita polidez, encareceram todavia a expressão natural e singela do canto pastoril, introduzindo ornatos affectados.

QUINTO PERIODO,

GRECO-LATINO.

Desde a destruição de Corintho até Constantino Magno (306 depois de Chr.).

§. 55. Tendo Roma, pela ruina do poder macedonio, obtido o principado da Grecia, e mudado sua independencia em subjeição; depois da destruição de Corintho roubou-lhe a derradeira luz da liberdade. Vai insensivelmente despojando-a de suas obras primas: e as sciencias acham em Roma protecção e acolhimento. E, depois que os romanos se tornaram o povo dominador do universo, Roma era o refugio de todos os sabios distinctos. Mas, com quanto os romanos favorecessem os sabios gregos, por mais que fizessem em os applaudir e animar; nem o seu character nacional, nem a sua presente situação politica, podiam permittir que a litteratura grega fosse, entre elles, outra cousa mais que o agradavel passa-tempo d'alguns nobres patricios. O seculo de Augusto, no

meio da decadencia do gôsto dos gregos, só podia ser favoravel á litteratura romana. Mas com Adriano começa uma nova epocha; sob o seu reinado e dos dois Antoninos a literattura grega se reanima, e se colora com um rico reflexo do antigo esplendor. O gôsto se apura; a lingua retoma sua correcção e elegancia; a antiguidade parece renascer. Assim se vê extender a lingua e a litteratura grega, de dia em dia, seu dominio no mundo civilizado, politicamente reunido sob os Cesares de Roma, e penetrar até ás Gallias e ás Hispanhas. Só a poesia, estacionaria no meio d'este renascimento, continúa a ser o que já fôra no periodo antecedente; falta-lhe a inspiração; e só offerece composições curtas e frivolas no genero epigrammatico e no apologo, e alguns tractados didacticos, em que se nam reconhece mais que o apparelho exterior da poesia.

EPIGRAMMATISTAS.

MELEAGRO, etc.

§. 56. O *epigramma*, originalmente, era uma inscripção gravada nas oblações aos deuses, nos monumentos e em outros objectos, contendo uma simples indicação do seu destino. E, como estas inscripções ou titulos se faziam de ordinario em verso, veiu a denominar-se epigramma qualquer poema breve, maiormente o que constava d'um conceito agudo e luminoso. Finalmente os auctores de *anthologias*, que colligiam pequenos poemas de diversos generos, e com estes misturavam epigrammas, deram a todas estas poesias o nome commum d'epigrammas. Os antigos

poetas, e nomeadamente *Archiloco*, *Sapho*, *Erinne*, *Alceu*, *Anacreonte*, *Simonides*, etc., tinham já cultivado a poesia epigrammatica; mas particularmente se distinguem entre os epigrammatistas mais célebres os alexandrinos *Philetas* e *Theocrito*, o tarentino *Leonidas* e outros. O primeiro, porêm, que compoz uma collecção de breves poemas d'esta especie com o titulo d'*anthologia* ou corôa poetica, foi *Meleagro* de Gadara na Syria (100 ant. de Chr.). A este imitaram ao depois *Philippe* de Thessalonica (50. dep. de Chr.), *Straton* de *Sardes* (quiçá no governo de Severo), *Agathias* de Myrinna (pelos fins do VI seculo), e, nos principios do X, *Constantino Cephalas*, etc.

POEMAS DIDACTICOS.

OPPIANO, etc.

§. 57. Na poesia didactica citam-se d'este periodo duas *periegeses* ou poemas geographicos; um de *Scymno* de Chio em versos jambicos, outro, em hexametros, de *Diniz o Periegeta* de Charax. O sophista *Marcello* de Pamphilia (160 dep. de Chr.) escreveu um poema sôbre a medicina, *iatrika*, em 42 livros, que lhe mereceu a admiração de seus contemporaneos. Emfim *Oppiano* de Coryco na Cilicia (200 dep. de Chr.) passa por auctor de dois poemas didacticos, um sôbre *a caça*, *cynegetica*, em 4 livros; outro sôbre a *pesca*, *halieutica*, em 5 livros. Este segundo distingue-se pela feliz escolha do assumpto, e por uma brilhante execução; o primeiro porêm é inteiramente destituido d'espiritu poetico, e provavelmente obra d'algum auctor mais moderno.

APOLOGO.

BABRIAS.

§. 58. Quanto ao apologo, consta que as Fabulas de Esopo, de que acima falámos (§. 24), foram retocadas e postas em versos choliambicos, no tempo de Augusto, por um certo *Babrias*, que fez em grego o que Phedro fez em latim. Conservadas intactas até o seculo XII, ellas foram desfiguradas por copistas ignorantes, que as pozeram em prosa, e lhes fizeram várias addições.

SEXTO PERIODO,

BYSANTINO.

Desde Constantino até á tomada de Constantinopla (1453 dep. de Chr.).

§. 59. Transferida a séde do imperio romano para Bysancio, uma nova ordem politica se estabelece, pelo favor da qual o christianismo exerce, como religião dominante, mas nam sem alguma resistencia da parte dos sophistas, uma influencia consideravel sôbre toda a civilização. As invasões dos barbaros, assim como as guerras dos imperadores rivaes, perturbam o imperio d'um ao outro termo. Depois da epocha da partilha (395 dep. de Chr.), o imperio do Oriente, mal dirigido no interior por uma serie de principes fracos, pelas luctas da Egreja, pelas frequentes revoluções, e pela cre-

scente corrupção dos costumes, bem que ainda por algum tempo resista ás inundações dos barbaros que o acommettem, vêm alfim a ser a prêsa dos turcos (1453). No meio de taes circumstancias, a litteratura grega devia marchar cada dia com um passu mais rapido á sua decadencia definitiva. Pela sua extensão, é na verdade este periodo menos esteril de monumentos poeticos, que o precedente; entôam-se varios cantos lyricos e heroicos, em que se procura imitar os homericos: mas este como phantasma da poesia já nam é mais que um tardio esforço para se remontar ao que havia sido. Os gregos já nam têm nem a liberdade que ennobrece os espiritus, nem a gloria que repara a perda da liberdade.

EPICOS.

QUINTO, etc.

§. 60. Os versificadores que vamos a citar, á excepção de *Quinto*, nam se elevam, nem pela composição, nem pelo estylo, acima do mediocre. Todos os outros narradóres heroicos procuraram supprir a falta de verdadeira poesia por uma falsa declamação e por um estylo affectado. *Nonno* de Panopolis no Egypto (410 dep. de Chr.) escreveu, como poema heroico, *dionysiaka*, em 48 cantos, sôbre os feitos de Baccho; obra, sem dúvida, cheia d'erudição pela materia e pela linguagem, mas desprovida de gôsto pela disposição e estylo. Deixou tambem em verso uma paraphrase do Evangelho de S. João. *Colutho*, que parece ser natural de Lycopolis, e que florescia pelos annos 500 dep. de Chr., compoz um

poema insignificante sôbre o *roubo d'Helena*. *Tryphiodoro*, que se crê tambem egypcio, é auctor d'um poema epico, em 691 versos, intitulado *Halósis Ilion, tomada de Troia;* no qual, segundo o costume do tempo, imita os poetas cyclicos. *Quinto* de Smyrna, d'epocha incerta, escreveu um poema em 14 livros que tem por titulo *Paraleipomena;* é uma continuação ou complemento da Iliada até á volta dos gregos a seus lares. E, com quanto esta obra seja mais uma narração em verso que uma epopêa, por nam attrahir o leitor pela unidade e interesse; todavia nam carece de elegancia e pureza de lingua: a imitação de Homero preservou Quinto da maior parte dos defeitos de seus contemporaneos.

LYRICOS.

PROCLO, etc.

§. 61. No genero lyrico nam se deve deixar em silencio o philosopho *Proclo*, um dos ornamentos da eschola de Alexandria, commentador de Platão, e que compoz muitos hymnos d'uma inspiração forte e elevada. Entre os poetas christãos se distingue *Synesio*, bispo de Ptolemaida e contemporaneo de Chrysostomo, do qual restam dez hymnos, notaveis pela pureza d'estylo, facilidade da versificação, e nobreza de idêas e de imagens. No decimo seculo *Joseph*, cognominado o *Hymnographo*, compoz cantos lyricos para cada uma das festas da Virgem.

ROMANCISTAS.

ACHILLES TACIO, etc.

§. 62. A este periodo se deve tambem referir a origem do *romance* e *historias de amór*, cujos auctores são comprehendidos sob o nome d'*eroticos* ou *romancistas*. Por historias de amor se intende a descripção d'uma serie de aventuras maravilhosas, tomadas do dominio da vida commum, cuja unidade e interesse principal repousam na solução dos obstaculos que se oppõem á união d'um par amoroso. O romance parece dever sua origem ao *conto*, de que os gregos tinham differentes especies. O genero que mais se lhe approximava era o das *narrações de viagem,* que deveram seu nascimento a esse gôsto pelo maravilhoso e pelo longinquo que haviam despertado as expedições de Alexandre. Outro genero vizinho, mas nam similhante, era o dos *contos incantados* ou historias de homens metamorphoseados em brutos pelo poder das artes magicas. Entre os romancistas gregos, os mais notaveis são;—*Achilles Tacio* de Alexandria, que viveu no III ou IV seculo dep. de Chr., e que, alêm d'outras obras, escreveu os *amores de Clitophon, e de Leucippe,* em 8 livros; — *Heliodoro* d'Emése na Syria, que escreveu *Ethiopicas* em 10 livros, ou *os amores de Theagene e de Chariclea;* — *Longo*, sophista, que vivia provavelmente no V seculo, e que deixou um romance pastoril de *Daphnis e Chloe* em 4 livros.

ELOQUENCIA.

§. 63. Resultado natural da vida nacional dos gregos, a eloquencia estava já entre elles, nos tempos mais remotos, nos seculos heroicos, ligada pela maneira a mais estreita a todas as discussões públicas; e se practicava nas deliberações politicas relativas á paz e á guerra, ainda antes de sedarem os preceitos theoricos da eloquencia propriamente dicta ou oratoria. Uma prova d'isto são os cantos homericos, em que os generaes pronunciavam discursos que, com quanto nam tenham fim algum oratorio, e sejam antes obra de poeta epico, nam attestam menos a existencia e o uso do poder da palavra. Seus progressos porêm foram principalmente favorecidos pela liberdade politica, seu verdadeiro elemento. — Dividiremos pois a historia da eloquencia grega em cinco periodos, que d'ella nos offerecem outras tantas phases ou vicissitudes.

PRIMEIRO PERIODO.

ELOQUENCIA NATURAL E PRACTICA.

Desde Solon até ao principio da guerra do Peloponneso (430 ant. de Chr.).

§. 64. Se entre os gregos, povo o mais felizmente dotado de nobre genio, de sublime linguagem, nam podia deixar de começar mui cêdo a eloquencia; este poder de exprimir e communicar as

moções do coração devia naturalmente desinvolver-se, quando a sua vida politica brilhou com o mais vivo esplendor, na epocha da democracia atheniense. 'Num estado onde tudo se tractava pela palavra, devia esta sem dúvida fazer a força dos que se encarregavam da direcção dos negocios publicos. Nam possuimos, é verdade, monumentos escriptos da eloquencia de *Solon*, *Pisistrato*, *Aristides*, *Themistocles*, *Cimon*, *Alcibiades* e *Pericles;* mas a sua influencia nos é attestada pela historia, que os considera como verdadeiros oradores. São tambem aponctados por sua eloquencia *Cleon, Cricias* e *Theramenes*, que floreceram depois de Pericles, mas que o nam egualaram.

PERICLES.

§. 65. Com effeito de todos os oradores d'esta epocha o mais famoso é *Pericles*, que governou os athenienses por espaço de quarenta annos, e foi victima da peste que grassava em athenas nos principios da guerra do Peloponneso. Foi este o primeiro que elevou o dom da palavra ao seu poncto de perfeição, d'onde por ventura nam passou jámais: com a sua eloquencia irresistivel, segundo o testimunho de Aristophanes, abalava elle a Grecia e produzia os effeitos do raio, sendo por isso cognominado *Olympico.* Todos os antigos o admiravam; e Cicero nos diz que aquelles mesmos que lhe nam tinham affeição, confessavam ser tam poderosa a sua palavra, que deixava nos animos dos ouvintes uns como aguilhões: tanta era a sua vehemencia!

SEGUNDO PERIODO,

ELOQ. ARTIFICIAL E SOPHISTICA.

Desde o principio até ao fim da guerra do peloponneso (em 405 ant. de Chr.).

§. 66. Depois de preparada pela arte dos sophistas da Sicilia, a eloqueneia descái do majestoso gráu a que havia chegado. Entam apparecem os primeiros rhetoricos, *Empedocles*, *Corax*, e *Tisias*, sicilianos, que pretendiam que qualquer, sem genio nem sciencia, guiado só pelos preceitos theoricos, podia conseguir a eloquencia, e falar de repente sôbre toda a materia. Estes e outros sophistas, como *Protagoras*, *Trasymacho* e *Gorgias* leontino, desprezaram a antiga eloquencia energica, e só deram divertimento aos ociosos com seus discursos estereis de pensamentos, e fecundos d'expressões e falsos ornatos. Assim que, affectando uma eloquencia sómente accommodada a incantar os ouvidos, podem haver-se por primeiros corruptores d'ella.

GORGIAS.

§. 67. O mais célebre, porém, d'estes rhetoricos e sophistas é *Gorgias*, que, enviado a Athenas pelos leontinos a advogar a causa de seus compatriotas contra os syracusanos, seduziu a assemblêa do povo pela harmonia de suas palavras. Os leontinos lhe erigiram estatuas em reconhecimento de seus serviços; mas elle se estabeleceu em Athenas,

onde pronunciou o elogio funebre dos guerreiros mortos em Salamina; e foi o primeiro que alli abriu uma eschola d'eloquencia. É elle reputado por inventor dos periodos symetricos e do numero oratorio. Existem sob seu nome dois discursos — o elogio de Helena —, e a apologia de Palemedes —, cuja authenticidade é muito duvidosa, e que nam justificam o enthusiasmo da Grecia. Sería porém injusto avaliar seus talentos por estas composições d'eschola, havendo elle tractado assumptos mais importantes. Cicero o elogia, censurando só o seu excessivo cuidado em arredondar os periodos, e em procurar ingenhosas antitheses.

TERCEIRO PERIODO,

ELOQ. ATTICA.

Desde o fim da guerra do Peloponneso até á morte de Alexandre (323 ant. de Chr.).

§. 68. Havendo a arte oratoria tido nascimento na Sicilia, e propagando-se d'alli para a Attica, 'neste paiz é que a verdadeira eloquencia se desinvolve. Quasi libertada da dialectica sophistica da eschola siciliana, a eloquencia resurge no seiu dos negocios politicos e forenses; e o perigo que corre a independencia da Grecia, assim como o patriotismo d'excellentes oradores, animados do amor da liberdade, a qual se esforçam por conservar, elevam á perfeição a vóz dominadora das intelligencias e dos corações. Os dez oradores atti-

cos que practicaram a eloquencia forense e politica e entre os quaes alguns deram tambem regras de rhetorica, são Antiphonte, Andocides, Lysias, Isocrates, Iseu, Dinarcho, Lycurgo, Hyperides, Eschines, e Demosthenes.

ANTIPHONTE.

§. 69. D'estes o mais antigo é *Antiphonte*, de Rhamnus na Attica, o qual abriu em Athenas uma eschola de rhetorica, e foi mestre de Thucydides. Este foi tambem o primeiro que pronunciou um discurso em sua defesa, o qual se perdeu. Compoz por dinheiro discursos para outros pronunciarem: os quinze que correm sob seu nome são declamações de sophistas sôbre causas puramente ficticias, á excepção de tres que elle trabalhou com mais cuidado, e que pronunciou em processos criminaes. Os antigos louvam principalmente a doçura persuasiva de sua eloquencia.

ANDOCIDES.

§. 70. *Andocides* de Athenas foi politico, orador, e um dos rivaes de Alcibiades. Expiou no desterro a parte activa que havia tomado nos negocios públicos. Restam-nos d'elle quatro discursos: 1.º *sôbre os mysterios*, pronunciado contra a accusação de complicidade na mutilação das estatuas de Mercurio e na profanação dos mysterios d'Eleusis: 2.º contra *Alcibiades*: 3.º *sôbre a sua volta do primeiro desterro*: 4.º *sôbre a paz com os lacedemonios*. Todos elles são preciosos pelas particularidades que offe-

recem sôbre a historia d'aquelles tempos. Seu estylo é simples e sem arte, mas ao mesmo tempo energico.

LYSIAS.

§. 71. *Lysias* atheniense (458—379 ant. de Chr.) foi habil orador e bom cidadão. Tendo apenas quinze annos, elle tomou parte na fundação de Thurio, colonia grega elevada sôbre as ruinas de Sybaris; e até aos cincoenta foi alli um dos encarregados da pública administração. Mas, perseguido como partidario dos athenienses, regressou á sua terra natal, onde se distinguiu por sua eloquencia e patriotismo. Os trinta e quatro discursòs que nos restam d'este orador (ha quem diga que elle compozera mais de duzentos, e a maior parte na sua velhice) pertencem ao genero judicial, á excepção da oração funebre dos athenienses, mortos 'numa batalha commandada por Iphicrates; discurso que passa por sua obra prima. O testimunho da antiguidade é unanime em louvar a delicadeza de Lysias, nam só nas provas, mas ainda no estylo; e sua eloquencia se assimilha mais a um limpido e manso regato, do que a um rio que róla impetuosamente suas ondas.

ISOCRATES.

§. 72. *Isocrates* tambem de athenas (436—338 ant. de Chr.), formado na eschola dos sophistas da Sicilia, tanto os excedeu, que Platão, sendo tam pouco amigo dos rhetoricos, sómente a elle admirou. A fraqueza de sua voz e sua natural timidez nam o

deixaram tomar parte nas luctas da tribuna; deu-se ao exercicio do insino da mocidade e ao de compôr discursos. Sua casa se tornou uma officina d'eloquencia, e eclipsou as escholas dos mestres mais famigerados. Esta celebridade desafiou a emulação de *Aristoteles* de Stagyra, o qual abriu tambem uma eschola, unindo com o insino da eloquencia o da philosophia; d'onde as duas seitas *Isocratica* e *Aristotelica*. Os discursos d'*Isocrates* são excellentes pela gravidade e importancia do assumpto, assim como pela elegancia e incanto do estylo; e foram muitas vezes lidos, já por seus amigos e discipulos, já por outros professores, em sociedades mais ou menos numerosas. Um d'estes discursos, e quiçá o mais importante, é o *Panegyrico*, em que *Isocrates* convidava os gregos á união contra os persas. A despeito da censura que merece seu minucioso cuidado em polir a expressão, Isocrates terá sempre o merito de haver aperfeiçoado a harmonia oratoria e a estructura dos periodos.

ISEU.

§. 73. Do mesmo Isocrates e de Lysias foi discipulo *Iseu* de Chalcis ou Athenas (393 ant. de Chr.), mestre de Demosthenes. Nam tomando parte alguma nos negocios politicos, *Iseu* empregou todo o seu tempo em dar lições d'eloquencia, e em compôr discursos para outros. Esforçou-se principalmente em imitar Lysias, a quem sobrepujou na dignidade, energia e pureza d'estylo; nam pôde porém egual-o na simplicidade. Todos os seus discursos, de que restam onze, são cheios de preciosos do-

cumentos sôbre o direito de successão entre os athenienses.

DINARCHO.

§. 74. No limite que separa este periodo do seguinte se acha *Dinarcho*, de Corintho, que só começou a brilhar como orador pelos an. 317 ant. de Chr., depois que Hyperides e Demosthenes tinham desapparecido. Restam d'elle quatro discursos, que testimunham seu gosto pelas accusações: um d'elles é dirigido contra Demosthenes. Sôbre as suas qualidades oratorias póde vêr-se Dionysio de Halicarnasso.

LYCURGO.

§. 75. *Lycurgo* atheniense (408—325) ant. de Chr.), foi discipulo de Platão e d'Isocrates, amigo de Demosthenes, e um dos mais violentos adversarios de Philippe e de Alexandre. Sua probidade, seu patriotismo e sua severidade, lhe haviam conciliado a estima de seus contemporaneos. De seus discursos tem-se sómente conservado o que fez contra Leocrates que, depois da batalha de Cheronêa, tinha, em despeito das leis, abandonado sua patria. Este discurso tem o cunho da moralidade que characterizou seu auctor: o estylo é geralmente distituido de todo o ornato oratorio, mas cheio de vigor e de paixão, e póde haver-se por modelo da vivacidade atrevida, que é o tom natural da accusação.

HYPERIDES.

§. 76. Os mesmos mestres teve *Hyperides*, tam-

bem de Athenas, que florescia cêrca dos annos 335 ant. de Chr. Foi um sincero amigo de seu paiz; e, quando Athenas foi tomada por Antipatro, elle quiz antes soffrer a morte que trahir os segredos de sua patria. Dionysio de Halicarnasso louva a força, a simplicidade e o plano dos discursos d'*Hyperides;* e alguns lhe dão o terceiro logar entre os oradores, depois d'Eschines e Demosthenes. Perderam-se porêm seus discursos, dos quaes o unico que resta se encontra entre os de Demosthenes; de modo que somos reduzidos a admirar o auctor sôbre a fé da historia.

DEMOSTHENES.

§. 77. Resta-nos falar dos dois maiores oradores da tribuna atheniense. *Demosthenes*, de Peanion na Attica, nascido no 4.º anno da XCVIII olymp., 388 ann. ant. de Chr., foi o maior orador que produziu a Grecia. Tendo ouvido Isocrates, Iseu e Platão, tocou elle, nam sem esforços, os limites da eloquencia; e a quéda imminente da liberdade da Grecia despertou seu alto talento oratorio. Á força d'arte e de paciencia, Demosthenes triumphou de seus defeitos naturaes; pelo exercicio fortificou o peito, apurou a pronunciação, corrigiu os gestos, e se tornou mestre de todos esses segredos da acção oratoria, que os antigos punham em tam alto preço. Por um processo que elle mesmo intentou contra seus infieis tutores, inceptou Demosthenes aos 17 annos a carreira da eloquencia. Nove annos depois appareceu na tribuna, onde se esforçou por mallograr os projectos do ambicioso Philippe, que temia mais a palavra do orador que as

armas da Grecia. Ninguem póde vêr sem profunda commoção em Demosthenes essa lucta d'um homem só, debatendo-se contra seu seculo aviltado, em favor da liberdade moribunda; titulo que lhe grangeou o respeito e admiração de todos os seculos. Entre os seus discursos os mais admiraveis são — as *Philippicas,*—as *Olynthiacas,*—e a oração *sôbre a Corôa*, em que venceu Eschines; triumphando Ctesiphonte, que havia proposto ao senado que a Demosthenes se désse uma corôa d'ouro em premio de sua virtude. O character de sua eloquencia é uma fôrça e energia de pensamentos que lhe é propria e o torna superior a todos os seus rivaes; e um estylo simples, conciso e cheio de fogo. Demosthenes despréza a pompa e as graças: troveja, fulmina, esmaga. Note-lhe emb'ora Dionysio de Halicarnasso algumas expressões novas, aridas e duras; essas licenças se acham adoçadas pelas phrases que as rodeiam, e passam imperceptiveis no torrente da sua eloquencia inspirada.

ESCHÍNES.

§. 78.. O maior adversario politico de Demosthenes, seu rival o mais formidavel em eloquencia, foi *Eschines* atheniense (nascido 393 ann. ant. de Chr.), discipulo d'Isocrates e de Platão. Actor na sua mocidade, mais tarde tornou-se advogado; e os debates do foro o prepararam para os da tribuna. Vencido por Demosthenes, como dissemos, foi desterrado para Rhodes, onde fundou uma eschola de rhetorica, origem da eloquencia declamatoria. Possuimos d'elle tres discursos que ba-

stam para nos convencer que depois de Demosthenes deve elle ser posto no primeiro logar. Acha-se 'nelles calor e força, e um estylo nobre e atrevido que incanta pela ingenhosa delicadeza de pensamentos, e por uma feliz escolha d'expressões. Os antigos nam lhe exprobravam senam um defeito, o de não ser assás conciso e de ter *mais carne que musculos.*

§. 79. Em vão os raios de Demosthenes luctaram por alguns instantes contra as armas do rei de Macedonia; a Grecia curvou sua cabeça debaixo do jugo; a liberdade morre, e a eloquencia com ella. Apenas se póde dar ainda o nome de orador a *Demetrio* de Phalera, governador de Athenas; o unico cujo talento recorda o dos grandes oradores que haviam por tam longo tempo governado os espiritus pelo poder da palavra. Os discursos de Demetrio, segundo o testimunho de Cicero, tinham o character da molleza e affectação; e elle faz a passagem da verdadeira eloquencia á eloquencia degenerada, conhecida pelo nome de *asiatica.*

QUARTO PERIODO,

ELOQ. ASIATICA E DECLAMATORIA.

Desde a morte de Alexandre até Constantino M. (306 ant. de Chr.).

§. 80. Privada de seu elemento vital, e desterrada da vida pública, a eloquencia não teve mais occasião alguma de se produzir, e se refugiou ás escholas dos rhetoricos. Ella começa na Asia a de-

generar da perfeição attica e da pureza grega, para caír na emphase asiatica; só a eschola de Rhodes guardou, longo tempo ainda, as preciosas qualidades da eloquencia attica, e continuou a florescer até ao tempo em que appareceram os oradores romanos. O grego, ocioso, achava nos exercicios oratorios o meio de se entreter agradavelmente; e, na falta de assumptos d'um interesse actual, esses rhetoricos se exercitavam em tractar, já assumptos historicos, já assumptos de pura imaginação, em discursos affectados que deleitavam o ouvido, sem nutrirem o espiritu: estes discursos tiveram o nome de *declamações*. Mas o desejo de ser novo e original em breve gastou, como era natural, o bom gôsto, e deu nascimento a um estylo sobrecarregado de ornatos artificiaes.

§. 81. Deve-se todavia ás escholas dos rhetoricos o aperfeiçoamento da *theoria da eloquencia*. Com effeito a rhetorica era propriamente a arte favorita dos gregos; era-lhes como innata; e desde os tempos mais remotos até aos derradeiros dias da sua historia, nam cessou de lhes ser propria. Era em certo modo seu privilegio; e mais d'uma vez, no meio de circumstancias tam completamente mudadas, se reproduziu entre elles debaixo d'uma fórma nova. Quando porêm a arte descaiu inteiramente, viu-se em breve tornar a apparecer, com a sophistica que lhe havia em parte dado nascimento, essa eloquencia cheia de affectação, que aspira só a brilhar, que se atormenta por chegar ao seu fim, e que se torna uma eloquencia de apparato. Os rhetoricos e sophistas mais notaveis são os que vamos a referir.

DION CHRYSOSTOMO.

§. 82. Logo no primeiro seculo da éra christã os rhetoricos gregos começam a ganhar favor debaixo do nome de sophistas; e nós encontrâmos no reinado de Tiberio um certo *Lesbonax* de quem restam duas declamações que podem dar uma idêa dos estudos oratorios d'esta epocha. Mas o mais célebre d'estes rhetoricos é sem contradicção *Dion Chrysostomo* de Pruse na Bithynia (94—117 dep. de Chr.). As declamações que d'elle temos, sôbre assumptos diversos, e as mais das vezes philosophicos, attestam um grande talento oratorio; e nam são menos preciosas pelo nobre fim que se propôi seu auctor, votado aos interesses de sua patria adoptiva, e desejoso de imprimir nas idêas de seu seculo um character mais elevado. Elle ousou aconselhar a Vespasiano que deixasse o imperio. Se na disposição e expressão dos pensamentos se nam eleva elle completamente acima da affectação do seu tempo, esforça-se todavia por evital-a mais que os seus contemporaneos. O que com mais razão se lhe póde censurar é o ser muitas vezes excessivamente pomposo, muito prolixo, e ás vezes obscuro pela longura de seus periodos.

LUCIANO.

§. 83. O genero do *dialogo* foi cultivado com rara felicidade por *Luciano* de Samosate na Syria (cêrca do meio do II seculo da éra christã); o qual é tambem contado entre os rhetoricos, por isso que em suas numerosas obras se encontram varios tre-

chos relativos aos exercicios da eschola. Um dos seus opusculos que se approximam da fórma oratoria é o *elogio de Demosthenes*. Luciano havia tambem practicado por algum tempo a eloquencia forense; foi depois philosopho eclectico: sôbre tudo porêm deve a sua celebridade ao sal e galanteria de seu espiritu zombador. Entre os seus escriptos, que nos apresentam um quadro fiel dos costumes do seu tempo, citaremos aqui, como os mais estimados, — os *Dialogos dos deuses*, os *Dialogos dos mortos*, o *Juizo dos philosophos*, o *Sonho*, a *Maneira d'escrever a historia*, as *Historias verdadeiras*.

ATHENEU

§ 84. No principio do III seculo vivia *Atheneu* de Naucrate no Egypto, grammatico e sophista. Deixou-nos suas *Conversações convivaes* sôbre diversos ponctos d'erudição, obra indispensavel a quem se occupa de litteratura grega, de archeologia, de historia, de philosophia e de crítica. A excellencia da materia nos faz em certo modo esquecer as imperfeições da fórma e da linguagem. Mas de quinze livros que, parece, escreveu temos apenas em resumo os dous primeiros e o principio do terceiro.

LONGINO

§. 85. Foi tambem distincto, e quiçá o mais profundo de todos estes rhetoricos, *Dionysio Cassio Longino*, nascido em 213 dep. de Chr., e provavelmente em Athenas. Applicou-se particularmente á grammatica, á crítica e á eloquencia; e foi o conse-

lheiro de Zenobia, rainha de Palmyra. De suas innumeraveis obras, entre as quaes as mais célebres eram os *Commentarios sôbre Platão*, e uma obra de crítica, intitulada *Conversações Philologicas,* nam nos resta mais que o *tractado do sublime*, ou *sôbre a elevação do discurso;* este mesmo nam o temos completo. N'elle desinvolve Longino com um espiritu philosophico a natureza do sublime da expressão e do pensamento. É uma obra d'um grande merito e verdadeiramente classica, que manifesta em seu auctor um gôsto apurado, um sensu crítico mui delicado, e uma perspicacia profunda. Os juizos que expõi sôbre os escriptores da antiguidade são excellentes; e as regras que estabelece se tornam sempre sensiveis por exemplos frizantes.

ELOQUENCIA SAGRADA.

§. 86. Em quanto a eloquencia profana, tendo perdido o principio de sua força, continúa degenerada, uma nova eloquencia começa a nascer debaixo da inspiração do pensamento christão. A eloquencia sagrada offerece tres epochas distinctas: a prégação, a lucta, e o triumpho; d'onde os padres apostolicos, os padres apologistas, e os padres dogmaticos. Chegaremos a estes ultimos, quando tocarmos o quinto periodo.

PADRES APOSTOLICOS.

S. CLEMENTE, etc.

§. 87. Entre os padres gregos da primeira epocha deve citar-se *S. Clemente*, papa (91 dep. de Chr.),

que se eleva á verdadeira eloquencia 'numa carta dirigida aos fieis da egreja de Corintho, já perturbada por divisões intestinas; — *S. Ignacio*, bispo de Antiochia, martyr no governo de Trajano (107 dep. de Chr.), que nos deixou septe epistolas d'um estylo nobre e puro e d'uma eloquencia inspirada; — *S. Dionysio*, bispo de Alexandria, cujas homilias apresentam algumas passagens notaveis.

PADRES APOLOGISTAS.

S. JUSTINO.

§. 88. *S Justino* de Neapolis na Samaria, ao principio pagão, foi conduzido a fé catholica pelo estudo dos philosophos, emprehendido com um sincero desejo de achar a verdade. Apenas convertido, torna-se apostolo, e ganha a corôa do martyrio sob Marco Aurelio em 165 dep. de Chr. Além d'uma *epistola aos gentios*, na qual mostra os motivos de sua conversão, publicou elle dous *apologeticos*, dos quaes o primeiro é particularmente estimado. Foi Justino o primeiro que procurou ligar por uma união intima a philosophia e a religião revelada.

S. CLEMENTE ALEXANDRINO.

§. 89. *S. Clemente* de Alexandria saíu da eschola dos philosophos, para vir repousar no seio do catholicismo. A perseguição do imperador Severo (202 dep. de Chr.) o forçou a fugir; e fez que elle fosse levar ao Oriente, á Asia menor, á Syria e á Palestina, a influencia de sua doutrina e o exemplo de suas

virtudes. *Clemente* nam é menos notavel pela vastidão de seus conhecimentos que pela elegancia de seu estylo. Sua *Exhortação* aos gentios arruina os fundamentos da idolatria, e estabelece com solidez os principios do christianismo: seu *Pedagogo* é um excellente guia da vida christã; e seus *Stromas*, um monumento de sã moral e de profunda erudição.

ORIGENES.

§. 90. Formado pelas lições de S. Clemente, *Origenes* de Alexandria (185 dep. de Chr.) succedeu a seu mestre no insino evangelico, e o excedeu. Origenes é um dos mais bellos genios do christianismo nascente. A pureza de intenções nam preservou sempre do erro sua poderosa intelligencia, dominada pela imaginação: mas seu enthusiasmo religioso e a austeridade de seus costumes o tornaram célebre. O *tractado contra Celso* é uma obra prima d'eloquencia e de dialectica, d'onde os defensores da religião têm tirado, como d'um arsenal, suas armas as mais formidaveis. Suas *homilias* ou *sermões* offerecem ainda excellentes modelos aos prégadores.

QUINTO PERIODO,

ESPLENDOR

DA ELOQUENCIA SAGRADA.

Desde Constantino até á quéda do imperio romano occidental (476 dep. de Chr.).

§. 91. O reinado de Constantino abre uma epocha que se póde chamar a edade d'ouro da litteratura ecclesiastica. Sem patria e sem liberdade, a eloquencia profana morre; e a eloquencia dos oradores christãos, dirigindo-se aos sentimentos os mais sublimes de nossa natureza, pedindo ao céo seus poderosos movimentos, e penetrando as almas para as salvar, brilha e floresce pelo orgão dos padres dogmaticos. É verdade que estes homens, escrevendo no meio da decadencia das lettras, nam poderam subtrahir-se inteiramente ao contagio do máo gosto que os cercava; mas poderam elevar-se acima d'elle pela força de seus pensamentos e pelo enthusiasmo da religião. O ardor do proselytismo que os inflamma passa ao seu estylo, e os torna verdadeiramente eloquentes.

PADRE DOGMATICOS.

S. ATHANASIO.

§. 92. Entre estes padres citaremos os mais distinctos; um dos quaes é *S. Athanasio* de Alexandria, o qual se fez notar no concilio de Nicêa pelo zelo de sua orthodoxia e por sua eloquencia. Elevado á di-

gnidade de bispo de Alexandria, Athanasio foi a alma da egreja do Egypto; intrepido em sua fé, ardente no comprimento de seus deveres, tornou-se o idolo dos catholicos. Suas principaes obras são dirigidas contra o arianismo, e seus discursos dogmaticos offerecem uma eloquencia mais notavel pelo vigor que pelo ornato; mais pela força logica que pelo movimento pathetico.

S. GREGORIO NAZIANZENO.

§. 93. *S. Gregorio* de Nazianzo (328 dep. de Chr.), tendo estudado as lettras e a philosophia em Cesarêa, Alexandria e Athenas, veiu a ser bispo de Constantinopla. Sendo-lhe disputada esta dignidade, a que havia satisfeito com zelo, resignou-a sem pezar e se retirou a Nazianzo, cuja egreja governou por alguns annos, terminando seus dias 'num placido retiro, entregue aos exercicios de piedade e á cultura da poesia. Os monumentos de suas prégações são numerosos e apresentam modelos aos oradores christãos: a uncção habitual de suas palavras nam exclue a energia; e em seus discursos contra Juliano o Apostata toca elle a vehemencia das Catilinarias e das Philippicas.

S. BASILIO.

§. 94. *S. Basilio* de Cesarêa (329 — 379), condiscipulo e amigo de Gregorio, succedeu a Eusebio na sé de Cesarêa, que occupou por vinte annos. Ornado d'uma virtude constante e d'um bello genio, Basilio foi o verdadeiro bispo do Evangelho, o páe

do povo, o amigo dos infelizes, inflexivel em sua fé, incançavel em sua caridade. Suas obras, entre as quaes sobresái o *Hexameron* (ou *obra de seis dias*), constam de homilias dogmaticas e moraes, panegyricos, escriptos polemicos, tractados asceticos e cartas, verdadeiro thesouro para a historia e para a moral.

S. JOÃO CHRYSOSTOMO.

§. 95. O mais célebre porêm dos padres gregos, e um dos homens mais eloquentes que têm apparecido no mundo, é *S. João Chrysostomo*, nascido em Antiochia em 344. Formado na eloquencia pelo famoso rhetorico Libanio, passou pelo foro antes de chegar á cadeira christã, em que foi um oraculo, durante vinte annos, em Antiochia. Chamado mais tarde á sé de Constantinopla, aqui desinvolve seu zelo e sua eloquencia: mas as intrigas d'uma côrte corrompida chegaram a desapossal-o: e este glorioso apostolo da fé christã morre no desterro, coberto de ultrages. Esta vida de sacrificios e d'eloquencia, terminada pelo martyrio, é uma das mais bellas paginas da historia do christianismo; assim como os discursos do orador são os mais magnificos monumentos do genio christão. Tem-se muitas vezes comparado Chrysostomo a Cicero; e o orador romano nam tem que queixar-se da comparação. O conhecimento profundo das obras de Chrysostomo basta para formar um theologo consummado e um excellente orador. Pelo estudo assiduo dos Basilios e dos Chrysostomos é que a eloquencia christã póde reflorescer, e revivificar a fé desfallecida.

HISTORIOGRAPHIA.

SEU GERME.

§. 96. Nos primeiros tempos da civilização hellenica, a historia se achava ainda confundida, com a arte e a sciencia, na unidade mythologica das epopêas nacionaes. Mas nos poemas cyclicos (§. 12) tende insensivelmente a distinguir-se o elemento historico; os poetas mythologicos foram os primeiros historiadores da Grecia. Mas, além das poesias mythologicas, havia acontecimentos memoraveis que só eram transmittidos á posteridade pela tradição oral, pelos monumentos publicos, e pelas festas instituidas para recordar o passado. Quando com o tempo as relações que uniam os diversos estados hellenicos se tornaram mais íntimas; quando as guerras, o commercio e as viagens, multiplicando os factos, e complicando os acontecimentos, fizeram mais difficil o seu conhecimento; a necessidade de achar um meio mais seguro de transmittir as tradições do passado se fez cada dia sentir mais vivamente. E assim, no terceiro periodo da historia da poesia grega (§. 23), depois que o uso da escriptura alphabetica se tornou de dia em dia mais commum, encontrâmos entre os annos 540 e 500 ant. de Chr. a *logographia* (ou tradição escripta), libertada das prisões do metro. Estas logographias nam foram ao principio mais que listas genealogicas, investigações sôbre a fundação das cidades, e por conseguinte umas simples *chronicas*.

LOGOGRAPHOS.

CADMO, etc.

§. 97. Entre os logographos se devem citar— *Pherecides* de Scyros, *Cadmo* de Mileto, e seu compatriota *Hecateu;* os quaes foram os primeiros a ensaiar-se em prosa, e começaram a referir, assim, os acontecimentos memoraveis que a tradição oral havia transmittido e os factos contemporaneos. Hecateu havia composto duas obras importantes: uma *periegese* (ou viagem), trabalho exclusivamente geographico; e, debaixo do titulo de *genealogias*, uma serie de factos heroicos e historicos. A estes se seguiram outros logographos, que por seus trabalhos prepararam o nascimento da verdadeira historia que registra e aprecia os factos.

NASCIMENTO E ESPLENDOR DA HISTORIA.

HERODOTO.

§. 98. A passagem da mythistoria á historia propriamente dicta é marcada por *Herodoto* de Halicarnassso na Caria, nascido no 1.º anno da olymp. LXXIV (ant. de Chr. 484). Elle abunda ainda em tradições mythologicas, porque a historia, na sua apparição entre os gregos, bebeu na mesma fonte que a poesia, na fonte inexhaurivel das tradições nacionaes (§. 96). Além d'isto, em quanto á fórma, ao ler-se a sua historia, imagina-se ouvir alguns cantos da Odyssêa, a que só se ha quebrado o metro; parece que Homero abaixou sómente o tom de

sua lyra, para contar aos gregos cousas tam maravilhosas como aquellas de que elle enchêra seus poemas. Vê-se pois que em Herodoto o elemento historico nam está inda assás claramente distincto da poesia. Herodoto é todavia o páe da historia. Este grande homem, testimunha da lucta do Oriente com o Occidente, fazendo longas viagens á Asia, ao Egypto, á Grecia e á Italia, passou metade da sua vida em colher com avidez os materiaes da sua historia, e a outra metade em os elaborar. Fez da victoria dos gregos, salvos do jugo da Persia, o poncto culminante de sua historia; e, unindo todos os quadros dos acontecimentos mais memoraveis em um todo harmonico, o dividiu em nove livros, a que os gregos deram os nomes das nove musas. A fidelidade, a simplicidade, a clareza, uma graça facil e nam affectada, taes são as qualidades que, em geral, characterizam seu estylo.

THUCYDIDES.

§. 99. O que porêm da poesia separou completamente a historia foi *Thucydides* atheniense (473 ant. de Chr.), formado pelas lições do philosopho Anaxagoras e do orador Antiphonte. Escreveu a historia da guerra do Peloponneso, em que tomou parte, commandando um exercito atheniense na Thracia. Não tendo chegado a tempo de obstar á tomada d'Amphipolis, attacada de improviso pelo general lacedemonio Brasidas, elle foi desterrado: e á injusta severidade dos athenienses é que por ventura devemos a sua historia. Nos vinte annos do seu desterro descreveu elle em um estylo firme,

conciso e energico, os interesses oppostos e as fortunas diversas d'uma lucta que dividiu as duas mais famosas républicas da Grecia. Não pôde porêm, faltando-lhe a vida, terminar sua obra, que em oito livros comprehende só os primeiros vinte e um annos d'aquella guerra. Pondo em parallelo Thucydides com Herodoto, acham os criticos que este é singelo, doce e fecundo: aquelle conciso e rapido: este insinuante; aquelle apaixonado: Herodoto ama as digressões; Thucydides segue a ordem chronologica.

XENOPHONTE.

§. 100. O terceiro grande historiador da Grecia foi *Xenophonte* de Athenas (447—256 ant. de Chr.), discipulo de Socrates na philosophia, e de Isocrates na eloquencia; e que veiu a ser, alêm de grande general, philosopho virtuoso e orador distincto. Acompanhou Cyro o *moço* na guerra que este emprehendêra contra seu irmão Artaxerxes, e foi quem dirigiu essa admiravel retirada dos 10:000 gregos auxiliares. Foi a final desterrado, como suspeito de adhesão aos lacedèmonios, e passou o resto da sua vida juncto a Olympia, onde a agricultura, a caça, e a composição d'uma multidão d'escriptos philosophicos, politicos, economicos e historicos, o occuparam agradavelmente. Entre as suas obras historicas se contam: 1.° sua historia grega em septe livros, com o titulo d'*Hellenica* ou os negocios da Grecia; é uma continuação da historia de Thucydides até á batalha de Mantinêa: 2.° A expedição de Cyro e a retirada dos 10:000 gregos

sob o titulo d'*Anabasis;* é antes uma obra de tactica do que uma historia propriamente dicta: 3.º A educação de Cyro ou *Cyropedia;* é um romance historico e politico, em que o auctor desenha na pessoa de Cyro a pintura ideal do soberano, tal qual Socrates o concebia: 4.º *O elogio de Agesilau;* é uma mistura de narração historica e de declamação panegyrica, em que o auctor toma um estylo mais elevado, e reúne a brevidade á elegancia. O puro atticismo de Xenophonte, sua singeleza, perspicuidade, doçura e harmonia, assim incantaram os antigos, que, em sua admiração, diziam que as musas haviam falado pela bôcca de Xenophonte, e que parecia terem as Graças formado a sua lingua mais doce que o mel; d'onde o cognominaram — abelha attica.

DECADENCIA DA HISTORIA.

§. 101. A historiographia se resente tambem da influencia do gôsto alexandrino (§. 48). No seculo de Alexandre e nos seguintes, por se preferir o maravilhoso aos factos verdadeiros, ella degenera em uma erudição morta. Os historiadores, afim de poderem alardear seu saber, escolhem a historia mais antiga e mais obscura, e em grande parte nam são mais que compiladores. A esta categoria se refere a historia sagrada d'*Evhemero* de Messenia, obra mais philosophica e religiosa do que historica, cujo fim é minar os fundamentos da religião pagã, reduzindo a factos puramente historicos os acontecimentos até entam considerados como maravilhosos e divinos.

POLYBIO.

§. 102. Têm todavia ainda um logar honroso entre os historiadores gregos os que vamos a enumerar. O primeiro que cuidou em proteger a pureza e a verdade da historia contra a invasão do espiritu declamatorio dos alexandrinos, foi *Polybio* de Megalopolis na Arcadia, nascido na CXLIV olymp., ant. de Chr. 204. Tendo estudado sob a direcção de Philopemen a arte da guerra, foi soldado e politico; e, prisioneiro dos romanos, acompanhou ao cerco de Carthago Scipião, de quem foi amigo. Por intervenção d'este, obteve o ser admittido aos archivos politicos de Roma, e ahi tomou assim como em suas viagens ao Egypto, á Gallia, á Hispanha e a outras partes, os materiaes de sua historia geral (a que se dá o titulo de *universal* — historia catholica — em quarenta livros). Começa esta na segunda guerra punica, e finda na derrota de Perseu; mas nam nos chegou inteira. Polybio operou uma feliz revolução na arte historica; foi o creador do *pragmatismo* didactico, i. é, d'essa maneira de escrever historia, que entrando nas causas e circumstancias dos acontecimentos, e fazendo assim a educação politica do leitor, o prepara d'alguma sorte para o manejo dos *negocios publicos*. O estylo d'este historiador, carecendo algumas vezes de correcção e pureza, nam é verdadeiramente classico.

DIONYSIO DE HALICARNASSO.

§. 103. O methodo práctico, introduzido por Polybio na historiographia, dominou, ainda que

com diversas modificações, no periodo greco-latino. *Dionysio* de Halicarnasso, que vivia no tempo de Julio Cesar, vindo para Roma depois da batalha d'Accio, alli compoz a sua historia sob o titulo d'*Antiguidades Romanas* em 20 livros, de que restam os primeiros onze: é uma historia dos primeiros tempos de Roma, desde a sua fundação até á primeira guerra punica. Foi tambem rhetorico e um bom crítico; e 'nesta consideração tem um valor immenso, posto que seu estylo nam seja inteiramente puro.

DIODORO DE SICILIA.

§. 104. No governo de Augusto floreceu *Diodoro* de Argyrio na Sicilia, o qual, instruido por suas viagens 'numa grande parte da Europa, da Asia e do Egypto, e pela assidua leitura dos primeiros historiadores da Grecia, escreveu uma historia, intitulada *Bibliotheca universal*, em quarenta livros. Começa esta nos tempos mais remotos, e se extende até ás guerras de Cesar nas Gallias; mas nam possuimos mais que quinze livros inteiros e alguns fragmentos dos outros. A sua narração é mui clara e simples, porêm muitas vezes excessivamente arida; e sua linguagem nam é sempre assás pura. Nam deixa todavia de ser preciosa aquella obra pela riqueza e interesse das materias que comprehende, assim como pelos trechos d'outras obras antigas e bellas que alli se acham semeados.

FLAVIO JOSEPHO.

§. 105. O auctor da Historia dos Judeos, *Flavio Josepho*, nascido em Jerusalem no anno 37 de Chr., uniu ao conhecimento das lettras gregas uma grande experiencia do mundo. Foi governador da Galilêa; e, involvido 'numa guerra contra os romanos, preparou-a com vigor, e proseguiu-a com intrepidez. Ficando prisioneiro depois do saque de Jotapata, que elle havia por muito tempo defendido, foi bem tractado por Vespasiano, e acompanhou Tito ao cêrco de Jerusalem. Suas exhortações nam poderam vencer a fatal obstinação dos judeos: Jerusalem foi tomada. Viveu depois em Roma, onde escreveu a historia d'aquella guerra em 7 livros: foi escripta primeiramente em syriaco, depois traduzida por elle mesmo em grego. A obra é composta por mão de mestre; e o interesse do leitor se augmenta de scena em scena até ao desenlace, que se faz esperar, como a catastrophe d'uma tragedia, com uma especie de anxiedade. Escreveu depois suas *Antiguidades Judaicas*, obra que comprehende uma historia dos judeos desde a creação do mundo até ao reinado de Nero. Flavio Josepho, com quanto nam tenha a profundeza de crítica que distingue outros historiadores, é todavia um escriptor precioso; e, onde cessam as sanctas escripturas do Antigo Testamento, é elle muitas vezes a unica fonte da antiga historia da nação judaica. Seu estylo, se exceptuardes alguns hebraísmos, é em geral nobre e puro.

PLUTARCHO.

§. 106. O primeiro dos biographos é *Plutarcho* de Cheronêa na Beocia (de 50—120 depois de Chr.), o qual, tendo viajado pelo Egypto, e por toda a Grecia, viveu em Roma no tempo de Trajano, e ahi deu lições públicas de philosophia, que foram ouvidas por Adriano. Voltando depois á sua cidade natal, 'nesta passou o resto de seus dias, e compoz as suas 44 ou 46 *Biographias* dos grandes homens gregos e romanos; nas quaes se representam ao vivo os characteres e os costumes dos tempos antigos. Tambem escreveu *Investigações gregas e romanas*, e um tractado das *Antiguidades egypcias;* mas de suas obras a mais preciosa, e um dos monumentos mais instructivos da antiguidade, são, a despeito da phrase empollada e redundante, as suas *Vidas*. Ellas interessam, assim pela materia cuja natureza prova ao mesmo tempo o nobre character do auctor, sua vasta erudição e seu conhecimento profundo da bella e classica antiguidade, como pela maneira eloquente com que elle tracta seu assumpto.

FLAVIO ARRIANO.

§. 107. Um escriptor que, por seu character e por seus trabalhos, nos recorda os grandes historiadores do periodo antecedente, é *Arriano* de Nicomedia na Bithynia (103 de Chr.). Instruido na eschola do philosopho Epicteto, assim como Xenophonte o fôra por Socrates (§. 100), elle se votou, seguindo o exemplo d'aquelle, á politica e á guerra. Em recompensa de sua bravura e de seus talentos militares,

Adriano o fez cidadão romano e governador da Cappadocia, que elle defendeu contra os alanos no anno 134 de Chr. Muitas obras historicas e philosophicas de Arriano se perderam: das que nos restam, as mais importantes são, em philosophia, o *Manual d'Epicteto;* em historia, os septe livros das *Expedições de Alexandre;* a melhor, sem comparação, de todas as obras compostas sôbre o vencedor da Asia. Seu estylo é elegante e simples e, sob esta relação, digno de se comparar ao de Xenophonte que elle havia tomado por modelo; falta-lhe sómente a egualdade, sempre sustentada, do historiador atheniense.

APPIANO.

§. 108. *Appiano* de Alexandria, contemporaneo do antecedente, veiu ainda joven para Roma, onde ao principio se distinguiu como advogado; foi ao depois procurador imperial, e porfim elevado á dignidade de governador da provincia do Egypto. Escreveu uma *Historia romana* em vinte e quatro livros, que comprehende a historia dos reis, da república e dos primeiros cem annos do imperio. É censurado por haver distribuido os factos, nam pela ordem synchronica, como a maior parte dos historiadores, mas por meio de divisões, segundo o theatro dos acontecimentos; assim que cada livro fórma uma historia particular. Restam só dez livros com varias lacunas. O seu estylo, ainda que arido e sem ornato, é claro e geralmente puro.

DION CASSIO.

§ 109. Tambem se perdeu uma grande parte da *Historia Romana* de *Dion Cassio* da Bithynia (155 ann. dep. de Chr.), o qual exerceu em Roma varios empregos. Senador no reinado de Commodo, obteve depois o governo de Smyrna, e foi porfim collega de Alexandre Severo no consulado. A sua historia se compunha de 80 livros, e desde o berço de Roma se extendia até o anno 229 de Chr. A parte que d'ella nos resta fórma um dos monumentos mais preciosos da historia romana. O estylo de Cassio é na verdade desegual e muito inferior ao de Polybio, que elle se havia proposto por modelo; falta-lhe ás vezes a crítica, e ainda mais a imparcialidade. Mas, a despeito d'estas faltas, Cassio é contado ainda no numero dos bons historiadores.

HERODIANO.

§. 110. No terceiro seculo de Chr. florescia *Herodiano* de Alexandria, ainda um discipulo fiel dos grandes historiadores da antiguidade. No retiro que succedeu a seus empregos honrosamente exercidos, escreveu, em 8 livros, uma *historia dos imperadores romanos*, desde a morte de Marco Aurelio até o reinado de Gordiano o *moço*, i. é, a historia d'um periodo cujos acontecimentos elle mesmo havia presenciado. Faz-se recommendavel assim pela sua singeleza e veracidade, como pela clareza da narração e pela elegancia do estylo; tal, que apenas se podia esperar d'um escriptor d'este periodo. Está porêm mui longe de ter a nervosa e pittoresca energia de Thucydides que havia tomado por modelo.

EUSEBIO, etc.

§. 111. Depois de Constantino (§. 59) a historia encontra poucos interpretes dignos de serem citados. Nam deixaremos todavia em silencio *Eusebio*, bispo de Cesarêa na Palestina, o qual compoz varias obras historicas. As mais notaveis são a *Historia ecclesiastica*, em dez livros, desde o nascimento de Christo até á derrota de Licinio por Constantino; e uma *Chronica* em dois livros, que contêm muitos factos curiosos. *Zosimo*, que pertence ao V seculo da nossa éra, é tambem ainda um escriptor nam sem interesse; e a sua *Historia de Roma* até ao anno 410 do imperio é um resumo curioso e rapido, escripto por um homem superior. Depois d'estes, a historiographia grega vai cada vez mais descaíndo; e a enumeração dos historiadores bysantinos levar-nos-hia mui longe com pouco proveito litterario.

SEGUNDA PARTE.

LITTERATURA ROMANA.

Orabunt (alii) *causas melius, coelique meatus*
Describent radio, et surgentia sidera dicent :
Tu regere imperio populos, romane, memento.
VIRGILIO, *Aen.* 6, v. 849.

§. 112. Longo tempo havia que a Grecia cultivava as artes, e Roma se achava ainda submergida na mais grosseira ignorancia. As musas nàm tiveram incantos para com ferozos vencedores, em quanto estes se occuparam em extender ao longe suas conquistas. Mas, quando Athenas se submetteu ao seu dominio, as relações frequentes com os philosophos d'este paiz, a chegada de muitos d'elles á Italia, e as lições d'eloquencia que os rhetoricos começaram a dar á mocidade; tudo contribuiu a dirigir para a litteratura o gosto do povo romano. Foi-lhe porêm vedada a carreira da *originalidade*. Recolhendo idêas já formadas, que mestres habeis depositaram em seu espiritu, os romanos só poderam reproduzir sob novas fórmas os modelos offerecidos á sua admiração. Assim que a litteratura latina deve sómente olhar-se como uma brilhante cópia da dos gregos.

POESIA.

§. 113. Nos primeiros cinco seculos de Roma,

pelos trabalhos da guerra e da agricultura, nam podiam os romanos possuir litteratura alguma. Além d'isto, a falta de monumentos pertencentes a esta epocha, os primeiros dos quaes se sabe que pereceram no incendio da cidade pelos gallos, nam nos permitte o apreciar exactamente a influencia que as relações com os etruscos e com outros povos vencidos podiam exercer sôbre a civilização romana Podemos porêm julgar quanto a lingua era entâm grosseira e informe, nam só pelo testimunho de Cicero, Livio, Quinctiliano e outros, para quem os poucos fragmentos, que restavam, eram já quasi inintelligiveis; mas tambem por algumas reliquias de leis, salvas do naufragio geral, e particularmente das leis das Doze Tábuas. Assignalaremos aqui todavia os primeiros rudimentos, posto que tenues sejam: e, começando pela historia da poesia, ad ividiremos em cinco periodos, que são com pouca differença os mesmos que os de toda a litteratura latina.

PRIMEIRO PERIODO,

ENSAIOS POETICOS.

Desde a fundação de Roma até ao fim da primeira guerra punica (513) de Rom., 241 ant. de Chr.).

§. 114. Sob os reis foi Roma fundada, povoada e engrandecida: a quéda de Alba lhe dá a preeminencia sôbre a confederação dos latinos: e torna-se entam a capital d'uma numerosa e valente popula-

ção. Por via de Tarquinio *o antigo* adquire influencia sôbre a poderosa confederação dos etruscos. Depois (an. de R. 244), por effeito d'uma lucta interna entre o rei, os nobres e o povo, Roma se converte 'numa républica aristocratica; e, desde essa epocha até alêm de duzentos annos, com seus fracos recursos, mas com esforços inauditos, entretem contínuas guerras com muitos povos italicos, os sabinos, os latinos, os hernicos, os volscos, e os equos. Salva, por Camillo, do jugo dos gallos, soffre a rebellião dos latinos que de novo subjuga inteiramente. A guerra com os samnites lhe aplaina o caminho para a completa conquista de toda a Italia; e, fortificada assim por estes exercicios preparatorios, Roma (no anno 490 de sua fundação) começa sua lucta contra Carthago; e, pela batalha nas ilhas Egatas, fórça sua rival á paz e ao abandono da Sicilia.

CANTOS LYRICOS, DRAMATICOS E EPICOS.

§. 115. 'Neste periodo, pois, nam temos ainda que citar escriptor algum. E, pelo que respeita á poesia, apenas nos chegou uma noticia obscura d'alguns ensaios poeticos, informes e grosseiros no plano, na lingua e no metro: estes foram *cantos lyricos*, *peças dramaticas* e *epopêas historicas*. Á primeira classe pertencem os *hymnos religiosos dos salios* (axamenta), e os *cantos convivaes*, em que os romanos celebravam ás acções de seus antepassados. Á segunda se referem as *poesias fescenninas* (certos improvisos comico-satyricos), assim denominadas de Fescennia, cidade da Etruria, onde este genero havia tido nascimento; e as *atellanas*, peças jocosas

e picantes, originarias de Atella no paiz dos oscos. Collocam-se emfim na terceira classe essas *epopêas romanas* que continham a narração dos feitos dos antepassados com mistura de fabulas e acontecimentos maravilhosos. Os cantos lyricos dos salios as poesias fescenninas e as atellanas eram de origem extrangeira ; mas os cantos convivaes e as epopêas pareciam ser propriedade dos romanos. Infelizmente esta poesia nacional, antes que chegasse ao seu inteiro desinvolvimento, foi completamente expellida pela introducção da poesia grega.

SEGUNDO PERIODO,

PROGRESSO.

Desde o fim da primeira guerra punica até á morte de Sylla (676 de Roma, 78 ant. de Chr.).

§. 116. Dopois da primeira guerra punica, os romanos proseguem suas conquistas; e em 536 de Rom. começam com os carthaginezes a segunda guerra em que ambas as potencias disputam sôbre o dominio do universo. A batalha de Zama, em 553 de Rom., decidiu em favor dos romanos, assegurou-lhes a soberania do Mediterraneo e de muitos paizes consideraveis, e preparou as victorias brilhantes, que elles em breve alcançaram sôbre Philippe, sôbre Antiocho, e emfim sôbre Perseu. Carthago e Corintho succumbem no mesmo anno; a Macedonia, a Grecia e a Asia menor, são successivamente subjugadas pelos romanos. Seu imperio é entam limitado d'uma

parte pelas columnas d'Hercules, d'outra pelo monte Tauro. Mas estes mesmos progressos, tam rapidos como brilhantes no exterior, exerceram no interior de Roma uma influencia funesta. O poder, quasi sem limites, do senado havia constituido uma *aristocracia de familias,* contra a qual os tribunos do povo, á testa do partido democratico, se levantaram em luctas sempre renascentes; até que alfim em 666 de Rom. se accendeu a primeira guerra civil.

§. 117. Foi este o periodo em que os romanos, recebendo o luxo dos extrangeiros, conheceram ao mesmo tempo a litteratura e as artes da Grecia. Mas que acolhimento podiam achar em Roma a litteratura e as artes? Estavam acaso já os romanos preparados para recebel-as? Ellas foram, em vez d'estimulos do patriotismo, servís instrumentos do luxo; e a actividade litteraria, por isso que se nam unia estreitamente aos interesses nacionaes, nam foi aos olhos dos romanos, para quem a patria era tudo, mais que inacção e ocio. Todavia o amor d'uma cultura intellectual mais elevada se despertou em muitos; e a litteratura grega achou até mesmo entre os grandes, como em Scipião Emiliano, C. Lelio e outros, zelosos protectores. Assim começa a cultivar-se o genio romano sob a disciplina grega: e, quanto á poesia, assignalam este periodo os progressos nos poemas dramatico e didactico, o começo da satyra, e as tentativas da epopêa.

GEN. DRAMATICO

§. 118. Os jogos scenicos foram introduzidos em Roma, 'nessa cidade de guerreiros, que d'antes

gostava só dos combates do circo, por occasião d'uma peste que no anno 389 de sua fundação a veiu desolar. Vendo que nam aproveitavam os meios conhecidos, nem as ceremonias religiosas até alli usadas, os romanos fizeram vir, para applacar os deuses, actores etruscos, que dançavam ao som da flauta. Mas estas peças informes nam tinham ainda acção propriamente dicta. *Livio Andronico*, um grego de Tarento, prisioneiro dos romanos, foi o primeiro que deu ás peças theatraes a natureza e a fórma do *drama*, no an. de Rom. 514. E desde entam achou a poesia dramatica melhor acolhimento em Roma, sem que todavia podesse alli florescer jámais, como florecêra na Grecia.

TRAGEDIA

ANDRONICO, etc.

§. 119. Poeta e actor, *Livio Andronico* §. antec) foi quem representou em Roma a primeira tragedia. Das peças que elle havia traduzido do grego em um latim aspero e grosseiro, que apenas se intendia no tempo de Cicero, se contam dezenove. conhecidas sómente por seus titulos (*). *Cn. Nevio* da Campania, formado pelo estudo da litteratura grega, escreveu tambem tragedias, de que se conservaram onze titulos. Os poetas porém que se destinguiram por uma imitação mais livre foram *Marco Pacuvio* de Brindes, sobrinho d'Ennio, e *L. Attio* de Roma. Ambos

(*) *Ennio* (§. 126) tinha egualmente traduzido algumas tragedias gregas, entre as quaes se citam a *Hecuba* e a *Medêa* d'Euripides.

porém se distinguiram mais pela fôrça da expressão e dos pensamentos, do que pela arte propriamente dicta; como conhecemos, nam tanto pelos poucos fragmentos que nos restam, quanto pelos juizos dos criticos romanos que depois d'elles vieram. (Vej. Cic. *Brut.* 18, — Hor. *Epist.* II, 1, Sueton. *de illustr. grammat.* X, 1, — Quinctil. X. 1).

COMEDIA

NEVIO, etc.

§. 120. A comedia havia tambem sido inaugurada em Roma por *Livio Andronico* que introduzíra a tragedia; mas elle se contentou com traduzir algumas comedias gregas. *Ennio* parece haver egualmente traduzido tres. O primeiro porém dos comicos romanos que tentou transportar ao theatro de Roma a *antiga comedia* grega foi *Cn. Nevio* (§. antec.). Ousou elle, por satyras pessoaes, attacar Metello, Scipião o Africano e outros. Mas o espiritu aristocratico dos romanos suspendeu a audacia do poeta; a lei das Doze Tábuas prohibia toda a zombaria d'esta natureza. Esta tentativa *aristophanica* (§. 43) foi promptamente reprimida; e Nevio expiou sua ousadia pela prisão e desterro, e morreu em Utica no an. de Rom. 550. A *nova comedia* grega foi imitada com mais felicidade pelos poetas seguintes.

PLAUTO

§. 121. Toda a glória da comedia latina está em Plauto e Terencio, que deixaram em suas imita-

ções da comedia grega modelos que o theatro moderno tem muitas vezes reproduzido. *M. Attio Plauto* de Sarsina em Ombria (527 — 570 de Rom.) floreceu durante a segunda guerra punica, e por conseguinte na aurora da poesia latina. Seu talento comico lhe deu o gosto do theatro; e 'neste mister ganhou algum dinheiro, que perdeu em especulações commerciaes. Reduzido por algum tempo a rodar a mó em casa d'um moleiro, esta miseravel condição nam o embaraçou de trabalhar para o theatro. Plauto havia composto um grande numero de comedias; no tempo d'Aulo Gellio se contavam 130 peças attribuidas áquelle poeta; d'este numero restam 20, que Varrão reconhece pertencerem-lhe, e entre as quaes se tornam mais recommendaveis pela moralidade e execução — os *Captivos*, o *Epidico*, o *Rudens*, o *Sticho*, o *Amphitrion*, o *Trinummo*. Ainda que imitador, Plauto mostra um genio feliz na invenção, nas graças e na expressão nervosa; e nos offerece um quadro fiel das classes inferiores da sociedade romana; quadro que manifesta a sua predilecção pelo baixo comico. Seu estylo porêm é muito desegual; e a versificação nam apparece ainda perfeitamente regulada.

TERENCIO

§. 122. O africano *Publ. Terencio*, nascido em Garthago no an. de R. 562, ao principio escravo, veiu depois a ser amigo de Scipião e de Lelio que o ajudaram, segundo se diz, na composição de suas comedias. Temos d'elle 6 peças: — *Andria, Eunuches*, *Heautontimoroumenos*, *Adelphi*, *Phormio*, *Hecyra*. — Todas são imitações livres dos gregos, e

principalmente de Menandro. Terencio nam tem, é verdade, a invenção, o sal e a força comica de Plauto; mas possue mais simplicidade, verisimilhança d'enredo, um tacto fino em conservar a decencia, e emfim facilidade e elegancia d'estylo. A sua versificação é tambem já muito mais apurada, restringindo-se mais estreitamente aos rhythmos particulares ao drama. Mas, com todas estas qualidades, Terencio nam era cognominado por Cezar senam um *meio-Menandro*, — dimidiate Menander. —

CECILIO STACIO.

§. 123. Outro comico que goza tambem de grande reputação é *Cecilio Stacio* da Gallia cisalpina, o qual florescia pelos annos 177 ant. de Chr. Só restam porêm os titulos e alguns fragmentos de 45 comedias de que elle foi auctor. Todavia imitou os gregos mui superficialmente, e sem reproduzir suas bellezas.

As peças dos poetas que acabámos de citar apresentavam pela maior parte a pintura dos costumes gregos. Depois tomou a comedia um character mais nacional, procurando seus modelos na sociedade romana; e assim, denominando-se d'antes *palliata*, passou a ter o nome de *togata*. Teve esta por principaes interpretes — *Titinio*, *Quinctio Atta* e *Lucio Afranio*;—os quaes sómente conhecemos pela menção que d'elles faz Horacio, e pelos elogios que lhes dá Quinctiliano.

ATELLANAS.

L. POMPONIO, etc.

§. 124. Quando o gôsto frivolo e fastuoso dos ultimos annos da républica suspendeu o vôo da comedia, tornaram a apparecer as atellanas (§. 115). Muitos poetas se exercitaram 'néstes pequenos dramas, genero medio entre a tragedia e a comedia; e compunham estas farças para serem representadas só pelos moços da classe livre. Tendo tido o seu principio nas orgias, depois de introduzido o drama regular, as atellanas, reunidas aos antigos dialogos fescenninos, ficaram servindo d'entremedios ou remates das peças mais sérias. Os poetas que por ellas adquiriram nome foram *Fabio Dosseno*, *Q. Novio*, e sôbre tudo *L. Pomponio Bononiense.*

GEN. EPICO.

§. 125. Os romanos foram mais felizes na poesia epica; sendo que sua propria historia lhes offerecia uma fecunda mina de assumptos nacionaes, assumptos heroicos de si mesmos. Todavia em todas as composições epicas dos romanos se manifesta uma intenção que lhes é propria, mas que a arte nam favorece, de prestar ao assumpto o character do grandioso e do sublime; o que faz que o tom e espiritu das epopêas romanas seja mais declamatorio que poetico. Mas os poemas heroicos d'este periodo deixaram poucos vestigios. Aqui tornamos a encontrar 'neste genero alguns dos nomes já illustrados pella tragedia e comedia. *Livio Andronico* (§.

118) traduziu a Odyssêa em versos latinos, mas sem uniformidade de metro. *Nevio* (§. 119) compoz no metro saturnino a narração heroica da primeira guerra punica. A estes porêm sobrepujou

ENNIO.

§. 126. *Quinto Ennio* de Rudias na Calabria (515—585 de R.) é que se deve considerar como o páe da poesia epica, ou antes da poesia latina em geral; porque foi o primeiro que aperfeiçoou a lingua ainda grosseira e a versificação ainda nam subjeita a regras fixas. Catão o *censor* o conheceu na Sardenha, foi seu discipulo, e o levou comsigo para Roma, onde elle se conciliou em breve a amizade dos maiores personagens. Possuindo conhecimentos muito amplos na litteratura grega, Ennio era ao mesmo tempo assás profundamente versado na lingua dos oscos e dos latinos; o que o habilitou para exercer uma grande influencia sôbre a cultura litteraria d'estes ultimos. Regulou a prosodia latina, e introduziu o uso do hexametro. Homem d'um genio poderoso, e cheio d'um vivo enthusiasmo pela poesia romana, ensaiou-se em quasi todos os generos, mas principalmente na epopêa. Alêm d'um poema epico, intitulado *Scipio*, em versos trochaicos, escreveu, em hexametros, os seus *Annaes*, epopêa historica, que, remontando-se ao berço de Roma, chega até ao tempo do poeta. Os fragmentos que restam d'Ennio, comquanto annunciem a falta de gosto e correcção do seu seculo, attestam comtudo uma composição energica; e o mesmo cantor d'Enêas se nam dedignou de tomar d'elle alguns versos.

SATYRA.

LUCILIO, etc.

§. 127. Ao mesmo *Ennio* se attribue a invenção da *satyra*, especie de poesia que, segundo o testimunho dos grammaticos Festo e Diomedes, nam tinha precisamente unidade em seus assumptos, e era escripta em versos de varios metros. Differia, por um lado, do drama satyrico dos gregos (§. 41) e das atellanas romanas (§. 124), por sua fórma, que era descriptiva e didactica; por outro, distinguia-se tambem dos sillos gregos (§. 50), por seu assumpto e por seu fim, que era principalmente corrigir e melhorar os costumes. Estas differenças bastam para confirmar a opinião de Quinctiliano que assenta em ser a satyra de origem romana:—*Satyra tota nostra est;*—assim como o parecer dos que attribuem a Ennio a invenção d'um genero de poesia particular aos romanos. *Pacuvio* pisou a mesma senda, e foi seguido de *C. Lucilio* que excedeu seus antecessores. Este poeta, nascido em Suessa na Campania, 130 an. ant. de Chr., escreveu trinta livros de satyras, de que restam alguns fragmentos. A despeito da falta de correcção, a satyra de Lucilio se distingue por uma força e audacia toda romana, e por um amor, quasi fanatico, da verdade. Horacio, tam severo a respeito dos poetas que o antecederam, mistura algum elogio com as censuras que dirige a Lucilio; dizendo:

— *Quum flueret lutulentus, erat quod tollere velles.*

GEN. DIDACTICO.

LUCRECIO.

§. 128. Na poesia didactica, egualmente introduzida em Roma por Ennio, offerece este periodo uma obra prima. *Tito Lucrecio Caro* (95—51 ant. de Chr.), cavalleiro romano, tendo abraçado com enthusiasmo a philosophia d'Epicuro, a desinvolveu 'num poema didactico, intitulado —*da natureza das cousas*—, em seis livros. Essa philosophia materialista, que supprime os temores e as esperanças d'outra vida, lhe parecia a condição da felicidade do homem sôbre a terra. Mas a infeliz escolha do assumpto nam podia deixar de suspender o vôo de seu genio admiravel. Como podia Lucrecio animar de vida poetica um systema que anniquila toda a crença, e que géla no coração humano os sentimentos mais elevados? Por isso é Lucrecio mais um philosopho do que um poeta. Sua linguagem é cheia d'archaísmos, dura e rude, mas d'uma latinidade pura, forte e energica; e sua versificação mais apurada que a dos poetas precedentes. Lucrecio faz a transição para o periodo aureo da litteratura latina.

TERCEIRO PERIODO,

ESPLENDOR.

Desde a morte de Sylla até á morte de Augusto (14 dep. de Chr.).

§. 129. Tornada dominadora do mundo, embriagada do sangue das nações, Roma começa a voltar seu furor contra suas proprias entranhas. Depois dos Gracchos, sempre e sem fructu ensanguentada, havia-se ella habituado a ver correr o sangue dos cidadãos. A guerra social, assignalada por tanto sangue e tanta perfidia, nam era senam o preludio das scenas terriveis de que Roma ía em breve a ser theatro. A Italia é assolada, e suas florescentes cidades destruidas: os campos são de novo regados pelo sangue dos cidadãos; e o que poupou a guerra o furor das proscripções o extinguiu. Depois de Sylla a républica estava anniquilada de facto; a fórma só e o nome restavam ainda. A oligarchia oppressiva dos triumviros, Pompeo, Crasso e Cesar, nam podia ser de longa duração. A morte de Crasso na guerra contra os parthos foi para os dois chefes restantes o signal da guerra civil. A batalha de Pharsalia decidiu em favor de Cesar. Mas o antigo espiritu républicano vivia ainda em algumas almas, e o grande Cesar cái traspassado pelos punhaes dos conjurados. Novas guerras civís se seguiram d'um segundo triumvirato. Antonio, Lepido e Octavio, se ligaram para acabar com o partido républicano; a batalha de Philippes os conduziu ao seu fim. Depois d'onze annos de

lucta entre os novos oligarchas, Octavio, pela batalha de Accio, ficou o unico senhor da républica. — Aqui começa uma nova ordem de cousas. A paz, ha tanto tempo desejada, torna, e com ella o repouso e a ordem.

§. 130. Em quanto a républica romana marcha rapidamente á sua dissolução; em quanto, sob a monarchia de Augusto, brilha o *seculo d'ouro* da litteratura latina, lancemos os olhos sôbre essa multidão d'escriptores que surgem, e sôbre a causa d'este subito desinvolvimento. A influencia das idêas gregas continúa a fazer-se sentir, e por ventura mais forte que nunca. Os sabios gregos affluem de todas as partes a Roma, introduzem sua linguagem na sociedade culta, e fazem penetrar com ella no espiritu dos primeiros personagens de Roma sua maneira de pensar e seu gôsto. Se pois os gregos, que haviam dado á litteratura romana sua direcção primeira, continuam a exercer sôbre ella a mesma acção, nam é de admirar que esta litteratura, na epocha mesma do seu maior esplendor, nam seja mais que uma imitação, um reflexo da litteratura grega. 'Nesta epocha muitas bibliothecas públicas foram fundadas pelo zelo dos primeiros homens do estado, — C. Asinio Pollion, Julio Cesar, Octaviano Augusto; — e se formaram tambem sociedades litterarias, onde cada um lia publicamente suas producções. D'est'arte, com os outros ramos da bella litteratura, floresce a poesia.

MIMOS.

DEC. LABERIO, etc.

§. 131. Os *mimos* romanos offereciam, como os gregos (§. 46), uma pintura fiel dos characteres da vida commum; havia, parece, a differença de que os romanos eram representados, e por conseguinte mais dramaticos pelo comico do gesto e da dicção, em quanto os gregos, destinados a serem lidos, eram compostos com muito mais arte. Excitar o riso, tal foi constantemente entre os romanos o fim principal dos auctores de mimos, que todavia nam perdiam occasião de dizer a verdade rindo-se. No tempo de Augusto a mimica tinha chegado a tal grau de perfeição, que o gesto era o unico meio d'expressão que se empregava. Os dois mais famosos pantomimos d'esta epocha foram Pylado e Bathyllo, aquelle no genero tragico, este na pantomima comica. Quanto aos mimographos, citam-se *Cn. Mattio*, que escreveu mimiambos, i. é, mimos em versos jambicos, e se distinguiu pela creação ingenhosa d'uma multidão de palavras novas, segundo nos refere Aul. Gellio, *Noct. Attic.* XX, 9, XV, 25—; e os dois seguintes, que os antigos reputaram superiores áquelle, — *Decimo Laberio,* cavalleiro romano, que J. Cesar forçou a subir, na edade de sessenta annos, ao theatro, — e *Publ. Syro*, contemporaneo do antecedente, e célebre pelas sentenças moraes com que temperava a licença das scenas mimicas.

DRAMA REGULAR.

L. VARIO, etc.

§. 132. O drama regular foi mais raramente cultivado 'neste periodo; e é mesmo incerto se as duas tragedias tam celebradas, que produziu o seculo de Augusto, o *Thyestes* de *L. Vario*, que Quinctiliano eguala a qualquer dos tragicos gregos, e a *Medêa* de *Ovidio*, foram realmente representadas sôbre o theatro, ou se eram simplesmente exercicios d'eschola. Além de Vario e Ovidio, cita-se tambem como poeta tragico *C. Asinio Pollion.* (Vej. Virgil. *Eclog.* 8.ª e Horac. *Satyr.* 1.ª e *Od.* II, 1.)

GEN. EPICO.

§. 133. As traducções livres de poetas epicos gregos, junctas ao estudo dos poetas alexandrinos (§§. 48 e 52), deram á epopêa romana, com uma lingua poetica mais correcta, mais arte e regularidade. O mimographo *Cn. Mattio* (§. 131) traduziu a Iliada: e seu contemporaneo *Varrão* de Atace na Gallia traduziu Apollonio de Rhodes, Arato, etc.; e, segundo Quinctiliano, se fez conhecido por muitos poemas epicos e descriptivos. Mas a sua gloria assim como a dos outros epicos romanos, foi inteiramente eclipsada por

VIRGILIO.

§. 134. *P. Virgilio Maro*, nascido em Andes, aldêa juncto a Mantua (d'onde os seus diversos

cognomes, — Mantuano, Andino, Minciades —), no an. de Rom. 684 ant. de Chr. 70, é o principe dos epicos latinos. Quando, depois da batalha de Philippes, os veteranos dos triumviros receberam, em recompensa de seus serviços, muitas terras na Italia, Virgilio obteve de Mecenas, pela recommendação de Asinio Pollion, que se lhe deixassem as suas. Viveu depois sob a protecção de Augusto, sem tomar parte alguma nos negocios publicos, votado só ás musas, e habitando alternativamente em Roma, nas suas terras e em Napoles. No derradeiro quartel de sua vida emprehendeu uma viagem á Grecia, onde queria dar a última demão á sua *Eneida;* cedendo porêm ás instancias de Augusto que o chamava, se resolveu a voltar, e no caminho morreu, de edade de 51 annos, segundo uns em Brindes, segundo outros em Tarento. — A *Eneida*, em 12 cantos, cujo assumpto é o *estabelecimento d'Enêas na Italia*, é um d'esses monumentos eternos que nam cançam a admiração. 'Nella, ao abrir-se, reconhece-se logo a elegancia e o gôsto do bello seculo de Augusto. É verdade que, no interesse da acção, na pintura dos characteres, na simplicidade, na força e na invenção, Virgilio está abaixo de Homero; o seu mesmo heróe parece carecer de força propria, nam sendo, em toda a parte, senam o *pius Aeneas*. Todavia a belleza continuada do estylo, o incanto das descripções, o interesse dos episodios, e o desenho do character de Turno e Dido, dão um logar distincto a este poema, que Virgilio quiz sinceramente roubar á posteridade. Entre as partes episodicas que mais incantam se devem contar — a *tomada de Troia* no se-

gundo canto, — o *amor de Dido* no quarto,—o *reino das sombras* no sexto, e outras. Porêm o maior merito de Virgilio é o ter elevado á perfeição a lingua poetica entre os romanos e o verso hexametro. Sua lingua é cheia de clareza e dignidade; seus versos cheios de harmonia e majestosos. Das suas *Georgicas* falaremos no §. 139; das *Bucolicas* no §. 147.

POEM. NARRATIVOS E DESCRIPTIVOS.

CATULLO.— OVIDIO.

§. 135. No poema narrativo e descriptivo se distinguem estes dois. *Catullo*, nascido em 668 de R. juncto a Verona, foi contemporaneo de Cesar e amigo de Cicero; e, alêm d'outros poemas em varios generos (§. 137), cantou as *Nupcias de Thetis e Peleu*, em que descreve a paixão de Ariadna com uma verdade e energia que o cantor de Dido nam excedeu.— Porêm mais distincto 'neste genero foi *P. Ovidio Naso* de Sulmona, cidade dos pelignos, nascido em 44 ant. de Chr. Enviado cêdo a Roma, alli recebeu uma excellente educação que aperfeiçoou pelas viagens á Grecia e Asia. Nascido para a poesia, desprezou os negocios públicos, e sacrificou ás musas as esperanças do brilhante porvir que lhe permittia seu distincto nascimento e sua consideravel fortuna. Augusto, por uma severidade cuja causa é ainda um mysterio, o desterrou para a extremidade do Ponto Euxino, onde até á morte chorou sua desgraça. O character poético de Ovidio é a riqueza do genio, uma imaginação fecunda e um espiritu cheio de vivacidade. Compoz varios

poemas, que tocaremos em seus competentes logares: quanto ao genero narrativo que 'neste momento nos occupa, a elle pertencem os 15 livros das *Metamorphoses* e os 6 dos *Fastos*, obra que seu desterro o embaraçou de acabar. — As *metamorphoses* são varios quadros, reduzidos a um todo harmonico, desde o desinvolvimento do cháos até á morte de J. Cesar: estas fabulas e partes heterogeneas soube Ovidio ligar por um laço ligeiro e flexivel, e aformoseal-as ingenhosamente. Serviu-se da mythologia para ornar, com um luxo prodigo de côres, a pintura das paixões, cujo perigoso imperio celebrava.— Classificam-se tambem entre os poemas narrativos, ainda que em fórma elegiaca, os seus *Fastos*, em que expõi e descreve desde a sua origem as ceremonias das festas romanas. Este poema, cuja dicção é mais simples e natural que a das metamorphoses, é uma fonte preciosa para o conhecimento das antigas religiões italicas.

GEN. LYRICO.

§. 136. Entre os gregos a poesia lyrica (§§. 15 e 29) havia nascido de si mesma e sem esforço, como uma filha da natureza. Juncto dos altares, onde fumavam os sacrificios; na liça, onde se celebravam as luctas solemnes; nas ceremonias públicas e privadas; em toda a parte, apparecia ella acompanhada de musica e cercada de brilho. Assim se desinvolveu ella rapidamente, e sob fórmas as mais variadas. Em Roma, pelo contrario, nam achou, nem na organização moral, nem na constituição politica, o poncto de apoio que lhe era mister.

Os sentimentos ternos e delicados nam podiam nascer, nem a imaginação tomar um livre vôo, no romano indurecido, ao lado de sua inclinação para o positivo, de sua actividade toda politica e militar, e, mais tarde, no meio da molleza asiatica. Por isso é que poucos romanos se vêm brilhar no genero lyrico; e esses mesmos, devendo muito aos gregos, nam tocaram o grau da sua sensibilidade, delicadeza e harmonia.

CATULLO, etc.

§. 137. Os mais notaveis entre os lyricos romanos são — *C. Licinio Calvo*, de que só existem reliquias, *C. Valerio Catullo*, e *Horacio* sôbre todos. *Catullo*, de quem já fizemos menção (§. 135), escreveu poemas narrativos e lyricos, elegias e epigrammas; entre as quaes poesias as do genero narrativo e elegiaco, geralmente mais extensas que as outras, são em parte traducções, em parte imitações dos gregos: as menos extensas são obras suas, e pertencem umas á especie natural e facil da *canção*, outras á da *satyra*. As suas canções são ligeiros brincos, jogos d'espiritu, que nam carecem d'uma certa delicadeza de sentimento, e que sob esta relação, depuradas por uma escolha severa, podem servir a formar o gôsto da mocidade.

HORACIO.

§. 138. O maior lyrico romano é *Q. Horacio Flacco* (56—8 ant. de Chr.), natural de Venusa na Apulia. Recebeu em Roma, debaixo das vistas de

seu páe, uma desvelada educação, que foi aperfeiçoar na Grecia. Havendo-se involvido nas perturbações civís, e servido no exercito de Bruto na qualidade de tribuno militar; depois da batalha de Philippes voltou á Italia, onde achou seu pequeno patrimonio confiscado. Apresentado porêm a Mecenas, por intervenção de Virgilio e Vario, foi, ao cabo de nove annos de provas, admittido alfim á sua graça, e d'elle recebeu uma quinta, nam longe de Tibur, onde, quando nam estava com Mecenas e na côrte de Augusto, passava seus dias. Foi um eminente poeta didactico, satyrico e lyrico; e 'neste último genero (dos outros falaremos logo) escreveu quatro livros de *odes* e um d'*epodos*, que representam sob todas as faces a poesia lyrica desde o *hymno* até á *canção*. Jámais será assás louvado esse genio tam puro, tam variado, tam poderoso, que feriu todas as chordas da lyra. Que majestade e que graça! que fôrça e que delicadeza! Todos os tons são naturaes a Horacio, ou elle nos introduza no conselho dos deuses, para alli recolher os oraculos que annunciam a grandeza de Roma; ou no senado romano, para offerecer a nossos olhos o sacrificio de Regulo. Se deplora a quéda das crenças, figura-se-nos ouvir um sacerdote inspirado; se celebra as victorias d'um heróe, remonta-se com vôo d'aguia ás altas regiões da poesia; toma a vóz dos oraculos para ameaçar o perfido roubador d'Helena. Depois, deixando estas alturas, com que graça reconcilia dois amantes! que tocante sympathia, quando consola, por sua propria dôr, a dôr d'um amigo! Já nos parece Pindaro, já Sapho, já Anacreonte, e sempre é Horacio. Seus bellos senti-

mentos emfim apparecem revestidos d'uma expressão sempre correcta e pura, sempre brilhante e polida.

GEN. DIDACTICO.

VIRGILIO, HORACIO, OVIDIO, etc.

§. 139. Muitos poetas cultivaram o genero didactico; citaremos porêm sómente os principaes. Aqui apparece outra vez *Virgilio* (§. 134) com as suas *Georgicas* em quatro livros, que versam sôbre a agricultura, plantação das arvores, cuidado dos rebanhos e creação das abelhas. É este um poema admiravel no plano, ordem e execução; e, quanto á linguagem e versificação, é sem dúvida o mais perfeito que os romanos possuiram. Na sua composição Virgilio teve em vista dois fins, o de instruir e o de agradar simultaneamente. Esta duplicada intenção se manifesta, nam só nos muitos e bellos episodios, senam tambem em toda a parte didactica do poema. —Pertencem ao mesmo genero algumas das epistolas de Horacio (§. antec.), e nomeadamente a *Epistola aos Pisões*, a qual, pelas lições e conselhos, é ao mesmo tempo didactica e satyrica, e um precioso thesouro de crítica litteraria.—Dos poemas de Ovidio (§. 135) tambem muitos são didacticos; taes são — a *Arte de amar*, em tres livros, escripta em versos elegiacos; quadro fiel dos costumes do tempo; os *Remedios do amor,* obra de menor preço que a antecedente; os *Meios de conservar a belleza;* e, se é que lhe pertencem, os *Halieuticos* ou poema sôbre a *pesca.* — Citam-se ainda 'neste periodo — *Emilio Macro*, auctor de

dois poemas didacticos, que se perderam, um *sôbre as aves*, outro *sôbre as serpentes;* — *M. Manilio*, que poetizou sôbre *astronomia;* — e outros.

SATYRA.

VARRÃO, etc.

§. 140. O character indeterminado da satyra latina, nas epochas anteriores, deixou aos poetas que vieram mais tarde a liberdade de a modificar de muitas maneiras. Menippe, philosopho grego da seita dos cynicos, inventor da especie de satyra que ao depois se chamou de seu nome *satyra menippêa*, foi o modelo de *M. Terencio Varrão* (116—27 ant. de Chr.). Este célebre polygrapho, partidario de Pompeu, alcançando o perdão de Cesar, foi por este encarregado d'estabelecer em Roma uma bibliotheca pública. Escreveu com muita erudição *satyras menippêas,* nas quaes se permittia o empregar alternativamente a prosa e o verso, a lingua grega e a latina. Mas os fragmentos que restam nam nos podem dar uma idêa adequada do plano nem do character d'estas composições. — A este genero se podem tambem referir as *Imprecações (Dirae)* de *Valerio Catão*, que, durante as proscripções de Sylla, tinha sido despojado de seus bens; e a *Ibis* de Ovidio, um pequeno poema em versos elegiacos, que contêm imprecações contra um amigo infiel.

HORACIO.

§. 141. Com *Horacio* porêm (§. 138) é que a

satyra ostenta seu mais vivo esplendor. Nas suas satyras nos inculca elle o principio fundamental da sua philosophia, que era a mediocridade; na qual, bem como na paz interior, faz consistir a fonte da ventura. Insina-nos, como conversando, a amar a virtude, a patria e as bellas artes, que são para nós um manancial inexhaurivel de nobres prazeres. Acham-se reunidas nas satyras de Horacio qualidades as mais amaveis; nobreza de sentimentos; delicadeza de tom; uma probidade inalteravel; um doce calor que parte do coração; e um profundo conhecimento dos homens. A negligencia visivel da versificação é de si mesma um effeito da arte, destinada a dar a estas *conversações* um ar de similhança com a linguagem da conversação ordinaria.

EPISTOLA.

HORACIO E OVIDIO.

§. 142. Parece pertencer de propriedade aos romanos a *epistola poetica*, da qual é ainda *Horacio* (§§. antec.) um excellente modelo. Suas cartas são livres communicações sôbre assumptos de philosophia práctica, escriptas com muita urbanidade e graça, e no mesmo espiritu que as satyras, de que só differem pela applicação de verdades geraes a uma pessoa determinada; e com effeito as relações pessoaes, sôbre que repousa a *epistola*, são precisamente o que constitue a sua essencia. — Nas composições d'esta especie collocam alguns tambem as *Cartas* de *Ovidio* (§. 135), *escriptas do Ponto*, em versos elegiacos; contêm ellas a pintura de sua posição no

desterro, com uma repetição contínua de suas presentes e passadas relações com Roma. Ovidio se extende em queixas pusillanimes, e nos faz ouvir por toda a parte os accentos d'uma languida desesperação: e o interesse que procura excitar é a cada instante suspendido por exemplos, imagens e comparações ociosas. Comtudo, a despeito da monotonia de seus eternos queixumes, estas cartas attestam a riqueza e flexibilidade do seu espiritu; e na variedade das idêas, na facilidade do estylo, e no mechanismo do verso, Ovidio a ninguem é inferior.

ELEGIA.

§. 143. A elegia, que nam quadrava á primitiva rudeza dos romanos, nam lançou entre elles raizes senam quando os costumes effeminados da Grecia, introduzidos em Roma, vieram amollecer o character nacional. E, com quanto ella fôsse ao depois o genero poetico que os romanos cultivaram com mais felicidade; era todavia imitação dos gregos, maiormente dos poetas alexandrinos, e, na sua essencia, erotica e queixosa. As elegias de *Catullo* (§. 137) nam são mais que traducções; em *Tibullo* é que a elegia romana começa a desinvolver-se e a ostentar seu esplendor.

TIBULLO.

§. 144. *Albio Tibullo*; cavalleiro romano, foi contemporaneo de Virgilio e Horacio. O character de Tibullo é o d'um homem dominado pelos sentimentos amorosos, e subjeito a todas as suas vicissi-

tudes, a todos os cuidados de que elles são a fonte. Todas as suas elegias têm o cunho da delicadeza, ternura e melancholia, e respiram em toda a parte esse incanto que só póde ser bem sentido pelo coração, e que é *intraduzivel* para aquelles que o nam lêm na sua propria lingua. Seu estylo é recommendavel pela naturalidade e verdade da expressão, assim como o é pela ternura dos sentimentos: seu hexametro é corrente e harmonioso; e seu pentametro, que quasi sempre termina por um jambo, é ainda mais perfeito. Mas as poesias de Tibullo foram cêdo perseguidas por uma sorte de fatalidade; as lacunas que as desfiguram nam são faceis de preencher, sendo que os mais antigos manuscriptos se acham egualmente corrompidos. Sob seu nome possuimos *quatro livros d'elegias;* mas a genuinidade do quarto tem sido contestada.

PROPERCIO.

§. 145. *Sexto Aurelio Propercio*, nascido em Ombria (52 ann. ant. de Chr.), contemporaneo e amigo de Ovidio, perdeu, como elle, seus bens nas perturbações civís. O gosto da poesia o fez renunciar cêdo ao estudo de direito; e seus versos lhe grangearam a poderosa protecção de Mecenas: desde essa epocha parece haver passado grande parte de sua vida em Roma. Tambem foi o amor o que o fez poeta, e lhe inspirou suas elegias; as quaes, assimilhando-se ás de Tibullo na materia, differem todavia na fórma e execução. Tibullo é mais terno; Propercio mais cheio de fogo. A paixão, em seus escriptos, é exprimida d'uma maneira quasi dramatica, com

todos seus combates, todas suas vicissitudes d'esperanças, temores e pezares. Seu estylo nam tem a pureza e doçura de Tibullo; tem mais arte, e algum tanto da aridez dos poetas alexandrinos; seus versos tambem nam têm a graça nem a corrente facilidade de Tibullo e Ovidio. Póde considerar-se como o páe da *heroide* romana ou da elegia em fórma epistolar, na qual personagens conhecidos dos tempos mythologicos ou historicos se communicam por carta seus sentimentos. Mas, para se confiar a leitura de Propercio á mocidade, é necessario fazer em suas elegias uma escolha severa, por se encontrarem 'nellas algumas descripções licenciosas que offendem a moral e a innocencia.

OVIDIO.

§. 146. Entre as obras de *Ovidio* (§. 135) muitas pertencem ao genero que nos occupa; taes são—*os tres livros dos amores*, ou 49 elegias amorosas, que têm o character d'uma sensualidade ingenhosa e refinada, e nos offerecem um quadro fiel de sua vida, toda consagrada aos amores e a Corinna. São de mais preço as suas 50 *elegias lagrimosas* ou as *Tristes* em 5 livros; dignas, sem duvida, de interessar, pelos sentimentos de doçura e rectidão, que brilham de mil maneiras no quadro da vida e das sensações do poeta; mas assás elevadas pelo adorno da expressão, e monotonas pela falta de força e profundeza, assim como pela ausencia completa de toda a belleza ideal. Ovidio, incançavel, chora incessantemente os males do seu desterro; mas o sentimente verdadeiro de sua posição real e presente nam lhe faz esquecer

suas ingenhosas antitheses.—Ao mesmo genero emfim pertencem tambem as suas *Heroides*, cartas ou monologos, em que personagens mythologicos, collocados nas situações mais graves de sua vida, manifestam os sentimentos de que sua alma está chêa. Estas elegias, postoque tambem apresentem os defeitos das outras obras de Ovidio, comprehendem todavia passagens excellentes; e, a despeito da uniformidade do assumpto principal, que é a dor d'uma separação, ou os tormentos d'um amor desgraçado, seu tom se eleva algumas vezes até á gravidade do genero tragico, de que revestem toda a força e todo o fogo.

GEN. BUCOLICO.

VIRGILIO.

§. 147. Entre os romanos, povo serio e práctico, a *poesia bucolica* ou *pastoril* nam foi jámais elevada, a despeito dos magnificos modelos que lhe offerecia a litteratura grega, a essa vida independente, livre e forte, que characteriza o *idyllio* grego. Aqui tornâmos a encontrar o terno Virgilio (§. 134), que, tam conhecido pelo seu amor da natureza e da vida campestre, foi entre elles o primeiro que, quanto nós o sabemos, tentou uma imitação das poesias pastorís de Theocrito. Mas as suas 10 *Eclogas* assimilham-se mais ás de Theocrito pela fórma que pela materia. Em logar de se conter no mundo pastoril, de pintar com côres individuaes assim a natureza inanimada como as pessoas que figuram, e de se conservar assim sempre nos limites do verdadeiro poema bucolico; Virgilio nam só *idealiza* a vida

pastoril, senam que, por suas frequentes allusões allegoricas aos acontecimentos politicos de seu tempo e ás particularidades de sua propria vida, sái muitas vezes inteiramente da natureza d'este genero de poesia. A linguagem do poeta romano é. sem dúvida, chêa d'elegancia e de nobreza; mas o que ella ganha em ornato poetico perde-o em se afastar da nobre e nativa singeleza do bucolico grego.

QUARTO PERIODO,

DECADENCIA.

Desde a morte de Augusto até ao reinado de Adriano (117 de Chr.).

§. 148. O esplendor da litteratura romana começa a obscurecer-se, logo que se amortece o sentimento da prosperidade, espalhada por todas as partes do imperio, e do doce repouso que succedêra aos furores da guerra civil. Sob o governo de *Augusto* os romanos viram extinguir-se entre si a ultima luz da liberdade republicana. O despotismo de *Tiberio*, tyranno sombrio e desconfiado; o de *Caligula*, louco terrivel, entregue ás mais furiosas extravagancias; o de *Claudio*, principe fraco; e emfim o do feroz *Nero*, suffocou em seu germe os grandes talentos que a natureza produzia ainda por intervallos. Distinguir-se por sua innocencia ou por sua coragem, era um crime d'alta traição; ninguem podia chegar á consideração e ás honras, senam pela lisonja a mais rasteira. Assim se extingue, ao mesmo tempo que as

artes e sciencias, o sentimento de tudo quanto é nobre e grande. Demais, os pretorianos começam a fazer sentir sua influencia sôbre a nomeação ao throno; em breve se tornam instrumentos de crueldade e de cubiça, e alguns procuram compral-os por presentes e privilegios. Depois d'algumas agitações, a paz sob *Vespasiano* (69 annos dep. de Chr.) renasce ainda em Roma. O senado recobra sua consideração; o gosto da guerra se reanima; o officio de delator cessa de ser um meio de lucro; a vigilancia do governo descobre, e a clemencia do principe confunde, os conspiradores. Mas infelizmente *Vespasiano* e seu filho *Tito*, cognominado as *delicias do genero humano*, reinaram mui pouco tempo, e porisso nam poderam dar a suas salutares reformas a solidez necessaria. Depois de *Domiciano*, que reinou pelo terror, o imperio obtem alfim sob *Nerva*, e mais ainda sob o grande, o nobre *Trajano*, uma constituição mais feliz.

§. 149. A influencia nociva d'esse governo de oppressão sôbre o estado das sciencias e das artes é sensivel. Embora se cultivasse a litteratura, e tomasse uma extensão tanto maior, quanto os limites em que se podia exercer sem receio a actividade humana se haviam estreitado mais; embora os mestres tivessem estima e fossem honrosamente recompensados; embora continuassem a animar-se as sociedades litterarias: o bom gosto dos seculos precedentes, o espiritu romano propriamente dicto, declinou visivelmente sob as influencias exteriores, e no meio da corrupção dos costumes que era cada dia maior. O desejo de attrahir o favor dos grandes deu nascimento ao gosto affectado, e ao de parecer em tudo

ingenhoso e novo. *Seneca* (o philosopho) foi quem mais contribuiu para esta corrupção com o seu estylo sentencioso e contrafeito. Assim, com os outros ramos das lettras, descái a poesia que quasi se reduz á arte da versificação.

DRAMA.

SENECA.

§. 150. Em quanto os mimos e pantomimos (§. 131) continuaram a ser o entretenimento do povo, tendo degenerado de modo que o seu objecto principal era a representação do obsceno, muitos escriptores se occupavam, ainda que isto nam fosse, ao que parece, mais que um exercicio d'eschola, em compor dramas regulares. D'este periodo porêm apenas nos chegaram as tragedias attribuidas ao declamador *M. Anneu Seneca* e a seu filho, o philosopho, *L. Anneu Seneca*, naturaes de Cordova. Aquelle vivia em Roma ainda no tempo de Augusto; insinou alli a eloqueneia, e para lá levou seu filho, ainda menino. Este, formado cêdo nas escholas dos rhetoricos e dos philosophos, veiu a ser depois mestre de Nero, que, elevado ao throno, lhe conferiu varios cargos públicos. Sería difficil o determinar exactamente a parte que elle tomou na conjuração de Pisão. Basta saber que Nero, por esta occasião, lhe enviou sua sentença de morte, deixando-lhe todavia a liberdade d'escolher o genero de supplicio. Seneca se fez abrir as vêas ; e, como o sangue nam corresse bastante, tomou veneno, no anno de Chr. 65. — As tragedias, attribuidas aos dois Senecas, nam são tra-

gedias compostas para o theatro; são simples exercicios oratorios em fórma dramatica, sem regularidade no plano, sem naturalidade nos characteres, sem acção nem sentimento. Brilham 'nellas, é verdade, profundas sentenças; mas estas fatigam o leitor, nam só por muito frequentes, senam porque nam nascem da situação individual dos personagens, mas apparecem collocadas na bôcca d'estes como maximas geraes, servindo de regra a suas acções. Em fim um estylo inchado, exaggerado e pouco natural, é o character da linguagem 'naquellas composições. São dez as tragedias — *Medêa, Hippolyto, as Troianas, Agamemnon, Edipo, Thyestes, Hercules furioso, Hercules no monte Oeta, a Thebaida, Octavia,*— das quaes só esta última tem assumpto nacional; o das outras é tirado da mythologia das tragedias gregas.

EPOPÊA.

LUCANO.

§. 151. Um homem de genio, roubado prematuramente á poesia, foi *M. Anneu Lucano* de Cordova (38—65 de Chr.). Vindo nos seus tenros annos para Roma, foi ao principio favorecido de Nero, depois, pela superioridade do seu talento poetico, tornando-se o objecto do odio d'este tyranno, veiu a ser uma das victimas da sua crueldade. Dos diversos poemas d'este joven, que morreu na edade de vinte e nove annos, só chegou á posteridade a *Pharsalia*, em 10 livros, infelizmente nam acabada, em que elle conta a historia da guerra civil entre Cesar e Pompeu até ao cerco de Alexandria. Esta obra, a falar

com propriedade, nam é uma epopêa, mas um poema heroico e philosophico, notavel pela força do estylo, pela elevação dos pensamentos, e pelo vigor dos characteres. O stoicismo que 'nelle domina prejudica á verdade das paixões; a ausencia forçada do maravilhoso deixa aos heróes as proporções humanas; e a serie de acontecimentos em differentes logares nam constitue uma verdadeira unidade. A pezar porém d'estes defeitos, a que póde accrescentar-se o d'um estylo empolado, e o do gosto declamatorio d'esta epocha, é ainda uma composição d'alta poesia.

SILIO ITALICO.

§. 152. *Silio Italico* (25 — 100 de Chr.), cuja patria nam é bem conhecida, foi duas vezes consul, e a segunda sob Vespasiano. Deixou tarde os negocios publicos, para se retirar ás suas terras na Campania, onde viveu até aos primeiros annos do reinado de Trajano. Seus estudos se referiam á eloquencia e á poesia, tomando por modelos, 'naquella Cicero, 'nesta Virgilio. Escreveu a *Punica*, em 17 livros, poema em que elle, com mais erudição do que genio, narra a historia da segunda guerra punica até ao triumpho de Scipião o Africano. Silio differe de Lucano em empregar o maravilhoso; mas os seres superiores que faz intervir são personagens puramente mudos; e o poema nam ganha com esta intervenção nem mais unidade, nem mais acção e movimento. A expressão de Silio é na verdade mais natural que a de Lucano; mas ao mesmo tempo desegual: sendo que imita e copía já T. Livio, já Virgilio e outros poetas. Os characteres porêm são traçados

com muita verdade historica; e, a este respeito, o seu poema excita o interesse do proprio historiador e do antiquario.

VALERIO FLACCO.

§. 153. No governo de Vespasiano floreceu tambem *Valerio Flacco*, que morreu ainda joven no ann. 88 de Chr. em Padua onde nascêra, segundo toda a verisimilhança, e onde passou sua vida. Este poeta, cujo estylo e versificação offerecem alguma importancia, é auctor d'um poema epico (*Argonautica*) sôbre a expedição dos Argonautas, do qual restam septe livros e uma parte do oitavo. Seu modelo é Apollonio de Rhodes (§. 52); e a traça do poema, assim como a do poeta alexandrino, nam é a d'uma épopéa. As aventuras da viagem são o objecto principal; a conquista do vellocino d'ouro o accessorio; e a narração começa propriamente — *ab ovo* — na missão de que Jason é encarregado. Abunda em descripções poeticas e em comparações ingenhosas; mas a affectação o conduz muitas vezes á obscuridade; e a multiplicidade dos episodios prejudica á unidade e ao interesse.

STACIO.

§. 154. *P. Papinio Stacio* (61—95 de Chr.), natural de Napoles, foi no tempo de Domiciano o poeta favorito dos romanos. Compoz dois poemas epicos, — a *Thebaida*, em doze livros, que contêm a historia da primeira guerra de Thebas, e a *Achilleida*, que nam concluiu, e que é um começo da

descripção da vida de Achilles. Stacio no primeiro poema imitou particularmente Virgilio, cuja superioridade reconhece no modesto remate do mesmo poema —

...... *Nec tu divinam Aeneida tenta,*
Sed longe sequere, et vestigia semper adora.

E com effeito nam foi elle mais habil que Valerio em dispôr os materiaes mythologicos 'numa ordem propria para graduar o interesse do poema. Tem todavia maior fogo de imaginação, e menos obscuridade na linguagem; ainda que se nam soube preservar da affectação e gôsto depravado de seu seculo.

SATYRA.

PERSIO.

§. 155. A satyra, em que Horacio empregára a picante delicadeza de seu espiritu sensato, recebeu de Persio e Juvenal um novo character. *Aulo Persio Flacco*, de Volaterra na Etruria (34—62 de Chr.), foi educado em Roma sob a direcção do stoico Anneu Cornuto, que se tornou seu amigo inseparavel. Este philosopho nam deixou publicar dos escriptos de Persio mais que seis satyras que possuimos. Os assumptos d'estas são analogos aos que Horacio, seu constante modelo, havia já tractado em suas satyras. Persio porêm nam possuiu o conhecimento do mundo, o tom de urbanidade, o talento facil e flexivel do poeta de Venusa. O que characteriza as satyras de Persio é o stoicismo,

á vehemencia declamatoria, e, pelas allusões a pessoas e cousas desconhecidas, a obscuridade, que passou em proverbio. Seu estylo é conciso e cheio de força; seu verso sonoro; e a dor ideal, que lhe inspiram os culpaveis desvarios de seu seculo, é digna de respeito.

JUVENAL.

§. 156. *Decimo Junio Juvenal*, de Aquino (38—119 de Chr.?), passando sua mocidade nas escholas dos rhetoricos, só se deu a conhecer como poeta nos ultimos tempos de sua vida. Possuimos d'elle dezeseis satyras, entre as quaes se distinguem — a 6.ª *ácerca das mulheres*, — a 8.ª *sôbre a nobreza*, — e a 10.ª *a respeito dos votos*. O character da satyra de Juvenal é a indignação e um odio amargo e implacavel contra os vicios de seu seculo. Nam se entretem elle, como Horacio, em graciosas digressões; persegue e flagella, sem se desviar da senda que escolheu; nam gasta tempo em reflexões philophicas; passa rapidamente d'uma pintura a outra. Seus quadros dos costumes são fieis e individuaes, com traços energicos e côres as mais cruas: sua expressão é concisa e cheia de senso e dignidade. São finalmente numerosos e arredondados os versos, que tam profundamente se gravam na memoria do leitor, como as suas graves sentenças, citadas nam menos vezes que as preciosas maximas do poeta venusino. Juvenal merece este elogio de Boileau:

> — *Ses ouvrages, tout pleins d'affreuses vérités,*
> *Étincellent pourtant de sublimes beautés.* —

POESIA LYRICA.

STACIO.

§. 157. Sendo a versificação, 'neste periodo, o entretenimento diario das pessoas instruidas, nam podia deixar de se cultivar tambem a poesia lyrica. Com que ardor a ella se davam os maiores talentos, póde ver-se pelas *silvas* ou *miscellaneas poeticas* de *P. Papinio Stacio* (§. 152). É uma collecção dividida em cinco livros de pequenos poemas, em versos hexametros, hendecasyllabos e lyricos. Alli se faz tambem sentir a falta de verdadeira inspiração e de sentimento íntimo, a despeito de todos os esforços do poeta por encobril-a por meio da arte e da erudição. Mas o que constitue o character proprio das *silvas* de *Stacio* é o respirarem ellas uma certa profundeza de observações psychologicas, particular aos prosadores e aos poetas romanos dos ultimos tempos.

APOLOGO.

PHEDRO.

§. 158. Na epocha em que a poesia brilhou entre os romanos com o seu mais vivo esplendor, nam conheciam elles o *apologo* como um genero distincto. As fabulas que encontrâmos nas obras de seus poetas, taes como Horacio e outros, são simples episodios; só no periodo que percorremos é que o apologo nos apparece como um genero particular. Com effeito a *Collecção de Fabulas Esopêas*

(§. 24), em cinco livros, das quaes a maior parte com verisimilhança se attribue a *Phedro* de Macedonia, é mui provavelmente uma producção do I seculo de Chr. Phedro era, segundo se pretende, um liberto de Augusto, e escreveu, sob Tiberio e Caligula, mas sem adquirir grande reputação. O que sabemos d'elle é tirado de seus prologos, e de algumas passagens em que elle faz allusão ás circumstancias de sua vida e a suas relações particulares. Nam se póde considerar Phedro como um poeta dotado de genio e de invenção; sendo que a porção mais consideravel de suas fabulas nam é senam uma traducção do grego. Um dote porém que se lhe nam póde contestar é a brevidade; a qual 'nelle resulta nam só d'uma certa parcimonia de palavras, senam tambem, e ainda mais, do cuidado que teve de afastar todo o accessorio, e de se limitar estreitamente ao necessario. Os defeitos dominantes d'aquelle seculo, como os conceitos requintados e a inchação declamatoria, são extranhos á Phedro; soube conservar a apparencia da nobre simplicidade e elegancia do seculo d'ouro. Embora nam possua mais que um juizo mediocre e uma escassa dóse d'espiritu poetico; seu estylo prova todavia um gôsto são e delicado.

EPIGRAMMA.

MARCIAL.

§. 159. O poeta que entre os romanos se distinguiu mais no genero epigrammatico foi *M. Valerio Marcial*, de Calataiud na Hispanha (cerca

dos ann. 90 de Chr.). No reinado de Nero veiu para Roma, onde em breve se assignalou como epigrammatista. Domiciano o fez cavalleiro e lhe confiou muitas funcções públicas. D'elle temos uma collecção d'epigrammas em quatorze livros, dos quaes muitos são notaveis, tanto pela linguagem, quanto por um espiritu muitas vezes mordaz. Seu numero e sua bondade proporcional nos faz admirar o espiritu quasi inexhaurivel e sempre vivo d'este poeta. É só para lamentar que todas estas flores sejam nascidas do esterco, e que os epigrammas mais conceituosos sejam precisamente os mais obscenos. Lançam elles uma viva luz sôbre os costumes dos romanos no governo dos ultimos Cesares: mas a sua intelligencia é muitas vezes difficil por causa da ignorancia, em que nos achamos, das relações íntimas do poeta, das occasiões que deram logar a suas poesias, e das circumstancias em que foram escriptas.

QUINTO PERIODO,

ULTIMA DECADENCIA.

Desde Adriano até Romulo Augustulo no an. de Chr. 476.

§. 160. No reinado de Adriano e dos dois Antoninos o Imperio Romano goza d'uma profunda paz e d'alguma felicidade. Mas esta ventura e socêgo nam foram de longa duração: em breve tyrannos caprichosos e sanguinarios pesaram de novo sôbre o throno. Gravam as provincias com violentas exac-

ções, para satisfazerem as guardas que protegem suas pessoas, e para comprarem a paz dos povos limitrophes. O estado foi prêsa da tyrannia militar, que se elevou em muitas partes. A isto é necessario ajunctar essa rapida successão de senhores, dos quaes nenhum podia fazer refórma duravel; as luctas sanguinolentas dos pretendentes do imperio; e a deploravel situação do povo, a quem toda a casta de luxo havia degradado. A divisão do imperio, que poderia parecer o unico meio de salvação, nam pôde retardar a quéda. O imperio do Oriente prolonga sua agonia até ao seculo XV; mas o do Occidente pouco tempo resistiu ás incursões dos barbaros do norte, que, conduzidos por chefes habeis, pelos fins do V seculo se tornaram senhores de Roma empobrecida e definhada.

§. 161. As artes e as sciencias tiveram a sorte do imperio. O mesmo favor de Adriano animou menos o gôsto do bello verdadeiro e o genio romano, que a mania do extranho e exotico. Continuaram, é verdade, as escholas públicas dos philosophos, sophistas e jurisconsultos, a florescer em Constantinopla, Alexandria, Milão, e 'noutras partes; mas, no meio da corrupção dos costumes, a decadencia do gôsto fazia com ella rapidos progressos. Tornava-se cada dia mais difficil o encontrar homens de genio, e ainda mestres habeis para as escholas dos grammaticos e dos rhetoricos. O que characteriza particularmente este periodo é a inclinação para o fanatismo, novas ceremonias religiosas, mysterios, e outras cousas similhantes, as quaes achavam accesso ainda mesmo entre os homens esclarecidos. Em uma palavra, tudo cái na mais grosseira barbaridade.

EPOPEA.

CLAUDIANO.

§. 162. Poucos são 'neste periodo os poetas que temos que citar. Uma especie d'epopêa particular aos romanos é o *poema panegyrico*, de que já no periodo antecedente se encontram alguns vestigios, 'Neste porêm é um uso recebido o glorificar os grandes, já em prosa, já em verso. Entre os poetas d'esta classe se acha *Claudiano* de Alexandria (395 de Chr.), no tempo de Honorio e Arcadio; o qual reunia á cultura grega um grande conhecimento da romana, e manifestou seus talentos em varios ramos de litteratura. Mas, no seculo de decadencia em que appareceu, o vigor de seu genio poetico nam o preservou do estylo emphatico e inchado. As suas hyperboles e estylo declamatorio fatigam o leitor; mas a linguagem é quasi sempre pura, e a versificaçâo agradavel. Alêm de muitos *poemas panegyricos* que dirigiu a Honorio e outros, Claudiano escreveu dois poemas epicos, — o *Roubo de Proserpina*, em tres livros e uma — *Gigantomachia*, que deixou incompleta; — *dois poemas historicos;* — *epigrammas*; — *epistolas;* — *idyllios*, etc.

POEMA DIDACTICO.

TERENCIANO MAURO, etc.

§. 163. Os poemas didacticos d'esta epocha nam são notaveis, senam pela diversidade de assumptos. *Terenciano Mauro* de Carthago compoz uma *metrica*

ou tractado das lettras, syllabas, pés e metros,— *Sereno Samonico*, contemporaneo do antecedente, e que viveu no tempo de Septimio Severo e Caracalla, escreveu sôbre a *medicina*. — *Nemesiano* sôbre a *caça*. — *Sexto Rufo Ariano* traduziu alguns poemas didacticos dos gregos, como os *Phenomenos* de Arato (§. 53). — *Prisciano* tractou dos *pêsos e medidas*, 'num poema de que existe um fragmento. — *Rutilio Numaciano* escreveu um poema em 2 livros, intitulado *Itinerario*, em que descreve a sua viagem ás Gallias. — *Dionysio Catão* deixou uma instructiva *Collecção de sentenças moraes* em distichos.

POEMA BUCOLICO.

AUSONIO, etc.

§. 164. Na poesia pastoril devem citar-se os dois poetas seguintes: — *Jul. Calpurnio*, natural da Sicilia, vivia no reinado de Diocleciano. Nascido sob o mesmo céo que Theocrito, Calpurnio cultivou, nam sem graça e elegancia, o mesmo genero, e soube conservar á lingua de Virgilio, 'numa epocha de decadencia, algumas das qualidades que os grandes escriptores lhe haviam dado. Escreveu *onze idyllios*, dirigidos ao seu protector Nemesiano (§. ant.), a quem alguns attribuem os quatro ultimos. — *Dec. Magno Ausonio* de Bordeaux (380 de Chr.), grammatico, rhetorico, poeta, e provavelmente christão, foi mestre dos imperadores Graciano e Valentiniano. Depois da morte d'aquelle, a quem acompanhou nos campos, e por quem foi revestido de varios cargos honorificos, Ausonio voltou á sua patria, onde con-

sagrou ás lettras o resto de seus dias. Alêm d'uma *Collecção de poesias varias*, deixou *vinte idyllios*. Seu estylo é duro, e a sua latinidade nam é assás pura.

SATYRA.

PETRONIO.

§. 165. Debaixo do titulo de *Titi Petronii satyricôn (libri)* possuimos um quadro satyrico dos costumes romanos, no genero da satyra varroniana (§. 140). Mas o que resta d'aquella obra são extractos e fragmentos consideraveis, cujas lacunas se procuraram encher nos tempos modernos. Quem quer que seja o auctor (sôbre o que ha dúvida), mostra elle uma grande subtileza de observação, um espiritu sempre vivo e novo, e uma notavel fidelidade na pintura dos characteres. Sua lingua tem uma belleza excellente; mas o quadro da licença desenfreada d'esse seculo, que parece ser o do reinado de Commodo, a pinctura animada d'essa monstruosa degradação moral é ás vezes mui perigosa para a mocidade.

POESIA LYRICA.

PRUDENCIO, etc.

§. 166. Alêm dos pequenos poemas de *Ausonio* e *Claudiano*, devem contar-se na classe das poesias lyricas os *hymnos christãos de Aurelio Prudencio Clemente*, hispanhol, nascido em 348 de Chr. Distinguem-se por sua expressão poetica e, mais ainda, pelo character religioso e piedosos sentimentos, que

o poeta exprime d'um modo apto a penetrar o coração. — Tambem respiram um piedoso enthusiasmo, mas têm menos valor poetico, as poesias lyricas de *Celio Sedulio*, sacerdote e poeta do V seculo.

ELOQUENCIA.

§. 167. A constituição politica de Roma tornou necessaria, desde os primeiros tempos, a faculdade de falar em público; e, tanto que a fórma republicana alli esteve em vigor, a eloquencia começou seu progresso, desinvolvendo-se naturalmente no senado, no fôro e nos campos. Os primeiros oradores foram simples magistrados, que a multidão respeitava, sacerdotes, generaes e censores; sua eloquencia partia do coração; sua linguagem se compunha de factos e de sentimentos. Segundo nos refere Cicero, *Brut.* XVI, 18, e T. Livio VIII, 40, os primeiros ensaios oratorios foram *orações funebres*. A arte aperfeiçoou mais tarde o talento natural da palavra, quando a Grecia enviou seus rhetoricos aos romanos: no seculo de Cicero a eloquencia se ataviou de todos os seus enfeites; depois d'elle nam encontrou mais um tam digno interprete. Dividiremos pois a historia da eloquencia romana em quatro periodos. O 1.º começa com a républica, e se extende até á lucta de Mario e Sylla: — o 2.º abraça os dois triumviratos, e termina com a morte de Cicero e com a liberdade: — o 3.º comprehende os primeiros seculos do imperio: — o 4.º, que começa em Constantino, finda com a quéda do imperio do Occidente.

PRIMEIRO PERIODO.

Desde 245 até 666 de Roma.

§. 168. Quando a mocidade romana chegou a ouvir a linguagem brilhante do academico *Carneades;* quando, em seu enthusiasmo, ella se apaixonou pela eloquencia e pela philosophia grega: em vão os velhos, que nam viam na arte da palavra senam uma sophistica perigosa para o estado e funesta ao pensamento mesmo, procuraram fechar-lhes as portas de Roma. A despeito de todas as precauções, a despeito de dois edictos publicos, em 593 e 662 de Rom., que mandavam expulsar os rhetoricos e philosophos gregos; tendo-se conservado em Roma, alli estabeleceram, juncto ao fim d'este periodo, escholas d'eloquencia latina, das quaes a primeira foi aberta por *L. Plocio Gallo* em 92 ant. de Chr.

CATÃO, etc.

§. 169. Mas este periodo nos deixou mais nomes illustres que monumentos. Os mais célebres oradores que temos que citar, segundo a fé da historia, são os seguintes: — *Cornelio Cethego* (durante a segunda guerra punica), que Ennio, 'numa passagem citada por Cicero, chama = *os suaviloquens;* = — *M. Porcio Catão*, de Tusculo (519 — 605 de R.), notavel pela austeridade de seus costumes, e tam célebre pela sua animosidade contra os carthaginezes, movido da qual fechava todos os seus discursos com a phrase terrivel = *delenda Carthago;* = — *Scipião*

o *Africano menor* e seu amigo *C. Lelio;* — os dois *Gracchos (Tiberio* e *Caio)*, esses tribunos populares cuja palavra era tam poderosa que o senado só pôde triumphar d'elles pela espada;—*Licinio Crasso;*—*M. Antonio*, avô do triumviro; e outros. Todos estes oradores porêm se distinguiram mais pela força natural de sua eloquencia do que pela sábia applicação das regras da arte; o que, na falta de seus discursos, sómente podemos conjecturar pela reproducção de seu espiritu nas composições aformoseadas dos historiadores que se lhes seguiram.

SEGUNDO PERIODO.

Desde 666 até 711 de Roma.

§. 170. Nos ultimos tempos da liberdade republicana começa a desinvolver-se a eloquencia judiciaria e politica, e, por ella, a prosa em geral. Tres homens illustres, Hortensio. J. Cesar e Cicero, elevam a eloquencia á sua mais alta perfeição, e enchem esta epocha, que marca *a edade d'ouro* da eloquencia romana. As causas d'este esplendor foram quasi similhantes ás que haviam favorecido a eloquencia grega (§. 68). A palavra dirigia a vontade do povo; movia as decisões do senado; dominava o juizo dos tribunaes; dava a maior influencia no estado; conduzia ás dignidades e ás honras: o amor da liberdade moribunda despertava o talento oratorio.

Q. HORTENSIO, etc.

§. 171. Mas, se grandes oradores floreceram 'neste brilhante periodo, comtudo só nos chegaram os discursos de Cicero. Deplorâmos a perda dos de *L. Cotta*, *M. Cornelio Rufo*, *C. Licinio Calvo*, *Hortensio*, *J. Cesar*, e outros muitos: e d'esta perda nam póde Cicero indemnizar-nos; sendo que, á vista dos documentos recolhidos, e dos discursos imitados pelos historiadores, cada um d'aquelles oradores tinha seu character particular.—*Hortensio,* nascido no anno de Rom. 640 d'uma familia plebêa, se elevou por sua eloquencia ás mais altas dignidades da republica. Successivamente edil, pretor e augur, nunca cessou de brilhar nos tribunaes, sendo cognominado o *rei do fôro;* e a moderação de seu character o fez atravessar sem perseguição os perigosos tempos das guerras civís, da dictadura e do triumvirato. É fama que os seus discursos nam conservavam escriptos o poder que tinham na bôcca do orador. Uma memoria prodigiosa, uma elocução animada e abundante, gestos expressivos, um orgão agradavel e sonoro, a arte d'encadear as provas e de as resumir com methodo, taes se diz que eram os elementos de sua força oratoria, sómente excedida por

CICERO.

§. 172. O maior dos oradores romanos é *M. Tullio Cicero*, nascido a 3 de Janeiro do anno de Rom. 647, antes de Chr. 107, em uma antiga casa de campo, vizinha da cidade municipal de Arpino. Veiu cêdo para Roma, onde se instruiu na poesia

com *Aulo Licinio Archias*, na arte oratoria com o rhetorico *Apollonio Mollon*, na dialectica com o stoico *Diodoto*, na philosophia academica com *Philon*, e no direito emfim com *Q. Mucio Scevola*. Já com o fim de restabelecer sua saude alterada pelos trabalhos do fôro, já para se aperfeiçoar na arte da palavra, e quiçá tambem por temer a Sylla, a quem tinha offendido, advogando a causa de Sexto Roscio, contra Chrysogono, amigo do dictador; Cicero viajou pela Grecia e Asia, e se demorou dois annos em Athenas e Rhodes. Voltando a Roma, foi nomeado em 678 questor na Sicilia; em 683 edil curul; e entam é que perseguiu Verres pelas vexações com que este opprimíra a Sicilia. Em 686 foi feito pretor, e subiu entam pela primeira vez á tribuna, para apoiar a proposição de Manilio em favor de Pompeu. Foi depois, em 690, eleito consul, e se assignalou em seu consulado, descobrindo e atalhando a famosa conjuração de Catilina. Em breve os oligarchas, Cesar, Pompeu e Crasso, julgaram util a seus intentos o afastal-o dos negocios; e, por instigação do tribuno do povo, Clodio, foi Cicero desterrado no anno 696. Tornou para a Grecia; porêm, rompendo a divisão entre Cesar e Pompeu, este com o consul Lentulo e com o tribuno Milão convieram em que, ao cabo de 15 mezes, fosse chamado e recebido em Roma com as maiores honras. Acceitou depois o governo da Cilicia; e, na guerra civil, se decidiu pelo partido de Pompeu até o momento em que, morto este, Cesar victorioso o fez voltar, por ventura com demasiada condescendencia, á sua causa. Depois da morte do dictador, novamente se achou involvido nas perturbações politicas de sua

patria; por suas Philippicas attrahiu o odio de M. Antonio, que, depois de feito triumviro, o fez assassinar, em 711, por Popilio Lenas.

§. 173. Entre os monumentos da litteratura romana, que a antiguidade sábia nos deixou, os escriptos de *Cicero*, considerados no seu todo, occupam sem contradicção o primeiro logar. E, por grande que seja o numero e extensão das obras que d'elle nos restam, nam conhecemos ainda, segundo observa Mureto, senam por ventura a decima parte das que elle havia composto. A elle é que a lingua latina deve, na prosa, esse alto character de perfeição que lhe assigna o segundo logar entre todas as linguas mortas. Seus escriptos, que se dividem em — *discursos*, — *obras de rhetorica*, — *tractados philosophicos*, e — *cartas*, — nos mostram a lingua dos romanos elevada á sua mais alta pureza e perfeição; são modelos para sempre inimitaveis. — Aqui só o considerâmos como orador; e 'neste respeito ninguem cessa de admirar suas qualidades. A delicadeza com que em seus discursos procura logo ganhar a affeição dos ouvintes; a disposição methodica das provas; a maneira de tocar os corações; a riqueza de sua dicção; a harmonia de seus periodos; a pompa de estylo: tudo nos incanta. No parallelo de Cicero com Demosthenes, a posteridade se tem achado indecisa sôbre a qual dos dois confira a primeira palma da eloquencia. Cicero nam tem a simplicidade, força e grandeza dos pensamentos de Demosthenes; mas excede-o na arte de variar e ornar o estylo, e no emprego das palavras, cuja força nenhum escriptor conheceu melhor que elle. Censura-se-lhe porêm o alardo de sua eloquencia e arte, e o

sacrificar ás vezes á pompa a solidez, e a brevidade á diffusão. — Possuimos sob seu nome 59 discursos, que são em parte *forenses*, já em causas públicas, já em causas privadas; em parte *politicos*, e pronunciados uns no senado, outros perante o povo. Uma das suas mais bellas peças é o discurso *pro Milone.*

TERCEIRO PERIODO.

Desde 711 de Rom. até 306 de Chr.

§. 174. Depois da morte de Cicero, pela mudança que se operou sob Augusto na constituição politica de Roma, em quanto a poesia sóbe ao poncto de gloria em que a vimos; a eloquencia, bannida do seu theatro natural, degenéra em uma declamação mesquinha, perdendo nam só a liberdade, senam tambem, em grande parte, sua esphera de acção. Os despotas nam têm necessidade de oradores que lhes façam vêr a verdade. Assim, a eloquencia vai procurar asylo nas escholas dos rhetoricos, limitando-se, quanto ás suas relações exteriores, á práctica do fôro, do mesmo modo que entre os gregos acontecêra por causas identicas (§. 80). Mas como poderia ella, encerrada em tam estreitos limites, deixar de perder, com seu dominio primitivo, sua força e dignidade? Nos *exercicios da eschola* ou declamações, ornadas em excesso, e nos *discursos forenses*, apenas apparece um amortecido reflexo da eloquencia animada que na praça pública havia brilhado. 'Neste periodo só temos que citar os nomes dos declamadores, rhetoricos e panegyristas.

SENECA.

§. 175. D'esses oradores que, a despeito da degeneração da eloquencia, se assignalaram ainda nos primeiros annos do imperio, só sabemos os nomes por Quinctiliano, X, 1. Foram elles — *Asinio Collion, Messala Corvino, Cassio Severo, Domicio Afro, Julio Africano, Galerio Trachallo, Julio Segundo,* e outros. — Entre os declamadores deve citar-se *M. Anneu Seneca* (§. 150), do qual possuimos: 1.° *Declamações sôbre questões judiciaes ficticias*, tiradas das obras dos rhetoricos gregos e romanos; 2.° *Discursos suasorios ou exhortações;* obras que se encontram nas de seu filho (*ibidem*). 'Nestas composições se acham alguns trechos eloquentes, e nobres pensamentos; mas estão como sepultados em uma multidão de puerilidades, que accusam a decadencia do bom gôsto e a quéda da verdadeira eloquencia, pela affectação do estylo sentencioso e contrafeito.

QUINCTILIANO.

§. 176. Dos declamadores e rhetoricos o que adquiriu maior nome foi *M. Fabio Quinctiliano*, de Calahorra na Hispanha, que florescia nos fins do I seculo da nossa éra. Vindo para Roma no tempo de Galba, appareceu ao principio no fôro como advogado; depois, sob Vespasiano, estabeleceu uma eschola de rhetorica, e foi o primeiro mestre pago pelo thesouro público. A gloria de Quinctiliano sobrevive toda no seu *manual de rhetorica* (*Instituições oratorias*, em 12 livros), fructo de muitos annos d'experiencia e observação, e em que elle toma o

futuro orador, por assim dizer, no berço, e o acompanha até que seja completamente formado. Esta excellente obra se faz recommendavel, assim porque abraça o todo da materia, como por ser eminentemente propria para formar o gosto. Alli achâmos um verdadeiro espiritu crítico, um juizo são, um gosto puro e delicado, e um conhecimento tam vasto, como variado, das duas litteraturas grega e romana. Um dos principaes meritos de Quinctiliano é sua lingua, modelada, com pouca differença, pela de Cicero, e sempre correcta, harmoniosa, eloquente e digna do seculo de Augusto. O decimo livro é um dos mais bellos, por vermos alli perfeitamente characterizados os melhores escriptores de Grecia e Roma. — *Os exercicios oratorios* ou *declamações*, que correm debaixo do seu nome, são em grande parte indignos d'elle e provavelmente suppostos. —Tambem alguns attribuem a Quinctiliano, outros a Tacito, e outros a Plinio o moço, o *Dialogo sôbre as causas da corrupção da eloquencia romana*, obra egualmente notavel pela duplicada relação da materia e da linguagem. Contém a historia da eloquencia romana e as causas de sua decadencia; characteriza os principaes oradores; compara os antigos com os modernos; e offerece excellentes observações sôbre a theoria da oratoria.

PLINIO O MOÇO.

§. 177. De todos os generos d'eloquencia o mais cultivado sob os imperadores foi o do *Panegyrico*, cujo character, segundo o espiritu do tempo, era declamatorio e sophistico. Aqui pertence o primeiro logar a *Plinio o moço*, sobrinho de *Plinio o velho*,

que lhe deu uma educação desvelada. Nascido em Como, cerca do anno 62 de Chr., e no reinado de Nero, Plinio se formou na arte oratoria, ouvindo as lições de Quinctiliano, e veiu a ser um escriptor ingenhoso, e o melhor orador do seu tempo. Seu merito o elevou ás primeiras dignidades do imperio; nomeado consul (no ann. de Chr. 100), pronunciou perante Trajano, debaixo da fórma de discurso eucharistico, o panegyrico d'este principe. Para bem apreciar este discurso, é necessario advertir que foi pronunciado 'numa epocha em que o governo de terror de Domiciano estava ainda presente a todo o mundo, e particularmente a Plinio. Mas, a despeito da imaginação que domina 'neste panegyrico, a despeito da elegancia de pensamentos e d'estylo, e d'um grande numero de bellezas que senam podem contestar; é forçoso convir em que no louvor e nos ornatos oratorios é algum tanto prodigo. — Nam é tanto como panegyrista, quanto como epistolographo, que Plinio merece a maior estima. Suas *Cartas*, em 10 livros, com quanto sejam inferiores ás de Cicero, que elle se propunha imitar; todavia são para nós d'um alto preço. Nam só nos fazem reconhecer a maneira de pensar e obrar de seu amavel auctor, e se distinguem pela expressão dos mais nobres sentimentos; senam que tambem lançam muita luz sôbre a historia, jurisprudencia, administração pública, usos, litteratura e artes d'aquelle tempo.

CLAUDIO MAMERTINO, etc.

§. 178. Entre os panegyristas anteriores ao reinado de Constantino se citam principalmente dois,

os quaes, havendo tomado por modelo Plinio o moço, o nam poderam imitar. São elles — *Eumenio* e o seu contemporaneo *Claudio Mamertino Maior*, de nação gallo. Este pronunciou, em 292 de Chr., na festa anniversaria da fundação de Roma, o elogio do imperador Maximiano Herculio.

ELOQUENCIA SAGRADA.

§. 179. Quando a eloquencia profana com os outros ramos da litteratura vai descaíndo, lá surgem esses homens que a Egreja olha como columnas firmes de sua crença. Os grandes interesses do christianismo nascente, a necessidade de os defender contra as perseguições dos imperadores e calumnias dos philosophos pagãos, geraram um genio todo novo, que nam deveu suas inspirações aos deuses da fabula, mas que bebeu todo o seu enthusiasmo nos livros sagrados e nas luzes da tradição. Haviamos citado (§§. 87 e seguintes) os padres gregos que mais se distinguiram: lançaremos agora os olhos sôbre os da Egreja latina.

TERTULLIANO.

§. 180. No segundo seculo vemos a causa do christianismo advogada com força deante dos imperadores; e nos principios do terceiro seculo o carthaginez *Tertulliano* apresenta a Septimio Severo, e ao mundo inteiro, a mais eloquente apologia da religião nova. Tertulliano, ao principio pagão, foi depois um dos mais sabios padres; era profundamente versado no conhecimento do direito, das antiguidades e das mais sciencias. Possuia uma imagi-

nação mui viva, um zelo raro, um ardor pouco vulgar, uma poderosa energia de sentimento, e uma expressão que da rudeza mesma de sua linguagem tomava força.

S. CYPRIANO.

§. 181. Depois de Tertulliano, devemos nomear um dos seus admiradores, *Thascio Cecilio Cypriano*, bispo de Carthago, o qual mereceu soffrer o martyrio em 258. Deixou 81 *cartas*, escriptas em um estylo claro, chêas de considerações politicas, e que têm um valor particular em relação á historia e antiguidades. Com quanto sua expressão nam seja exempta das flores e ornatos affectados, e da inchação d'estylo do seu tempo, assim como da dureza africana; todavia nos logares em que Cypriano se anima toma o tom d'uma eloquencia vehemente e sublime.

ARNOBIO.

§. 182. *Arnobio*, de Sicca na Africa (300), orador célebre e pagão convertido, escreveu, para provar que era apto a ser admittido entre os christãos, e como pinhor da sinceridade de sua fé, septe livros contra os gentios, *adversus gentes*, obra cheia de sciencia, e uma das melhores e mais eloquentes apologias da religião christã. A direcção de suas idêas é philosophica, aindaque o encadeamento nam seja bem rigoroso; tem vivacidade e, algumas vezes, elegancia na dicção; mas tambem nam escapou á dureza do estylo e á corrupção da latinidade.

LACTANCIO.

§. 183. Nos fins do III seculo e começo do IV floreceu *L. Celio Lactancio Firmiano*, discipulo de Arnobio e mestre de rhetorica em Nicomedia. Foi testimunha da perseguição dos christãos sob Diocleciano, e do triumpho dos mesmos sob Constantino. Tendo sido pagão, Lactancio abraçou depois o christianismo, e se tornou um illustre apologista latino. Escreveu, além de muitos tractados de moral, septe livros de *instituições divinas*, em que prova a verdade da religião christã contra seus adversarios. Mostra muito espiritu e erudição; e seu estylo, que felizmente imita a antiguidade classica, é tam puro e eloquente que o fez cognominar o *Cicero christão*.

QUARTO PERIODO.

Desde 606 até 476 de Chr.

§. 184. Os panegyricos e outros discursos profanos, depois de Constantino, attestam a decadencia completa da eloquencia romana. Devem elles sua origem ao uso que entam reinava, particularmente em muitas cidades das Gallias, de manifestar aos imperadores, pela bôcca dos rhetoricos, votos por sua felicidade, ou acções de graças por seus beneficios. Estes rhetoricos, como auctores de panegyricos, quaes foram, entre outros, *Pacato Drepanio* da Gallia e seu contemporaneo *Ausonio* (§. 164), só nos offerecem em seus discursos affectação, falta de gosto e baixa lisonja. — E, pelo que toca á theo-

ria, os tractados de rhetorica d'este periodo são muito defeituosos, por conterem miudezas pouco essenciaes, omittindo as reflexões judiciosas; a sua unica utilidade é offerecerem-nos exemplos escolhidos entre os classicos gregos e latinos.

ESPLENDOR

DA ELOQUENCIA SAGRADA.

S. HILARIO.

§. 185. Assim como, exspirando entre os gregos a eloquencia profana, vimos (§. 91) florescerem os oradores sagrados da Egreja Oriental; assim agora, na quéda da eloquencia romana, brilham os discursos dos padres dogmaticos da Egreja do Occidente. O primeiro que devemos citar, segundo a ordem dos tempos, é *S. Hilario*, bispo de Poitiers, nascido no fim do terceiro seculo, e fallecido no anno de 370. Este ardente apostolo da fé christã foi o Athanasio da Egreja Latina: combatendo e vencendo o arianismo, elle teve, como S. Athanasio, de soffrer o desterro, de que voltou triumphante. Suas invectivas contra o imperador Constancio são d'uma violencia extrema. S. Jeronymo characterizou a natureza da eloquencia de Hilario com essa energia que lhe é familiar, chamando-o o Rhodano da eloquencia latina. E com effeito o movimento de seus pensamentos tem a irresistivel impetuosidade do rio, a que elle o compara. O tractado de S. Hilario *sôbre a Trindade* fixou a fé catholica sôbre este impenetravel mysterio.

S. AMBROSIO

§. 186. Tres padres porém eclipsaram todos os outros, na Egreja latina, por seu genio e educação, e pela vastidão de seus estudos; Ambrosio, Jeronymo e Agostinho. — *S. Ambrosio*, nascido em Treves (340 de Chr.), d'uma familia illustre, filho do prefeito da Gallia meridional, formou-se nas escholas de Lyão, e morreu bispo de Milão em 397. Na sua mocidade distinguiu-se no fôro; e, nomeado mais tarde procurador da Liguria, tomou posse de seu governo no momento em que a assembléa dos bispos hesitava sôbre o successor que devia dar a Auxencio, bispo ariano, que acabava de fallecer. Ambrosio nam pôde subtrahir-se a esta penosa honra; e sabe-se que zelo e coragem elle empregou no exercicio de seu ministerio. Sua recusação de admittir Theodosio na cathedral de Milão antes da expiação da mortandade de Thessalonica, e a resistencia que oppoz ao imperador á entrada do templo, é uma das scenas heroicas da Egreja primitiva. Os discursos de S. Ambrosio, ainda que demostrem o máo gosto do tempo na affectação e trocadilhos de palavras, offerecem ao mesmo tempo um estylo facil, cheio de graça e, ás vezes, sublime.

S. JERONYMO.

§. 187. *S. Jeronymo*, da Dalmacia (330 — 419), auctor da versão latina dos textos sagrados, adoptada pela Egreja sob o nome de *Vulgata*, deixou 116 *cartas* de boa latinidade, e escriptas em um estylo agradavel. A vida d'este padre do de-

serto é um dos episodios mais curiosos da historia do christianismo. Dotado d'uma imaginação vigorosa, versado no estudo das lettras profanas e sagradas, Jeronymo é um dos mais originaes escriptores catholicos. As disputas religiosas em que elle tomou parte; o mundo cujas paixões o perturbaram; as austeridades do deserto; as longas viagens que emprehendeu; a agitação das cidades e o socêgo da solidão: tudo contribuia a nutrir e a exaltar sua imaginação; e os combates interiores de sua alma deram uma força nova ao seu genio. Poucos escriptores possuem, no mesmo grau que elle, o dom de dominar os espiritus: e, se suas obras nam pertencem, pela fórma, ao genero oratorio, a eloquencia, em accepção geral, nam deixa porisso de brilhar em cada pagina das suas cartas admiraveis, que testimunham a sensibilidade de sua alma, a pureza de suas doutrinas, sua profunda erudição, seu enthusiasmo religioso.

S. AGOSTINHO.

§. 188. Chegâmos porêm ao homem o mais admiravel da Egreja latina, a um d'esses nomes privilegiados que só se encontram a longos intervallos na historia, *Aurelio Agostinho*, de Tagaste na Numidia (354—430 de Chr.), bispo de Hippona; profundo, sabio e fecundo escriptor. As vastas proporções de seu genio, as tormentas de sua vida, a prodigiosa variedade de seus escriptos, assombram e desconcertam a crítica, que nam acha medida para regular seus juizos. Dae-lhe outro seculo, collocae-o em um paiz mais civilizado, e vereis

que jámais homem algum appareceu dotado d'um genio mais vasto e mais facil. Metaphysica, historia, antiguidades, sciencia dos costumes, conhecimento das artes, tudo Agostinho havia abraçado. Escreve sôbre a *musica*, como sôbre o *livre arbitrio*; explica o phenomeno da *memoria*, como discorre sôbre a *decadencia do imperio romano*. Seu espiritu subtil e vigoroso muitas vezes consumiu em problemas mysticos uma força de sagacidade que bastaria para as mais sublimes concepções. Sua eloquencia, com quanto inficionada da affectação e da barbaridade do seu seculo, é muitas vezes nova e simples: suas obras, immenso repertorio da sciencia theologica, são a mais viva imagem da sociedade christã no fim do quarto e principio do quinto seculo. — Mui longe nos levaria a enumeração de seus *tractados contra os heresiarchas*, de seus *sermões* e *homilias*, de suas *obras philosophicas*. Os seus escriptos mais notaveis são — suas *Confissões* ou historia do que se passou em sua alma, depois que se conheceu; — e a *Cidade de Deus*, que é uma apologia da Divina Providencia.

§. 189. Estes valorosos athletas defendiam e firmavam a gloria do christianismo; mas, quando este nam teve que sustentar uma lucta de cada dia contra seus inimigos, o numero de seus defensores se vai enfraquecendo gradualmente, e a ignorancia a mais absoluta começa a extender-se sôbre todo o Occidente. *Cassiodoro* e *Boecio* se esforçaram em vão, no principio do sexto seculo, para retardar a extincção das artes e das lettras. A sombra da barbaridade se engrandece, e cobre pouco

a pouco esse sol brilhante que havia esclarecido a Egreja sob os Chrysostomos e os Agostinhos.

HISTORIOGRAPHIA.

SEUS PRIMEIROS MONUMENTOS.

§. 190. Postoque a maior parte dos mais antigos monumentos escriptos, entre os romanos, perecesse, segundo refere T. Livio, pela invasão dos gallos em 364 de Rom.; todavia, pelas causas que indicámos acima (§. 113), a memoria dos acontecimentos importantes devia naturalmente, nos primeiros cinco seculos de Roma, ser perpetuada mais pela tradição oral que pelos escriptos. Os primeiros archivos da historia romana foram, por ventura, os *commentarios dos reis;* as *arvores genealogicas* collocadas no atrio dos patricios; as *listas dos consules com a indicação dos acontecimentos mais notaveis;* e os *annaes maximos* ou *pontificios.* Estes annaes eram escriptos em tábuas de páo, pintadas de branco, com um ponteiro pequeno e simples, pelo pontifice maximo, que indicava os factos de cada anno, dignos de se conservarem: as tábuas, que continham estes documentos historicos, estavam expostas em casa do pontifice, afim de que o povo as podesse consultar.

HISTORIA PROPRIAMENTE DICTA.

CATÃO, etc.

§. 191. Depois da segunda guerra punica, a historia romana teve tambem seus escriptores; e des d'então se passou da curta indicação dos factos em ordem chronologica, i. é, dos *annaes* e *chronicas*, á exposição ligada e discursiva dos acontecimentos, ou *historia* propriamente dicta. *Q. Fabio Pictor* foi o primeiro que escreveu em prosa latina, e precisamente sôbre a historia da segunda guerra punica, durante a qual viveu. Seus *annaes* são muitas vezes citados pelos historiographos posteriores, que nos transmittiram alguns fragmentos. — Mas o primeiro historiador de Roma, que trouxe á historia um certo espiritu critico, foi *Catão* o censor (§. 169). Sua principal obra eram as *Origens* (em septe livros), investigações sôbre a historia primitiva de Roma, e sôbre os antigos acontecimentos politicos da Italia, até ao fim da segunda guerra punica; obra de que infelizmente só restam passagens pouco extensas. Catão havia tambem escripto uma *relação* mui interessante *de sua expedição á Hispanha*. Attribuem-se-lhe, além d'isto, muitas obras *sôbre o direito;* um livro *sôbre a tactica militar;* uma *collecção de proverbios ingenhosos*; um grande numero de *discursos;* e finalmente o tractado de *agricultura*, o qual existe, havendo todavia, ao que parece, soffrido varias alterações.

ESPLENDOR.

§. 192. O periodo da liberdade romana produziu um grande numero de historiadores e annalistas, dos quaes só os nomes nos chegaram: taes foram — *Pisão Frugi*, *Posthumio Albino*, *Cassio Hemino*, *Sempronio Asellio*, *C. Fannio*, *Celio Antipatro*, *Valerio Antias*, *Emilio Scauro*, *Lutacio Catullo*, *Cornelio Sylla*, e outros muitos. Tambem perdemos as historias de muitos escriptores do seculo de Augusto: temos porêm que mencionar 'nesta epocha quatro illustres auctores que por suas historias se eternizaram.

J. CESAR.

§. 193. *C. Julio Cesar* (100—44 ant. de Chr.), que mui cedo começára a distinguir-se por *poesias*, *discursos* e *escriptos* sôbre *grammatica*, obras de que desgraçadamente só existem reliquias; estava destinado para dar á litteratura romana o primeiro e o mais perfeito modelo de composição historica. Possuimos seus *Commentarios* ou memorias sôbre a guerra das Gallias, em septe livros, e uma *Historia da guerra civil*, em tres livros. Estas obras, escriptas á pressa e, por assim dizer, no curso de suas victorias, nos demostram a superioridade do genio de Cesar. Por ellas conhecemos a perspicacia de seu espiritu e a vasta extensão de vista com que abraça uma multidão de relações, sem as confundir: cada phrase nos mostra sua pessoa com seu genio e seus planos; em cada palavra, em cada reticencia mesma, tem elle um designio; e é infinita a arte com que sabe pôr um facto á luz e deixar outro em sombra

Designa cada cousa pela expressão a mais conveniente; e, quanto ao estylo, por ninguem foi excedido. Escreve como obra: nam tem senam um fim; e a esse fim tudo concorre, tudo se subordina: clareza, pureza, simplicidade, precisão, elegancia, perfeita egualdade na expressão, taes são as principaes qualidades de seu estylo.

SALLUSTIO.

§. 194. *C. Sallustio Crispo*, nascido no an. de R. 668 em Amiterno, no paiz dos sabinos, foi revestido, em sua mocidade, de varios cargos públicos; e, havendo enriquecido no governo da Numidia, comprou uma casa de campo e jardins em Tibur, onde se entregou particularmente ao estudo, e morreu em 35 ant. de Chr. Suas convicções valiam por ventura mais que seus costumes: é pena que a pura e severa moral exprimida em seus escriptos nam tenha sido a regra de sua vida. Sallustio havia composto uma *historia romana* desde a morte de Sylla até á conjuração de Catilina; obra de que só restam alguns fragmentos. Possuimos porêm inteiras as suas duas obras historicas — *sôbre a conjuração de Catilina* — e *sôbre a guerra de Jugurtha*. São obras da primeira ordem. Sallustio penetra com a profundeza de Thucydides, a quem imitou, até ao fundo dos acontecimentos que conta; e procura constantemente no estado e character da epocha, a que elles pertencem, a explicação de suas causas e de seus resultados. A clareza da exposição, a belleza das pinturas, a elevação das sentenças moraes, a energia,

fogo e rapidez de seu estylo puro, explicam o juizo de Marcial sôbre este escriptor:

— *Primus romana Crispus in historia.*—

Sómente se divisa de tempos a tempos em seu estylo alguma affectação, maiormente nos archaísmos (Vej. Qinctil. X, 1, Aul. Gellio III, 1.).

CORNELIO NEPOS.

§. 195. Ao lado de Cesar e Sallustio nos offerece a chronologia *Cornelio Nepos*, natural de Hostilia juncto a Verona. Nada sabemos das circumstancias de sua vida senam que havia fixado sua habitação em Roma, e contrahido amizade com Cicero, Catullo, T. Pomponio Attico, e com muitos outros personagens consideraveis. De suas grandes obras hisoricas apenas nos chegaram alguns fragmentos: temos porêm as suas *Vidas dos grandes Capitães*, as quaes lhe asseguram um logar elevado entre os biographos. Cornelio Nepos bebeu nas fontes gregas, servindo-se particularmente de Thucydides, Xenophonte e Theopompo; mas, como nos materiaes que tomou raramente apparece aquelle espiritu de crítica que um historiador deve ter, suas biographias demandam um leitor bem familiarizado com a historia geral da Grecia. Seu estylo, quanto á elegancia, pureza e simplicidade, é digno de se tomar por modelo. Se 'nalgumas passagens a expressão é impropria e obscura, se aqui e alli se encontram palavras d'uma latinidade suspeita; o defeito está sem duvida em

Emilio Probo, que havia feito a revisão d'aquella obra no tempo de Theodosio o grande.

T. LIVIO.

§. 196. O primeiro historiador latino que concebeu e executou o plano d'uma historia romana completa é *T. Livio,* de Padua, nascido no an. 59 ant. de Chr. Habitou por muito tempo em Roma, e depois da morte de Augusto voltou á sua patria, onde morreu em 19 de Chr. Sua obra comprehende a historia antiga de Roma desde os tempos mais remotos até ao anno 745 da sua fundação. Mas este bello monumento elevado á gloria de Roma nos chegou mutilado pela injuria do tempo, e quiçá tambem pela dos homens: sendo que de 142 livros apenas possuimos 35, cujo raro merecimento redobra a mágua que inspira a perda dos outros. Seu fim 'nesta obra era, como elle mesmo diz, — *a primordio urbis res populi romani perscribere*; — queria principalmente mostrar porque maneira Roma, no meio de numerosas luctas que teve de sustentar fóra, e a despeito das graves perturbações que a agitaram no interior, se havia elevado a esse grau de poder em que a vemos no seculo de Augusto, no seculo de seu maior esplendor. Sua historia, respirando a grandeza e a virtude antiga de Roma, é d'um character epico, e se assimilha á de Herodoto, da qual se distingue todavia pelo elemento oratorio que comprehende. T. Livio, com effeito, dá á narração historica uma fórma oratoria, arte em que elle é excellente; sabe dar aos acontecimentos um interesse dramatico; põi em scena os herões de sua

historia; e os discursos que lhe presta são modelos d'eloquencia. — A accusação que se lhe faz, de narrar factos maravilhosos, é menos fundada; Livio os admitte como tradições accreditadas, e a titulo de ornamentos. Além d'isto, a ligação d'esses prodigios com o estado e com a religião romana, sua influencia sôbre os acontecimentos politicos e sôbre os costumes dos antigos romanos, tornavam necessarias taes narrações. — O estylo de Livio é notavel, nam só pela inexhaurivel riqueza d'expressão, por seus numerosos periodos e pelo character pittoresco das descripções; mas tambem pela alliança d'essa plenitude e brilho oratorio com a brevidade a mais feliz, pela união da mais alta majestade com a graça a mais incantadora. Se, a despeito de todas estas qualidades, o severo Asinio Pollion exprobra a T. Livio sua *patavinidade;* esta exprobração, se é fundada, sería relativa a certa construcção ás vezes dura, e a certas palavras e locuções particulares aos paduanos, *(provincianismos).* Quanto á parcialidade em favor dos romanos, este sentimento faz a unidade de sua obra, e foi o que deu ao auctor o ardor necessario para levar ao fim esse immenso trabalho.

TROGO POMPEU.

§. 197. Os antigos contaram tambem entre os grandes historiadores romanos *Trogo Pompeu*, da Gallia, o qual vivia, segundo a opinião mais provavel, no seculo de Augusto. Á imitação dos historiadores gregos, e particularmente á maneira de Theopompo, escreveu, com o titulo de *Philippica*, uma historia do reino de Macedonia, em 44 livros,

desde Philippe o grande até á conquista dos romanos; na qual elle fazia entrar, sob a fórma d'episodios, noticias geographicas e historicas sôbre os paízes que se foram insensivelmente reunindo á Macedonia. Em quanto ao plano, assim como á execução, a historia universal de Trogo Pompeu, segundo a fama, era uma obra historica feita por mão de mestre. Mas desgraçadamente nam nos é conhecida senam pelo *epitome* que d'ella nos deixou Justino (§. 205).

DECADENCIA.

§. 198. A historiographia romana teve tambem de soffrer a influencia do tempo; e, como sob a dominação dos imperadores tudo se havia entregue ao sophisma, tudo era fingido, a hypocrisia e servil adulação foi, em geral, o character da historia. Ella foi, é verdade, cultivada ainda felizmente por alguns escriptores do I seculo da nossa éra, quaes foram— *Aufidio Basso*, cuja obra historica *sôbre a guerra da Germania* e *sôbre a guerra civil* foi continuada por Plinio o velho; — *Cremucio Cordo*, cujos escriptos, por elle ter a ousadia de chamar a Bruto *o último dos romanos*, foram queimados sob Tiberio, em virtude d'um senatusconsulto; e o auctor mesmo foi reduzido a suicidar-se; — *M. Servilio Rufo*, a quem seus nobres sentimentos e forte eloquencia grangearam a estima geral, e cujas numerosas obras se comparavam ás de Sallustio e de T. Livio. Mas, por infelicidade do mundo litterario, perderam-se estas e outras obras notaveis. Devemos todavia citar ainda os seguintes historiographos.

VALLEIO PATERCULO.

§. 199. *C. Velleio Paterculo*, que se reputa natural de Napoles (19 ant. de Chr. — 30 de Chr.), distinguiu-se nas armas antes d'escrever a historia. Acompanhou Tiberio nas suas expedições á Germania, á Pannonia e á Dalmacia. Ficou amigo d'este principe, e continuou a louval-o, quando os vicios e as crueldades do imperador tinham manchado as emprêsas do guerreiro. Seu *resumo de historia universal* offerece grandes bellezas. Velleio gosta de traçar pinturas, que desenha com energia; sua narração abunda em reflexões judiciosas e profundas; e sería um excellente moralista, senam tivesse apoucado as injustiças de Tiberio e de Sejano. Sua historia apresenta muitas lacunas.

VALERIO MAXIMO.

§. 200. Muitos romanos, ao exemplo dos grammaticos gregos dos últimos tempos, compilaram tambem e reuniram em um corpo de obra diversas anecdotas. Uma similhante compilação se deve a *Valerio Maximo*, contemporaneo de Paterculo; e sua obra tem por titulo — *Factos e dictos memoraveis.* — 'Nella explica elle, por exemplos tirados da historia, os usos, as virtudes, os vicios etc., dos romanos e outros povos. O character d'este escriptor nam inspira muita estimação; lisonjea com baixeza, e compila sem discernimento. Mas, apezar d'estes defeitos, sua obra, em nove livros, tem algum prestimo, pelos exemplos moraes e factos curiosos que offerece.

TACITO.

§. 201. De Valerio Maximo ao illustre Tacito a transição é assás arrebatada: é duro collocar ao lado d'um compilador vulgar o mais profundo dos historiadores. *C. Cornelio Tacito*, de Interamnia em Ombria, que floreceu cêrca dos annos 100 dep. de Chr., sendo de origem plebeia, se elevou successivamente até ao consulado, que obteve sob Nerva. Testimunha d'essa longa serie de despotas, que haviam precipitado os romanos debaixo do jugo da servidão. Tacito nam pôde conter sua indignação; lançou, em suas paginas ardentes, esses traços sombrios que julgam e punem os tyrannos. Possuia uma imaginação vivissima, um juizo solido, um profundo conhecimento do coração humano, um espiritu perspicaz que penetrava, nos acontecimentos de seu tempo, o encadeamento das causas e dos resultados. E essa feliz mistura de profundeza e sentimento, de vivacidade de imaginação e solidez de juizo, assim como o vigor de seu pincel, dão a suas obras historicas um character particular. Suas principaes obras são — a *historia romana*, em 5 livros, desde a morte de Nero até á de Domiciano;—e os *annaes*, sua obra prima, desde a morte de Augusto até á de Nero. Existem da 1.ª os quatro primeiros livros e metade do quinto; da 2.ª temos os livros 1.º, 2.º, 3.º 4.º, 6.º, 11.º 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, com fragmentos do 5.º, e do 16.º Dois escriptos, menos consideraveis, mas excellentes, são a — *vida de seu sogro Agricola*, e a *descripção da Germania*. Seu estylo é modelado pelo de Thucydides e de Sallustio; mas, imitando-os, soube conservar sua originalidade. Tacito fecha a lista dos grandes escriptores que produziu Roma.

SUETONIO.

§. 202. *C. Suetonio Tranquillo* (110 ann. de Chr.) foi nam só grammatico e rhetorico, mas tambem um historiador e biographo importante. Tendo sido por algum tempo secretario de Adriano, passou os ultimos annos de sua vida 'num descanço estudioso. Suas *Vidas dos doze primeiros Cesares de Roma* contêm uma historia circumstanciada da vida pública e privada dos imperadores romanos. Suetonio nos faz penetrar na intimidade dos senhores do mundo, e ver as particularidades d'essa corrupção que preparou a decadencia do imperio. Tem elle o merito de ser imparcial, e de amar até um certo poncto a verdade. Tambem nos dá sôbre muitos ponctos das antiguidades romanas, particularmente sôbre as leis e constituição, preciosas noticias, e muitas vezes noções fundamentaes. Seu estylo, com quanto nam seja exempto dos defeitos da epocha em que elle escrevia, é em geral simples, elegante e conciso. Além d'aquella obra, Suetonio escreveu ainda muitas outras sôbre assumptos de historia, antiguidades e litteratura.

FLORO.

§. 203. Costuma collocar-se no segundo seculo e attribue-se a *L. Anneu Floro*, hispanhol, um *epitome de historia romana*, desde a fundação da cidade até Augusto. Mas ha quem conjecture que esta obra pertence ao seculo d'ouro, e que nos chegou com muitas interpolações, assim quanto á materia como quanto á fórma. Este epitome é antes um elogio do povo romano do que uma verdadeira historia: é porêm escripto com enthusiasmo, e apre-

senta um quadro animado da infancia, adolescencia e madureza d'aquelle povo. A energica concisão da narração, o brilho das imagens, e ás vezes tambem a profundeza de idêas, compensam os defeitos do estylo emphatico e declamatorio.

Q. CURCIO.

§. 204. Nam ha opinião uniforme sôbre a epocha em que viveu *Quinto Curcio Rufo;* mas conjectura-se que floreceu sob Tiberio e sob Claudio. Sua historia de Alexandre o grande *(de rebus gestis Alexandri magni)*, em 10 livrcs, é escripta em um estylo nam historico, mas oratorio, e póde considerar-se como uma especie de romance. Curcio parece ter procurado os materiaes de sua obra nos dos historiadores gregos, e até mesmo ter bebido em fontes suspeitas, sem exame nem crítica historica. Omitte ás vezes acontecimentos essenciaes: mas a pintura do heróe nam é mal desenhada. Faz algumas observações sôbre o character particular do seculo e sôbre os costumes dos povos. Seu estylo, ainda que puro, é excessivamente florido; e a eloquencia de seus discursos muito inferior á de T. Livio que tomou por modelo.

JUSTINO.

§. 205. No tempo dos Antoninos floreceu *Justino*, que fez um *epitome da historia de Trogo Pompeu* (§. 197), epitome que parece menos fiel na ordem que na expressão. Fazendo uma escolha das partes mais interessantes d'aquella obra, deu occasião a que ella fosse insensivelmente esquecendo, e nam chegasse á posteridade. Apresenta um grande

numero de narrações miudas; e, a par d'estas, breves analyses, destinadas sómente a conservar a ligação das partes. Todavia, tal qual ella é, a historia de Justino é um bom compendio de historia universal, interessante pela variedade dos assumptos, e precioso pelas noticias consideraveis que nos dá, particularmente sôbre a Asia. Seu estylo, ainda que nam egual, é com tudo quasi sempre puro e facil

§. 206. Depois d'estes escriptores, é rapida a decadencia da historiographia. A liberdade de pensar e d'escrever foi cada vez mais restricta, o estudo dos classicos antigos cada dia mais desprezado, e os historiadores menos instruidos no encadeamento intimo dos acontecimentos. O assumpto ordinario da historia era a vida dos imperadores, já d'um, já de muitos; e cada historiador se limitava, as mais das vezes, a resumir ou a compilar aquelle que o havia precedido. Os seis escriptores da *Historia Augusta*, que viviam no terceiro ou quarto seculo, *Sparciano, Lampridio*, *Vopisco*, *Pollion*, *Capitolino* e *Gallicano*, nam têm valor algum litterario: o seu principal merito, ao nosso vêr, é o terem conservado a serie dos factos desde Adriano até Valeriano; se exceptuarmos Vopisco, nos outros nam achâmos espiritu critico nem investigações pessoaes.

AURELIO VICTOR. — EUTROPIO.

§. 207. Merecem porêm ainda alguma consideração os escriptores que vamos a nomear. No quarto seculo encontrâmos *Sexto Aurelio Victor*, que escreveu as *vidas dos imperadores desde Augusto até Constancio.* Aurelio era africano, e vivia em Roma sob Juliano, que o revestiu de varios cargos considera-

veis. Aquellas biographias são escriptas em um estylo facil, e inculcam o uso de boas fontes. Attribuem-se-lhe tambem um escripto sôbre a *origem do povo romano*, que nam é sem valor, por conter extractos de obras hoje perdidas; e, além d'aquella obra, outra *sôbre os homens illustres de Roma*, que nam é por ventura mais que um resumo da obra de Cornelio Nepos — *de viris illustribus*, — a qual tambem se perdeu. — *Flavio Eutropio*, que, segundo alguns auctores, havia sido secretario de Constantino magno, depois companheiro do imperador Juliano na expedição contra os persas, e emfim proconsul na Asia, escreveu por ordem e para o uso de Valente, em um estylo facil, mas totalmente desprovido d'elegancia, um *resumo de historia romana*, em 10 livros, desde os tempos mais remotos até Joviano. Esta historia carece de crítica; mas não deixa de ser util como revista rapida, e, na exposição dos acontecimentos dos ultimos tempos, é geralmente exacta e digna de fé.

AMMIANO MARCELLINO.

§. 208. Nos fins do quarto seculo florescia *Ammiano Marcellino*, grego de Antiochia. Serviu por algum tempo em Roma na guarda imperial, e é reconhecido por um militar cheio de bom senso e razão. Escreveu em latim a *historia dos acontecimentos mais notaveis desde Nerva até á morte de Valente*, em 31 livros, dos quaes se perderam os primeiros 13. Esta obra se recommenda pouco pela composição e pelá linguagem, que, com quanto seja energica e florida, é rude e muitas vezes barbara: mas esta imperfeição é resarcida pelo exacto

conhecimento, que o auctor tem, dos factos, pelo amor da verdade, por um juizo são, muita leitura, e emfim pela riqueza e talento que desinvolve, sôbre tudo na pintura dos characteres. Estima-se particularmente a historia da casa dos Constatinos.

PAULO OROSIO.—SULPICIO SEVERO.

§. 209. Citaremos ainda dois historiadores do quinto seculo. *Paulo Orosio*, de Hispanha, que viveu na Africa no tempo de S. Agostinho, compoz a instancias d'este uma *historia universal* desde a creação do mundo até ao anno de Chr. 417. 'Nesta obra o designio d'Orosio é combater a exprobração dirigida ao christianismo, por seus inimigos, de que fôra elle a causa de todas as desgraças que affligiam o imperio romano. Prova Orosio, por factos mui concludentes, que os soffrimentos dos povos nam são nem uma novidade, nem uma excepção: é porém censurado por sua extrema credulidade, e pelos seus erros de chronologia.— Outro historiador, que tem sido lisonjeado com o appellido de — Sallustio christão —, é *Sulpicio Severo*, da Gallia. Escreveu, alêm da *vida de S. Martinho* e outros opusculos, uma *historia sagrada,* em dois livros: dos quaes o 1.º se extende desde a creação do mundo até á ruina do templo sob Sedecias; e o 2.º até ao anno 410 no consulado de Stilicon. Esta obra nam demostra vistas largas em seu auctor; mas é ao menos escripta com alguma pureza: cousa rara e quasi maravilhosa no principio do quinto seculo.

EDADE MEDIA.

§. 210. Com a ruina do imperio romano occidental, cerra-se a tenebrosa noite da *edade media*. Ainda nos fins do sexto seculo *S. Gregorio o grande* tentou renovar o gosto dos sãos estudos, mas em vão: as desgraças das guerras d'esses nublados tempos levavam os espiritus mui longe das sendas do verdadeiro saber; e as invasões dos barbaros, anniquilando todas as bibliothecas, roubaram á instrucção os ultimos meios que restavam. Os monges sós, em seus conventos, reparam em parte as perdas occasionadas pelos povos do norte, transcrevendo, no seiu da pacifica solidão, as obras primas que a ignorancia nam sabía respeitar. Mas, se alguns fracos restos de amor do estudo se haviam refugiado aos claustros, por toda a parte a ignorancia chega a tal poncto, que a maior parte dos ecclesiasticos mesmos tinham apenas os conhecimentos sufficientes para exercer as funcções do seu ministerio. Ignoravam até os mais simples elementos da grammatica; e todos os seus exames, para serem admittidos a ordens, se reduziam a exigir d'elles que soubessem ler o Evangelho e o Psalterio.

§. 211. As sciencias se achavam desde longo tempo 'neste deploravel estado, quando Carlos magno subiu ao throno. Este grande homem emprehendendo restaurar as lettras em seu imperio, creou por toda a parte estabelecimentos para a instrucção do clero; fundou a universidade de París, que

ao depois veiu a derramar tam grande illustração sôbre a França; estabeleceu em seu mesmo paço uma especie de academia, de que elle se honrava de ser o chefe. Mas era demasiadamente grossa a ferrugem que lhe era mister gastar, afim de que podesse perfeitamente realizar seus projectos; e assim o germe, que elle desinvolvêra, se suffocou á nascença. Pouco tempo depois a sorte dos estudos peiorou, de modo que o nono e o decimo seculo caíram em trevas ainda muito mais espessas que d'antes. Alguns nomes recommendaveis, sómente aos olhos dos eruditos, nam bastavam para salvar essa epocha do anathema litterario que pésa sôbre ella.

§. 212. Grande falta havia commettido Carlos magno, subordinando tudo aos estudos theologicos. 'Naquelle tempo nam se comprehendia que era necessario ajudar as lettras por si mesmas. Deixavam-se os classicos, para ir procurar modelos nos escriptos da baixa latinidade e nos hymnos semi-barbaros do tempo. D'aqui resultou o nam se conseguir nem mesmo o fim proposto de restaurar as sciencias ecclesiasticas; e o ficar-se extranho á leitura da Biblia e dos padres da Egreja; sendo que tudo tendia a afugentar do estudo os que a elle se sobmettiam por dever ou necessidade. Nam havia livros de historia, nem oradores, nem poetas; a grande custo se teria achado entam em toda a França um exemplar completo de Virgilio ou de Cicero.

§. 213. A isto accresce que, 'nesse tempo, o papyro se tornou excessivamente caro, pela conquista que os arabes fizeram do Egypto, d'onde

elle vinha. O alto preço, a que se elevou, fez recorrer aos antigos manuscriptos; os quaes se raspavam, para 'nelles escrever antiphonarios, ou suas margens se cobriam com os instrumentos de contractos públicos e de transacções particulares. 'Nessa epocha o papel nam se havia ainda inventado; esta util descoberta nam appareceu na Europa senam no undecimo seculo.

§. 214. Em quanto as lettras latinas no Occidente soffriam revoluções tam fataes, as lettras gregas no Oriente se sustentavam com mais alguma vantagem. Mas a escholastica tinha adquirido, por seu contacto com a religião, uma importancia mal intendida, e nam cessava de fazer resoar as escholas com o ruido de suas disputas. A philosophia de Aristoteles lhe havia dado nascimento, quando os gregos, fatigados das doutrinas de Platão e de Pythagoras, diversamente modificadas por *Plotino* e *Porphyrio*, quizeram introduzir nas discussões da theologia fórmas mais precisas e mais proprias para a controversia. Porém esse talento sophistico matou o talento verdadeiro, e apenas deixou subsistir uma louca gymnastica d'espiritu (Vej. §. 59).

§. 215. Entre o quinto e o decimo quinto seculo se encontram ainda no Oriente alguns escriptores recommendaveis, taes como um *Syncello*, um *Phocio*, um *Eustatho*, homens d'um immenso saber e d'uma crítica esclarecida; alguns grammaticos, lexicographos, historiadores e commentadores. Mas que era tudo isto para sustentar e perpetuar essa antiga litteratura, cujo pêso parecia esmagal-os? Miseraveis altercadores, os gregos 'nesses tempos nam sabiam senam dissertar sem fim sôbre todas

as cousas; dissecavam Homero para o admirar; e se assimilhavam ao chimico que lança a flor em um cadinho, para lhe conhecer os elementos, sem lhe importar seu perfume nem suas côres.

§. 216. Chegou a ruina do imperio, no meio de vãs disputas theologicas, de trabalhos da mais grosseira erudição, e do governo de imperadores os mais fracos. O último grito de rebate resoou desde as praias do Bosphoro até ás da Morêa; o imperio grego desaba de todas as partes; é necessario fugir. Os sabios de Constantinopla chegaram entam á Italia, trazendo comsigo os thesouros da antiguidade, que haviam salvado da pilhagem e do incendio. Têm-se-lhes muitas vezes attribuido a honra de haverem produzido o renascimento das lettras no Occidente; mas esta nam é só d'elles: tudo estava já prestes para uma grande renovação, quando elles alli arribaram. A primeira faisca electrica, que devia despertar-nos de nosso entorpecimento, nos havia sido communicada por esses mesmos arabes que nos ameaçavam com submetter-nos á espada do alcorão; e que, sem o saberem, foram os primeiros que reanimaram, em todo o meio dia da Europa, o gosto da poesia e das sciencias.

§. 217. A Hispanha havia já dado o primeiro signal do renascimento das lettras, quando desde as fronteiras do Aragão e da Catalunha até ás margens do Durança resoaram os cantos dos *trovadores*. Appareceram entre o decimo e o decimo quarto seculo esses poetas provençaes, que andavam de cidade em cidade, de castello em castello, celebrando já a bravura dos heróes (§. 9), já os amores das damas, ao som do alaúde e da bandurra. *Gui-*

lherme de Poitiers foi o mais celebre d'entre elles, ao menos pela fama de seu nome. A elles deveu nam pouco a lingua das Hispanhas, assim como a litteratura franceza e a italiana.

§. 218. Todavia os monumentos d'um verdadeiro genio em litteratura nam appareceram senam na Italia no decimo quarto seculo, quando *Petrarcha*, *Dante* e *Boccacio* deram á sua lingua esse gráu de força e de graça que jámais foi excedido. Com estes tres auctores nasce egualmente um estudo mais attento, uma admiração mais reflectida das obras da antiguidade. Elles se haviam applicado a escrever em latim, antes que tentassem escrever no idioma nacional, a que receiavam no principio confiar seus pensamentos, por nam estar ainda formado.

§. 219. A lingua grega nam tardou em vir unir-se ao estudo da latina, que até ahi era a unica que occupava os homens instruidos. Uma multidão de sabios entrou a desenrolar os antigos thesouros da Grecia e da Italia. Muitos fizeram viagens a Constantinopla, para ahi recolherem novas riquezas. Uma actividade devoradora fermentava em todos os espiritus; parecia que tudo se preparava para um grande acontecimento, quando em o norte alguns modestos allemães (*), cujos nomes são apenas conhecidos, fizeram uma das mais admiraveis descobertas do espiritu humano, a da typographia.

(*) *João Guttemberg*, *João Faust* e *Pedro Schoeffer*.

RENASCIMENTO DAS LETTRAS

§. 220. Os seculos XIV e XV, em que se restauraram as lettras, nam foram todavia ainda os seculos do bom gosto. Os materiaes que nam cessavam de se accumular obrigaram os sabios, antes de tudo, a preparar o terreno, sôbre que deviam elevar-se mais tarde os monumentos do genio moderno. A imprensa nascente multiplicava sem descanço as obras antigas, que uma activa investigação ía descobrir no pó dos mosteiros, e aquellas que os gregos fugitivos haviam trazido do Oriente. O enthusiasmo que ellas excitaram ao principio fez olvidar, no meio das vigilias consagradas á sua interpretação, a cultura das linguas modernas. A sciencia foi muitas vezes pedantesca, e seu amor levado até ao fanatismo. Mas a nossa ingratidão tem demasiadamente esquecido os immensos serviços que devemos a esses homens, que se sepultavam vivos com os mortos, e nos facilitavam, por seus trabalhos, a avenida para fontes preciosas a que em breve deviamos accudir. —As cousas se achavam 'neste poncto, quando o seculo XVI se eleva, rico dos despojos do passado, juvenil na esperança, e depurado da ferrugem das escholas que havia até ahi suspendido os progressos do espiritu humano.

TERCEIRA PARTE

LITTERATURA PORTUGUEZA.

Docemente suspira, doce canta
A Portugueza Musa, filha, herdeira
Da Grega e da Latina, que assi espanta.
A. Ferreira, Cart. L. 2, 10.

§. 221. Depois dos fados de Grecia e Roma, se offerece agora a nossos olhos a litteratura portugueza; a litteratura d'um povo que encheu o mundo de sua gloria, e que, por nobres instituições, brilha hoje de novo entre os demais povos. Vejamos, ainda que em curto quadro, como Portugal, em sua cultura litteraria, tem experimentado as naturaes revoluções de prosperidade e de infortunio, d'esplendor, e de abjecção, de gloria e de trévas; destinos que prendem tudo o que é humano. Depois de haver apresentado infórmes ensaios, a nossa litteratura é animada pelo favor d'um monarcha amigo das musas, e começa a desinvolver-se. A grandeza cavalleirosa e as tradições do Oriente se combinam no seiu dos portuguezes para exaltar as idêas do genio; um clima incantador, uma lingua sonora e majestosa, se prestam a todas as suas inspirações; assim se eleva e ostenta nossa reputação litteraria. Mas lá vêi logo a tyrannia dos vizinhos suffocar estes felizes germes que nossos

soberanos haviam fomentado; e o pensamento, coarctado de todos os lados, sem poder escapar ao jugo, se retem captivo; até que, libertado alfim e outra vez protegido, resurge e toma novo e atrevido vôo.

§. 222. Mas, com quanto utilissimas investigações hajam recentemente dado á luz a alguns dos antigos monumentos da nossa litteratura; todavia, para ella bem se avaliar e para exactamente se dividir a sua historia, nam bastam ainda aquellas descobertas: sendo que uma grande parte ainda jaz inedita, e d'outra parte só temos uma leve noticia, devida ás tradições e a uma celebridade que o tempo nam tem podido extinguir. Por esta razão e porque, sob os primeiros monarchas, cuidariam menos os portuguezes de cultivar as lettras, que de augmentar seu poder pelas victorias sôbre os mouros e por uma administração vigorosa; alguns criticos collocam o principio da litteratura portugueza no reinado de D. Diniz.

§. 223. Isto nam obstante, dividiremos a historia da litteratura patria em cinco periodos, — *infancia, adolescencia, virilidade, velhice, renascimento,* — seguindo as differentes vicissitudes da lingua, poesia e historia. Decorre o primeiro periodo desde a fundação da monarchia até D. Diniz; o segundo desde aqui até D. João III; o terceiro comprehende o seculo XVI e o primeiro quartel do XVII; o quarto termina depois do meio do seculo XVIII; o quinto começa a decorrer desde entam até aos nossos dias.

PRIMEIRO PERIODO,

INFANCIA.

Desde a fundação da monarchia até D. Diniz, ou de 1139 — 1279.

§. 224. No celebrado campo de Ourique, onde cinco estandartes mouriscos cáem nas mãos dos portuguezes, proclamado rei, Affonso Henriques funda a monarchia, e dá as primeiras leis a um povo amante da independencia e da victoria. Sob seus auspicios e dos quatro seguintes rêis, a uma conquista succede outra conquista, a uma victoria outra victoria; até que o terceiro Affonso dá fim á dominação dos mouros. Mas, no meio do estrepito das armas, e d'algumas dissensões intestinas, poucos progressos podiam fazer 'neste periodo as lettras portuguezas. Todavia o escasso numero de fragmentos poeticos, que nos restam, offerecem uma prova da tendencia que a nação já tinha para as lettras, e sôbre tudo para a poesia. Nós os vamos a citar, investigando primeiro de mais alto a origem e alterações da lingua que 'neste paiz se tem falado.

LINGUA

§. 225. É muito provavel que a lingua primitiva dos lusitanos fôsse a *celtica* ou *cantabrica,* com pouca differença da que hoje está em uso na Biscaia; parecendo fóra de dúvida o serem os celtas os primeiros povos que habitaram a Lusitania, cêrca dos

annos do mundo 1770, ant. de Chr. 2234. Ainda hoje o nosso idioma conserva algumas palavras cuja origem, no sentir de *Duarte Nunes de Leão,* se deve referir áquella lingua. Taes são algumas das que começam por — pen —, como *Penalva*, *Penacova*, *Penella*, etc.; e das que terminam por — briga ou brica, — como *Cetobrica*, *Conimbrica*, *Lacobriga*, etc.; assim como por — tania —, como *Bellitania*, *Turdetania;* etc. E, segundo o testimunho de Strabão, parece que aquella lingua estava já nam pouco adeantada; tendo os turdetanos um grande numero de leis escriptas em verso, e possuindo obras da mais alta antiguidade.

§. 226 Porém, como observa *Faria e Sousa*, provavelmente aconteceria á Lusitania o que acontece a todas as pequenas nações conquistadas. Os povos mudaram de idioma, ao passo que foram mudando de principes extrangeiros: e este paiz nam foi menos, que o resto das Hispanhas, subjeito a similhantes revoluções. A chegada das colonias phenicias e carthaginezas devia naturalmente trazer alguma nova feição á lingua primitiva; e d'isto são prova os vocabulos — *Algarve*, *farda*, *fulano*, *galera*, *guedelha*, *latão*, *mascara*, *sarja*, *scolho* —, que manifestam origem phenicia ou punica. Depois arribaram os hellenos ou gregos, a cuja lingua devemos muitos vocabulos, construcções, uma grande parte dos diphthongos, e os mesmos artigos junctos aos nomes. D'estes hellenismos nos offerece uma collecção o nosso *Resende* nas *Antiguidades Lusitanas*, liv. 1, pag. 61.

§. 227. Mas os que exerceram sôbre a lingua lusitana uma influencia mais duravel foram os ro-

manos: sua longa dominação fez que o latim fosse adoptado quasi geralmente. E, com quanto este se viesse a corromper com o celtico que precedêra, e com o gothico que se lhe ajunctou; todavia as conquistas dos godos e dos africanos nam poderam mudar inteiramente o character d'uma lingua nobre, sonora e harmoniosa, que agradava aos mesmos barbaros. Esta mistura de linguas, em que sobresaía o latim corrompido, veiu a ter nas Hispanhas o nome de lingua *romanense* ou *romance;* e era a que se falava na Galliza, na Castella e em o nosso paiz quando tomou o nome de Portugal. Mas o idioma hispanhol adoptou ainda os sons gutturaes do arabe, que lhe deram essa nobreza e energia que lhe ha grangeado tantos admiradores. O portuguez, sem tomar aquelles sons, deve comtudo egualmente á lingua dos arabes muitas palavras, maiormente as que começam por—al e almo, — como *alcaide*, *almotacé*, *almoxarife*, etc. Vej. *Duarte Nunes* na *Origem da ling. portug.*, e *João de Sousa*, nos *Vestigios da ling. arab. entre os Portug.*

§. 228. O nosso idioma é tambem, um pouco, modificado pelo francez, com a chegada do conde Henrique de Borgonha; e os trovadores (§. 217) lhe vão dando algum cultivo. Conservando-se porém, ainda por muito tempo, rude e incerto em suas fórmas, nós o vemos no seculo XV tomar da bocca de *Fernão Lopes* um character particular; fixar-se e polir-se no XVI; descaír de sua pureza no XVII; e começar depois a regenerar-se pelos fins do XVIII, sem que entam mesmo deixasse de padecer pela mania dos gallicismos; mal, que ainda nam está perfeitamente curado.

ENSAIOS POETICOS.

§. 229. Na escaceza de monumentos litterarios d'este periodo, temos que citar só algumas reliquias de composições poeticas; das quaes a primeira querem alguns que seja anterior á fundação da monarchia.— No castello da Louzã, tomado por Sancho I, se encontrou o fragmento d'um poema *sôbre o dominio dos arabes na Hispanha*. A humidade lhe havia causado tal estrago, que só se poderam ler quatro oitavas, as quaes se acham em *Faria e Sousa*. A primeira começa por estes versos:

— O rouço da Cava imprio de tal sanha
A Juliam et Horpas a saa grey daninhos. —

Alguns attribuem este fragmento a Rodrigo, ultimo rei dos godos; mas o exame da linguagem, em que é escripto, nam permitte assignar-lhe uma tam alta antiguidade; sendo que 'nelle se nam divisam os signaes que characterizam os monumentos litterarios dos seculos XII e XIII, em que se acham fórmas romanas, que em vão alli procurariamos.

Outra reliquia é a d'uma canção de Guesto Ansures, tronco da familia dos Figueiredos; canção que se accredita ser do anno 1112, e cujos primeiros versos são estes:

— No figueyral figueyredo
A no figueyral entrey. —

Outra a de Gonçalo Hermingues, o Traga-mouros, lamentando a perda da bella Ouriana; começa

assim:

—Tinhera bos, non tinhera bos
Tal a tal ca monta.—

Citaremos ainda alguns versos attribuidos a Egas Moniz, despedindo-se de D. Violante, dama de D. Mafalda. O seu principio é:

—Fincaredes bos en bora
Taom coitada,
Que ei boime por hifora
De longada.—

SEGUNDO PERIODO,

ADOLESCENCIA.

Desde D. Diniz até D. João III, ou de 1279 —1500.

§. 230. No remanso da pâz, sob D. Diniz, começa a raiar emfim a aurora da litteratura portugueza. Os cuidados que este monarcha tem sôbre a agricultura nam podem embargar seu gosto ardente pelas artes e pelas lettras. Sendo quiçá o primeiro a sentir o que o idioma portuguez podia vir a ser, fez traduzir na lingua vulgar muitas obras extrangeiras. Deu-se á lição dos poetas latinos, e até compoz alguns versos em portuguez, nam sem elegancia para aquelle tempo, e que egualavam, por sua doçura e naturalidade, as canções dos trovadores. Sendo do pequeno numero d'esses varões que vão além do seu seculo, Diniz prepara a gloria dos vindouros, fundando a universidade

de Coimbra, que ao depois veiu a ser creadora de tantos e tam nobres genios.—

> Quanto póde de Athenas desejar-se,
> Tudo o suberbo Apollo aqui reserva;
> Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
> Do bacharo e do sempre verde louro. —
>
> CAMÕES.

Seu filho, D. Pedro, conde de Barcellos, o imitou na cultura da poesia; e, escrevendo tambem em prosa o seu *Nobiliario*, isto é, sôbre a linhagem das familias nobres, teve a gloria de ser um dos creadores da nossa historia.

ENSAIOS POETICOS. — ROMANCE.

§. 231. Entam é que, segundo a opinião mais geral, floreceu esse *Lobeira*, auctor d'um romance de cavalleria, o *Amadis de Gaula;* o qual, traduzido pelo páe de Tasso, teve grande influencia sôbre toda a Italia. *Faria e Sousa* julga que este romancista fôra contemporaneo de D. Fernando; porém outros criticos, dignos de fé, que viram o manuscripto original, quando passou aos archivos reaes pela confiscação dos bens do duque de Aveiro, em cujo poder se achava, asseguram que é perfeitamente similhante, na linguagem e escriptura, aos manuscriptos do tempo de D. Diniz.

§. 232. Estava dado o impulso; e nam se suspendeu. Portugal ía saíndo insensivelmente da barbaridade, a despeito das discordias de que entam era prêsa. Affonso IV foi guerreiro, mas tambem animou as lettras: e sob esse D. Pedro, a quem um amor desgraçado deu tanta celebridade, foi por ven-

tura ainda mais cultivada a poesia. O esposo de Ignez de Castro quiz eternizar em verso seus infortunios, celebrando, em um romance que se lhe attribue, essa infeliz, *que, depois de ser morta, foi rainha.* Depois de Fernando a dynastia muda; e D. João I, com quanto nos marulhos politicos as lettras nam podessem cultivar-se, dá todavia novo e valente impulso ao idioma patrio; manda usar d'elle em todos os instrumentos publicos, que até entam se faziam em latim.

§. 233. Maiores progressos fazem os estudos no reinado de D. Duarte. Elle mesmo póde considerar-se como um dos homens que 'nessa epocha cultivaram as lettras com felicidade. A lista de suas obras é verdadeiramente extraordinaria, em relação áquelle tempo; o estylo dos seus tractados — *sôbre o leal conselheiro ; sôbre a justiça e deveres*, e sôbre outros assumptos —, pela elegancia e ornato, lhe grangeou o epitheto d'*eloquente.* Com Affonso V os costumes adquirem mais polidez. Este principe anima poderosamente o estudo da historia pelas suas conquistas na Africa, onde o celebre Azurara colhe os materiaes de suas chronicas. Foi elle tambem o primeiro rei que fez escrever em latim a historia do reino; e elle mesmo escreveu *sôbre a tactica militar e sôbre a astronomia.*

HISTORIOGRAPHIA NO SEC. XV.

FERNÃO LOPES.

§. 234. Em quanto a poesia apresentava os ensaios que memorámos, e que annunciavam seu futuro brilho; homens habeis escreviam a historia d'uma maneira, já, verdadeiramente notavel. Entre os chronistas do seculo XV tem o primeiro logar, na ordem e na dignidade, o secretario de D. Duarte, e páe da nossa historia, *Fernão Lopes*, que escreveu as *Chronicas* dos rêis desde o conde D. Henrique até D. Affonso V. Seu estylo é singelo e claro, e tam differente do que até entam se havia adoptado, que dirieis ser d'outro idioma. Foi elle de feito quem começou a imprimir na lingua, ainda imperfeita, um novo character, estabelecendo o uso e determinando as fórmas da linguagem; e por taes serviços pagam os nossos criticos a este escriptor um justo tributo de reconhecimento.

AZURARA E OUTROS.

§. 236. A este historiador, na verdade nobre e superior ao seculo em que vivia, succedeu um homem que herdou sua profissão e, em parte, seu talento. Queremos falar de *Gomes Eannes de Azurara*, chronista mór do reino, sob D. Affonso V.—Barros, que podia bem avaliar o merecimento d'este escriptor, diz que elle merecia essencialmente aquelle titulo, nam só por seu estylo, senam tambem pelo desvelo com que exercia seu emprego. Escreveu

Gomes os *feitos de D. João I e a tomada de Ceuta;* e começou os *annaes de Affonso V sôbre a expedição de Africa*, os quaes ao depois concluiu *Ruy de Pina*, outro chronista, e guarda da Torre do Tombo, sob D. Manuel. Cêrca do fim do reinado de D. João II floreceram outros dois chronistas, — *Garcia de Resende*, que escreveu a *vida* e feitos d'este rei; e — *Duarte Galvão*, auctor da *chronica de Affonso Henriques.*

§. 236. Estes passos íam dando as lettras para o seu proximo esplendor, quando essa invenção (§. 218), que tanto tem influido sôbre os destinos do mundo, começou a espalhar entre nós seus beneficios. A imprensa se introduz em Leiria pelos fins do seculo XV (1470—1474); e brevemente, a despeito da typographia nascente, começam a vêr a luz as inspirações poeticas que havia dado a musa dos personagens mais distinctos do reino. *Garcia de Resende* as colligiu no seu *cancioneiro*, que fez imprimir no anno de 1516.

TERCEIRO PERIODO.

VIRILIDADE.

Desde D. João III até ao II Filippe, ou de 1500—1625.

§. 237. O descobrimento da India, as victorias e conquistas, nam interrompidas, que a D. Manuel trouxeram o epitheto de *afortunado*, completam a grandeza politica da nação, e elevam ao mesmo

tempo os espiritus para tocarem o mais alto gráu de sua gloria litteraria. Sóbe alfim ao throno D. João III, e, procurando estabelecer as lettras sôbre uma base sólida, chama á universidade muitos sabios nacionaes e extrangeiros, e faz nos estudos uma notavel reforma. São versados de todas as mãos os modelos gregos e latinos; fórma-se o bom gôsto segundo o *atticismo* grego e a *urbanidade* romana; a lingua se fixa, se enriquece e se aperfeiçoa; a poesia e a historia florescem: e d'est'arte o seculo de João III, qual o de Pericles na Grecia e o de Augusto em Roma, marca a *edade de ouro* na litteratura portugueza. Isto attestam os monumentos d'esses excellentes escriptores que do seculo tomam o nome de *quinhentistas*, e que respeitamos como principaes *classicos*, porque poliram o idioma patrio e o falaram com a maior pureza. D'estes citaremos alguns que mais se distinguiram, começando pelos poetas.

POESIA NO SEC. XVI.

§. 238. Se, como primeiro movel de suas inspirações poeticas, nossos avós tinham nobres tradições, a natureza lhes offerecia por toda a parte scenas as mais graciosas e aprazíveis. Depois de haver contemplado as praias do oceano, depois de haver admirado a coragem do pescador e sua industria; se o poeta seguia as margens do Tejo, o mais doce espectaculo incantava seus olhos. Admirava os fecundos valles, que o arado ainda nam rasgára; as florestas, que os defendiam dos aquilões, e que começavam a derribar-se, para se construirem essas frotas que íam a sobmetter o mundo. Ás collinas cobertas

de vinhas, alguns campos ondeando com douradas searas, attestavam que a natureza tinha dado a abundancia a este reino, assim como havia concedido aos habitantes o valor e o genio. Tudo isto devia naturalmente despertar o enthusiasmo poetico; e na verdade tam ingenito é elle á nossa gente, que se acha tanto entre os camponezes como no seiu d'uma brilhante sociedade.

BERNARDIM RIBEIRO.

§. 239. 'Neste bello periodo eminentes poetas cultivaram quasi todos os generos de poesia; e o primeiro que se offerece á nossa contemplação é o páe da nossa poesia bucolica, *Bernardim Ribeiro*, natural da villa do Torrão, e moço fidalgo d'el rei D. Manuel. Foi elle quem começou as brilhantes illustrações da litteratura do seculo XVI; Camões o estimava, chamando-lhe o seu Ennio. Os versos de Bernardim Ribeiro offerecem a candida expressão de seus sentimentos. Suspeitou-se que dirigíra seus votos a D. Beatriz, filha d'el rei; e esta paixão, a despeito dos esforços que fazia por occultal-a, foi a origem do destino de sua vida. No meio da agitação d'uma côrte numerosa, entre os movimentos de ambição e d'esperança, despertadas por novas conquistas, elle se retirava á solidão, errava pelas campinas, que tantas vezes havia celebrado, e d'est'arte procurava por ventura olvidar, na contemplação da natureza, o fanatismo que deshonrava um seculo de gloria. Suas *eclogas*, em que elle canta com musa terna e saudosa os amores dos pastores do Tejo, dirigindo-se ao coração, pintam a lenta desesperação

d'um amor desgraçado. Ellas fatigariam pela monotonia dos repetidos queixumes, se seu auctor nam soubesse variar seus quadros; e, com quanto seja poeta ainda sem arte, a qual nasceu depois d'elle, todavia incanta pela graça da poesia. O verso que ordinariamente emprega é a *redondilha maior*. Escreveu tambem em prosa um romance intitulado *Menina e Moça*, mais notavel pelo estylo e novas fórmas que deu á locução prosaica, do que pelos conceitos.

GIL VICENTE.

§. 240. Em quanto aquelle poeta começa a dar impulso á poesia pastoril, *Gil Vicente* (de Guimarães, Barcellos, ou Lisboa?) lança os fundamentos do nosso theatro. Desde a epocha em que nossos maiores chegaram a sacudir o jugo dos mouros, elles se deram com ardor aos jogos guerreiros adoptados pelos vencedores. As danças mouriscas, animadas por uma pantomima expressiva, deram provavelmente a primeira idêa das representações theatraes. Foi porém Gil Vicente o primeiro que entre nós imprimiu na poesia dramatica o cunho particular do seculo, tomando seus assumptos da historia moderna. Sob D. Manuel deu elle suas primeiras peças, que o fizeram cognominar o *Plauto portuguez*. Como quem sabia o que convinha ao character do público do seu tempo, elle uniu o heroismo cavalleiroso aos mysterios da religião, afim de tocar os corações dos espectadores. E assim, além de *comedias*, compoz *tragicomedias* e *autos*; e, postoque seus dramas careçam ainda de regularidade e verisimilhança d'enredo, mostram todavia riqueza de invenção. Mas

tanto este, como os demais generos poeticos, recebem um novo brilho da musa dos dois legisladores do Parnaso portuguez, Miranda e Ferreira.

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA.

§. 241. O Dr. *Francisco de Sá de Miranda*, natural de Coimbra, aindaque seu gôsto propendia para a cultura da poesia, obedeceu ao principio ás ordens paternas, e se occupou do estudo do direito, sciencia que professou na universidade. Por morte de seu páe, o gôsto de Miranda o indemnizou dos sacrificios que fizera á obediencia. Tornando-se poeta, e havendo viajado pela Italia e pela Hispanha, veiu para Lisboa, onde por algum tempo gozou dos favores de D. João III. Retirando-se depois, demandou logares mais convenientes a seu espiritu melancholico e pensador: possuindo em alto gráu os auctores da antiguidade, e familiarizado com o grego e latim, domou a rudeza da phrase, adaptou-a a varias combinações, e estabeleceu novas leis sôbre a harmonia metrica. Foi elle quem fixou o movimento do verso hendecasyllabo, até ahi quasi inteiramente desconhecido, apartando-se do uso commum que prescrevia o emprego da redondilha; e nos deixou poesias em varios generos, como, *sonetos*, *epistolas*, *hymnos*, *canções*, *elegias*, e duas *comedias*, — *os Extrangeiros* e *os Vilhalpandos*. — Suas composições nam demostram originalidade; mas o estylo apparece sempre vivo, animado e elegante.

ANTONIO FERREIRA.

§. 242. No mesmo tempo e nos mesmos generos se distinguiu o Dr. *Antonio Ferreira*, de Lisboa, o qual é considerado como eminente classico. 'Numa epocha em que a maior parte das pessoas instruidas preferiam ainda exprimir seus pensamentos em hispanhol, ou na lingua de Virgilio, Ferreira parece haver estudado os grandes escriptores da antiguidade, só com o fim de fazer passar suas bellezas á lingua vulgar. Seus esforços foram plenamente coroados de successo; elle nos deu o gôsto da lingua nacional, descobrindo os dotes que a ennobrecem. Compoz *epistolas*, *odes*, *sonetos*, *elegias*, e peças *dramaticas*, unindo, em todas as suas obras, á elegancia e dignidade da linguagem o incanto da imaginação. Coube-lhe a gloria de haver dado á Europa moderna a primeira *comedia de character*, e a segunda *tragedia* regular. As suas comedias são — *o Cioso* e *Bristo;* — e a tragedia, em que a nobreza compete com a sensibilidade, é a — *Castro.*

LUIZ DE CAMÕES.

— Aquelle cuja lyra sonorosa
Será mais afamada que ditosa.—

Lus. Cant. X, est. 128.

§. 243. Mas, em quanto estes poetas, logrando um dôce repouso, podem cantar no seiu da côrte emprêsas que movam a admiração do mundo; acima de todos elles se eleva um homem ignorado, errante e pobre, e que nas suas desgraças antevê sua gloria, reservada nos seculos que hão de vir. É o principe

dos nossos epicos, *Luiz de Camões*, nascido em Lisboa no anno 1524. Na edade de doze ou treze annos passou á universidade, que havia já sido mudada segunda vez para Coimbra. Foram notaveis os progressos que alli fez nas lettras e nas sciencias, sob a direcção d'esses insignes mestres que D. João III chamára para instruirem a mocidade. Acabados os estudos, e restituido a Lisboa, experimentou logo os damnos do ocio na edade juvenil. Affeiçoou-se a certa dama; e esta affeição deu causa a seu desterro. Militou depois na Africa e na India, onde supportou gravissimas incommodidades. Animado do sancto amor da patria, toma parte nos feitos que ha de cantar; regressa emfim á terra natal, escapando ás tormentas; deixa-nos um monumento que o eterniza; e fallece, quasi no dia em que succumbe a gloria portugueza. — A collecção das obras de Camões em diversos generos de poesia é assás consideravel; algumas porém se lhe attribuem que, parece, nam saíram de sua penna. Temos d'elle innumeraveis *sonetos*, varias *odes*, pela maior parte elegiacas, *eclogas*, *comedias*, *elegias*, etc. Porém a sua obra prima e que, a despeito da inveja, fará eterna a memoria do auctor através de todos os seculos, é a excellente epopêa — *Os Lusiadas* —, em 10 cantos; cujo assumpto é *o descobrimento da India* por um novo caminho, aberto por *Vasco da Gama*. As aventuras do seu heróe são tam vivamente imaginadas, como habilmente descriptas: todo o poema se vê semeado de doutrina, ingenhosas ficções, e propriedade na pintura dos characteres; e por todo elle brilha a nobreza e gala da elocução. São admiraveis seus episodios, como — o da apparição do Ganges e do Indo a

D. Manuel; — o do Adamastor, guarda do Cabo das Tormentas; — o de Ignez de Castro,— um dos mais tocantes que a poesia tem consagrado; e outros muitos. Nam obstante, porém, toda essa serie de bellezas poeticas, nam faltaram em todos os tempos zoilos ladradores que pretendessem denegrir a bem merecida fama do nosso Epico. Entre outros defeitos, lhe censuraram, quanto ao maravilhoso, a mistura das divindades da gentilidade com os sanctos do christianismo.

DIOGO BERNARDES.

§. 244. Com quanto inferiores a Camões, ainda alguns poetas do mesmo seculo nam desmerecem aqui honrosa memoria. Um d'estes é *Diogo Bernardes*, de Ponte do Lima, poeta e guerreiro, que, depois de haver obrado prodigios de valor na desastrosa jornada de Africa, foi prisioneiro dos mouros. No cabo d'algum tempo, restituido á liberdade e á patria, alguns annos sobreviveu ainda áquella espantosa catastrophe. De suas obras a principal é o *Lima*, que contém suas *eclogas* e *cartas*, onde brilha a pureza de seu estylo, a elegancia de suas fórmas poeticas, e a incantadora pintura das scenas em que colloca seus pastores.

PEDRO DE ANDRADE CAMINHA.

§. 245. Outro poeta, cujas qualidades têm sido louvadas, é *Pedro de Andrade Caminha*, do Porto, camarista do Infante D. Duarte, irmão de D. João III. A reputação de Caminha havia atravessado os

seculos, semque os modernos soubessem perfeitamente em que ella era merecida. Nam se conhecia mais que uma parte pouco consideravel de suas poesias, quando em 1791 a Academia Real das Sciencias fez publicar suas obras completas, á vista de dois manuscriptos, dos quaes um existia em poder do duque de Cadaval, outro na bibliotheca d'um convento de Lisbca. As poesias de Caminha se distinguem pela dicção correcta e harmoniosa.

CORTE-REAL.

§. 246. Quando Camões, depois de haver corrido os logares que canta em seu poema, se votava á solidão, *Jeronymo Corte-Real* ía procurar em paizes extranhos essas côres brilhantes com que queria aformosear seus cantos. Correu a India e a Africa, e até assistiu á lastimosa batalha de Alcacer-kivir, onde seu valor nam pôde subtrahil-o ao captiveiro. Libertado na epocha do resgate geral, e voltando á desgraçada patria, consagrou seu ocio ás musas. Entre as suas obras sobresaem os dois poemas epicos, — *o 2.º Cerco de Diu* e — o *Naufragio de Sepulveda* —, que offerecem bellezas e defeitos; extranha-se o maravilhoso mythologico e algumas expressões de máo gosto; agradam porém as nobres imagens e a harmonia da versificação.

HISTORIOGRAPHIA NO SEC. XVI.

§. 247. O brilho da poesia 'neste seculo se communica á historiographia, obrando sôbre esta as cau-

sas que 'naquella haviam influido (§. 237). Nossos historiadores tinham todos os elementos d'uma brilhante historia nacional, semque lhes fosse necessario ir mendigar fóra altos feitos para celebrar; bastava-lhes lançar os olhos sôbre o que entre elles passava. Nem sua imaginação carecia de se exaltar para maravilharem pela invenção; a verdade da historia era essencialmente poetica entre elles. Mares desconhecidos, atravessados pela primeira vez; imperios immensos descobertos; um pequeno numero de homens afrontando e vencendo exercitos numerosos; os thesouros da India accumulando-se nos portos de Lisboa; uma natureza nova, alardeando seu esplendor aos olhos d'um povo tam favorecido pelo clima; eis o que se offerecia á penna dos historiadores; eis o que exaltou sua viva imaginação, e o que desinvolveu seu character original, como escriptores. Nam são simples chronistas; quasi sempre misturam com a narração dos factos suas reflexões. E, se nem sempre o discernimento acompanha seu zelo politico e religioso, sería muito esperar d'elles essa imparcialidade que, só depois d'uma longa civilização, póde ser superior aos prejuizos dos tempos e dos paizes.

JOÃO DE BARROS.

§. 248. Entre os nossos historiadores occupa o primeiro logar *João de Barros*, de Viseu (1496 — 1570); o qual começou sua carreira litteraria por uma chronica ou romance, — o *Clarimundo*. — Com quanto esta obra parecesse mais notavel pelo estylo que pelo poder da imaginação, annunciava toda-

via em seu auctor uma penna brilhante para escrever a historia de seus compatriotas. E com effeito, vendo longes terras, comparando costumes extrangeiros, e colhendo todos os documentos necessarios, Barros concebeu o projecto d'esse immenso trabalho, e o executou tam primorosamente que mereceu o cognome de *Livio Portuguez*. Assim, de suas obras a mais importante é a sua *Asia*, em que refere os feitos dos portuguezes no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente, obra dividida em *decadas*, e ao depois continuada por Diogo do Couto. Barros teve a gloria de ser o primeiro que deu a conhecer bem a India aos europeus: descreve fielmente os paízes, os costumes dos povos, e os characteres dos personagens; e nos pinta, da maneira a mais feliz, as maravilhas que nossos maiores obraram na Asia. A pureza de sua linguagem, a elegancia e a energia de seu estylo, justificam o nosso enthusiasmo para com este nobre escriptor.

DAMIÃO DE GÓES.

§. 249. Nam devemos passar em silencio *Damião de Góes*, nascido em Alemquer em 1501, escriptor interessante, nam tanto por suas idêas e estylo, quanto pelos curiosos factos que fielmente conta. Encarregado por D. João III de varias missões á Polonia, Suecia, Dinamarca e França, e havendo amadurado seu juizo pela instrucção adquirida em suas viagens, devia parecer idoneo para escrever a historia. Foi nomeado guarda-mór da Torre do Tombo, e chronista do Reino. Sôbre tudo á sua *Chronica de D. Manuel* é que elle deve sua reputação; onde tudo

o que immediatamente respeita ao rei, apresenta um interesse mui vivo. Escreveu tambem a *Chronica de D. João II.*, e traduziu em portuguez o livro de Cicero *sôbre a velhice.*

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA.

§. 250. Tambem devemos citar *Fernão Lopes de Castanheda*, natural de Santarem, fallecido em 1557; o qual, tendo nascido na epocha das conquistas, e querendo contar a seus compatriotas os feitos que haviam despertado sua imaginação, emprehendeu o inteirar-se por si mesmo da verdade. Com este designio, viajou pelas Indias, luctando com as tormentas, supportando a fome e a sêde, e arrostando os perigos que sua historia refere. Sua obra, a *Historia do descobrimento e conquista da India pelos Portuguezes*, desde que appareceu, gozou de tanta estima para os que procuram a verdade dos acontecimentos, que consta fôra vertida em hispanhol, francez e italiano.

ANDRÉ DE RESENDE.

§. 251. Em quanto estes e outros muitos homens célebres se occupavam em fazer conhecer paízes longinquos, um homem laborioso dirige suas vistas aos monumentos das conquistas dos romanos, e aos dos antigos povos da Lusitania. *André de Resende*, nascido em Evora no anno de 1495, prégador de D. João III, foi o maior antiquario do seculo XVI; e suas obras, que explicam tantos ponctos obscuros da nossa historia, são muito estimadas,

ainda entre os sabios extrangeiros. A sua historia das antiguidades, em latim, se intitula — *de Antiquitatibus Lusitaniae:* — mas elle escreveu tambem em portuguez varias obras, como a *Historia das antiguidades da Cidade d'Evora*, etc.

JERONYMO OSORIO.

§. 252. Um escriptor porém d'um grande merito, que possuia um profundo sentimento da verdade, que ousava a dizel-a aos reis, e que escrevia segundo os impulsos d'um coração recto, 'numa epocha em que tantas circumstancias contribuiam a falsificar o juizo e a fazer menosprezar as leis da humanidade; um tam digno escriptor é o virtuoso bispo de Silves, *D. Jeronymo Osorio*. Suas dignidades ecclesiasticas nam lhe embaraçaram o elevar uma voz eloquente em favor dos judeus, quando elles soffriam ainda uma odiosa perseguição, e no momento em que ninguem tentava implorar por elles a compaixão. — Escreveu em latim a *vida de D. Manuel*, obra mui notavel a todos os respeitos, e que por ventura se espalhou mais geralmente pela Europa, do que as differentes obras dos outros historiadores nossos, por ser escripta 'naquella lingua. Temos porém na lingua vulgar as suas *Cartas*, que versam todas sôbre assumptos politicos, e das quaes a primeira é dirigida a D. Sebastião sôbre a jornada de Africa. Ellas nos offerecem excellententes discursos, que, com quanto nam podessem convencer o joven principe, ficaram todavia como preciosos modelos d'uma nobre eloquencia. A posteridade, admirando-o, lhe tem dado o cognome de *Cicero portuguez*.

FERNÃO MENDES PINTO.

§. 253. São tambem recommendaveis, nam só pelo assumpto de suas obras, senam ainda pela pureza de linguagem, alguns dos escriptores que 'neste periodo nos deixaram as relações de suas viagens. Entre estes contemplaremos *Fernão Mendes Pinto*, de Montemór o Velho, fallecido entre 1580 e 1581. Embarcando para Setubal na edade de doze annos, inceptou o curso de suas viagens com infelizes auspicios, sendo maltractado por um cossario francez. Seguindo porém seu destino, correu a Ethiopia, a Arabia feliz, a China, a Tartaria e a maior parte do Archipelago oriental. No cabo de vinte annos consumidos 'nesta vida errante, em que soffreu varios infortunios, sendo muitas vezes captivo, e muitas vendido, chegou alfim a Lisboa, na menoridade de D. Sebastião. Julgava-se digno de recompensa pelos seus serviços e coragem perseverante, havendo descoberto paizes onde o commercio podia achar numerosos thesouros. Vendo porém que nada obtinha, retirou-se a Almada, onde nam possuiu mais que uma fortuna mediocre, em uma epocha em que tantos aventureiros se enriqueciam. Alli escreveu a sua *Peregrinação*, obra que lhe dá um logar distincto entre nossos classicos.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

§. 254. Outro homem que por seus escriptos illustrou egualmente o seculo aureo da nossa litteratura, e que se conta no numero dos escriptores mais notaveis, é *Duarte Nunes de Leão*, natural d'Evora,

e fallecido em 1608. Foi auctor de muitas obras; entre as quaes se distingue sua *Descripção do Reino de Portugal*, assim como a *Primeira Parte das Chronicas dos Reis*, por elle reformadas. É tambem recommendavel sua *Origem e Orthographia da Lingua Portugueza*. Seu estylo é puro, simples e, ás vezes, mui nobre.

HEITOR PINTO.

§. 255. 'Num tempo em que floresciam tantos generos de litteratura, um homem de talento pisou uma senda differente, e se tornou, d'algum modo, o moralista do seculo. *Heitor Pinto*, da Covilhã ou de Mello, monge de S. Jeronymo, fallecido em 1584, escreveu *dialogos*, celebres ainda pela pureza da lingua e incanto do estylo. Sua obra tem por titulo — *Imagem da vida christã, ordenada por dialogos:* é dividida em duas partes, que apresentam os principios d'uma moral pura. Heitor Pinto é justamente havido por classico, e faz auctoridade entre nossos melhores escriptores; manifesta prova é de seu merecimento o terem sido os seus dialogos traduzidos em italiano, hispanhol e francez.

AMADOR ARRAES.

§. 256. Outro moralista que tambem floreceu no mesmo seculo, e que egualmente offerece um estylo notavel, é *Amador Arraes*, de Béja, bispo de Portalegre. Deu tambem *Dialogos*, cheios d'excellente conceitos, e agradaveis pela elegancia da expressão; entre os quaes se distingue o que versa sôbre os triumphos dos portuguezes. Outros muitos cultiva-

ram 'naquelle tempo o mesmo genero; mas por brevidade os deixamos em silencio.

JOÃO DE LUCENA.

§. 257. Dos biographos, citaremos o *D. João de Lucena*, nascido em Trancozo em 1549, jesuita, e fallecido em 1600. Escreveu a *Vida de S. Francisco Xavier* com muita propriedade, energia e pureza de linguagem; por onde merece logar na classe dos mestres da primeira nota. E, com quanto alguns críticos o censurem de usar de diversos termos destituidos de classica auctoridade, outros sabios o têm defendido, honrando sua memoria com muitos elogios.

ELOQUENCIA DO SEC. XVI.

§. 258. Se tomarmos a eloquencia em sentido lato, é certo que ella illustrou as varias obras poeticas e prosaicas dos nossos bons escriptores d'este periodo. Quanto porém á eloquencia propriamente dicta, só achâmos modelos da *sagrada;* a profana, maiormente a da *tribuna*, nam podia entam, nem pôde por longo tempo ainda, achar logar entre nós. Sendo que, assim como ella entre os antigos só floreceu com a liberdade grega e romana; assim para nós data sómente desde a gloriosa epocha da nossa regeneração politica. Mas até mesmo a eloquencia do *pulpito* nam era ainda no seculo XVI dirigida pelas leis do bom gôsto; d'ella se havia apoderado uma erudição escholastica; e as citações dos auctores profanos se misturavam, da maneira a mais

extravagante, com o texto dos escriptores sagrados. Na eloquencia profana d'aquelle seculo, só encontrâmos dois *panegyricos de João de Barros* (§. 247), os quaes vêm nas *Noticias de Portugal* de Manuel Severim de Faria: um é dirigido a D. João III, outro á Infanta D. Maria. Na sagrada citaremos os *Sermões de D. Diogo de Paiva de Andrade*, natural de Coimbra (1528 — 1575); os de *Luiz de Granada*, dominico; e os de *Francisco Fernandes Galvão*, de Lisboa, arcediago de Villa Nova de Cerveira, fallecido em 1610. — Esta data nos adverte que nossa edade aurea vai a terminar, e que estamos a entrar no

PRIMEIRO QUARTEL DO SEC. XVII.

§. 259. Com D. Sebastião se perde nossa gloria militar em Alcacer-kivir, 'nesse para sempre infausto dia 4 de Agosto de 1578. A esta luctuosa catastrophe se segue o reinado ephemero do cardial rei, e se abre um vasto campo á ambição dos pretendentes á corôa portugueza, que em breve é usurpada pelos Philippes. Os espiritus se abatem com estes funestos acontecimentos; e a nossa litteratura começa a descaír do poncto de perfeição a que se havia elevado. Nam é porém subita a degeneração: alguns genios se exaltam ainda com as memorias do passado; e os escriptores dos primeiros annos do seculo XVII, com quanto sejam, pela maior parte, menos puros na linguagem, e menos delicados no gôsto, que os do seculo antecedente, offerecem comtudo, maiormente na poesia, conceitos grandes e originaes.

POESIA.

RODRIGUES LOBO.

§. 260. Dos innumeraveis poetas que fazem a transição do seculo XVI para o XVII, e que se exercitaram sôbre tudo na epopêa, indicaremos os mais distinctos. Um d'estes é *Francisco Rodrigues Lobo*, de Leiria, o qual, pelas suas *eclogas* incantadoras, mereceu o appellido de *Theocrito Portuguez;* titulo de que nam deve ser despojado, attendendo á pintura das bellezas da natureza que 'nellas nos offerece. E, aindaque algumas vezes nam encontremos 'nelle a singeleza e naturalidade do seu modelo; reconhecemos todavia que foi melhor bucolico do que epico. Na verdade, pouco feliz foi Rodrigues Lobo no seu poema heroico — *O Condestable de Portugal D. Nuno Alvares Pereira.* Esta obra é antes a vida d'este heróe escripta em verso, do que um verdadeiro poema; pois que nam só pécca na invenção e na ordem, senam que o mesmo estylo é imperfeito. Compoz ainda outras obras, como a — *Primavera*, o —*Pastor peregrino*, o—*Desenganado*, e em prosa — *Côrte na aldêa e Noites de hynverno.*

VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO.

§. 261. Um dos grandes meritos de nossos epicos é serem eminentemente nacionaes. E foramno ainda mesmo quando a patria choravaseus males: procuravam fazer reviver nossa antiga gloria. *Vasco Mousinho de Quevedo e Castello Branco* lhe pagou dignamente seu tributo. Tendo nascido em

Setubal, e feito seus estudos em Coimbra, começou sua carreira litteraria por um *Discurso sôbre a vida e morte de S. Isabel, Rainha de Portugal.* Mas era um bello assumpto a conquista de tres poderosas cidades de Africa por um rei que soube vencer na epocha em que os mouros eram tam formidaveis; o poeta o escolheu. Em 1611 appareceu o seu *Affonso Africano*, poema heroico da tomada de Arzilla e Tanger, cheio de grandeza e energia. Foi Quevedo o primeiro que sentiu a necessidade de procurar o maravilhoso no christianismo; mas nam soube tirar partido d'uma crença que tanto podia animar a acção de seu poema; julgou-se obrigado ainda a fazer algumas concessões ao gosto do tempo pela mythologia grega. A acção principal marcha lentamente, sendo muitas vezes interrompida; e oestylo carece de correcção 'nalgumas partes. Mas estes defeitos são resarcidos por bellezas da primeira ordem; as comparações de Quevedo são em geral de grande effeito, e na fôrça e majestade a nenhum dos bons epicos é inferior.

GABRIEL PEREIRA DE CASTRO.

§. 262. Outro epico de grande nome, e que alguns auctores collocam immediatamente depois de Camões, é *Gabriel Pereira de Castro*, natural de Braga (1571—1632), lente da Universidade, e desembargador aggravista. Depois de sua morte em 1636 saíu a primeira edição do seu poema — *a Ulyssêa* — em 10 cantos, cujo assumpto é a fundação de Lisboa, attribuida a Ulysses. É notavel esta epopêa pela sublimidade dos pensamento e pelas

scenas mythologicas as mais brilhantes. Por toda ella reina um accento antigo que nos recorda a poesia grega, que Pereira de Castro nam cessa de imitar: dirieis que algumas passagens são fragmentos da Odyssêa, recentemente descobertos. Seu estylo porém fôra mais agradavel, senam offerecesse algumas incorrecções, e senam laborasse já 'nesses jogos de palavras e 'nessas exaggerações que vieram desfigurar no periodo seguinte nossa litteratura.

FRANCISCO DE SÁ E MENEZES.

§. 263. Na mesma epocha elevou tambem *Francisco de Sá e Menezes*, do Porto, um monumento á gloria nacional, compondo o seu poema heroico— *Malaca conquistada*—, cujo heróe é o grande Affonso de Albuquerque, conquistador das Indias. Lendo este poema, vê-se que o gosto havia já advertido que se nam misturasse o sagrado com o profano: Sá e Menezes tomou seu maravilhoso da religião christã, deixando as ficções mythologicas, de cujo poder Quevedo (§. 260) nam ousára a libertar-se completamente. A despeito dos graves vicios do estylo, o mesmo poema se distingue por uma brilhante imaginação e pela exacta pintura do character portuguez. E, com quanto a marcha do acontecimento principal seja frequentemente interrompida por muitos episodios, que o auctor nam concluiu; o interesse todavia nam deixa de ser, em geral, bem sustentado.

§. 264. Nam acabariamos se quizessemos memorar todos os poetas d'aquelle tempo, alguns dos

quaes escreveram já depois de Portugal haver caído sob o poder de Castella. Grandes talentos se mostraram ainda na subjeição da patria; o que prova que a decadencia das lettras nam foi entre nós tam prompta como a das armas. Mas tal foi a influencia das circumstancias, que se preferiu muitas vezes a linguagem dos vencedores, até mesmo para celebrar a patria desgraçada. É necessario confessar todavia que os poetas mais notaveis raramente commetteram essa vergonhosa falta de patriotismo: conheceram que eram elles a derradeira esperança da nação, quando as armas succumbiam. Entre aquelles que escreveram em hispanhol, sómente indicaremos Miguel da Silveira, de Celorico, que compoz — *El Machabeo* —, poema em vinte cantos, que versa sobre a restauração de Jerusalem; e um pertencente ao periodo seguinte, — Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, da Torre de Moncorvo, que, tomando um assumpto nacional, deu — *El Alfonso ó la Fundacion del reyno de Portugal.* —

HISTORIOGRAPHIA.

BERNARDO DE BRITO.

§. 265. Passando agora aos historiadores, contemporaneos dos poetas de que acabamos de falar, se 'nelles nam achâmos a simplicidade de seus predecessores, notamos todavia effeitos mais dramaticos. Suas idêas, todas poeticas, brilham com um reflexo de gloria que faz comprehender ainda

a grandeza das passadas eras. Um pensamento altivo se divisa algumas vezes 'nelles com tanta força, que bem se presente que a nação nam será sempre escrava. Seguindo a ordem dos tempos, nomearemos primeiro *Bernardo de Brito*, nascido em Almeida em 1569, monge de Cister e chronista mór do Reino, fallecido em 1617. Foi um dos escriptores *polygraphos* mais distinctos, e deixou varias obras, como a — *Chronica de Cister;* os *Elogios dos Reis; Geographia antiga da Lusitania;* e *Monarchia Lusitana*, que contêm a nossa historia antiga, desde os tempos mais remotos até que Portugal foi dado em dote ao conde D. Henrique. Nossos criticos o contemplam na honrada classe de João de Barros, por lhe haver seguido os passos, escrevendo em estylo puro e correcto.

ANTONIO BRANDÃO, etc.

§. 266. Achou Brito um habil continuador em *Antonio Brandão*, de Alcobaça 1584—1637), geral dos Bernardos; o qual ajunctou ás duas partes da *Monarchia Lusitana*, escriptas por aquelle, a 3.ª que contêm o governo de D. Henrique, e o reinado de D. Affonso Henriques; e a 4.ª, que comprehende a historia de Portugal desde D. Sancho I até ao fim do reinado de D. Affonso III. Este Brandão, assim como *Francisco Brandão*, tambem de Alcobaça, geral da ordem de Cister, que mais tarde continuou a mesma historia, têm ambos penna indagadora, ingenua e verdadeira; fallece-lhes porém aquella propriedade e pureza que sobresái em seu antecessor.

DIOGO DO COUTO.

§. 267. Por estes tempos (1542—1616) proseguia as *Decadas* de Barros (§. 247) *Diogo do Couto*, natural de Lisboa, chronista mór da India. Ainda que este nam tivesse todo o talento de seu predecessor, herdou ao menos uma parte de suas qualidades, sentindo-se movido da lembrança d'essas grandes acções que ennobrecem os fastos da nação. Havia corrido as Indias e a Africa; e estava por isso ao alcance de bem descrever os paizes que visitára, assim como de avaliar os acontecimentos que refere. Dotado d'uma grande sagacidade de observação, previu elle a quéda dos conquistadores, e nos indicou as principaes causas da decadencia dos portuguezes na India, no seu—*Soldado Practico*—; obra que o zêlo da Academia Real das Sciencias fez imprimir em 1790.

LUIZ DE SOUSA.

§. 268. Segue-se agora um escriptor que occupa um logar distincto entre os classicos, nam tanto pela grandeza dos conceitos, quanto pela pureza, pela naturalidade e doçura do estylo. É *Luiz de Sousa*, de Santarém, Dominico, fallecido em 1632. Escreveu a *Chronica de S. Domingos*, onde, tudo interessa, onde tudo move docemente; e, alêm d'outras obras, a *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga*. 'Nesta obra, tam estimavel pelos incantos da expressão elegante e corrente, nos pinta elle na pessoa de Bartholomeu o typo do religioso elevado a uma alta dignidade

ecclesiastica. Representa-o paciente e humilde por natureza; segue-o com admiração nas jornadas por montanhas selvagens, para visitar pobres egrejas, onde arcebispo algum jámais havia entrado; e depois de nos referir innumeraveis maravilhas que exaltam a piedade de seu virtuoso heróe, nol-o apresenta emfim rejeitando as dignidades, para encerrar-se novamente na solidão do claustro.—Estes e outros homens de genio, que poderiamos nomear, senam amassemos a brevidade, procuravam suspender ainda o máo gosto que começava a deshonrar nossa litteratura; seus esforços porém foram baldados; e eis-nos, como por degraus, chegados ao periodo de nossa ruina litteraria.

QUARTO PERIODO,

VELHICE.

Desde o II Philippe até D. José I, ou de 1625—1750.

§. 269. Perdida a nossa independencia e eclipsada a nossa gloria, mão extranha e oppressora reduz Portugal á ultima miseria e abatimento. Sob esse ferreo jugo dos Philippes tudo nos é roubado: lá vão nossas esquadras e exercitos empregar-se no serviço de Hispanha; nossas riquezas são levadas a Madrid; nossas bibliothecas vão enriquecer as hispanholas; e a perda de nossas conquistas acaba de escurecer o nome portuguez. Em tal estado de cousas, nam podia deixar de tornar-se de dia

em dia mais sensivel a nossa degeneração litteraria. E, se por uma feliz revolução se recupera a liberdade, e a um governo tyrannico succede a dynastia brigantina em D. João IV; os primeiros esforços d'um governo renascente são ainda mui fracos para elevar os espiritus. Uma vil adulação havia muitas vezes preferido (§. 264) o idioma extranho ao nosso; o poder monachal e jesuitico censura vergonhosamente todas as obras, chegando a alterar as dos grandes mestres do seculo precedente; e emfim a inutil crueldade da infame Inquisição, continuando a suffocar os espiritus, extingue até a ultima faísca do fogo patriotico que animára nossos antigos poetas.

§. 270. Comprimidos d'est'arte os nobres sentimentos d'esta generosa nação, ella procura idêas que crê ingenhosas; occupa-se de bagatelas, e se entrega a todos os erros da imaginação. Em vez do bom gosto quinhentista, grassa um estylo contrafeito, cheio de argucias, exaggerações, affectada sublimidade, e trocadilhos de palavras; vicio que toma o nome de *gongorismo*, d'esse *Gongora* que, com quanto por seus vastos talentos enriquecesse a litteratura hispanhola, veiu ao mesmo tempo a inficional-a, assim como a nossa, com essas suas figuras gigantescas, metaphoras atrevidas, e outros falsos ornatos, que desagradam aos amadores da natureza bella. Este máo gosto continúa a dominar todas as composições poeticas e prosaicas d'este periodo, que por isso correremos ligeiramente.

ESCRIPTORES D'ESTE PERIODO.

POESIA.

BRAZ GARCIA DE MASCARENHAS.

§. 271. Citaremos entre os poetas *Braz Garcia Mascarenhas*, da villa de Avô, o qual 'nesses tempos escreveu o seu —*Viriato Tragico*,— poema heroico em vinte cantos. Como o auctor marcha sempre apoiado sobre as tradições e monumentos antigos, esta obra, aindaque mui defeituosa, faz conhecer d'uma maneira interessante essa epocha famosa em que Roma sobmette por sua politica, assim como por suas armas, o fero genio da selvagem Iberia e da bellicosa Cantabria. E a grande figura d'esse Viriato que ameaça Roma, qual um segundo Hannibal, anima por toda a parte essa vasta scena, e eleva ás vezes o interesse até ao mais alto grau.

D. VIOLANTE.

§. 272. Nam foi sómente Gongora que entre nós teve admiradores; teve-os tambem uma freira nossa, *D. Violante do Céo*, nascida em Lisboa (1601), cognominada a *decima Musa portugueza;* a qual egualmente contribuiu, pela extravagancia de seu estylo, para a decadencia das nossas lettras. Possuindo uma imaginação mui viva, D. Violante se dedicou cêdo á poesia, dando aos dezoito annos uma comedia, em verso, intitulada *Sancta Engracia*. Destinou-se á vida religiosa, e brevemente entrou no claustro. Entam é que ella compõi um vo-

lume de poesias ; sua fama cresce ; e suas obras são muitas vezes imitadas. Mas é necessario que o gosto se tivesse corrompido muito, para se admirarem tanto as pinturas singulares e as metaphoras extravagantes d'esta poetiza. Publicou tambem uma obra chêa do mysticismo o mais extranho, e de que se póde fazer idêa por seu titulo, que é — *Parnasso lusitano de divinos e humanos versos.*

PROSA.

JACINTHO FREIRE DE ANDRADE.

§. 273. Foi porém esta epocha assignalada ainda por um admiravel talento, que fez para a nossa prosa o que grandes genios haviam feito para a poesia. *Jacintho Freire de Andrade*, de Beja (1597—1657), é um d'esses historiadores mui raros, a quem a natureza deu energia e nobreza. Escrevendo a *Vida de D. João de Castro*, quarto vice-rei da India, escolheu um bello assumpto, e o tractou com uma tal superioridade, que ficou sendo um modelo recommendavel em a nossa historia. Como quem sabía perfeitamente a arte de traçar com energia os characteres, Jacintho Freire nos pinta com a maior viveza a honra, probidade e valentia do seu heróe. Faz-nos conhecer esse Coge Çofar, que se fez temer por tanto tempo sobre os mares da Asia, onde tantos combates attestaram sua astucia, assim como sua coragem. Nam é menos bella a pintura das emprêsas prodigiosas d'esse Barba-roxa, amado de seus soldados e temido dos monarchas. Seu eloquente estylo passa ás vezes a uma affectação declamatoria ; mas na pureza

da linguagem guardou Freire exactissimo respeito ás veneraveis cans de nosso genuino idioma.

MANUEL SEVERIM DE FARIA.

§. 274. Muito digno é tambem de ser memorado *Manuel Severim de Faria*, natural de Lisboa, e chantre da Sé d'Evora, fallecido em 1655, o qual deixou varias obras que lhe grangearam bastante celebridade. Taes são os seus *discursos politicos*, e as *noticias de Portugal*, que o fazem olhar como um critico superior a seu seculo. Se nam affectasse, muitas vezes sem motivo, antiguidade de linguagem, usando de vocabulos que no seu tempo estavam já fóra do uso, mais agradavel sería seu estylo, que aliás offerece sufficiente pureza.

FRANCISCO MANUEL DE MELLO, etc.

§. 275. Ainda affectou mais os archaísmos *Francisco Manuel de Mello*, tambem de Lisboa (1611 — 1656), auctor de muitas obras como — *carta de guia de casados; apologos dialogaes; cartas familiares*, etc. Muitos o têm censurado pela paixão que mostra pelos vocabulos antigos e exquisitos; é porém digno de ser lido por aquelles que quizerem instruir-se nas delicadezas da nossa linguagem familiar. — Se a fecundidade désse sempre direito á estima futura, nam deixariamos em silencio *Manuel de Faria e Sousa*, commentador de Camões, e um dos que desprezaram o idioma patrio, escrevendo no hispanhol; tambem nam omittiriamos o padre *Macedo*, homem de vastissima erudição, e (se pode-

mos accreditar Barbosa) compositor de cento e nove obras. Mas, deixando estes e outros, lançaremos agora os olhos sôbre o escriptor mais extraordinario d'este periodo.

ELOQUENCIA SAGRADA.

ANTONIO VIEIRA.

§. 276. Um dos homens mais notaveis, que Portugal produziu, é sem contradicção *Antonio Vieira*, de Lisboa (1608 — 1697). Foi ainda menino para a Bahia, e parece que se evadiu furtivamente da casa paterna, para abraçar a vida religiosa. De edade de quinze annos entrou na companhia dos jesuitas, onde nam tardou em se distinguir por sua admiravel erudição, assim como por sua eloquencia. Voltando á Europa, onde foi acolhido com a maior distincção por D. João IV, visitou depois París, a Hollanda e Roma, occupando-se por toda a parte com ardor em augmentar o cabedal de seus conhecimentos. Em breve foi considerado como o melhor prégador do seu tempo, e em Roma teve occasião de fazer brilhar seu talento ante a rainha Christina (de Suecia), a qual, segundo as expressões de Barbosa, veiu, como uma nova rainha de Sabá, admirar este Salomão evangelico. Fatigado de suas longas viagens, e devorado do desejo de consagrar o resto de seus dias ao estudo, este homem extraordinario voltou á capital do Brasil, e ahi terminou sua longa carreira. — É mui numerosa a lista de suas obras, que demostram seu raro genio, e a actividade e ardor de sua imaginação, dotes que lhe deram muita cele-

bridade. Escreveu — *cartas*, *historia do futuro*, e outras obras; mas a parte mais volumosa são os seus *sermões*. Possuiu em gráu sublime todas as delicadezas, propriedade, pureza e energia da nossa lingũa, e é para alguns o classico mais auctorizado. Adquiriu singular fama na eloquencia do pulpito; e alguns o comparam com Bossuet: e, senam conserva sempre a nobreza e admiravel simplicidade d'esse grande escriptor, tem muitas vezes sua expressão atrevida e energica. Mas, pelo máo gôsto do seculo, a que nam quiz fugir em seus *sermões*, estam estes recheados de gongorismo.

LUIZ DE MENEZES, etc.

§. 277. Pelos fins do mesmo seculo floresce *D. Luiz de Menezes*, natural de Lisboa, e conde da Ericeira: foi o auctor do *Portugal Restaurado*. De nam pouca estima gosa ainda esta obra, que é escripta em estylo claro, grave e correcto; mas nam concordam os rigoristas em lhe conceder perfeita e constante pureza de lingua; sendo que 'nella se sente alguma cousa de francez, e se vê toda a influencia d'uma litteratura extrangeira.—O filho, *D. Francisco Xavier de Menezes*, deixou como epopêa a *Henriqueida*, na qual nos leva á epocha que precede a fundação da monarchia: Henrique de Borgonha é o seu heróe; a expulsão dos mouros o motivo da acção; o maravilhoso tomado da religião christã; uma especie de sibylla revela ao principe os destinos de Portugal; os combates e as aventuras de amor formam o enredo d'este poema, que jámais póde excitar um vivo interesse.

§. 278. A estes e outros muitos escriptores que viveram nos reinados de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II, succederam outros no principio do seculo XVIII, nos quaes se notam os vicios do seculo precedente. A nossa litteratura continúa em languidez até ao fim d'este periodo; e, se D. João V se occupa em reanimal-a, creando em 1720 a *Academia de historia;* todavia os trabalhos d'esta sociedade, fatigando mais que instruindo, foram quasi sem utilidade. Tam profundas eram as raizes do máo gosto!

QUINTO PERIODO,

RENASCIMENTO.

Desde D. José I, ou de 1750 até aos nossos dias.

§. 279. As cousas se achavam 'nesta situação, quando D. José sóbe ao throno; e um activo ministro, cujo prepotente genio tudo sabía sobmetter, começa a dar um novo impulso á nossa civilização politica e litteraria. O marquez de Pombal rende á nação dois importantes serviços: expelle os jesuitas; e procura restaurar a litteratura. Um acontecimento porém, tam espantoso como imprevisto, vêi suspender ainda por um pouco os passos que Portugal dava para um estado mais favoravel. Esse desastroso terremoto de 1755 abraza muitas bibliothecas: uma grande multidão de obras preciosas é completamente anniquilada. Mas das ruinas, a que fôra reduzida, renasce alfim Lisboa; e alguns homens de gosto, valendo-se das boas disposições do ministro, se esfor-

çam por levantar as lettras do abatimento deploravel em que jaziam.

§. 280. Já um homem notavel pela força de seu pensamento havia emittido as primeiras idêas que íam a mudar a situação do mundo litterario. *Luiz Antonio Vernei*, arcediago na cathedral d'Evora, tendo publicado a obra intitulada *Verdadeiro methodo d'estudar*, muito contribuiu para despertar os espiritus de entorpecimento que os tolhia. Funda-se logo em 1756 a *Arcadia Ulyssiponense;* e seus illustres membros estudam mais que tudo os auctores do nosso seculo de ouro, e procuram diffundir o gôsto de seus escriptos, resuscitando a linguagem pura e genuina, e afastando os gallicismos que 'nella se haviam introduzido (§. 227). Nam durou esta sociedade tanto tempo quanto era mister; dissolve-se totalmente em 1776; mas no cabo de alguns annos é dignamente substituida.

§. 281. São reformados os estudos e a Universidade de Coimbra; promovem-se as artes e as sciencias; e a senhora D. Maria I respeita os estabelecimentos fundados por seu páe. Reinando ella, se constitue em 1780 a *Academia Real das Sciencias* pelos generosos esforços do duque de Lafões; o qual dotado d'um espiritu observador e d'um sincero amor da patria, depois de haver corrido varias nações, e comparado as diversas instituições dos povos da Europa com as do nosso paiz, sentiu o que nos faltava. Onze mezes depois de sua tornada a Lisboa, esta sociedade começa a ter alli suas sessões, e elle é nomeado seu presidente perpetuo. Ninguem ignora os grandissimos serviços da Academia Real das Sciencias; e um dos mais relevantes é o haver publicado

desde sua origem uma multidão de livros que, sem a sua fundação, nam teriam visto a luz. A lista das utilissimas obras que tem publicado se encontram nas suas excellentes *Memorias;* aqui só indicâmos o *Diccionario grande*, cujo primeiro volume appareceu em 1793. Infelizmente é elle ainda o unico; mas será sempre um monumento precioso, nam só por seu plano verdadeiramente natural, senam tambem por indicar na prefação os mais celebres auctores que honram a nossa litteratura.

§. 282. D'est'arte fugiram as trevas, e começaram a raiar de novo as luzes no placido seiu da paz. Mas logo, nos principios do seculo que vai correndo, tivemos de luctar com extrangeiros que vieram inquietar-nos. Nós os debellámos; e, poucos annos depois, começa entre nós uma nova ordem de cousas. Nam tardou porém muito que nos viesse prender essa longa cadêa de intestinas discordias, que muito agitaram nossa cara patria. Tantos marulhos, todavia, nam têm retardado nosso progresso litterario; ahi vemos a prova 'nessa multidão de insignes escriptores, que 'neste periodo têm illustrado e vão illustrando a litteratura portugueza. Memorando aqui sómente alguns dos poetas que já nam vivem (se 'nelles póde ter dominio a morte), começaremos por aquelles que se assignalaram nos fins do seculo passado.

POETAS DO V PERIODO, NOS FINS DO SEC. XVIII.

CORREA GARÇÃO.

§. 283. Entre os primeiros reformadores da litteratura patria citaremos *Pedro Antonio Corrêa Garção*, um dos poetas verdadeiramente dignos d'este nome, que merece o appelido de *Horacio portuguez*, e que foi um illustre socio da Arcadia, conhecido pelo nome de *Corydon*. Lendo o pequeno volume de suas obras, reconhecereis 'nellas o estudo profundo dos poetas do seculo XVI, e os nobres esforços que o auctor faz por limpar a linguagem do máo gôsto de seu tempo. Unindo o exemplo ao preceito (o que entam era muito), póde ser considerado como um novo legislador do nosso Parnaso. Mas a violenta mão de Pombal suspendeu suas fadigas, arrancando-o da contemplação da natureza; Garção termina seus dias na solidão d'um carcere! Deixou-nos *odes*, *satyras*, *epistolas*, *sonetos* e duas *peças de theatro*, nas quaes se esforça por levantar a nossa arte dramatica da decadencia em que se achava. Seu talento levaria ao fim a emprêsa, se, em vez das perseguições, tivesse recebido protecção. Estas peças são duas comedias, — o *Novo Theatro*, e a *Assemblêa —;* a primeira offerece uma critica judiciosa da arte dramatica em Portugal; a segunda ridiculiza o luxo na indigencia. Suas poesias são todas admiraveis pela expressão correcta, energica e harmoniosa.

A. DINIZ DA CRUZ.

§. 284. Na mesma epocha floreceu *Antonio Di-*

niz da Cruz e Silva, um dos socios da Arcadia, onde tomou o nome d'*Elpino Nonacriense*. Este poeta, entregue a todo o enthusiasmo do fogo poetico, tem merecido o cognome de *Pindaro portuguez*, por suas *odes* heroicas ou pindaricas. Tambem se immortalizou pelo *Hyssope*, poema heroicomico. O assumpto d'este poema é a questão entre o bispo d'Elvas, D. Lourenço de Lencastre, e o deão da mesma egreja, José Carlos de Lara, por este deixar de offerecer áquelle o hyssope, quando ía exercer as funcções pontificaes na cathedral. É uma obra excellente 'neste genero; os characteres são por toda ella sustentados da maneira a mais original; e o estylo offerece constantemente uma pureza mui notavel. Mas, a despeito da superioridade de Diniz como poeta satyrico, o seu mais bello titulo ao nosso reconhecimento lhe vêi de suas *odes*. 'Nellas celebra muitos dos grandes varões que honraram a nação; e canta esses prodigiosos feitos, cuja grandeza se comprehende melhor por sua poesia do que pela historia. Tambem compoz ingenhosos *sonetos*, bellos *idyllios*, que no estylo egualam por ventura os dos poetas quinhentistas, e uma *comedia* intitulada — *o falso heroismo*. —

REIS QUITA.

§. 285. A musa tragica tinha ficado muda entre nós desde Antonio Ferreira (§. 241), até que *Domingos dos Reis Quita* deu a segunda tragedia *Castro*. Este homem, que havia seguido estas elevadas inspirações, voltou depois suas vistas para o gracioso genero bucolico, em que a melancholia se une muitas vezes ás mais doces affecções. Foi assás feliz 'neste

genero, e provou que sabía modificar os tragicos accentos da primeira musa que o inspirára. Sua versificação é elegante e facil; fallece-lhe porém essa originalidade que se encontra, quasi sempre, nos bucolicos do tempo de Camões.

F. DIAS GOMES.

§. 286. Outro poeta do seculo decimo oitavo, e um dos reformadores da litteratura portugueza, é *Francisco Dias Gomes*, ardente admirador quinhentista. Nam foi mais que um poeta correcto e elegante; mas teve a gloria de ser util, fazendo sentir a seu seculo bellezas muitas vezes desconhecidas. Atormentado pela dolorosa indigencia, procurou um refugio no estudo, e deixou varias obras poeticas, impressas em 1799 pela Academia Real das Sciencias. É recommendavel na poesia *elegiaca;* mas o seu maior merecimento consiste em ser considerado como um excellente *crítico*. Seus trabalhos 'neste genero podem ver-se nas notas de suas poesias, assim como nas *Memorias* da mencionada Academia.

POETAS DO FIM DO SECULO XVIII E PRINCIPIO DO XIX.

FRANCISCO MANUEL.

§. 287. Dos poetas que fazem a transição do decimo oitavo para o decimo nono seculo o mais célebre é *Francisco Manuel do Nascimento* (Philinto Elysio), nascido em Lisboa no anno de 1734, e falle-

cido em 1819. De seus primeiros estudos nam podia antever-se grande successo; seu espiritu ardente se negava á comprehensão das subtilezas escholasticas; mas nam olvidou as lições da natureza que o tornaram poeta. Os auctores da antiguidade, que relía com gôsto, lhe serviram de guia, e aperfeiçoaram seu talento. Gozava Francisco Manuel d'uma situação que lhe promettia a mais feliz carreira, quando aconteceu o desastroso terremoto: mas, com quanto se salvasse das ruinas e do incendio, escapando das revoluções da natureza, nam escapou todavia aos furores da inveja. Tendo-se consagrado novamente á cultura das lettras, com sua reputação cresceram seus inimigos. Ainda a Inquisição mantinha seu formidavel e barbaro poder; fugindo á sua crueldade, Francísco Manuel foi procurar asylo na França, onde se conservou desterrado e pobre até á morte. — Deu muitos volumes de *odes*, *satyras*, *epistolas* e outras poesias, onde seu genio poetico se manifesta no mais alto gráu. Traduziu as *Fabulas* de La Fontaine, *os Martyres* de Chateaubriand, e outras obras, cujos auctores encontram 'nelle um digno interprete. Suas epistolas são de grande interesse, em relação á linguagem e á poesia; sendo que apresentam ingenhosos pensamentos, summa vivacidade, e muitas vezes uma feliz imitação dos antigos. Tanto se familiarizou com a leitura dos nossos antigos poetas, que ás vezes passa a excesso seu gôsto pelo estylo quinhentista.

MAXIMIANO TORRES.

§. 288. Entre os contemporaneos do poeta an-

tecedente devemos nomear *Domingos Maximiano Torres*, um dos homens notaveis d'este periodo, e conhecido pelo nome arcadio de *Alfeno Cynthio*. Suas obras carecem algumas vezes d'enthusiasmo poetico; mas elle encobre este defeito com uma grande elegancia d'estylo e com uma pureza exquisita. Em suas *eclogas*, que gozam d'uma alta estima, se mostra elle um feliz imitador dos antigos, dos hispanhoes, e dos nossos poetas do decimo sexto seculo; ás vezes porém vereis que mistura com as fórmas pastorís as pomposas fórmas da ode.

NICOLÁO TOLENTINO DE ALMEIDA.

§. 289. Por estes tempos deu tambem honra ao nosso Parnaso *Nicoláo Tolentino de Almeida*, a quem as musas favoreceram em muitos generos de poesia. A linguagem familiar, e sempre corrente e elegante, que apparece em seus *sonetos*, *odes*, *epistolas*, e outros generos, ha merecido os applausos dos eruditos: o que porém elevou mais sua gloria foi certamente a poesia *satyrica*. Fugindo da acrimonia de Juvenal, soube Nicoláo imitar em suas *satyras* a doçura e moderação de Horacio, qualidades que quadravam a seu genio gracioso; e assim reprehendeu elle os vicios, sem descer á personalidade. A satyra da *Guerra* e a dos *Amantes* são, sôbre todas, dignas de serem lidas.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANCTOS.

§. 290. Um anno antes da morte de Francisco Manuel, a nossa litteratura teve que lamentar a falta

de *Antonio Ribeiro dos Sanctos*, que por alguns, ainda-que com pouco fundamento, é collocado entre os socios da Arcadia e que tomou o nome d'*Elpino Duriense.* Como todos os membros d'aquella sociedade, applicou-se elle a reformar a linguagem; e é recommendavel pela pureza de seu estylo, assim como pelo gôsto classico, que denota um verdadeiro reformador. Alêm das suas obras poeticas, este auctor nos deu uma excellente traducção da Lyrica de Horacio; traducção que tem merecido todos os votos, e que, em nosso sentir, é a mais fiel que possuimos.

BARBOSA DU BOCAGE.

§. 291. Na mesma epocha brilhou entre nós um poeta cuja reputação se tornou quasi popular: falo de *Manuel Maria Barbosa du Bocage*, um d'esses poetas guerreiros a quem as viagens e as desgraças inspiraram grandes conceitos. Tendo visitado as Indias, e soffrido varios revézes da fortuna, morreu em Lisboa, d'edade de trinta e nove annos, no principio d'este seculo. Como todos os poetas dotados d'uma alma sensivel, Bocage experimentou muitas vezes a necessidade de pintar em suas poesias os soffrimentos d'uma vida tormentosa. Lendo suas obras, vê-se que sua existencia devia ser mui rapida, porque seus males nam eram imaginarios. Sua feliz musa se ensaiou em quasi todos os generos de poesia: escreveu *eclogas*, *elegias*, *tragedias*, *epistolas*, etc.; mas a composição a que elle se dedicou com uma admiravel facilidade é a dos *sonetos*, onde desinvolve uma sensibilidade ardente e profunda, e um talento poetico que o faz olhar como inimitavel 'naquelle genero.

J. AGOSTINHO DE MACEDO.

§. 292. O culto que a posteridade, em sua admiração, tem votado ao principe dos nossos epicos, nam obstou a que este seculo lhe oppozesse um antagonista. É este o padre *José Agostinho de Macedo*, fallecido ha annos. Nam ha duvida que ainda nos mais excellentes escriptores acha logar a crítica, e que ha certas partes que uma penna ingenhosa póde ridiculizar. Assim que, estes attaques são ás vezes innocentes, e até mesmo uteis, esclarecendo o gôsto dos que nam sabem escolher. Quando porém a censura desvaira, ferindo o que todo o mundo admira, entam o seu mais seguro effeito é o exaltar a gloria que procurava rebaixar. — A obra mais importante de J. A. de Macedo é com effeito a sua epopêa — *O Oriente* —, cujo assumpto é o dos *Lusiadas* de Camões. No prefacio diz o auctor que nam quer attacar o grande poeta: pouco importa sua vontade; a gloria de Camões fica inteira. No *Oriente*, é verdade, tudo está sobmettido a justas proporções; as divindades do paganismo nam intervêm no meio de christãos; divisa-se alli um verdadeiro genio; e a energia apparece ao lado da nobreza: por onde nossos críticos consideram este poema como a primeira epopêa moderna. Todavia essas mólas occultas que movem a alma, que pertencem ao navegante e ao soldado possuido d'enthusiasmo, e que alguns, parece, nam apreciam, em Camões é que devem procurar-se. Seu genio, e o teôr de vida que adoptára, lhe revelavam certos segredos de composição, que o raciocinio teria devido ensinar ao auctor do *Oriente*. — Outras muitas obras em prosa e

verso escreveu J. Agostinho, nas quaes se deixa vêr a prodigiosa fecundidade de seu talento; só citaremos porém, d'entre as mais notaveis, os seus dois poemas didacticos,— a *Meditação* e o *Newton*,—que nos offerecem nobreza de imagens e conceitos, em uma linguagem quasi sempre pura e correcta.

J. B. DE A. GARRETT.

§. 293. Ainda a musa portugueza chora a perda do eximio prosador e poeta, o visconde *João Baptista de Almeida Garrett,* que a parca lhe roubou tam apressada. Das mãos de todos os amadores das lettras são, e por largas eras hão de ser, versadas suas primorosas obras,—o seu *Catão*, o seu *Camões*, a *Dona Branca*, a *Adozinda*, o seu *Fr. Luiz de Sousa;* e todos os outros escriptos seus. Todos estes monumentos bem revelam o seu grande ingenho e espiritu creador: teve elle a gloria de lançar os fundamentos do novo theatro portuguez, original no pensamento e na fórma. A phrase de tam nobre escriptor é casta e ao mesmo tempo livre, natural, e quasi sempre sua.

§. 294. A memoria d'este escriptor nos adverte de que tocámos o termo de nosso trabalho: nam porque tenhamos memorado todos os que se têm distinguido, assim na poesia, como na prosa; senam que foi designio nosso o memorar só os principaes, e o nam falar dos que vivem. Os illustres nomes d'esses ornamentos da litteratura patria são bem conhecidos; nós os venerâmos; e a posteridade, menos suspeita de inveja ou adulação, lhes fará justiça.

SYNOPSE

DOS

PONCTOS PRINCIPAES.

Eligat itaque peritus ille praeceptor ex omnibus optima.

QUINCTIL.

I.

Mui preciosos fructos podem colher-se da bella arvore da litteratura. Dirigindo as faculdades de pensar e de falar, que nos separam dos outros animaes, a litteratura cultiva o intendimento humano; adoça e tempéra os costumes; e, pelos sentimentos elevados e grandes exemplos que offerece, nutre em nosso coração o amor da gloria.

II.

Na accepção mais ampla, a litteratura comprehende todo o vasto campo das sciencias e das lettras: no sentido restricto, porém, designa ella — o *corpo das humanidades e boas lettras*;—e entre estas, mais particularmente, a poesia, a eloquencia, e a historia. Em relação aos monumentos dos escriptores de qualquer nação culta, a litteratura se denomina

classica; e, por excellencia, o é a dos antigos gregos e romanos. Dizem-se *classicos — aquelles escriptores que, sobresaindo aos demais em cabedal de conhecimentos, por um consenso unanime gozam de legitima auctoridade.*—São elles os modelos que deve imitar o amador da litteratura: a historia litteraria os mostra; a critica os avalia.

III.

Historia litteraria é — *um quadro que apresenta a marcha das sciencias e lettras d'um ou mais povos;* — marcando as epochas do nascimento, progresso, esplendor e decadencia das mesmas; descobrindo as causas d'estas vicissitudes; e indicando o nome, a patria, a vida e as obras dos escriptores que em cada periodo floreceram.—Crítica é—*a applicação do bom gosto ás diversas producções do espiritu:* — e esta, distinguindo o bello do defeituoso, pésa o merecimento dos escriptores.—Devendo a litteratura portugueza seu nascimento ou exemplo á grega e á latina, tocaremos primeiro a historia d'estas, no que respeita á *poesia,* á *eloquencia* e á *historiographia.*

LITTERATURA GREGA.

IV.

Nenhuma litteratura abraça um espaço de tempo tam consideravel como a hellenica ou grega; sendo que, rastejando seu berço lá na epocha fabulosa que antecedeu a guerra de Troia, só encontrâmos seu tu-

mulo no meio do seculo decimo quinto da nossa éra. Nenhuma tambem é mais rica; nenhuma tam depressa se elevou á perfeição; assim pela posição geographica e doçura do clima, como pelo character nacional.

V.

Poesia. E' a poesia a parte mais brilhante d'esta litteratura: e por ella começaremos, visto que precedeu á prosa. Póde dividir-se a historia da poesia grega em seis periodos,— mythyco, heroico, aureo, alexandrino, greco-latino, bysantino. — Data o primeiro desde o estabelecimento dos pelasgos na Grecia até á destruição de Troia: o segundo desde ahi até á legislação de Solon: o terceiro desde entam até ao reinado de Alexandre: o quarto d'ahi até á destruição de Corintho: o quinto até Constantino Magno: o sexto emfim termina com a tomada de Constantinopla.

VI.

Primeiro periodo: poesia sacerdotal. Este primeiro periodo, involvido nas fabulas e trevas da antiguidade, é o primordio da civilização hellenica, e offerece na *poesia sacerdotal* o germe dos varios generos poeticos que ao depois se desinvolveram. E' fama que na Thracia appareceram os primeiros poetas, com o triple character de sacerdotes, musicos e legisladores: a sua musa era a religião, da qual e da harmonia metrica, ao som da harpa e da lyra, elles se serviam para celebrar, nas festas dos deuses, as maravilhas da natureza. As primeiras manifestações do espiritu poetico foram *hymnos*, *theogo-*

nias e *cosmogonias*. Tinham esses poetas o nome geral de *aëdos* ou cantores, aos quaes, entre os celtas, corresponderam os *druidas*. Além d'outros, celebrou a antiguidade *Lino, Amphion, Museu,* e *Orpheu*: as obras porém, que se lhes attribuem, têm-se hoje por apocryphas.— A este periodo se referem tambem os oraculos das sybyllas.

VII.

SEGUNDO PERIODO: POESIA EPICA, DIDACTICA, E LYRICA. Ricos dos despojos da Asia, illustrados com o conhecimento de longes paizes, e dirigidos pelas beneficas leis de Lycurgo e Dracon, os gregos começam a desinvolver diversos generos poeticos.—Nasce na Jonia a *poesia epica* ou narrativa, cantando as acções dos heroes, para inspirar a bravura militar. Os poetas que a cultivaram tiveram o nome de *rhapsodos;* os quaes andavam de terra em terra intoando seus cantos, para despertar o heroismo: o mesmo fizeram, entre os celtas, os *bardos* e *scaldos*, e entre nós, na edade media, os *trovadores*. O chefe da eschola dos rhapsodos foi HOMERO, principe dos epicos gregos, e que passa por auctor das duas excellentes epopêas — a *Iliada* e a *Odyssea*, — cada uma em vinte e quatro cantos ou rhapsodias. O assumpto da primeira é o valor heroico de Achilles e outros capitães gregos no cerco de Troia: fazem a materia da segunda os longos errores de Ulysses na volta de Troia para Ithaca. Foram estes poemas os modelos da Eneida.

VIII.

'Neste periodo nasce tambem a *poesia didactica:* foi seu creador HESIODO, de quem possuimos o poema — *Os trabalhos* e *os dias* —, que comprehende preceitos sôbre agricultura com algumas lições moraes, e que inspirou as georgicas de Virgilio. Attribuem-se a Hesiodo mais alguns poemas, como a *Theogonia* ou, antes, *Cosmogonia*, etc.—Outro genero, a que este periodo deu nascimento, foi a *poesia lyrica,* cujo harmonioso som retine pela primeira vez nas ilhas do mar Egeu; onde resoam os cantos inspirados pelo amor da patria, pelo odio aos oppressores, pelos prazeres da vida, e pelas miserias públicas e particulares. Tal foi a origem da *ode heroica*, do *jambo pathetico*, da *ode erotica*, e da *elegia*. O primeiro grande poeta lyrico e inventor, segundo se crê, dos *jambos* ou satyra pessoal, foi *Archiloco:* a *ode heroica* foi primeiramente cultivada por *Callino* e *Tyrteu:* a *elegiaca,* propriamente dicta, por *Mimnermo:* a *erotica* por *Alceu* e, além d'outros, pelas poetizas *Sapho* e *Erinne.*

IX.

TERCEIRO PERIODO: POESIA GNOMICA, LYRICA, DRAMATICA, etc. Os triumphos da Grecia, a liberdade e a riqueza, assim como a brilhante administração de Pericles, que deu seu nome ao seculo, elevam Athenas ao mais alto esplendor.— E' este pois o periodo mais notavel na historia da litteratura grega. Propaga-se a arte da escriptûra; nasce a prosa; floresce a historia; brilha a eloquencia: e a poesia, pela íntima

alliança da arte com a natureza, toca a perfeição. — Promove-se a educação moral do povo na poesia *gnomica* dos septe sabios da Grecia, sendo o legislador *Solon* o primeiro d'estes poetas moralistas. O fim d'esta poesia era o mesmo que o do *apologo* nas fabulas d'*Esopo;* a fórma porém distinguia-se por curtas sentenças. — Entam é cultivada tambem por *Empedocles* e outros a poesia *didactico-philosophica,* que tinha por objecto verdades abstractas sob fórma poetica.

X.

Os generos porém que entam floreceram mais foram o *lyrico* e o *dramatico.* Apparecem varias especies de odes, diversas no assumpto e no metro; taes são o *pean,* o *dithyrambo,* o *epinicio,* o *epicedio,* o *threno,* etc. — Cantando o prazer e o amor, *Anacreonte* se torna o mais completo modelo na *ode erotica.* Mas o maior lyrico da antiguidade, e que nam só é o principe 'neste genero de poesia, senam que, póde dizer-se, o poeta por excellencia, é o thebano PINDARO. Das suas varias poesias possuimos quarenta e cinco odes *heroicas,* intituladas—olympicas, pythicas, nemeas, isthmicas:— são cantos de victoria em honra dos athletas nas quatro grandes festas nacionaes da Grecia.

XI.

Teve a poesia *dramatica* seu nascimento nos chóros, que o enthusiasmo popular havia introduzido, com acompanhamento de musica e dança, nas festas de Baccho; enchendo depois os intervallos do choro a representação mimica d'algum dos feitos do deus

do vinho. Dos cantos eram uns *dithyrambicos*, outros *phallicos*: os primeiros foram o elemento da *tragedia*, os segundos da *comedia*.— O primeiro poeta *tragico*, que ensaiou aquella representação com um só actor, foi *Thespis:* o que porém se deve ter por páe da tragedia é o eleusino *Eschylo;* o qual introduziu um segundo actor, e o uso da mascara e do cothurno. SOPHOCLES, principe dos tragicos, introduzindo um terceiro personagem, regulou a scenographia. Foi-lhe quasi egual *Euripides,* o mais pathetico dos tragicos.— A fórma da *comedia* variou com os tempos: d'onde a sua divisão em *antiga*, *media* e *nova*. Na primeira, toda satyrica, floreceu ARISTOPHANES: na segunda, allegorica, *Antiphanes*: na terceira, de enredo, MENANDRO.

XII.

QUARTO PERIODO: POESIA ELEGIACA, DIDACTICA, E BUCOLICA. Perdida a independencia grega, Alexandria chama a si, sob o governo dos Ptolemeus, as artes e as sciencias, deslocadas da sua séde: mas a litteratura, tomando uma nova face, começa a descaír. A poesia passa a ser a imitação dos poemas antigos, e assim toda artificial e affectada. Cultivām-se ainda muitos generos; mas sómente o elegiaco, o didactico, e o bucolico nos podem servir de modelo.— Na *elegia* grangeou *Callimacho* os louvores da antiguidade; e os elegiacos romanos o imitaram.— No genero *didactico* louva-se o elegante estylo de *Arato* nos seus *Phenomenos* e *Prognosticos*. Da poesia *bucolica* foi verdadeiro páe THEOCRITO de Syracusa, o qual é, sem contradicção, um dos mais felizes ge-

nios dos tempos antigos. Os seus *idyllios* serviram de modelo ás eclogas de Virgilio.

XIII.

QUINTO PERIODO: POESIA EPIGRAMMATICA, DIDACTICA, APOLOGO. Tendo os romanos, pela ruina dos macedonios, obtido o principado da Grecia, as sciencias acham em Roma protecção e acolhimento: e, no governo de Adriano e dos dois Antoninos, a litteratura grega se reanima. A poesia porém, falta de inspiração, continúa em sua decadencia; offerecendo só curtas e frivolas composições nos generos epigrammatico e didactico, e no apologo.—Entre os *epigrammatistas* deve memorar-se *Meleagro*, o primeiro que compoz uma *anthologia* ou collecção de breves poemas: no genero *didactico*, *Oppiano*, a quem se attribuem dois poemas, um sôbre a caça, outro sôbre a pesca. Quanto ao *apologo*, consta que as fabulas d'Esopo foram retocadas e postas em verso por *Babrias*.

XIV.

SEXTO PERIODO: CANTOS EPICOS E LYRICOS, ROMANCE. Transferida a séde do imperio romano para Bysancío, e feita depois a partilha, as frequentes revoluções e a crescente corrupção dos costumes, trazendo a ruina do imperio do Oriente, apressam ao mesmo tempo a decadencia definitiva da litteratura grega. Citaremos, comtudo, ainda na poesia *epica* os paralipomenos de *Quinto:* na *lyrica* os hymnos de *Proclo:* no *romance*, cuja origem se refere a este periodo, *Achilles Tacio*.

XV.

ELOQUENCIA. Se entre os gregos, povo o mais felizmente dotado de nobre ingenho e de sublime linguagem, nam podia deixar de começar mui cedo a eloquencia; todavia o seu progresso e desinvolvimento foram principalmente favorecidos pela liberdade politica, na epocha da democracia atheniense. Dividiremos pois a historia da eloquencia grega em cinco periodos:—primeiro desde Solon até á guerra do Peloponneso: segundo desde o principio até ao fim da mesma guerra: terceiro d'ahi até á morte de Alexandre: quarto desde entam até Constantino Magno; quinto d'alli até á quéda do imperio romano occidental.

XVI.

O primeiro periodo é o da eloquencia *natural e practica*, a qual fazia a força dos que se empregavam na direcção dos negocios públicos; sem que ainda fossem auxiliados pelos preceitos theoricos da oratoria. Nam achâmos discursos escriptos de Solon, Pisistrato, Themistocles, Alcibiades, Pericles e outros: mas a influencia da sua palavra nos é attestada pela historia, que os considera como verdadeiros oradores. De todos elles porém o mais famoso é *Pericles*, que com sua eloquencia irresistivel abalava a Grecia, produzindo os effeitos do raio; por onde foi cognominado *Olympico*. — No segundo periodo começa a eloquencia *artificial e sophistica*, descaindo do majestoso grau a que havia chegado. Entam apparecem os primeiros

rhetoricos e sophistas, divertindo os ociosos com seus discursos, fecundos d'expressões e falsos ornatos, mas estereis de pensamentos. Taes foram os sicilianos *Empedocles*, *Corax*, *Tisias*, *Protagoras* e outros; entre os quaes se distinguiu o leontino *Gorgias*, inventor do numero oratorio.

XVII.

Illustra-se o terceiro periodo com a eloquencia *attica*, que entam clarêa com o mais vivo esplendor. A práctica da eloquencia nos negocios politicos e forenses, bem como a quéda imminente da independencia grega, despertando os talentos oratorios, elevam á perfeição a vóz dominadora dos animos. — Dez foram os oradores atticos, entre os quaes sobresairam Demosthenes e seu rival Eschines. DEMOSTHENES porém é o maior orador que produziu a Grecia: nas suas *philippicas*, nas *olynthiacas* e na oração *sôbre a corôa*, admirâmos a força e energia dos pensamentos, em um estylo simples, conciso e cheio de fogo.

XVIII.

Offerece o quarto periodo a eloquencia *asiatica* e *declamatoria*. Curvando a Grecia sua cabeça ao jugo macedonio, a liberdade morre: e a eloquéncia, desterrada da vida publica, descai, refugiando-se nas escholas dos rhetoricos da Asia: onde só se procura deleitar o ouvido com discursos affectados, que tiveram o nome de *declamações*.— Deve-se todavia a essas escholas o aperfeiçoamento

da *theoria da eloquencia:* e d'esses rhetoricos e declamadores os mais notaveis foram *Dion Chrysostomo*, *Luciano*, *Atheneu* e *Longino.*

XIX.

Emquanto a eloquencia profana, perdido o principio de sua força, continúa degenerada, uma nova eloquencia nasce debaixo da inspiração do pensamento christão. A eloquencia sagrada abrange tres epochas distinctas, — a prégação, a lucta e o triumpho: — d'onde os padres apostolicos, apologistas e dogmaticos. Entre os padres da primeira epocha citaremos *S. Clemente*, papa, *S. Ignacio* e *S. Dionysio;* dos da segunda *S. Justino*, *S. Clemente Alexandrino* e *Origenes.*—No quinto periodo morre a eloquencia profana: a sagrada porém, sob Constantino, brilha e floresce pelo orgão dos padres dogmaticos, a quem o enthusiasmo religioso inflamma, tornando-os verdadeiramente eloquentes. Os mais celebres d'estes oradores ecclesiasticos da terceira epocha foram *S. Athanasio*, *S. Gregorio Nazianzeno*, *S. Basilio* e S. JOÃO CHRYSOSTOMO.

XX.

HISTORIOGRAPHIA. O germe da historiographia grega deve procurar-se nas epopêas nacionaes; porque, nos prmeiros tempos da civilização hellenica, a historia se achava confundida com a mythologia. Só pelos annos 540 antes de Christo é que apparece a *logographia* ou tradição escripta em prosa, e com ella as *chronicas;* sendo os primeiros logo-

graphos *Pherecides, Cadmo* e *Hecateu.*— Nasce depois e floresce a historiographia, sendo a passagem da mythistoria á historia, propriamente dicta, marcada por HERODOTO de Halicarnasso; que, comquanto, na materia e na fórma, nam distinguisse ainda, assás claramente, da poesia o elemento historico, é comtudo o páe da historia. Escreveu a historia da Grecia em nove livros, a que se deram os nomes das nove musas.

XXI.

O que porém da poesia separou completamente a historia foi o atheniense THUCYDIDES, que escreveu a guerra do Peloponneso. Á este se seguiu o seu compatriota XENOPHONTE, cognominado— abelha attica,— pela doçura da linguagem: entre suas obras historicas se contam a *Hellenica*, a *Anabasis,* e a *Cyropedia.*—Depois d'estes grandes historiadores, a historiographia, no seculo de Alexandre e seguintes, degenera; preferindo-se o maravilhoso aos factos verdadeiros, para alardear erudição. Têm todavia ainda logar honroso entre os historiadores d'essa epocha *Polybio*, *Dionysio de Halicarnasso*, *Diodoro de Sicilia*, *Flavio Josepho*, *Plutarcho*, o primeiro biographo, *Eusebio* e outros.

LITTERATURA LATINA.

XXII.

Depois que Athenas se submetteu ao dominio do povo romano, começa este a dirigir seu gosto para a litteratura: é-lhe porém vedada a carreira da originalidade. Ouvindo as lições dos vencidos, e recolhendo idêas já formadas, os romanos só reproduzem sob novas fórmas os modelos offerecidos á sua admiração. Por onde a litteratura latina deve sómente olhar-se como uma brilhante cópia da grega.

XXIII.

POESIA. Começando pela poesia, dividiremos a sua historia em cinco periodos: primeiro desde a fundação de Roma até o fim da primeira guerra punica: segundo d'ahi até á morte de Sylla: terceiro desde entam até á morte de Augusto: quarto d'alli até o reinado de Adriano: o quinto finda com o imperio do Occidente.

XXIV.

PRIMEIRO PERIODO: ENSAIOS POETICOS. Nos primeiros cinco seculos de Roma, pelos trabalhos da guerra e da agricultura, mal podiam entre os romanos progredir as lettras: aqui pois nam temos ainda que citar escriptor algum. E pelo que respeita á poesia, apenas nos chegou uma noticia obscura d'alguns ensaios poeticos, informes e grosseiros no plano, na lingua e no metro: foram elles — *cantos*

lyricos, — quaes os hymnos dos salios; — *peças dramaticas*, — como as fescenninas e as atellanas; e — *epopêas nacionaes* — com mistura de fabulas. Mas tudo isto desappareceu pela imitação da poesia grega.

XXV.

SEGUNDO PERIODO: PROGRESSO. Proseguindo suas conquistas e recebendo o luxo dos extrangeiros, os romanos conheceram ao mesmo tempo a litteratura e as artes da Grecia subjugada. Assim começa a cultivar-se o genio romano sob a disciplina grega; e assignalam este periodo o progresso dos poemas dramatico e didactico, o nascimento da satyra, e as tentativas da epopêa.— *Livio Andronico* representa em Roma a primeira tragedia; o mesmo e *Nevio*, com outros muitos, cultivam a comedia; sendo os principaes comicos *Plauto* e *Terencio*. *Ennio*, por seus *annaes*, torna-se o páe da poesia epica: attribue-se-lhe tambem a invenção da satyra romana. *Lucrecio* emfim dá o seu poema didactico — *da natureza das cousas.*

XXVI.

TERCEIRO PERIODO: ESPLENDOR. Estando imminente a dissolução da republica romana, e sob a monarchia de Augusto, brilha *o seculo de ouro* da litteratura latina, pela influencia das idêas gregas, pela fundação de bibliothecas públicas, e pela formação de sociedades litterarias. Entre os poetas memoraremos os principaes. —O mantuano VIRGILIO, principe dos epicos latinos, nos lega o monu-

mento eterno da *Eneida* em 12 cantos, cujo assumpto é o estabelecimento d'Eneas na Italia; no genero didactico as *Georgicas;* no bucolico as *Eclogas.* — HORACIO de Venusa, o maior lyrico romano, dá suas *Odes*, *Satyras* e *Epistolas.*— E o sulmonense OVIDIO deixa no genero narrativo e descriptivo *os Fastos* e *as Metamorphoses;* no didactico a *Arte de amar* e os *Remedios do amor;* na elegia (cultivada tambem por *Tibullo* e *Propercio*), *os Livros dos amores* e *as Heroides.*

XXVII.

QUARTO PERIODO: PRIMEIRA DECADENCIA. Extincta a ultima luz da liberdade republicana, o despotismo dos imperadores e a corrupção dos costumes fazem declinar o bom gosto; que degenera na affectação de tudo o que póde parecer ingenhoso e novo. Foi Seneca (o philosopho) quem para isso contribuiu com o seu estylo sentencioso e contrafeito. Assim, com os outros ramos começa a descair a poesia.— Dos generos 'neste periodo cultivados citaremos, no dramatico, as tragedias dos dois *Senecas:* no epico, a *Pharsalia* de *Lucano;* a *Punica* de *Silio Italico;* a *Argonautica* de *Valerio Flacco;* a *Thebaida* e a *Achilleida* de *Stacio:* na Satyra, *Persio* e *Juvenal:* no apologo, *Phedro:* no epigramma emfim, *Marcial.*

XXVIII.

QUINTO PERIODO: ULTIMA DECADENCIA. Continuando a tyrannia, as dissensões, e a corrupção da moral, definha cada vez mais a litteratura romana; atéque,

com a quéda do imperio do Occidente, pelas incursões dos barbaros, se arruina completamente. —Os principaes poetas que entam cultivaram diversos generos são: *Claudiano*, que se distinguiu na epopêa; *Ausonio*, nos idyllios; *Petronio*, na satyra; *Prudencio*, na lyrica.

XXIX.

ELOQUENCIA. Tantoque a fórma republicana tomou vigor, a eloquencia romana começa a desinvolver-se no senado, no foro e nos campos da batalha. No seculo de Cicero ella se atavia de todos os seus enfeites; depois d'elle nam encontra mais um tam digno interprete.—Dividiremos por isso a historia da eloquencia romana em quatro periodos; primeiro desde o começo da republica até á lucta de Mario e Sylla; segundo d'ahi até á morte de Cicero; terceiro desde entam até Constantino: o quarto finda com a quéda do imperio occidental.

XXX.

No fim do primeiro periodo é que se estabelecem escholas d'eloquencia latina: nam nos chegaram porém d'esse tempo discursos oratorios; só pela historia sabemos que foram oradores practicos *Cornelio. Cethego*, *Catão* o censor, os dous *Gracchos* e outros.—No segundo periodo, concurrendo causas similhantes ás que fizeram brilhar a eloquencia grega, tres homens illustres, Hortensio, Cesar e Cicero, elevam o dom da palavra á mais alta perfeição. Deplorando porém a perda dos discursos oratorios

d'este brilhante periodo, só possuimos os de CICERO, o maior dos oradores romanos. A elle é que a lingua latina deve, na prosa, o character de perfeição que lhe assigna o segundo logar entre as linguas mortas. Attribuem-se-lhe cincoenta e nove discursos, parte politicos, parte forenses; sobresaindo a todos o que fez *a favor de Milão.*

XXXI.

Mudada sob Augusto a fórma do governo, a eloquencia, bannida do seu theatro natural, degenera em uma declamação mesquinha: assim que 'neste periodo só encontrâmos declamadores, rhetoricos e panegyristas. Entre os primeiros citaremos *Seneca* o pae: entre os rhetoricos *Quinctiliano,* a quem tanta gloria coube pelas suas *Instituições Oratorias:* entre os panegyristas *Plinio* o moço, que tambem foi epistolographo.

XXXII.

Quando a eloquencia profana vai descaindo, lá surgem os oradores sagrados da Egreja latina; coincidindo aqui a sorte d'ella com a da grega. Os padres d'este periodo mais notaveis são: *Tertulliano, S. Cypriano, Arnobio,* e *Lactancio.* — No quarto periodo que, completando a ruina da eloquencia profana, é o esplendor da sagrada, florescem os padres dogmaticos, *S. Hilario, S. Ambrosio, S. Jeronymo* e S. AGOSTINHO.

XXXIII.

HISTORIOGRAPHIA. A memoria dos successos importantes devia naturalmente, nos primeiros seculos de Roma, perpetuar-se mais pela tradição oral, que por monumentos escriptos. Depois da segunda guerra punica é que se passou da curta indicação dos factos em ordem chronologica, i. é, dos *annaes* e *chronicas*, á exposição ligada e discursiva dos acontecimentos, ou *historia* propriamente dicta. *Fabio Pictor* foi o primeiro prosador e annalista romano: e *Catão*, o censor, o primeiro que escreveu historia com um espiritu crítico, deixando-nos as suas *Origens*, de que só restam fragmentos. O periodo da liberdade produziu muitos historiadores; mas infelizmente só nos chegaram seus nomes: as obras perderam-se, assim como as de muitos do seculo de Augusto.

XXXIV.

Possuimos todavia as historias de cinco illustres auctores; quatro d'aquelle seculo, e um na decadencia da litteratura. São elles—o purissimo *Cesar*, que nos legou os *Commentarios sôbre as guerras das Gallias* e a *Historia da guerra civil:* o energico *Sallustio*, que escreveu a *Conjuração de Catilina* e a *Guerra de Jugurtha*: o elegante *Cornelio Nepos*, que nos deixou as *Vidas dos grandes capitães*: o facundo T. LIVIO, principe dos historiadores latinos e escriptor da *Historia de Roma* desde os tempos mais remotos até o anno 744 da sua fundação: e o profundo *Tacito*, distincto pelos seus *Annaes* desde a morte de Augusto até á de Nero.—Depois d'estes grandes

homens, a historiographia soffre tambem a influencia do tempo; devem comtudo ainda ler-se, alêm d'outros, Suetonio, Paterculo, L. Floro, Q. Curcio e Justino.

EDADE MEDIA.

XXXV.

Caindo pela invasão dos barbaros o imperio do Occidente, destruidos os monumentos, e roubadas as bibliothecas, as musas fogem; cerra-se a tenebrosa noite da *edade media.* A despeito dos esforços de alguns sabios para afugentar as sombras da barbaridade, ellas crescem todavia e por longo tempo cobrem a Europa occidental. E, se no Oriente se sustentam ainda as lettras com mais alguma vantagem, a philosophia escholastica macta o talento em vans disputas theologicas. — Mas felizmente novas revoluções vêm preparar uma epocha mais afortunada. No seculo XIV assoma a aurora do renascimento das lettras; com *Dante* e *Petrarcha* nasce na Toscana um estudo mais attento das obras primas da antiguidade: descobre-se a typographia pelo meio do seculo XV: e os sabios gregos, fugindo entam de Constantinopla, arribam á Italia, e desenrolam os antigos thesouros da Grecia. Assim renascem as lettras; e depois no seculo XVI resplandecem.

LITTERATURA PORTUGUEZA.

XXXVI.

Depois de haver apresentado informes ensaios, a litteratura portugueza, animada por um monarcha amigo das musas, começa a desinvolver-se. E finalmente a grandeza cavalleirosa e as tradições do Oriente, exaltando o ingenho portuguez, elevam e ostentam a sua reputação litteraria. Succedendo porém á prosperidade epochas de infortunio e abjecção, as lettras degeneram e definham: atéque, outra vez protegidas, resurgem e tomam novo esplendor.

XXXVII.

Póde por tanto dividir-se a historia da litteratura patria em cinco periodos, — *infancia, adolescencia, virilidade, velhice, renascimento* —, seguindo as vicissitudes da lingua, poesia e historia. Decorre o primeiro periodo desde a fundação da monarchia até D. Diniz: o segundo d'alli até D. João III: o terceiro comprehende o seculo XVI e o primeiro quartel do seculo XVII: o quarto termina pelo meio do seculo XVIII: o quinto começa a decorrer d'ahi até aos nossos dias.

XXXVIII.

PRIMEIRO PERIODO: ENSAIOS POETICOS: LINGUA. No meio do estrepito das armas, até á ultima victoria sôbre os mouros, mal podia Portugal cultivar as lettras sob os primeiros cinco monarchas. Na escaceza

de monumentos litterarios d'este periodo, apenas se têm colhido algumas *reliquias de composições poeticas*, para nós pouco intelligiveis, pela differença da lingua, ainda entam grosseira.

XXXIX.

Presume-se que a lingua primitiva dos lusitanos fôsse a *celtica* ou *cantabrica*, por constar que os celtas foram os primeiros povos que habitaram a Lusitania. Soffreu porém com o andar do tempo várias alterações. Primeiramente recebeu ella uma nova feição com a chegada das colonias phenicias e carthaginezas; depois com a arribada dos hellenos ou gregos; mais ainda com a longa dominação dos romanos; e successivamente com as invasões dos alanos, suevos, godos e arabes. D'onde resultou uma mistura de linguas, denominada *romanense* ou *romanse;* por parecer que 'nella sobresaía um latim corrompido: esta era a lingua que se falava na Galliza, na Castella e em o nosso paiz, quando tomou o nome de Portugal. D'aqui data a lingua portugueza, á qual os trovadores foram dando algum cultivo; continuando porém ainda rude e incerta nas fórmas, toma depois um character particular no seculo XV, e no XVI se acaba emfim de fixar e polir.

XL.

SEGUNDO PERIODO: ENSAIOS POETICOS: HISTORIOGRAPHIA. No remanso da paz, sob D. Diniz, começa a desinvolver-se a nossa litteratura. Junctando aos cuidados da agricultura o amor das lettras, este mo-

narcha faz traduzir na lingua vulgar muitas obras extrangeiras; lê os poetas latinos; compõi elle mesmo alguns versos em portuguez; e em 1292 funda em Lisboa a nossa Universidade. — Seu filho, D. Pedro, o imita na poesia, e escreve em prosa o seu *Nobiliario.* — Parece ter entam florecido *Vasco de Lobeira,* auctor do romance de cavalleria, o *Amadis de Gaula.*

XLI.

São tambem protegidas as lettras pelos outros reis d'este periodo; e alguns as cultivam com felicidade. D. Duarte deixa dois tractados, um — *sôbre o leal conselheiro* — ; outro — *sôbre a justiça e deveres* — : D. Affonso V escreve — *sôbre a tactica militar, e sôbre a astronomia.* — Apparecem entam os nossos chronistas; dos quaes o primeiro é *Fernão Lopes,* páe da nossa historia, e que escreveu as *chronicas dos reis* desde o conde D. Henrique até D Affonso V. Foi este chronista que estabeleceu o uso e determinou as fórmas do nosso idioma. A elle se seguem outros chronistas, — *Azurara, Garcia de Resende* e *Duarte Galvão.* — Estes passos, que vão dando as lettras para o seu proximo esplendor, são ainda favorecidos pela typographia, que entam começa a espalhar entre nós seus beneficios.

XLII.

TERCEIRO PERIODO : LINGUA : POESIA : HISTORIA : ELOQUENCIA. Pelas victorias e conquistas, nam interrompidas, do affortunado D. Manuel, as quaes completam a grandeza politica da nação; pelo desvelo de

D. João III, que, para estabelecer as lettras sôbre uma base solida, reforma a Universidade, chamando a ella muitos sabios nacionaes e extrangeiros; e, finalmente, pelo aturado estudo dos modelos gregos e latinos; toca Portugal o mais alto grau de sua gloria litteraria. Assim que este seculo, qual o de Pericles na Grecia e o de Augusto em Roma, é a *edade d'ouro* na litteratura portugueza. — Fórma-se o bom gosto segundo o *atticismo* grego e a *urbanidade* romana: a lingua se fixa, enriquece e aperfeiçoa: a poesia e a historia florescem. Temos a prova d'isto nos monumentos d'esses excellentes escriptores que do seculo tomam o nome de *quinhentistas*, e que venerâmos como primeiros *classicos*.

XLIII.

POESIA NO SEC. XVI. As illustres e nobres tradições dos antepassados, e a natureza, offerecendo por todo o paiz scenas as mais agradaveis, deviam despertar o genio poetico dos portuguezes 'neste bello periodo. Dos eminentes poetas que entam floreceram, em varios generos de poesia, citaremos os mais notaveis. O páe da nossa poesia bucolica, *Bernardim Ribeiro*, canta em suas *eclogas*, com musa terna e saudosa, os amores dos pastores do Tejo. *Gil Vicente* lança os fundamentos do nosso theatro; e por suas *comedias*, *tragicomedias* e *autos*, mereceu o cognome de *Plauto portuguez*. O dr. *Francisco de Sá de Miranda* estabelece novas leis sôbre a harmonia metrica, e nos deixa varias poesias nos generos epigrammatico, epistolar, elegiaco, lyrico e dramatico. Os mesmos generos cultiva o dr. *Antonio Fer-*

reira, dando-nos a primeira tragedia,— *Ignez de Castro* —. Acima d'estes poetas se eleva o principe dos nossos epicos, LUIZ DE CAMÕES, natural de Lisboa; o qual, cultivando quasi todos os generos, se immortalizou pela sua excellente epopêa, — *Os Lusiadas*—, em 10 cantos; cujo assumpto é o descobrimento da India por Vasco da Gama. Tambem *Corte Real* nos deixa duas epopêas, — O 2.º *Cerco de Diu* e o *Naufragio de Sepulveda.*—*Diogo Bernardes* nos incanta com suas *eclogas* e *cartas.* Varias poesias deixa tambem *Pedro de Andrade Caminha.*

XLIV.

HISTORIOGRAPHIA NO SEC. XVI. Nas causas que influiram no esplendor da poesia tinham tambem nossos historiadores todos os elementos para uma brilhante historia nacional. — Dá-se o primeiro logar entre os historiadores quinhentistas a JOÃO DE BARROS, de Viseu; o qual, pela sua *Asia*, dividida em decadas, em que refere os feitos dos portuguezes no Oriente, ganhou o appellido de *Livio portuguez:* sua linguagem é elegante e energica. *Damião de Goes* escreve chronicas: *Fernão Lopes de Castanheda* tracta o mesmo assumpto que Barros: *André de Resende* escreve sôbre historia e antiguidades da Lusitania: *D. Jeronymo Osorio*, bispo de Silves, escreve em latim a *vida de D. Manuel*, e em portuguez as suas *cartas*, por onde a posteridade, admirando sua eloquencia, lhe deu o nome de *Cicero portuguez: Amador Arraes*, bispo de Portalegre, escreve seus *Dialogos: Fernão Mendes Pinto, a sua Peregrinação:* — *Duarte Nunes de Leão*, *chronicas* e outras obras: *Hei-*

tor Pinto, Dialogos: João de Lucena, a *Vida de S. Francisco Xavier.*

XLV.

ELOQUENCIA NO SEC. XVI. Se as obras poeticas e prosaicas dos quinhentistas brilham com a luz da eloquencia, tomada em accepção lata; a *oratoria* nam podia entam, nem pôde por largo tempo, achar logar entre nós; faltava-lhe o elemento que a fizera florescer em Grecia e Roma. Assim, apenas temos d'aquelle seculo, na eloquencia profana, dois *panegyricos de Barros:* e, na sagrada, os *sermões* de *Paiva de Andrade;* os de *Luiz de Granada;* e os de *Fernandes Galvão.*

XLVI.

PRIMEIRO QUARTEL DO SEC. XVII: POESIA. Comquanto pela perda da nossa gloria militar, na luctuosa catastrophe de Alcacer-kivir, se abatessem os espiritus, e assim começasse a degenerar um pouco a litteratura; são todavia considerados classicos os escriptores dos primeiros vinte e cinco annos do sec. XVII. Taes são na poesia — *Francisco Rodrigues Lobo*, que por suas *eclogas* foi cognominado o *Theocrito portuguez: Vasco Mousinho de Quevedo*, auctor da epopêa, — *O Affonso Africano* —: *Gabriel Pereira de Castro*, da *Ulyssêa: Francisco de Sá e Menezes*, da *Malaca Conquistada.*

XLVI.

PROSA NO MESMO QUARTEL. *Bernardo de Brito*, além d'outras obras, escreve *Geographia Antiga da*

Lusitania; Elogios dos Reis; Monarchia Lusitana. Esta ultima obra é continuada por *Antonio Brandão* e *Francisco Brandão. Diogo do Couto* prosegue as *Decadas* de Barros.— Segue-se um escriptor que, no sentir de todos os críticos, é por ventura o classico mais distincto, pela pureza, naturalidade e doçura de seu estylo: é LUIZ DE SOUSA, de Santarem, o qual nos legou a *Vida do Arcebispo de Braga, Bartholomeu dos Martyres; a Historia de S. Domingos;* os *Annaes de D. João III*, etc.

XLVIII.

QUARTO PERIODO. A perda da nossa independencia pela intrusão dos Philippes; o roubo de nossas bibliothecas; a vil adulação em preferir o idioma extranho ao nosso: o poder monachal e jesuitico, censurando todas as obras; a inutil crueldade da Inquisição: tudo isto faz descaír a litteratura portugueza. Em vez do bom gôsto quinhentista grassa um estylo contrafeito, affectado e cheio de exaggerações e trocadilhos de palavras. Tem este vicio o nome de *gongorismo*; porque tal era o estylo do cordovez *Gongora*, a quem, admirando seus talentos, a Hispanha e Portugal quizeram imitar.

XLIX.

No meio porém da corrupção do gôsto, encontrâmos ainda alguns escriptores que os criticos nam desprezam. D'este numero é, na poesia *Braz Garcia Mascarenhas*, auctor da epopêa — O *Viriato Tragico;* e, na prosa, *Jacintho Freire de Andrade*, que

escreve em estylo puro e eloquente, aindaque ás vezes com alguma affectação declamatoria, a *Vida de D. João de Castro*, quarto vice-rei da India: *Manuel Severim de Faria: Francisco Manuel de Mello: Manuel de Faria e Sousa;* o padre *Macedo*, homem de vastissima erudição: e *Antonio Vieira*, um dos homens mais notaveis que Portugal produziu, e que na propriedade e pureza das palavras, bem como na energia dos pensamentos, por ninguem foi excedido. Adquiriu singular fama na eloquencia do pulpito: os seus sermões porém, parte a mais volumosa de suas obras, apresentam o máo gôsto do seculo. Escreve tambem 'neste periodo o conde da Ericeira, *Luiz de Menezes*, o *Portugal Restaurado;* e seu filho *D. Francisco Xavier de Menezes*, a *Henriqueida*.

L.

QUINTO PERIODO. Do abatimento deploravel, em que muito ha jaziam, resurgem alfim as lettras portuguezas no reinado de D. José. O activo marquez de Pombal começa a dar novo e valente impulso á nossa civilização politica e litteraria: funda-se a Sociedade dos Arcades, que por seus escriptos diffundem o gosto dos quinhentistas; reforma-se a Universidade: constitue-se a Academia Real das sciencias. D'est'arte fogem as trévas, e um vivo esplendor illustra novamente a litteratura patria. — Por todo este periodo, até os dias em que vivemos, innumeraveis escriptores têm honrado e vão honrando a nação com suas obras, assim na prosa como na poesia. Mas, como os vivos são bem conhecidos, só memoraremos, d'entre os que já nam existem e que floreceram nos fins

do seculo passado e nos principios do corrente, os que mais se assignalaram, mórmente na poesia; quasi todos elles foram socios da Arcadia.

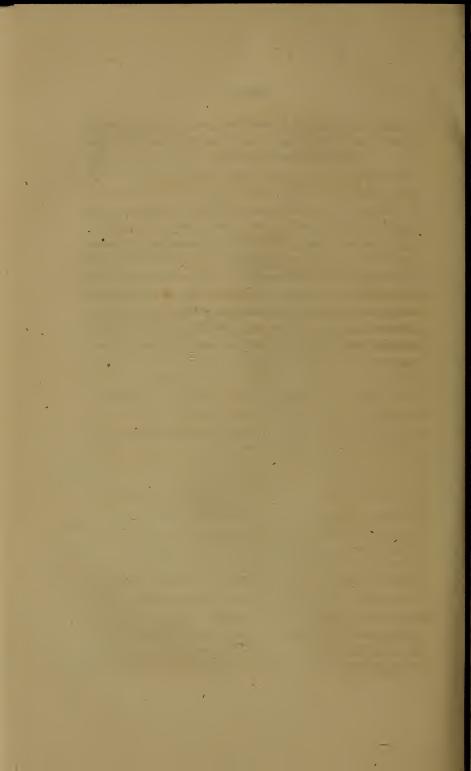
LI.

Entre os primeiros reformadores da litteratura patria occupa um logar distincto *Pedro Antonio Corrêa Garção*, conhecido pelo nome de *Corydon*, e que por suas *odes* mereceu o appellido de *Horacio portuguez.* Varias poesias deixou, admiraveis pela expressão pura, energica e harmoniosa. *Antonio Diniz da Cruz e Silva (Elpino Nonacriense)* escreveu com mui notavel pureza o *Hyssope*, poema heroicomico, e *odes* heroicas, que lhe grangearam o cognome de *Pindaro portuguez.* *Domingos dos Reis Quita* dá, em versificação elegante e facil, a segunda tragedia *Castro;* e volta depois sua attenção para o gracioso genero bucolico. *Francisco Dias Gomes* cultiva a *elegia*, e é considerado como um excellente critico.

LII.

Dos poetas que fazem a transição do decimo-oitavo para o decimo nono seculo o mais celebre é *Francisco Manuel do Nascimento*, que teve o cognome de *Philinto Elysio.* Deu muitos volumes de *odes*, *satyras*, *epistolas*, e outras poesias, onde seu genio poetico se manifesta no mais alto grau. É tambem um dos homens notaveis d'este periodo *Domingos Maximiano Torres* (Alfeno Cynthio); cujas *eclogas* offerecem grande elegancia d'estylo e pureza exquisita. *Nicoláo Tolentino* foi tambem favorecido pelas

musas em muitos generos de poesia: o que porém elevou mais sua gloria foi certamente a *satyra*. *Antonio Ribeiro dos Sanctos (Elpino Duriense)*, pelas suas poesias, que demostram pureza de estylo e um gosto classico, é mui recommendavel. A feliz musa de *Manuel Maria Barbosa du Bocage* ensaiou-se em quasi todos os generos poeticos; mas a composição que o tornou mais celebre é a dos *sonetos*. Innumeraveis obras poeticas e prosaicas deixou tambem *José Agostinho de Macedo*; sendo as mais notaveis o *Oriente* e a *Meditação*, que ostentam nobreza de imagens e conceitos, em linguagem quasi sempre pura. Muito deveram emfim o *Romance*, o *Drama* e outras obras ao raro genio do immortal visconde *d'Almeida Garret*.

FIM.

CATALOGO

DOS

ESCRIPTORES QUE CITAMOS

GREGOS.

(A numeração indica as paginas.)

LATINOS.

PORTUGUEZES.

INDICE DAS MATERIAS

SEGUNDA PARTE.

TERCEIRA PARTE.

INSTITUIÇÕES ELEMENTARES

DE

RHETORICA

INSTITUIÇÕES ELEMENTARES

DE

RHETORICA

PARA USO DAS ESCHOLAS

POR

A. CARDOSO BORGES DE FIGUEIREDO

CAVALLEIRO DA ORDEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILLA-VIÇOSA,
PROFESSOR DE ORATORIA, POETICA E LITERATURA CLASSICA
NO LYCEU NACIONAL DE COIMBRA, ETC.

Quarta edição,

MELHORADA.

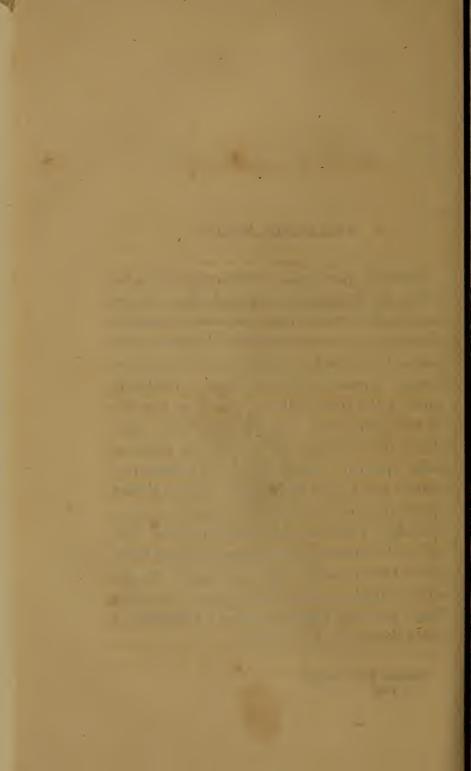
COIMBRA
LIVRARIA DE J. AUGUSTO ORCEL
RUA DAS FANGAS, N.° 1

MDCCCLX

Da verdadeira eloquencia é que mais depende o bem do estado.
Cic. *do Or.* I. 8.

ESTUDIOSOS MOÇOS:

Dedicado, quasi desde a minha adolescencia, ao ensino das Humanidades e Boas Letras, e sempre empenhado em vossa instrucção, venho novamente offerecer-vos as minhas *Instituições de Rhetorica Elementar*. Já no triste hynverno da vida, sem vigor nem energia; curvado ao pêso de longos e trabalhados annos; tentei ainda melhorar, quanto em mim fôsse, esta quarta edição. Não alterando o plano e substancia das doutrinas, nem a ordem das primeiras idêas; ajunctei, comtudo, outras que podessem esclarecer mais a vossa intelligencia. Algumas phrases apurei, parco na lima, desvelado na pureza e na perspicuidade. Possa ser-vos util este meu trabalho! Não sei se a Providencia permittirá que, por algum tempo ainda, escuteis minha debil e já cançada voz: por escripto, quiçá seja esta a ultima vez que vos eu saúdo. Tende pois estas *Instituições* como o testamento da minha dedicação e benevolencia.

Coimbra, 2 de outubro
de 1860.

PREFACIO DA TERCEIRA EDIÇÃO.

De grande utilidade é, e faz uma parte consideravel da composição, o cuidado do corrigir os escriptos. E com razão se ha dicto — que não faz menos a penna riscando, que escrevendo.

QUINCTILIANO, L. X, c. 4.°

Para que teus escriptos ler-se devam,
A penna volve, e emenda-os muitas vezes.

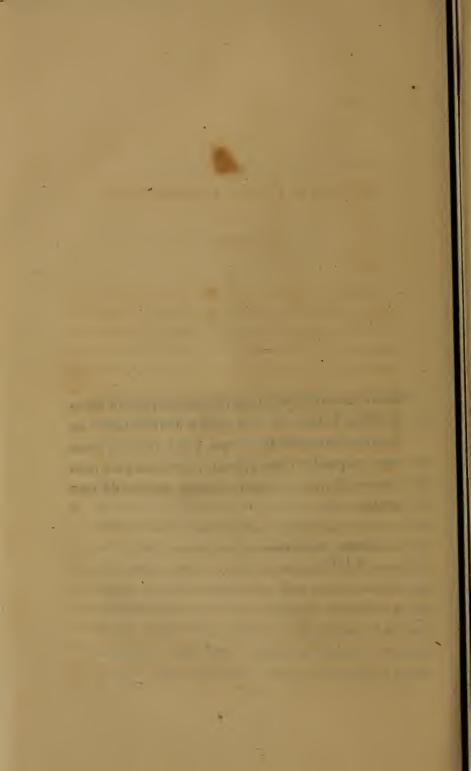
HORACIO, *Satyr.* L. 1, 10.ª

Salvo de gravissima e muito perigosa infermidade (graças a DEUS DE TODA A BONDADE E GRANDEZA!...) vivo ainda. E, continuando a servir, como posso, á minha cara patria, cheguei a tempo de dar-vos, estudiosos Moços, uma nova edição das minhas *Instituições Rhetoricas.* São ellas, ainda hoje, cópia do texto latino, em que eu primeiramente as havia offerecido, e que Sua Majestade se dignára de approvar para o vosso uso nas escholas: vão porém taes que, o pouco que a imagem possa perder, por menos fiel, o ganha, por mais luminosa. Em verdade, como bem advertiram, além d'outros, dois dos mais judiciosos criticos da antiguidade, para um escripto vir a ser irreprehensivel e digno de ser lido, é mister

que o auctor se entregue a diuturnas meditações, e que lhe faça multiplicadas emendas. É só assim que se alcança o que por máo tento se perdêra.

Não olvidando aquelles avisos, fôra eu assás cuidadoso logo 'no primeiro trabalho: já 'no segundo, porém, tive que adeantar; corrigi alguns passos, puz outros em luz mais clara. E, agora que pela terceira vez torna o compendio á estampa, confesso que, para mais o apurar, não só meditei muito e reflecti muito, senão que escutei as bem acertadas reflexões d'alguns dos meus caros e illustres collegas. Ainda assim, muito resta que fazer, para tocar, levemente sequer, a perfeição. Afoito-me todavia a assegurar que, com esta nova fadiga, vos aplainei muito

mais o caminho 'nesta importantissima parte do curso das Boas Letras. Se esta minha afoiteza não é temeraria, nem errado o meu jùizo; e se a meus votos responder vosso proveito; será esse para mim o mais glorioso, e quasi o unico, prémio do meu serviço.

Coimbra, 5 de janeiro
de 1857.

PREFACIO DA PRIMEIRA E SEGUNDA EDIÇÃO.

«Achava-se esgottada a primeira edição latina dos *Elementos de Rhetorica,* os quaes, ha tres annos, eu destinára ao uso das escholas. Agradecido ao público illustrado, que tam benigno acceitára o meu serviço, curei de dar 'na mesma lingua uma nova edição, a todo meu poder, melhorada. Mas houve tambem motivos particulares, que me determinaram a traduzir aquellas breves instituições: e assim, ao passo que da estampa saíam as folhas, eu as fui trasladando 'na lingua nacional. Por onde, quasi ao mesmo tempo, em separados livros, vêm agora a lume o original e a traducção, que em vossas mãos ponho, estudiosa Mocidade.»

«Ao exemplo do Orador Romano, que, havendo traduzido Eschines e Demosthenes, confessa não ter dado as coisas do texto por conta, senão por pêso; tambem eu 'nesta minha traducção por melhor tive o não dar palavra por palavra: que, em verdade, fôra isso demasiado escrupulo, ou superstição inutil. Achareis porém, ou eu me engano, que a traducção é fiel, quanto o soffre o diverso genio d'uma e outra lingua. Se ás vezes, que não foram muitas, ao texto accrescentei alguma palavra, ou ainda alguma

phrase, sobrepensado foi: e porque o não faria, se com isso illuminasse mais o sentido? Certo que em todo o discurso, e mais ainda 'no didactico, é a perspicuidade a virtude prima.»

«Lá dizia 'no prefacio do original que plano eu traçára, e que auctores havia consultado. Muitos foram elles: os que porém mais parte comigo têm 'na obra, são, dos antigos, *Cicero* e *Quinctiliano;* dos modernos, *Blair, Le Clerc, Géruzez;* dos nossos, *Suares Barbosa* e *Freire de Carvalho.* D'esses grandes mestres colhi as melhores doutrinas; e do meu pobre cabedal lhes ajunctei o que me pareceu importante ou necessario. Tendes pois, em compendio, quanto basta para dardes os primeiros passos na lustrosa carreira da eloquencia: sendo que não só toquei o que importa saber nos tres generos de oratoria, — concional, forense, e sagrada —; senão tambem o que respeita á eloquencia dos discursos, — epistolar, didactico, descriptivo, historico, poetico, etc. — Sim; dictando aquillo que é commum a todos os generos, fui junctamente semeando aqui e alli as differenças de cada um; e apoiei os preceitos 'na práctica dos mais distinctos classicos, latinos e por-

tuguezes. Multiplicados vão os exemplos; nem d'isso me pêza: são elles por ventura a melhor porção do meu trabalho. Releva que os analyseis todos; nem todos porém será preciso tomar de memoria. A escolha d'elles, bem como o desinvolvimento das materias, deixo á prudente direcção do habil Professor que ouvirdes.»

«Não cuideis, porém, que estes elementos bastam para vos consummardes na eloquencia; não o cuideis. Força é que ao rico ingenho, e aos demais felizes dotes da natureza, ajuncteis um activo e aturado estudo; e que, pela judiciosa imitação dos melhores modelos, apureis o gôsto. Só com estes e outros auxilios é que podereis um dia chegar ao fructo, que elevado pende d'este bello ramo da Literatura.»

A isto, que eu dizia em 30 de Março de 1849, nada tenho que accrescentar, senão que procurei melhorar esta segunda edição, quanto me foi possivel.

Coimbra, 9 de agosto
de 1851.

NOÇÕES PRELIMINARES

DA

ELOQUENCIA E DA RHETORICA EM GERAL.

I

NATUREZA, FIM E DIVISÃO DA ELOQUENCIA.

§ 1.

Nascido para a sociedade, o homem não recebeu da summa bondade do Creador melhor dote, que a faculdade de falar; sendo que outra não ha que mais prestimo tenha em todo o tracto da vida, pública e particular. E a verdadeira eloquencia ganha para si louvor e estimação; mantem o estado; é o doce amparo da humanidade.

§ 2.

Eloquencia é — *a força de dizer, dominadora do animo alheio;* — i. é, a faculdade de exprimir os pensamentos pela maneira mais propria para produzir a convicção, o deleite e a persuasão. Esta força natural, para que se não desvie do direito caminho, ha mister de ser guiada pela arte; e serve-lhe de guia a *rhetorica;* i. é, — *a disciplina que rege o genio no uso da eloquencia.*

§ 3.

A natureza pois é que se deve o dom da palavra; a arte porém teve o seu princípio 'na observação do que é util na fala. E, se é certo que a *eloquencia* póde por si, mediante a voz, effeituar seu intento; não o é menos, que a *rhetorica* por algumas leis a dirige e auxilia. E d'aqui se vê que é diversa a origem, diversa a natureza d'uma e outra; e assim, seus meios, objectos e fins.

§ 4.

Nem é menos evidente, onde põi sua mira a eloquencia. Todo o homem de siso, falando ou escrevendo, por certo intenta — ou *reduzir* os outros a que reconheçam e *accreditem* alguma verdade; — ou *attrahil-os* pelo agrado; — ou *determinal-os* pelo impulso. Eis os fins d'aquella faculdade, — *convencer*, *deleitar*, *persuadir*: — sendo todavia este ultimo o mais nobre; porque 'na moção dos corações, d'onde immediatamente dimana a determinação da vontade, é que a eloquencia tem seu principal dominio.

§ 5.

Não é logo sem razão que, quem fala ou escreve, de geito que possa conseguir qualquer d'aquelles fins, seja havido por *eloquente*: especialmente porém o é aquelle cuja voz, partindo-lhe do coração, cala no coração alheio.

§ 6.

E, como o que é dotado de tam excellente virtude, póde manifestal-a em qualquer materia, sobre que haja de falar ou escrever; por isso é que tomâmos a eloquencia em dois sentidos. Tomada em geral, cabe ella em todo o discurso, ou poético, ou prosaico, ou philosophico, ou historico, ou epistolar, ou familiar, etc.; sendo certo, que todos esses

generos de discurso clarêam com a luz da eloquencia, como com o sol o mundo. Mas, em accepção restricta, limita-se a certos discursos publicos, onde o seu poder é maior e mais ostensivo. Esta é que propriamente se diz *oratoria;* o que a cultiva, *orador;* a obra do orador, accommodada aos seus fins, *discurso oratorio.*

§ 7.

D'esta eloquencia propriamente dicta fazem hoje os *rhetoricos*, ou mestres da arte, tres generos, dividindo-a em — *concional, forense* e *sagrada.* — A primeira occupa-se dos negocios publicos, quer politicos, quer literarios, quer militares: a segunda tracta as causas do fôro: a terceira versa sobre o que respeita á gloria de Deus e á nossa salvação eterna. Seguindo Aristoteles, dividiram os antigos a eloquencia em *laudativa, deliberativa* e *judicial;* fazendo consistir a primeira 'no louvor ou vituperio: a segunda 'nos conselhos: a terceira 'nas questões forenses. Esta divisão porém não comprehende todos os generos de assumptos; e parece dar por proprio ao primeiro o que é commum a todos tres.

§ 8.

Tambem se distinguem tres gráus d'eloquencia. O primeiro e o mais inferior procura só o deleite dos ouvintes; como 'nos discursos panegyricos e outros d'este genero. O segundo ou médio, unindo o util com o deleitoso, não só procura agradar, senão tambem instruir; como 'no fôro, 'na historia, 'nos tractados didacticos e outros similhantes. O terceiro e superior é aquelle em que o orador forceja por mover os animos: a este gráu abrem um bello e vasto campo os discursos do pulpito e da tribuna. — De mais, confórme o orador tem em vista ou só o assumpto, ou só a ostentação, ou uma e outra coisa; assim a fórma do discurso será ou *pragmatica,* ou *epidictica,* ou *mixta.*

II

MEIOS, OFFICIOS, E REQUISITOS DO ORADOR.

§ 9.

Para a eloquencia chegar ao fim, que se propôz, emprega tres meios geraes, — *pensamentos, palavras* e *gestos;* — i. é, as acções d'alma ou as idêas e suas relações: os sons articulados, que as significam: e os movimentos do corpo, que com as intoações acompanham a fala. Os pensamentos são como a alma do discurso; as palavras e os gestos são o corpo e fórma externa.

§ 10.

Os meios particulares porém, ou antes os officios do orador, são — *a instrucção, o agrado, o impulso;* — entre os quaes o primeiro se dirige ao intendimento dos ouvintes, o segundo á imaginação, o terceiro á vontade. Pelas provas o orador *instrue*, para convencer; pelas bellezas *agrada*, para deleitar; pelos affectos, brandos ou fortes, *move*, para persuadir.

§ 11.

Mas nem sempre estes meios terão logar, todos junctos, 'na materia que tem que tractar-se: sendo que cada um d'elles é relativo não só ao fim do discurso, senão ao estado em que suppozerdes o animo dos ouvintes. E, sendo esse estado já *de ignorancia* ou *erro*, já *de indifferença*, já *de paixão;* importa remover a ignorancia ou o erro pela *instrucção;* a indifferença pelo *agrado;* a paixão por um *impulso* contrario. Todas as vezes porém que ser possa, empregar-se-hão todos simultaneamente: pois que, assim como o discurso, senão deleitar nem mover, ficará como desanimado e sem interesse; assim, se não instruir, não terá solidez.

§ 12.

Para que o orador porém não trabalhe em vão, 'nelle se requerem — *natureza* e *auctoridade* e *conhecimento da lingua* e *estudo.*— Primeiramente, é de desejar que o favoreça *a natureza*, i. é, excellentes dotes do espirito e do corpo; pois áquelle a quem elles faltarem, não aproveitará o ensino mais que aos terrenos estereis a cultura.— Haja 'no espirito um genio ou ingenho rico, i. é, a aptidão natural para inventar e ser grande em qualquer coisa: haja uma phantasia viva, que represente fielmente os objectos: haja memoria fiel, que com firmeza retenha e facilmente reproduza as idêas: haja um gôsto delicado, para distinguir o bello do defeituoso. — O corpo seja dotado d'um peito forte, d'uma voz sonora, e d'uma figura não desagradavel.

§ 13.

Em segundo logar, faça-se recommendavel pela *auctoridade*, que é — a influencia do que fala sobre o intendimento e vontade dos ouvintes; — influencia, nascida do reconhecido merecimento. Este porém é effeito do saber, da prudencia e da probidade; qualidades tão necessarias para convencer e persuadir, que, sem ellas, inuteis se tornam as outras.

§ 14.

Em terceiro logar, *saiba* com a maior perfeição possivel *a lingua*, em que ha de proferir os conceitos do espirito: pois como será possivel intender-se o discurso d'aquelle que nem conhece bem as palavras, que o uso tem adoptado, nem as noções e propriedades d'ellas; nem as leis da composição, pronunciação e escriptura?

§ 15.

Cultive em fim com activo *estudo* aquelles generos de

literatura que possam nutrir, engrandecer e aperfeiçoar, os dotes da natureza. A este requisito pertence tambem o seguir a arte por guia (§ 2); a imitação dos melhores modelos, que a historia literaria mostrará; e o exercicio de compor e falar em público.

III

OPERAÇÕES DO ORADOR, E PARTES DA RHETORICA.

§ 16.

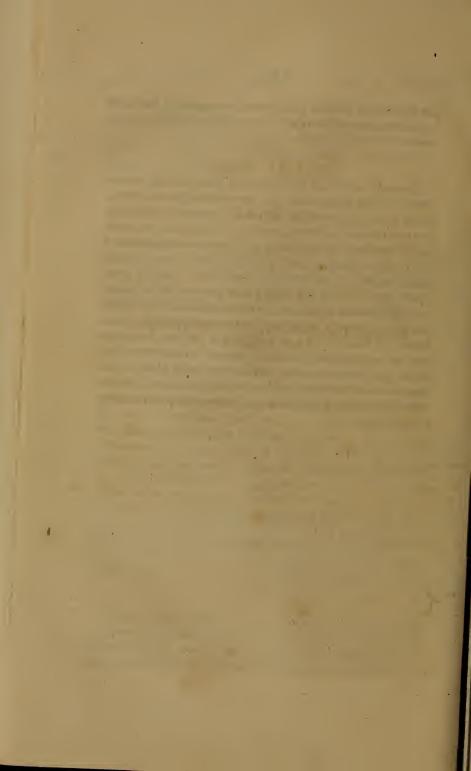
Munido d'estes subsidios, cumpre que o orador ponha em práctica estas operações, e partes da eloquencia em geral, — *invenção, disposição, elocução, memoria, declamação:* — que em verdade se derivam da natureza mesma do espirito humano. Com effeito, quem tem de falar sobre qualquer materia, deve primeiro que tudo esforçar-se por *descobrir* os pensamentos mais accommodados ao fim do seu discurso: depois de os achar, *dispôl-os* em seus proprios logares: d'aí *escolher as palavras e phrases*, que melhor exprimam os pensamentos, achados e dispostos. Eis a substancia, a ordem e a fórma da obra. Resta *depositar 'na mente* os pensamentos e as palavras, de modo que ao depois se recorde d'uma e outra coisa (§ 12); e por fim *pronunciar* o discurso pelo modo mais geitoso para produzir o effeito desejado; assim que a *voz* e o *gesto* condigam, não só com a natureza do assumpto e do discurso, senão tambem com as circumstancias das pessoas, logar, tempo, etc.

§ 17.

E, pois 'nestas operações a rhetorica é que dirige e ajuda a natureza (§§ 2 e 3); ninguem ignora que tantas são as partes da arte, quantas as da eloquencia. Como porém ha poucos preceitos que dar sobre a *memoria* e a *declamação;*

por isso é que se tem por partes principaes da rhetorica — *a invenção, a disposição*, e, com particularidade, *a elocução.*

§ 18.

Havendo de tractar de cada uma d'ellas, já d'aqui advertimos aos que apprendem, que não cuidem que são immudaveis as leis da rhetorica: variam ellas segundo o assumpto e circumstancias do tempo, logar, etc.; bem como, nas estatuas e quadros, vemos variar as figuras, os semblantes e as situações. Entre as mui poucas regras a que chamam *catholicas*, isto é, universaes e invariaveis, duas ha principaes, que o orador em todo o acto deve seguir; a saber, — *a observancia do decoro*, e *a observancia do util.* — Sim, em todo o tempo e logar as palavras e as acções do orador devem ser taes que não só estejam em perfeita harmonia com os pensamentos, materia, pessoas e circumstancias; senão que sejam as mais conducentes para obter o fim. Quanto ás outras regras, póde o orador guardal-as, ou não, como lhe convier; seguindo os dictames da propria razão e bom senso.

PRIMEIRA PARTE

INVENÇÃO

CAPITULO I

Da materia da eloquencia; das questões; e dos estados.

§ 19.

Comecemos pois pela invenção, que 'no orador demanda mais ingenho e saber que as outras operações; e cuja importancia é tanta que, sem ella, toda a locução será frivola e pueril. Invenção é — *a investigação dos pensamentos mais accommodados ao fim que o orador se propoz* — (§ 16): estes pensamentos, que são as provas, os affectos, e as bellezas (§ 9), de modo nenhum se podem achar, senão vendo o fundo á materia do discurso.

§ 20.

Que é materia da eloquencia tudo o que póde entrar em questão, e sobre que póde tecer-se um discurso, ninguem o ignora; pois que a faculdade de falar (como diz Cicero) não se circumscreve em um recincto, cujas raias ella não possa traspassar. Como porém nem tudo aquillo sobre que póde falar-se, é decente que se offereça a quem ouve ou lê; de tamanha multidão de materias o orador esco-

lherá só, para assumpto do seu discurso, o que for ou *justo,* ou *honesto,* ou *util,* ou *agradavel,* e que como tal se torne interessante.

§ 21.

Mas o assumpto póde appresentar varias faces. Umas vezes será elle por uma face bom, por outra máo: assim se duvidou se foi pio, ou impio, Orestes em matar a mãe, para vingar a morte do páe. Outras vezes ou por si, ou olhando á pessoa de quem se fala, o assumpto será contrario á opinião commum dos homens; qual pareceu o discurso de Polycrates contra Socrates. Ora terá tão pouco pêso e importancia, que pareça desprezivel; como o pleito *sobre tres cabrinhas,* ridiculizado por Marcial, no Liv. VI, epigr. 19. Ora será finalmente intricado e difficil de intender-se; tal era a accusação de Cluencio, como advertiu Cicero, defendendo-o. Por isso os rhetoricos distinguem ordinariamente quatro generos de materia, — *duvidosa, paradoxa, baixa, obscura.*

§ 22.

Qualquer pórem que seja a materia, 'nella podem ventilar-se dois generos de questões, — *these* e *hypothese.* — These é a questão que se não liga ás circumstancias do objecto; como: *Se a paz é desejavel?* Hypothese é a questão, limitada pelas circumstancias da pessoa, logar, tempo, etc.; como: *Se devemos este anno tractar da paz?* Aquella é universal e indeterminada: esta particular e determinada: e por isso aquella mais extensa que esta; assim como o todo o é mais que a parte, e o genero que a especie. D'onde se segue que toda a hypothese tem relação com uma these. — Qual d'ellas porém se deva discutir primeiro, dil-o-hemos 'no tractado da disposição.

§ 23.

Agora, como toda a questão, ou principal ou accessoria, necessariamente assenta sobre um poncto ou *estado;* vejamos o que seja estado ou constituição d'assumpto, e estado de questão. Estado d'assumpto ou de discurso é — *o poncto que o orador se propõi a tractar principalmente, e o ouvinte a escutar com mais attenção;*—isto é, o poncto fundamental, de que forçosamente tractarieis, se não vos fosse permittido dizer mais que uma só coisa. *O poncto porém que se ventila em qualquer questão accessoria,* denomina-se estado de questão. Isto se esclarece por um bem curto exemplo. Diz o accusador: *Sylla, conjuraste-te com Catilina;* Sylla, defendendo-se, responde primeiramente: *Se me conjurei, fiz bem;* depois: *não me conjurei.* Auct. ad Her. L. I. O segundo poncto de defesa, como mais forte e essencial, será o estado do *assumpto;* o primeiro, que é menos forte, será estado de *questão.*—Importa muito determinar bem um e outro estado, para que a disputa não passe a *logomachia.*

§ 24.

E, porque em toda a controversia se debate um d'estes ponctos,—*se existe o objecto? que é? que qualidades tem?* — por isso são, maiormente 'no fôro, tres os estados — de *conjectura,* de *definição,* de *qualidade.*—'No primeiro, discorrendo por conjecturas, a questão é sobre a existencia ou possibilidade do objecto; como 'no discurso de Cicero *a favor de Celio: Se este deu, ou não, veneno a Clodia?* 'No segundo, versa a questão sobre a natureza do facto, e sobre o nome que se lhe deve dar; como 'no discurso do mesmo Cic. *a favor de Plancio: Se o dinheiro que este deu ao povo, foi, ou não, suborno?* 'No terceiro em fim, questiona-se sobre as qualidades do objecto ou acção; como 'no discurso do mesmo *a favor de Milão: Se este matou justa, ou injustamente, a Clodio?* — Ave-

riguados estes ponctos sobre qualquer objecto, nada mais ha que averiguar.

CAPITULO II

Da natureza das provas em geral, sua classificação e logares.

§ 25.

Assentado o poncto fundamental do assumpto, seja o primeiro cuidado do orador investigar *os pensamentos com que ha de esclarecer o intendimento dos ouvintes ácerca da verdade, de que quer convencel-os.* Estes pensamentos se chamam *provas* ou argumentos em accepção lata; e a sua força está em fazer vêr, por um ou mais juizos, verdadeiros, claros e coherentes, que o discurso vai direito ao seu fito.

§ 26.

Tres caminhos leva ordinariamente a prova: ora demonstra ella a verdade por meio de coisas sensiveis, ou pelos dictos d'outrem; ora confrontando uma coisa com outra; ora deduzindo d'um principio universal um juizo particular, que 'nelle se contêm. D'onde tres generos de provas: — *por testimunho, por confrontação, por deducção.* — Comprehende o primeiro genero o *signal* e a *auctoridade:* o segundo os *exemplos* em geral: o terceiro os *argumentos*, propriamente dictos. Antes, porém, que tractemos de cada uma d'estas provas, vejamos de que fontes communs e particulares se recebem.

§ 27.

A *topica*, ou arte de descobrir as provas, deu excessivo cuidado aos antigos; que, dividindo os logares (ou

fontes) d'ellas em communs e particulares, e subdividindo uns e outros em intrinsecos e extrinsecos, longos tractados escreveram sobre o uso de cada um. Denominavam logares intrinsecos, ou tirados da materia, — *a definição, o genero, os similhantes, os contrarios, as causas, os effeitos*, etc. Extrinsecos, ou de fóra da materia,— *os casos julgados, a fama, os titulos, o juramento, as testemunhas.* Muito ha, porém, se advertiu que aquella selva immensa não só é esteril, senão que tolhe o passo ao discurso.

§ 28.

Deixando pois tudo isso, contentâmo-nos com advertir, que as verdadeiras fontes das provas, em todo o genero d'eloquencia, são — a reflectida meditação do assumpto, — o estudo da philosophia, maiormente da moral — e a historia. — E com effeito, quanto á primeira, quem sondar bem a materia toda, meneiando-a para todos os lados, até a conhecer a fundo, facilmente achará, tanto o que lhe é favoravel, como o que o não é: e assim, quer haja de provar, quer de refutar, do assumpto nascerá, quanto elle tem que dizer. Pelo que toca á segunda fonte, como a philosophia abrange todos os conhecimentos humanos, ella fornecerá cópia de principios geraes, para confirmar a verdade da hypothese. A historia, em fim, ministra exemplos do que se deve imitar ou evitar. — Mas estes principios (que tambem têm o nome de logares communs) não servem só para reforçar as provas, servem ao mesmo tempo para afformoseal-as; sendo uma como polpa que cobre os nervos das provas, 'nos quaes está a firmeza do assumpto. Assim, se por exemplo se dér por prova d'uma acção a *cholera*, bom será *desinvolver em um logar commum a natureza d'aquella paixão.*

§ 29.

Tambem é de notar que, além d'aquellas tres fontes,

communs a toda eloquencia, algumas ha proprias de certos generos. Por quanto, se, no genero concional, não ha logares especiaes para os discursos da tribuna, por isso que versam sobre todos os negocios do estado; ha-os todavia para outros generos. Para os discursos do pulpito darão provas especiaes — a theologia, a historia sagrada e a ecclesiastica, as doutrinas dos sanctos padres, as tradições, os concilios: para os debates do foro — o conhecimento das leis e do direito: — para os panegyricos — a patria do individuo, o seu nascimento, as prendas do espirito e do corpo, os feitos, os dictos, etc.

CAPITULO III

Do signal e da auctoridade.

§ 30.

Começando pelas provas *de testimunho*, temos em primeiro logar o *signal;* é elle—*uma coisa sensivel que indica outra com que tem connexão.*—O signal ou mostra por si, e por lei da natureza, o objecto; ou por convenção dos homens: assim, *o gemido* é signal natural *da dor: os characteres das letras* são signaes arbitrarios ou convencionaes *dos sons elementares.*

§ 31.

Mais; como a connexão do signal com a coisa significada ou é intima, ou remota; por isso o signal se divide em *necessario* e *não necessario.* Assim, *a respiração* é signal necessario *da vida animal: o sangue no vestido* é signal não necessario *do assassinio.* O primeiro produz evidencia; porque tal connexão tem com a coisa significada, que, dado elle, força é que exista a coisa. O segun-

do, por ter connexão com varias coisas, deixa-nos em incerteza; mas, segundo as circumstancias do objecto, póde ter alguma força; pois, confórme o signal for grave ou leve, commum ou proprio; assim produzirá probabilidade ou suspeita, presumpção ou conjectura. 'Nas causas forenses muitas vezes se recorre aos signaes.

§ 32.

A outra prova d'esta classe é *a auctoridade*, que se funda 'no pêso dos dictos alheios (§ 13); e, como ella provém do testimunho de Deus ou dos homens, divide-se por isso em *divina* e *humana*. 'Nos livros do Antigo e Novo Testamento e 'na Tradição é que se contém o testimunho divino, cuja interprete é a Egreja Catholica: o testimunho humano está 'nos juizos e usos das nações cultas, 'nas opiniões dos sabios, 'nos proverbios ou maximas vulgares. Pela auctoridade divina se prova, por exemplo, que devemos amar a Deus sobre tudo, e ao proximo como a nós mesmos: *Amarás a Deus, teu Senhor, de todo o teu coração; e ao teu proximo como a ti mesmo. S. Matth.* XXII, 37 e 39. Demonstra-se pela auctoridade humana que o amor da patria é um dever dos bons cidadãos: *Todos os amores se ajunctam 'no amor da patria; e qual será o bom cidadão, que em defesa d'ella duvide arriscar a propria vida?* Cic. *de Offic.* I, 17.

§ 33.

É fóra de dúvida, que a auctoridade divina, da qual se serve, mais que todos, o orador evangelico, para confirmar o que préga sobre os mysterios da religião e sobre a inteireza dos costumes, constitúe uma prova certissima; porque Deus não póde enganar-se, nem enganar-nos. Mas a auctoridade humana, que tem seu principal uso 'no foro, 'na politica, 'na historia e 'no discurso didactico, como ha de avaliar-se pelo saber e probidade do homem que

nos fala, nem sempre é certa e verdadeira; ás vezes produz crença, ás vezes dúvida.

CAPITULO IV

Dos exemplos.

§ 34.

A segunda classe de provas comprehende os exemplos (§ 26). Em geral, o exemplo é — uma prova, que confronta um objecto com outro, pela relação conhecida, que ha entre ambos: — e estes objectos são — aquelle, de que intentâmos convencer os ouvintes, e — aquelle, que tomâmos para effeituar esta convicção. — Ora os objectos, que podem confrontar-se, para servirem de prova uns dos outros, costumam reduzir-se a quatro: confrontam-se factos com factos; individuos com individuos da mesma especie; individuos com individuos de diversa especie ou ainda de diversa natureza, e leis com leis. D'onde estas especies principaes, — *exemplo*, em sentido restricto; *similhança; parabola; paridade de direito.*

§ 35.

D'estas provas a mais poderosa é o *exemplo*, propriamente dicto; i. é, — *a prova que d'um singular infere um singular, pela confrontação d'um facto com outro.* — Tal é o exemplo com que Diogo d'Almeida pretende dissuadir os nossos da batalha contra os Mouros: *Gloria foi do imperio romano vencer muitas batalhas Q. Fabio Maximo; depois foi salvação escusar uma.* Jacintho Freire, *Vida de D. João de Castro*, Liv. II. — Esta prova facilmente cála nos animos dos idiotas; e tem muito pêso, e derrama luz em todo o genero d'eloquencia. Esclarece os

preceitos theoricos; dá força ao louvor ou vituperio; é uma arma forte 'nas accusações e defesas; induz a regular os costumes; é o incentivo da heroicidade.

§ 36.

Ha porém varias especies d'exemplos, segundo a qualidade, quantidade e fonte, dos factos. Quanto á qualidade, o exemplo se tira ou d'um facto *similhante;* como: *Saturnino foi justamente morto, assim como o foram os Gracchos.* Ou d'um *dissimilhante;* como: *Bruto matou os filhos, por maquinarem traição á patria; Manlio o seu, tendo este practicado uma acção de valor.* Ou d'um *contrario;* como: *Marcello restituiu aos Syracusanos, inimigos, as alfaias; Verres lh'as tirou, quando alliados.* O primeiro funda-se 'na *analogia;* o segundo parte 'na *analogia,* parte 'na *opposição;* o terceiro 'na *opposição.*

§ 37.

Olhando á quantidade ou gráu, o exemplo será ou *de maior para menor;* como: *Se eu vos lavei os pés, sendo vosso Senhor e Mestre; tambem vós deveis lavar os pés, uns aos outros. S. João* XIII, 14. Ou *de menor para maior;* como: *Matou P. Scipião, sendo um particular, a Tib. Graccho, por fazer um leve mal a républica; e nós, os consules, havemos de aturar Catilina, que deseja assolar a ferro e fogo o mundo todo?* Cic. *na 1 Catilinaria.* — *Ou d'egual para egual;* como: *Saturnino,* etc. (§ ant.).

§ 38.

Em fim, como o exemplo se tira ou da historia, ou da mythistoria, ou das fingidas falas dos animaes irracionaes; por isso, segundo a fonte, o exemplo será ou *historico,* ou *mythistorico,* ou *apologo.* Os exemplos do primeiro genero ora se hão de narrar por inteiro, ora

bastará só aponctal-os; conforme os factos forem ou conhecidos, ou desconhecidos; e segundo o exigir a utilidade do assumpto, ou o decóro. Exemplos tractados d'ambos estes modos, achal-os-heis em Cic. *a favor de Mil.* Da mesma sorte se tractam os exemplos do segundo genero; só com a differença de que, por serem fingidos, não admittem tanta asseveração, como os primeiros. Vêde *o mesmo discurso* de Cic. O apologo é que o orador emprega mais raramente; e só por uma breve allusão, ou falando a indoutos. Tal é o bem sabido apologo da rebellião dos membros humanos contra o ventre; com o qual apologo se diz que Menenio Agrippa reconciliára a plebe com os patricios romanos. T. Liv. L. II.

§ 39.

Tambem esclarecem todo o genero de discurso a similhança e a parabola, que têm quasi as forças do exemplo, e que não só servem para provar, senão para pintar as imagens dos objectos. *Similhança* é—*a confrontação d'individuos da mesma especie ou de relação proxima.* Exempl., *Assim como é culpavel o que atira frechas e lanças para matar; assim o é aquelle, que por dólo prejudica ao seu amigo. Proverb.* XXVI, 18 e 19. E: *Como ao taful não falta nunca dinheiro para desbaratar, jogando; assim é impossivel poder faltar ao verdadeiro esmolér com que soccorrer os pobres.* Luiz de Sousa, *Vida do Arceb.* L. IV, C. 27.

§ 40.

O em que a parabola mais differe da similhança, é em tomar de ordinario palavras translatas, e em procurar mais longe os objectos da confrontação. *Parabola* pois é — *a confrontação d'individuos ou objectos de differente natureza ou de relação remota.* Exempl: *Assim como a terra se melhora com a cultura; assim o espirito se enriquece com o ensino.* E: *Assim como a planta, cortada do tronco,*

logo se sécca; assim a virtude, separada da humildade, não dura. Heitor Pinto, *Dialogo da tranquillid. da vida*, Cap. XXV. Ás vezes a parabola se tira tambem *de mai. para men.*, e *de men. para mai.*, como o exemplo (§ 37).

§ 41.

A paridade de direito, em fim, usada 'nos discursos da tribuna e 'nos do foro, é — *a confrontação de lei com lei*, isto é, de *direito com direito*. Exempl.: (Cicero 'na *Topica*): *Havendo-se deixado a um o usofructo d'uma casa, se esta caír, não está o herdeiro obrigado a reedifical-a; porque tambem não restituiria um escravo, se este morresse. E: Assim como o marido não póde alhéar bens sem outorga da mulher* (Ord. do Reino, L. IV, tit. 48); *assim tambem a mulher o não póde sem outorga do marido.*

CAPITULO V

Dos argumentos.

§ 42.

Resta a terceira classe de provas, a qual comprehende os argumentos propriamente dictos: são estes, 'na verdade, mui frequentes em todo o genero de discurso; e tanta vantagem levam ás outras provas, que pelos argumentos é que o orador póde pesal-as, e ajunctar-lhes novas forças. — Como o intendimento humano não póde, muitas vezes, perceber á primeira vista a mutua conveniencia ou repugnancia de duas idêas; recorre a uma terceira, média; para que, comparando com ella as duas extremas, veja, se estas convêm com ella, e por conseguinte uma com outra, ou não. Esta operação é o raciocinio; e um resumo d'este o argumento; o qual, como é claro, se fórma de idêas consequentes, ou repugnantes.

§ 43.

É pois *argumento*, propriamente dicto, — *um juizo geral d'onde se infere um especial, 'nelle contido.* — Exempl : Se quizerdes mostrar que devemos respeito a um poëta, podereis com Cicero (*a fav. d'Archias*) produzir esta razão ou argumento, — *que todas as nações respeitaram e honraram sempre os poëtas.* — E: Pois *que é isto que dizem de vós? Negareis que quem conquista, não rouba?* Fernão Mendes, Cap. CXL. — E, como 'no juizo geral se contêm o especial, ora com evidencia ou sem dúvida, ora com probabilidade; por isso o argumento se divide em *certo* e *crível*.

§ 44.

Temos por *certos:* 1.° os argumentos que se fundam 'no averiguado testimunho dos sentidos; 2.° os que têm por fundamento o consenso commum dos homens; 3.° os que têm por base as leis e os costumes; 4.° os que se deduzem de principios em que os disputantes concordam ou que um concede ao outro; 5.° os que partem de principios que o adversario não contradiz; 6.° os que se inferem de principios que de duvidosos passaram a certos. E assim denominam-se — argumentos de *certeza physica: moral: legal: convencional: não contradicta: já provada.*

§ 45.

Dos *criveis* ha tres especies, segundo o maior ou menor gráu e numero de razões entre a certeza e a dúvida. Assim o argumento é — ou *probabilissimo* e que quasi sempre acontece; como: *O amarem os pães os filhos:* — ou *mais provavel que o seu opposto:* como: *Que quem hoje tem saude chegue ao dia d'amanhã:* — ou *simplesmente provavel:* como: *Que o furto em uma casa fôsse feito por alguem d'ella.* Quinctil.

CAPITULO VI

Das argumentações.

§ 46.

Tal é a natureza dos argumentos: vejamos agora por que fórma e desinvolvimento possam elles passar aos sentidos e animos dos ouvintes. Aquella fórma e desinvolvimento é *a argumentação*, i. é, *a expressão verbal do argumento:* da qual havendo varias especies, cinco são todavia as que de ordinario se usam 'na oratoria: — *synacolutho, enthymema, syllogismo, epichirema, dilemma.*

§ 47.

Synacolutho é — *uma proposição que em si mesma contém a sua prova;* como (*Eneid.* L. I, v. 635.):

'Na desgraça apprendi a condoer-me
Das alheias desgraças.

E: *Mal consola um desconsolado.* Sousa, *Vida do Arceb.* L. II, C. 30. Esta argumentação é, pela sua simplicidade, não só propria para provar, senão tambem para mover.

§ 48.

Enthymema é — *uma argumentação que consta de duas proposições, intenção e assumpção;* — i. é, aquella que o orador *intenta* provar, e a que *toma* para prova da primeira. Como: *A virtude é um bem, porque aperfeiçóa o homem:* este é *dos consequentes.* Dos *repugnantes,* porém, est'outro de Cicero *a fav. de Mil.: Estais logo aqui para vingar a morte d'aquelle que não quererieis restituir á vida, se isto julgasseis possivel.* E o de Freire, *Vida de D. João de Castro,* L. IV,: *Mal sustentarão a honra do seu reinos*

(*Turcos*) *que perderam a sua.* E este segundo tambem entra no discurso para ornato. — Differe o enthymema oratorio do logico 'na *ordem* e *nome* das proposições, que os logicos denominam *antecedente* e *consequente.*

§ 49.

Syllogismo é — *uma argumentação que se compôi de tres proposições, intenção, assumpção, connexão;* — das quaes a terceira mostra a relação que ha entre as duas primeiras. Como: *Podemos usar das armas contra o aggressor: porque as leis as permittem: e não as permittiriam, se não podessemos usar d'ellas.* Cicero, *a fav. de Mil.* 'Nesta argumentação segue o logico o methodo *synthetico;* e denomina as proposições — *maior, menor, conclusão;* o orador segue de ordinario o *analytico.*

§ 50.

Epichirema é — *uma argumentação que,* segundo alguns rhetoricos, *consta de cinco proposições, intenção, assumpção, connexão, e as razões da segunda e terceira;* segundo outros, *de tres;* tendo-se *as razões* por accessorios das proposições respectivas. Assim o epichirema só differe do syllogismo em que este se funda em principios verdadeiros; aquelle mais em principios provaveis. Como: *Milão matou justamente a Clodio; pois que este o aggrediu; o que se manifesta por seus soldados, armas e manobras: e é permittido matar um aggressor; como se prova pelo direito natural e das gentes, e por exemplos.* Cic., 'na *mesm. or.*

§ 51.

Dilemma é — *uma argumentação, formada por uma proposição disjunctiva, de modo que por duas partes prende o adversario.* — A fórma ordinaria do dilemma está em se converter cada uma das duas proposições da disjuncti-

va, absolutas e oppostas, em *hypothetica;* e em ajunctar depois a cada uma das hypotheticas uma ou mais proposições. Como: *Vae-te, e tira-me d'este susto, ou elle seja bem, ou mal fundado: se bem fundado, para eu não ser opprimida; se mal fundado, para um dia alfim deixar de temer.* Cic. (*'na prosopopeia da patria contra Catilina, I Cat.*). E: *Ou o successo ha de ser adverso ou prospero: se tivermos um successo adverso, não temos salvação, porque a terra é sua; se o alcançarmos prospero, nenhum fructo tiramos da victoria.* Freire, *Vida de D. João de Castro,* L. II.

§ 52.

Estas argumentações são, sim, communs ao philosopho e ao orador; cada um d'elles porém toma 'nellas por diversa róta. Aquelle procura só descobrir a verdade e leval-a á evidencia; este não tem só isso em vista, mas tambem deleitar e mover os ouvintes. Aquelle fala ordinariamente com doutos; este mais vezes com imperitos. Por onde aquelle, pisando uma senda curta e direita, appresenta as argumentações nuas e singelas; este, discorrendo largamente por espaçosos campos, emprega as riquezas e galas da elocução. Aquelle é um severo guia que só nos encaminha com a luz da razão; este um soldado practico que já transtorna os planos do inimigo, já resiste, já faz pé atrás, já de novo attaca e avança, até o forçar a depôr as armas. — Basta por ora sobre as provas; como ellas devam tractar-se, dir-se-ha 'noutro logar. Passemos aos affectos.

CAPITULO VII

Dos affectos em geral.

§ 53.

Como não basta que os homens conheçam a verdade, mas além d'isso importa que a abracem; por isso, ponderado o assumpto e as pessoas, veja o orador se d'alli póde colher algum motivo com que abale e determine a vontade dos ouvintes. Esta victoria, por certo a mais illustre, e em que está como a alma de toda a eloquencia (§ 4), ganhará elle por meio dos affectos. Affectos são — *as commoções do animo, despertadas pela representação do bem ou do mal.* —

§ 54.

Com quanto essas commoções devam nascer das provas, servindo-lhes estas como de fundamento, para ser mais duravel a persuasão; todavia muita superioridade têm os affectos sobre as provas. Primeiramente, ainda um ingenho ordinario, não faltando o estudo e o exercicio, póde descobrir as provas e empregal-as com algum proveito: mas arrebatar o ouvinte, e, por assim dizer, transfigural-o, fazendo-lhe tomar a disposição d'espirito que se quer; isto só póde ser effeito d'um genio rico. Em segundo logar, as provas nascem ordinariamente do assumpto; fazer porém violencia aos corações é, principalmente, obra da sensibilidade do orador.

§ 55.

As affecções humanas, é verdade, têm um só principio, *o amor de si;* mas, porque ellas ora são fortes, ora brandas, d'aqui a divisão dos affectos em dois generos; comprehendendo cada um varias especies. Tocaremos sómente

os generos, que do grego se denominam — *pathetico* e *ethico*. — Affectos patheticos, ou simplesmente *paixões*, são as commoções violentas; como: *o amor, o odio, a cholera*, etc.: os ethicos, ou restrictamente *sentimentos*, são as affecções brandas, correspondentes a certos costumes; como: *a amizade, a benevolencia, a humanidade*, etc.

§ 56.

Differem porém uns dos outros em quatro coisas principalmente: —'na actividade, 'no effeito, 'na duração, e 'no uso; — sendo que os patheticos obram com força e imperio sobre o animo: os ethicos insinuam-se placida e brandamente. Aquelles tendem a perturbar a alma: estes a ganhal-a. Aquelles, porque põem em agitação a alma e o corpo, são breves e rapidos: estes, come nascem dos habitos ou propensões, são duradouros e permanentes. Aquelles, em fim, não cabem em todos os assumptos, e mui raramente se continuarão em um discurso: estes entram em todos os assumptos, e continuam-se por todo o discurso; visto que em todo o logar e occasião releva que o orador ganhe o favor do auditorio.

§ 57.

Demandam em primeiro logar o movimento pathetico os discursos do pulpito, 'nos quaes se tracta da nossa salvação eterna. Pois que força, que fogo e ardor, não é mister, para que a palavra evangelica aparte o ouvinte christão de seus vicios, e em certo modo o arranque de si mesmo? Tal é a vehemencia, com que Jeremias invectiva contra a obstinada malicia dos Judeus: *Dissiparei o conselho de Judá e de Jerusalem 'neste logar; e os exterminarei com a espada á vista de seus inimigos: e darei os seus cadaveres em pasto ás aves do céo e ás alimarias da terra. Jerem.* Cap. XIX, 7. *Traducç. de Pereira.* Os mesmos affectos se requerem 'nos discursos da tribuna, que versam sobre os grandes interesses dos estados: quaes são as *Philippicas* de Demo-

sthenes em defesa da independencia grega. Mas ha tambem no foro causas particulares que admittem affectos fortes; como são as capitães, quando se tracta de salvar um homem, accusado em juizo. Assim a favor de Milão se esforça Cicero por excitar a compaixão: *Ó mesquinho! ó infeliz de mim! Podeste tu, Milão, por via d'estes* (juizes) *restituir-me á patria; e não poderei eu, por intervenção dos mesmos, conservar-te 'nella?* Tambem é vehemente e proprio para mover a indignação este passo: *Acabemos pois de despertar d'este mortal lethargo; mettamos até aos cotovelos os braços 'no sangue d'estes crueis tyrannos; 'neste veneno banhemos os alfanges, porque percam com as vidas a gloria de tão grandes insultos.* Freire, *Vida de D. João de Castro* L. II. Move porém a lastima est'outro logar do *mesmo* 'no Liv. IV.: *Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao vice-rei da India faltam 'nesta doença as commodidades, que acha 'nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar, ao Oriente; a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabellos da barba; porque, para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias, nem baixellas. Hoje não houve 'nesta casa dinheiro com que se me comprasse uma gallinha; porque, 'nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salarios do governador, que os soldos de seu rei.*

§ 58.

'Nos pequenos pleitos, porém, mover taes tragedias seria o mesmo que querer ajustar a um menino a mascara e os cothurnos d'Hercules. Em similhantes causas pois, como 'na d'um pequeno emprestimo, feito por um rico a outro rico, e 'noutras d'este genero, só empregaremes affectos brandos, dando conselhos amigos aos pleiteantes, e chamando-os á concordia. Assim o fez um Passieno (como refere Quinctiliano) que, advogando a causa pecuniaria de sua mulher, Domicia, contra Enobarbo, irmão d'ella; depois de muito dizer sobre as relações do parentesco, ac-

crescentou tambem ácêrca dos bens da fortuna, de que ambos eram abastados, esta allusão: *Nada vos falta menos que isso que faz o objecto da vossa demanda.* Egualmente despertam o brando sentimento de benevolencia estas palavras: *Resolvo-me, padres reverendissimos, que, se as rendas d'esta minha egreja foram de tal qualidade, que as podessemos estirar, quanto se póde extender a vontade, ainda então houvera de cuidar muito 'no modo de as repartir,* etc. *Vid. do Arceb.* L. 1, C. 23.

CAPITULO VIII

Como se hão de excitar os affectos ethicos?

§ 59.

Ora, para despertarmos os affectos *ethicos*, ou *sentimentos*, olharemos não só ás acções, mas ainda mais ás pessoas; que são, geralmente, a do *orador*, a dos *ouvintes*, e *aquella* ou *aquellas sobre que versa o discurso.* E assim, em regra geral, attenda bem o orador aos costumes e characteres que convém a estas tres qualidades de pessoas; a fim de que, representando-os o mais fielmente possivel, possa despertar 'nos corações dos ouvintes os sentimentos correspondentes a esses characteres.

§ 60.

E primeiramente os characteres que mais convém ao orador, e que por isso se denominam *costumes oratorios*, são a *prudencia* e a *probidade;* virtudes que elle não só deve possuir na realidade, senão tambem demostrar. Pois como é possivel que os ouvintes accreditem o orador, e lhe sejam *benevolos,* se não estiverem certos de que elle tem conhecimento da verdade que lhes inculca; que é pru-

dente; e que os não quer enganar? Assim Cicero, *a favor de Marcello,* dá testimunho da sua prudencia, quando diz: *Quero antes parecer muito medroso, que pouco prudente;* e da sua probidade, 'noutro passo *do mesmo discurso: Tanto póde em mim a lembrança fiel de minha gratidão, que, sem vista d'interesse, nem ainda esperança, de proposito e sobrepensado, como que me precipitava 'na ruina voluntariamente.* Mas, na demostração d'aquellas tão grandes virtudes, não se divise fingimento, nem empenho: tudo o que o orador disser, pareça nascer da natureza das coisas e da do homem; de sorte que do seu discurso em certo modo transluzam seus costumes.

§ 61.

Quanto ás pessoas dos ouvintes, pesquize o orador, qual seja, 'na geralidade, a indole, qual a educação, qual a classe, qual o teôr de vida; e, mais que tudo, quaes as opiniões d'elles sobre o assumpto de que tracta. A tudo isto depois amolde o seu discurso, de geito que imite os costumes dos ouvintes, exprimindo-os como proprios; sendo certo que todos os homens naturalmente escutam com *benevolencia* aquelle que julgam seu similhante, e possuido dos mesmos sentimentos que elles. Esta regra seguiu o Apostolo, como confessa na *1. Carta aos Corinthios,* C. IX, 22: *Eu me fiz tudo para todos, para salvar a todos.*

§ 62.

Pelo que respeita, em fim, áquelle ou áquelles de quem tracta o discurso; se o orador fala a favor, pinte os costumes d'elles de maneira que pareça, podendo ser, que possuem os mesmos dotes com que elle se faz recommendavel; visto que com elle constituem, em certo modo, uma só pessoa. Assim o practíca Cicero, louvando o seu cliente, *Marcello: Quem ha* (diz elle), *que o exceda ou 'na probidade, ou 'na profissão das bellas artes, ou em genero algum de virtude?*

D'outra sorte deverá proceder, se falar contra alguma pessoa que haja de tornar odiosa: faça isso embora; nunca porém de modo que pareça fazel-o com gosto, senão por necessidade e amor da justiça.

CAPITULO IX

Como se hão de mover os affectos patheticos?

§ 63.

As acções, pessoas e circumstancias são tambem as fontes dos affectos *patheticos*, ou *paixões*, propriamente dictas: e, para o orador as mover, a regra geral é — contemplar todas as forças do assumpto, examinando *a acção em si mesma, por quem* foi feita, *contra quem,* ou *a favor de quem, com que intenção, em que tempo, em que logar, de que modo;* depois dizer aquillo que mais moveria o orador, se elle fôsse ouvinte.— Mas 'no movimento das paixões dois meios podem empregar-se: já pintar o orador a paixão que o domina; já, sem que pareça commovido, expôr sómente acções, ou referir dictos, que sejam sufficientes para apaixonar os outros. Chama-se o primeiro movimento — pathetico *directo;* — o segundo — pathetico *indirecto.*

§ 64.

E com effeito, quanto ao pathetico *indirecto,* a simples exposição das acções atrozes, das lastimosas, e outras graves, tem por si assás força para mover o odio, a misericordia, e outras paixões. Tal é a indole do coração humano! Quem se não compadeceria de Job, ao ouvir aquella simples narração (XIX, 14): *Abandonaram-me os meus propinquos; e os que me conheciam, esqueceram-se de mim — ?* Quem se não indignaria contra Catilina, ouvindo o que d'elle

diz Cicero 'na *I Cat.*: — *Assignala e com os olhos está designando para a morte a cada um de nós* — ?

§ 65.

Mas 'no pathetico *directo* mais tem que fazer a eloquencia. A *primeira* operação é — apaixonar-se verdadeiramente o orador, antes que se esforce por apaixonar os ouvintes. Bem o diz Horacio:

.... Se me quereis mover a pranto,
Haveis mover-vos vós primeiro a elle;
E então sentirei dôr de vossos males.
(*Epist. aos Pis. Trad. de Candido Lusit.*)

Assim se magôa Cicero, *a favor de Milão: Ó feliz d'aquella terra que acolher um tal varão! ingrata esta, se o expulsar! mesquinha, se o perder! Mas acabemos já: minhas lagrimas não me deixam continuar....* Se porém conformardes só as palavras e o semblante com o movimento das paixões, sem que 'nellas tome parte o coração; em vez de as despertar, excitareis o riso: que o fingimento, embora se occulte, vêi a descobrir-se.

§ 66.

E, para vos apaixonardes, valer-vos-heis da imaginação (§ 12): 1.° fingindo presentes os bens ou males ausentes; 2.° suppondo, e até persuadindo-vos, que elles a vós mesmos aconteceram. D'est'arte não podereis deixar de vos commover, como se realmente os tivesseis presentes. Tanto é o poder da natureza!

§ 67.

A *segunda* operação é — pintar ao vivo pela voz e pelo gesto, e como que pôr deante dos olhos dos outros, o movimento do nosso coração. Assim, pela sympathia natural dos corações humanos, despertar-se-hão 'nos animos dos

ouvintes as mesmas paixões que em nós experimentamos. 'No *log. citado* o diz Horac.:

.... Dos homens o semblante
Ri, se vê outro rir; se chorar, chora.
Trad. de Cand. Lus.

§ 68.

Taes são as operações que 'no movimento pathetico dicta a natureza mesma, assim aos poëtas como aos oradores; e a ordem, por que ellas procedem, é esta. Primeiramente imaginamos, como presente, o bem ou mal ausente: depois sentimos em nós a paixão: d'aí pintamol-a: alfim despertamo-la 'nos outros.

§ 69.

Não basta porém a realidade e a pintura da paixão (§§ 65 e 67); é mister, além d'isso, olhar á *occasião*, á *duração*, á *maneira* e ao *gráu* do pathetico. Observem-se por isso 'naquellas operações estes preceitos que fornece a arte. — 1.° Não comeceis a apaixonar os ouvintes, sem primeiro lhes fazer vêr a grandeza e importancia do vosso assumpto: sendo que, se o pathetico rompe, sem estarem preparados os animos, mas tranquillos ainda e socegados; esse movimento prematuro não só será inutil, senão que produzirá um effeito contrario do que querieis. Em balde assoprareis á lenha, para accendel-a, sem que primeiro lhe appliqueis a scentelha que ha de inflammal-a.

§ 70.

2.° Não prolongueis o pathetico mais do que é justo; mas, logo que elle chegue á sua maior elevação, deixae-o. Pois, como a alma e o corpo não podem por muito tempo persistir 'no estado de violencia, se o movimento traspassar os seus limites, o ardor dos ouvintes se esfriará.

§ 71.

3.º Não argumenteis, maiormente com subtileza; porque, para mover o ouvinte, releva perturbar-lhe o juizo, e afastal-o da reflexão, fazendo-lhe só impressões 'nos sentidos. Não vos desvieis, por conseguinte, do curso da paixão, que moveis, para outro objecto; nem useis de comparações, salvo se forem mui curtas.

§ 72.

4.º O gráu do pathetico, em fim, medil-o-heis pela grandeza da materia, e pela condição do auditorio. Porque só aos grandes assumptos armam bem as grandes commoções (§ 57); e um gráu de movimento demanda a gravidade d'uma assemblêa respeitavel, outro os estrepitos do povo; alli falareis com mais moderação, aqui com mais vehemencia.

Seguia-se agora falar das *bellezas;* como ellas, porém, consistem pela mór parte 'na elocução, para esse tractado as reservamos.

PARTE SEGUNDA

DISPOSIÇÃO

CAPITULO X

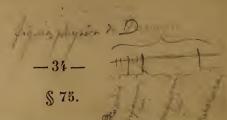
Da disposição das partes do discurso em geral.

§ 73.

Achados os pensamentos que hão de provar a verdade do assumpto, e os que hão de mover os animos; d'esses pensamentos, dispersos ainda, se ha de formar um todo, e assignar a cada parte a *ordem* e *ligação* que lhe compete. E, porque isto póde só effeituar-se, comparando os pensamentos entre si, e subordinando-os uns aos outros, requer por certo um profundo juizo'no orador.

§ 74.

Ora,'naquellas duas funcções consiste a *disposição,* que é — *a distribuição ordenada das partes maiores e menores do discurso:* — e não é ella menos necessaria para falar e escrever, do que o é para o combate um exercito bem formado. Sim; se cada pensamento não occupar o logar que lhe convém, a penna correrá sem guia, o discurso terá a desordem d'um tumulto.

§ 75.

Força é logo—1.° dividir o discurso em certas partes maiores; as quaes tambem se subdividem em outras muitas, menores e de numero incerto.—2.° Prender umas e outras partes tão estreitamente, que o discurso pareça não só um todo bem ordenado, senão um corpo contínuo. Faltando estas funcções, todo o discurso fica sem luz e sem graça.

§ 76.

Duas disposições ha: uma *geral,* pela qual se ordenam todas as partes de qualquer discurso, seja qual for o assumpto: outra *especial* ou economica, que ordena as mesmas partes, em relação a um assumpto certo e determinado. Para a primeira algumas regras subministra a arte; a segunda porém deve-se quasi toda ao bom senso e ao estudo do orador; porque não póde ella estabelecer-se, senão á vista da materia.

§ 77.

Ora quatro são as partes (maiores) do discurso, quando é regular; e tão natural é esse numero, que a cada passo o encontrareis, ainda em discursos breves e singelos. E, com effeito, a natureza encaminha o orador a procurar, em primeiro logar, o favor dos ouvintes: depois a instruil-os sobre o assumpto de que ha de tractar: d'aí a provar directa e indirectamente o mesmo assumpto: e, por fim, a repetir mui summariamente o que ha dicto; e a determinar, como lhe convenha, a vontade do auditorio. Estas partes denominam-se—*exordio, informação, confirmação, peroração.*—(Vede os §§ 82 e 133).

§ 78.

Por esta mesma ordem se dispõem ellas 'na declamação: outra é porém a ordem que se lhes dá 'na meditação

do discurso; é a seguinte. Logo que o orador haja visto a que genero d'eloquencia pertence o assumpto; e qual seja o seu poncto fundamental: a primeira parte, de que deve occupar-se, é a *confirmação*, rastejando e fazendo valer assim as razões que comprovem a sua proposição, como as que destruam o que lhe é contrario. D'aí passe á *informação*, simplesmente enunciando, ou expondo a materia; porque, como esta parte é a preparação das provas, não póde ser bem feita, sem que o orador primeiro saiba de que provas se ha de servir. Trabalhe depois no *exordio;* o qual se deve adaptar ao corpo do discurso, como o portico ao edificio; nem o orador póde saber, como lhe convém dispôr os animos do auditorio, sem primeiro ter bem profundado toda a substancia do discurso. Em fim, medite em ultimo logar a *peroração*, visto que ella tem relação com tudo o que elle ha meditado.

§ 79.

Por partes menores (ou particulas) intendemos as questões, as provas, os affectos, e todos os conceitos de que consta o discurso inteiro. E'nestas partes deve procurar-se a ordem, segundo a clareza, força e excellencia dos pensamentos.—Demandam ellas porém um liame ainda mais estreito que as maiores; porque estas, como têm um começo mais sensivel, estão menos subjeitas á obcuridade: as menores porém tão pegadas estão umas ás outras, que, se não apparecer a ligação, não póde intender-se o sentido total.

§ 80.

É verdade que a reciproca relação dos mesmos pensamentos é que fórma o laço *natural*, que os deve prender: ás vezes porém é elle indicado pela *transição* ou laço *artificial*, que é—a *passagem, que o orador faz, d'um poncto para outro, ligando o seguinte com o antecedente.*—E, como ella ora assignala ambos os ponctos, ora um só: por

isso é ou *perfeita*, ou *imperfeita*. Temos o exemplo'nestas transições de Cicero: *Como falei da qualidade da guerra, direi agora alguma coisa sobre a sua importancia* (*a favor da Lei de Manilio*); outra: *Vamos a vêr agora, senhores, as consequencias* (*a fav. de Roscio*).

§ 81.

Mas algumas vezes parece quebrar-se o fio dos pensamentos, quando ou a paixão, ou alguma coisa que venha em apoio do assumpto, ou que orne o discurso, forçam o orador a desviar-se da materia. É o que se chama *digressão*, i. é,—*o desvio que se faz do assumpto para uma coisa extranha, mas util ao fim que se tem em vista.*— Tal é o louvor da Sicilia em Cicero *Verr.* (*II*, C. 1). Duas cautelas porém deve haver 'na digressão: primeira, que não seja intempestiva; segunda, que se não prolongue muito.—Mas passemos a tractar já de cada uma das partes do discurso.

CAPITULO XI

Do exordio ou proëmio.

§ 82.

Exordio é — *a entrada do discurso accommodada ao que ha que dizer sobre o assumpto, a fim de preparar o auditorio:* — e, sendo esta parte 'no discurso o mesmo que a cabeça no corpo humano, bem manifesta é a sua importancia. Para que, pois, o orador faça um bom exordio, anteveja desde logo de que animo os ouvintes estejam para com elle, para com a materia, e para com a occasião; se elles virão já assás preparados; ou se o assumpto não necessita de preparação.—'Nestes dois ultimos casos escusa-se o *exordio*, propriamente dicto.

§ 83.

Ha por tanto tres especies d'exordio: — *directo, indirecto, improviso.* — Exordio directo é aquelle que se encaminha clara e immediatamente a dispôr os ouvintes: qual o do discurso de Cicero *a favor da L. Manilia: Postoque sempre a vossa numerosa assembléa*, etc. E o de Camillo Porcio ao Papa Leão X, sobre a tomada de Malaca: *Se em algum tempo, Beatissimo Padre, teve o povo christão razões de dar graças ao Senhor por coisa esforçadamente commettida, e felizmente acabada; este anno é para isso o mais commodo ensejo que até agora houve,* etc. *Comment. d'Affons. d'Albuq.* part. III, cap. 39. Este exordio, que é de todos o mais frequente, emprega-se, quando o orador não tem que recêar nem do assumpto, nem das pessoas, nem da occasião.

§ 84.

Exordio indirecto, ou *insinuação*, é aquelle em que o orador procura dispôr os animos mediatamente e por meio de rodeios: estes rodeios consistem em começar por uma coisa que agrade aos ouvintes, e em que vá involvida a proposição aspera, que ao depois se ha de desinvolver gradualmente e com plausiveis côres. Tal é o exordio do discurso de Cicero, impugnando a Lei Agraria *(or. II); Costume é, senhores,* etc. E o de Luiz de Granada, aconselhando a D. Bartholomeu dos Martyres fausto e grandeza: *Que o seguir extremos sempre fôra extranhado de bons intendimentos; que faustos demasiados, nem os louvava, nem lh'os persuadia: mas fazer-se respeitar com mais casa e melhores atavios, e acompanhamento decente, não só não encontrava a virtude, mas era coisa necessaria,* etc. Sousa, *Vida do Arceb.* Tom. I, L. I, cap. 22. — É necessario este exordio; 1.°, quando os animos estão indispostos contra a materia, por parecer vergonhosa ou paradoxa (§ 21); a qual apresentareis pela face menos

desagradavel: 2.°, quando o discurso do antagonista tiver preoccupado os animos dos ouvintes; inconveniente que evitareis, promettendo as vossas provas, e destruindo logo as contrarias: 3.°, quando houverdes de falar a um auditorio já cançado; e esse estôrvo removerse-ha, despertando a attenção (§ 94).

§ 85.

Exordio improviso, ou *abrupto*, é aquelle em que o orador, arrebatado por uma impetuosa paixão, abala insperadamente os ouvintes. Este exordio empregar-se-ha raramente; e só tem logar: 1.°, quando for bem conhecida a gravidade do assumpto; como em um grande contentamento geral, ou pelo contrario em uma grande calamidade pública: 2.°, quando, subitamente inflammado pela presença d'uma pessoa ou d'um objecto, o orador começa logo a trovejar'na assembléa. Assim contra Catilina investe de subito o orador romano *('na I Catil.): Até quando em fim, Catilina, has de abusar da nossa paciencia? Por quanto tempo ainda zombará de nós esse teu furor?* etc. Assim tambem Vieira sobre o juizo universal: *Abrazado finalmente o mundo, e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento d'este dia edificou sobre a terra....; soará 'no ar uma trombeta espantosa,* etc.

§ 86.

Ora o fim do exordio, que é dispôr os ouvintes para que nos sejam favoraveis, conseguir-se-ha por tres meios: 1.°, se lhes tocarmos os corações em favor nosso: 2.°, se interessarmos o seu intendimento e vontade 'na materia: 3.°, se lhes esclarecermos o intendimento, para facilmente intenderem o que vão a escutar; tornando-os d'est'arte *benevolos, attentos* e *doceis*. E, com quanto estes meios hajam de empregar-se por todo o discurso; 'no principio todavia são muito mais necessarios, pa'ra podermos ir ávante.

§ 87.

A *benevolencia* tiramos nós das *pessoas*, do *assumpto*, das *circumstancias*, e do *discurso* do *antagonista* ou do *concurrente*. A qualidade das pessoas varía algum tanto, segundo o genero d'eloquencia:'na do pulpito são ordinariamente duas, a pessoa do *prégador* e as dos ouvintes; 'na concional da tribuna, de ordinario tres ou quatro, *orador*, *ouvintes*, e *antagonista* ou *concurrente*;'na do fôro cinco, os *dois advogados*, os *dois pleiteantes*, e o *juiz*.

§ 88.

Em qualquer genero d'eloquencia, o *orador* conciliará a benevolencia pela *sua propria pessoa:* 1.° se ganhar o conceito d'homem *probo* e desinteressado; parecendo que se encarrega do assumpto, não por interesse proprio, senão pelo dever do bem publico, ou da humanidade; 2.° se, apoucando sua eloquencia, se mostrar sinceramente *modesto;* a fim de não incorrer'no desagrado dos ouvintes, e de não dar menos do que promette. Estes dotes ostenta Cicero (*a fav. de Archias*): *Se em mim ha, senhores, algum ingenho, que eu sinto quam limitado seja*, etc.; depois abaixo: *E se esta minha voz já salvou alguns; por certo que com ella devo prestar, quanto em mim for, áquelle de quem recebi o poder de acudir aos outros*, etc.—Quanto á pessoa do seu *cliente*, captará o orador a benevolencia, já fazendo-o recommendavel pelo merecimento, serviços e innocencia; já lastimando a desgraça d'elle.

§ 89.

Pelo que toca á pessoa do *antagonista* ou do *advogado contrario*, confesse o orador que se receia da demasiada eloquencia e valimento d'elles, para tornar aquellas qualidades suspeitas ao juiz ou ao auditorio. O *concurrente*, tracte-o sempre o mesmo orador com a devida estimação

e respeito. O *pleiteante contrario*, represente-o indigno, para lhe conciliar o desprezo; poderoso, para o fazer aborrecivel; infame, para ser odiado.

§ 90.

Conciliará o *juiz* ou os *ouvintes pelas suas pessoas:* 1.°, louvando-os (mas com modo) pelas suas virtudes, e ligando esse louvor ao interesse do assumpto; assim que, a favor dos homens de bem allegue a honra dos mesmos ouvintes ou juizes; pelos pequenos, a sua rectidão; pelos infelizes, a sua misericordia, etc.; 2.°, condescendendo, quanto possa, com os seus costumes e sentimentos; 3.° em fim, parecendo que tem confiança 'nelles.

§ 91.

Quando porém o assumpto dér materia á benevolencia, das entranhas d'elle é que principalmente se ha de tirar o exordio, para mais se ligar com o corpo do discurso. Bem tenteado pois o assumpto, tudo o que 'nelle se encontrar favoravel, logo no exordio o fortalecereis com provas, e engrandecereis com affectos; e, se alguma coisa achardes contraria, pelas mesmas vias procurareis destruil-a, ou ao menos apoucal-a. — Mas 'nesta parte do discurso devem tocar-se levemente assim as razões, como os motivos; as razões, para não perderem a graça da novidade, quando 'no seu logar se tractarem; os motivos, porque, sem se haver provado a importancia do assumpto, nada aproveita largar o torrente dos affectos. Cicero as mais das vezes tira do assumpto os seus exordios, valendo-se ao mesmo tempo das pessoas; como este *a fav. de Marc.: Ao longo silencio, que'nestes tempos hei guardado, senhores,.... póz termo o dia d'hoje... Sim, já vejo Marcello restituido a vós e á républica*, etc.

§ 92.

Muitas vezes se toma tambem o exordio das *circumstancias* das pessoas e do assumpto; e então deve o orador lembrar-se do que ('nestes ultimos §§) deixamos advertido. São circumstancias das pessoas — *o parentesco, a amizade, a patria,* etc.: — as circumstancias do assumpto são — *o tempo, a occasião, o logar, a expectação pública,* etc. — Da occasião tirou o Apostolo este exordio: *Varões athenienses, em tudo e por tudo vos vejo um pouco excessivos 'no culto da vossa religião; pois indo passando e vendo os vossos simulacros achei tambem um altar em que se achava esta letra* — Ao Deus desconhecido. — *Pois aquelle Deus que vós adorais, sem o conhecer, esse é de facto o que eu vos annuncio,* etc. *Act.* XVII, 22. *Trad. de Per.*

§ 93.

Em fim, se attenderdes ao que *antes de vós disse* sobre o mesmo assumpto *o antagonista* ou o *concurrente*, o seu discurso poderá ser fonte do vosso exordio, e occasião de conciliardes a benevolencia. — Um tal exordio, não composto em casa, mas nascido das circumstancias que occorrem, não só engrandece a reputação do orador, pela facilidade com que o inventa; mas tambem, pela singeleza que mostra, se faz mais crivel. D'este exordio se serviu Corn. Scipião, respondendo ao discurso de Fabio, que impugnára a sua expedição a Africa: *Até o mesmo Q. Fabio, senhores, 'no principio do discurso lembrou que o seu voto podia suspeitar-se detractivo,* etc. T. Liv. XXVIII, 43.

§ 94.

Despertará o orador a *attenção*, não tanto *pedindo-a*, e *mostrando-se sollicito* (meios que são communs); quanto, 1.°, se parecer que tracta um assumpto *novo, importante, grave, necessario:* 2.°, se mover os animos com a espe-

rança de bem ou temor de mal, que da attenção ou da falta d'ella possam provir aos ouvintes ou ao público: 3.º, se prometter que se não ha de demorar muito, nem saír da materia. Assim pela importancia do assumpto concilia Cicero a attenção, no discurso *a fav. da sua casa: Se ao juizo dos sacerdotes e do povo romano se offereceu em algum tempo uma importante causa; tamanha é por certo a que hoje tracto, que toda a dignidade da república, o bem, a vida, a liberdade de todos os cidadãos, parece haverem-se commettido e confiado á vossa sabedoria, protecção e auctoridade.*

§ 95.

Tornareis finalmente *docil* o ouvinte: 1.º, pela mesma attenção que'nelle despertardes: 2.º, dando-lhe uma idêa clara e summaria do vosso assumpto: 3.º, procurando tirar-lhe a prevenção, que elle possa ter, sobre a obscuridade da materia. O mesmo Cicero *(a fav. da Lei de Manil.)*, havendo tomado o exordio das razões que tivera para dirigir o discurso ao povo romano, passa a conciliar a docilidade com esta idêa precisa do assumpto: *Tenho, com effeito, de fallar da singular e extremada virtude de Cn. Pompeio*, etc.

§ 96.

Mas, aindaque muitas vezes convenha empregar simultaneamente todos estes tres meios, que deixamos propostos; é todavia innegavel que cada materia, segundo o genero, requer um d'elles com especialidade. Por quanto, se a materia appresentar a face de *duvidosa*, importa fazer o ouvinte *benevolo*, para que propenda para a nossa parte: se parecer *baixa*, *attento*, para que elle repute grave e importante o que julgava desprezivel: se *obscura*, *docil*, para que se lhe facilite a intelligencia do que lhe parecia difficil de intender-se: se *paradoxa*, empregue-se *o exordio indirecto* (§§ 21 e 84).

§ 97.

Agora, por esta doutrina sobre o exordio, facil é de conjecturar quaes sejam as suas virtudes, quaes os vicios. A primeira virtude é certamente *a propriedade;* e consiste ella em o exordio nascer do assumpto, bem como uma flor nasce do seu ramo; e em estar tão ligado com o resto do discurso, como a cabeça com os membros. — Contra esta virtude peccam os exordios seguintes: *o vulgar*, i. é, o trivial, e o applicavel a muitos assumptos: *o commum*, de que tambem póde servir-se o antagonista: *o commutavel*, que o mesmo antagonista póde converter em utilidade sua: *o separado*, que não tem connexão com o assumpto, nem com a parte immediata do discurso: *o transferido*, que toma um caminho diverso do que demanda a qualidade do assumpto.

§ 98.

A segunda virtude é *o justo apuramento;* de sorte que o exordio seja apurado, sem faltar á gravidade; sendo que 'nelle começa logo a principal estimação, ou o menosprezo, do orador. Muito máo piloto é aquelle que, logo ao saír do porto, deixa encalhar o navio nos rechedos; diz Quinctiliano.—São por tanto exordios viciosos—*o desalinhado* e *o brincado.*

§ 99.

A terceira virtude é o *pejo* ou modestia 'nos pensamentos, 'nas palavras, 'na voz e 'no gesto; para que o orador, por sua demasiada confiança, não incorra na inveja e desagrado dos ouvintes; nem prometta muito, e dê pouco (§ 89). — Com razão pois se tem por máos exordios — *o arrogante*, e *o inchado.*

§ 100.

A quarta virtude em fim é *a proporção;* a qual pede que o exordio se ajuste á grandeza do discurso, assim como este deve accommodar-se ao assumpto. Pois que nem a uma pobre choupana se deve dar um portico espaçoso; nem uma pequena porta fica bem a um edificio nobre e grande. — Evite-se por tanto assim o exordio *nimiamente longo,* como o *nimiamente curto.* — E quasi todos estes vicios, bem como as virtudes, não o são só do exordio, senão de todo o discurso.

§ 101.

Ás vezes tambem 'noutras partes do discurso ha trechos com força d'exordio; como, quando 'na exposição dos factos, ou 'na serie das provas, o orador faz passagem d'uma para outra materia; pedindo já a attenção, já a benevolencia, dos ouvintes. Assim *(a fav. de Marc.)* o practíca Cicero 'na deducção das provas: *Ora attendei, senhores, vêde até onde chega esta sentença de C. Cesar,* etc. — Que estylo convenha ao exordio, assim como ás demais partes do discurso, dir-se-ha 'noutro logar.

CAPITULO XII

Da informação do assumpto.

§ 102.

Preparados os animos dos ouvintes, pede a ordem que se lhes indique a materia do discurso. A isto chamamos *informação do assumpto;* a qual, segundo a natureza d'elle, toma diversas fórmas. Quando o assumpto é simples ou d'um só poncto, que não ha mister desinvolver-se, para d'elle se tomar conhecimento; bastará tambem uma in-

formação *simples* ou por um só enunciado. Quando o assumpto é complexo ou de diversos ponctos, que todavia podem precisamente indicar-se por outros tantos enunciados; a informação será *dividida* nesses ponctos. Quando em fim o assumpto versa sobre um facto, tão involvido em varias circumstancias que, sem o devido desinvolvimento, não póde ser bem conhecido; é então necessaria uma informação mais extensa e *contínua*. São pois tres as fórmas da informação do assumpto,—*proposição, partição, narração;*—mas esta ultima deve muitas vezes ser acompanhada d'uma das duas primeiras.

DA PROPOSIÇÃO.

§ 103.

Proposição pois, neste logar, é—*a simples informação do assumpto;*—ella é como o alvo a que se dirigem todas as provas e as demais partes do discurso. Umas vezes a proposição é expressa; outras vezes (como, quando ella póde desagradar) subintende-se da parte que a encerra. É clara e formal esta de Cicero *á fav. de Mil : O que se ha de julgar é—se foi justa, ou injusta a morte de Clodio.* —Subintende-se est'outra de Diogo d'Almeida, dissuadindo os Portuguezes da batalha: *Não se deve agora dar batalha aos Turcos.* Jacinth. Freire, *Vida de D. João de Castro,* L. II.

§ 104.

Em todo o genero d'eloquencia, deve a proposição ser: 1.º *singela*, i. é, olhar a um só poncto, de cuja unidade dependa a unidade de todo o discurso: 2.º *clara*, para facilmente se intender: 3.º *breve*, para não escapar da memoria dos ouvintes: 4.º em fim *nova* ou *apparentemente nova*, para interessar os ânimos. É por tanto viciosa *a complicada, a obscura, a palavrosa* e *a vulgar*.

§ 105.

Não será aqui fóra do proposito notar que a substancia da proposição do discurso sagrado, a qual enuncia uma verdade dogmatica ou moral, se contém 'num verso que antecede o exordio, e que quasi sempre se tira das sagradas letras. E, podendo qualquer passo da escriptura sancta tomar-se em dois sentidos principaes, que são *o literal*, que o escriptor sagrado teve naturalmente em vista; e *o accommodaticio*, que livremente se applica a esta ou áquella materia: em todo o discurso (excepto uma ou outra vez o panegyrico) deve o orador evangelico tomar á letra aquelle verso ou thema.

DA PARTIÇÃO.

§ 106.

Partição é—*a informação do assumpto de varios ponctos, dividida em outros tantos membros;*—qual é a de Cic. *a fav. d'Arch.: Certo que vos hei de mostrar, não só que este A. Licinio é cidadão romano; senão que, se o não fosse, o devia ser.* E a de Vieira, *Serm. do Juizo final,* P. III: *Estas duas considerações—do que passou e do que não ha de passar—serão hoje os dois pólos do meu discurso.* A partição dá luz e graça ao discurso; ajuda a memoria do orador; e, marcando o termo de cada poncto, tira o tédio ao ouvinte; bem como as milhas, marcadas de espaço a espaço por lapidas, dão allivio ao caminhante.

§ 107.

Com quanto porém a materia demande partição, deve ella ás vezes omittir-se. 1.° Quando com ella se tira a graça da novidade ao que ao depois tem de se dizer; sendo certo que achamos ordinariamente mais agrado 'naquillo

que parece lembrado de repente, e nascido da materia no acto do discurso. 2.º Quando a materia é dura; porque, se o ouvinte a pre-sente, horroriza-se, como o que avista o instrumento cirurgico antes da operação. 3.º Quando tivermos de perturbar os ouvintes com as paixões (§ 71); porque estas se não compadecem com a subtileza da partição. 4.º Quando em fim um poncto, como principal, torna os outros superfluos.

§ 108.

Havendo de fazer-se partição, seja ella: 1.º *inteira*, i. é, tal que comprehenda a materia toda: 2.º *distincta* 'nos membros, de geito que um se não contenha 'noutro: 3.º *breve*, i. é, não carregada de palavras redundantes, e constando só de dois ou tres ponctos, rara vez de mais; porque, sendo muito miuda, não illumina o discurso, escurece-o: 4.º *plana*, i. é, clara e natural, de sorte que parta dos ponctos mais palpaveis para os mais difficeis. É por conseguinte viciosa a partição *incompleta, a confusa, a miuda*, e *a obscura* ou *contrafeita*.

DA NARRAÇÃO.

§ 109.

Narração é — *a exposição d'um facto e suas circumstancias, accommodada ao fim do que fala.* — Não é pois a narração oratoria o mesmo que a poetica e a historica; porque, quando differem os fins dos que narram, força é que diffiram tambem os meios. Tendo principalmente em vista a moção e o deleite, o poeta enche a sua narração de affectos e bellezas, e não guarda a ordem chronologica dos successos. Sendo o fito principal do historiador a instrucção dos leitores, segue elle o encadeamento real dos factos e circumstancias. O orador porém, cujo fim prin-

cipal é a persuasão, embora respeite a verdade, narra com tudo o facto por uma ordem util ao seu assumpto; e das circumstancias escolhe só aquellas que lhe convém apresentar aos ouvintes. Um bom modelo de narração oratoria, encontrail-o em Cic. *a fav de Mil.: P. Clodio, tendo resolvido, 'na pretura, vexar com toda a casta de crimes a républica*, etc. É tambem excellente esta de Vieira: *O mais formoso theatro, que nunca viu o mundo; a mais grave e ostentosa disputa, que nunca ouviram as academias*, etc. *Sermão o 8.° da III P.*

§ 110.

Ora, para que os ouvintes mais facilmente intendam, recordem e accreditem o que o orador expõi, para informal-os; deve a narração ser *clara*, *breve* e *crivel*. Estas virtudes, postoque tambem pertençam ás outras partes, 'nesta é que mais devem de observar-se, para que 'no resto do discurso não seja baldado nosso trabalho.

§ 111.

Clara será a narração: 1.°, se for distincta 'nos factos, 'nas pessoas, e 'nas circumstancias do tempo, logar, causas e fins; porque, onde ha confusão, mal póde enxergar-se a reciproca relação dos pensamentos: 2.°, se vos servirdes de palavras proprias, usadas e expressivas, nunca porém indecentes: 3.° em fim, se derdes ás palavras a ordem conveniente ás idêas que por ellas se exprimem; e se desveladamente observardes o mais que concorre para a clareza da elocução. — Deve pois, particularmente em a narração, evitar-se *a obscuridade*, vicio que (além d'outras causas de que 'noutro logar falaremos) resulta aqui, ás vezes, *das phrases apartadas dos ouvintes*, *das que se fingem na bócca d'outrem*, e *das expressões apaixonadas*: o que tudo será temperado pela prudencia do orador.

§ 112.

Breve se tornará a narração: 1.º, começando a expôr o facto d'onde convém, e não de mais longe; 2.º, nada dizendo fóra do assumpto; antes cortando tudo o que não fizer falta nem á clareza, nem ao interesse do mesmo assumpto: 3.º não prolongando a exposição mais do que é mister. — É, na verdade, viciosa a narração *longa;* não só porque escapa da memoria, senão porque é fastidiosa aos ouvintes. Nasce esta diffusão assim das *argumentações* (Cap. VI), improprias d'esta parte do discurso, como da *digressão* (§ 81), salvo se esta for breve, e tal que pareça ser a violencia da paixão o que vos desvia do fio da materia. — Não deveis todavia ser nimiamente concisos em a narração, para que não aconteça que, procurando ser breves, vos torneis escuros; sendo que a brevidade bem regulada consiste 'no meio termo, i. é, *em dizer quanto é necessario* e *quanto é bastante;* guardando *concisão* nos pensamentos, *precisão* nas palavras.

§ 113.

Quando porém, pela natureza mesma da materia, for mister uma exposição um pouco mais longa, deve tirar-se o tedio: primeiramente, prevenindo o ouvinte logo no fim do exordio, para que conte com ella. Em segundo logar, empregando a partição; porque, dividindo a narração em duas ou tres partes, ligadas pela *transição* (§ 80), o ouvinte toma repouso com o termo da parte que precedeu, e como que se prepara de novo para escutar. Por ultimo, convirá dar um ligeiro resumo do que em a narração houver d'essencial, para que não esqueça.

§ 114.

Crivel fareis a narração: 1.º, se consultardes a vossa razão, para não dizerdes coisa que se opponha á natureza,

nem ás forças do agente: 2.°, se characterizardes a pessoa de modo que lhe armem as acções, que 'nella quereis fazer criveis; assim a um accusado de furto dareis o character de cubiçoso; o de homicidio, represental-o-heis temerario; ou fareis o contrario, se os defenderdes: 3.°, se antepozerdes as razões e os motivos aos factos, maiormente áquelles sobre que versa a questão: 4.°, se lançardes pela narração algumas sementes de provas: 5.° em fim, se tocardes as circumstancias do logar, tempo, e outras, que, com quanto pareçam inuteis, não só conduzem para se accreditarem os factos, mas tambem dispõem os animos para as provas. Todo o que desprezar estas regras, ou tomar por uma rota opposta, fará sem dúvida *incrivel* sua narração.

§ 115.

'Nas causas judiciaes é que se emprega com mais frequencia a narração; que é um como ensaio, e, por assim dizer, um viveiro das provas; sendo já toda a nosso favor, já toda a favor do adversario, já mixta. 'Na eloquencia concional tambem muitas vezes tem logar a exposição, extrinseca, de coisas que dizem respeito á deliberação. Raramente a admittem os discursos do pulpito, excepto os panegyricos; 'nos quaes, assim como em todo genero laudativo, a narração serve de confirmação.

§ 116.

Quanto á narração judicial, se for toda a nosso favor, bastará que tenha as tres virtudes de que acima tractámos. — Quando ella porém for contra nós, exporemos as coisas d'um modo differente do adversario, segundo o estado da causa. Assim, 'na questão de facto (ou 'no estado de conjectura), faremos com que, pela nossa narração, o juiz conjecture que o facto não existiu: se a questão fôr sobre a natureza do facto, definil-o-hemos de modo que o juiz intenda que a natureza não é a que diz o adversario: sendo

a questão sobre a qualidade, conheça tambem o juiz, pelas nossas razões, que a qualidade é outra. — Em fim, se a narração for mixta, sendo parte a nosso favor, e parte contra nós; á vista da causa deliberaremos, se havemos de ajunctar, ou separar, essas partes. Por quanto, se forem mais as coisas que nos prejudicam, será melhor separal-as, a fim de que as favoraveis não fiquem como sepultadas 'naquellas: se forem porém mais as uteis, convirá ajunctal-as, para que as contrarias, ficando 'no meio, tenham menos força.

CAPITULO XIII

Da confirmação.

§ 117.

Informados os ouvintes da materia, appresente-se o orador, para sustentar a verdade, justiça, ou importancia d'ella, munido de provas, como um soldado vestido d'armas para o combate. Agora é que se devem não só desinvolver e apoiar as coisas que favorecem o assumpto; senão tambem destruir o que se lhe oppôz, ou atalhar o que se póde oppôr. Estes são os officios da *confirmação,* a qual contém, por assim dizer, as entranhas e a vida do discurso; e que é — *a comprovação directa ou indirecta do assumpto:* — divide-se por conseguinte em duas partes, *confirmação* propriamente dicta, e *refutação.* Exemp.: *Vé, por quem és, a confiança com que defendo a sua causa, trahindo a minha,* etc. Cic. *a fav. de Lig.* E: *Dizem elles que não merece vêr a luz, quem confessa ter morto um homem,* etc. Do mesmo *a fav. de Mil.* 'No nosso Luiz de Sousa achareis exemplo d'uma e outra especie sobre um mesmo assumpto: *Que os homens prudentes sempre costumaram conformar-se com os tempos em que viviam,* etc. *Vid. do Arceb.* Tom. I, liv. I, cap. 22. *De maneira que vejo dois prelados da ordem do meu glorioso padre S. Domingos, prelados sanctos e religiosos, convertidos hoje em Platões e Tullios,* etc. *Ibid.* cap. 23.

§ 118.

Como pois ambas as partes ou especies de confirmação, ainda que cada uma siga seu caminho, se dirigem todavia ao mesmo fim, que é a convicção dos ouvintes, imprimindo-lhes 'nos animos a verdade; ambas se servem das mesmas armas, i. é, de provas. Vejamos, pois, que regras se hão de guardar sobre a escolha, ordem e manejo das provas.

§ 119.

E primeiramente, 'na *confirmação* propriamente dicta, — 1.° seja o principal cuidado do orador a *escolha* das provas: pois nem sempre se ha de carregar o ouvinte com todas as que se tiverem descoberto; que isso causaria tédio e desaccreditaria o assumpto. — 2.° Não se produzam provas fracas, nem communs; senão as proprias e as mais poderosas, i. é, as menos subjeitas á duvida e á refutação. Quem assim não fizer, ou parecerá não ter segurança nem recurso, ou sentirá virados contra si seus proprios tiros.

§ 120.

A *disposição* das provas deve regular-se pelas forças d'ellas, pela natureza do assumpto, e pela ordem das questões. — Quanto ás questões, posto que 'na invenção preceda a hypothese, sendo a analyse o caminho para o descobrimento da verdade; todavia 'na declamação deve de anteceder a these, como subsidiaria da hypothese (embora isto algumas vezes tenha excepção, maiormente 'no discurso sagrado): e por conseguinte as provas hão de necessariamente seguir a ordem da respectiva questão. — Olhando á firmeza das provas, a regra geral é, ou dispôl-as de modo que o dicurso vá subindo das menos fortes para as mais valentes; ou produzir parte das fortes 'no principio, para prevenir os animos, e parte 'no fim, para os despedir com impressões recentes; ficando as mais fracas 'no meio, onde

a sua fraqueza será menos sensivel: assim representa Homero dispostas as tropas gregas. — Mas o que mais importa 'nesta parte é o examinar bem o assumpto; depois a prudencia do orador descobrirá o melhor logar 'na disposição das provas; não se esquecendo jámais de prender uma com outra pelos liames da transição, para que se não quebre a unidade dos pensamentos.

§ 121.

Tambem é variavel o *manejo* das provas.— Se as provas forem concludentes, insistiremos em cada uma d'ellas separadamente; para que assim se deixe vêr sua força, não ficando confundidas com outras. Se porém forem menos fortes, appresental-as-hemos junctas em massa, para se apoiarem reciprocamente: porque, se cada uma de per si tem pouco pêso, unidas fazem muito mal ao antagonista; se o não derribam, como o raio, pisam-no, como a saraiva. — As provas deduzidas de factos, ou duvidosos ou negados pelo adversario, para poderem convencer, precisam de que se demonstre seu fundamento; porque, só depois de se haverem por certas, é que podem provar o que é incerto. — Finalmente, as provas tiradas das paixões devem auxiliar-se com logares communs (§ 28), e reforçar-se e desinvolver-se pela amplificação (de que adeante se ha de tractar). D'est'arte, não ficando ellas núas e descarnadas, como esqueletos, não só terão mais firmeza, senão tambem mais graça.— Não se desinvolvam todavia excessivamente as provas; alias, afrouxarão com o orador.

§ 122.

A *refutação*, que dissolve as objecções ou feitas ou por fazer, não tem logar certo 'no discurso. Umas vezes necessita o orador de destruir, logo 'no principio, as razões produzidas pelo antagonista: outras vezes, na disputa vocal, não póde adeantar seus passos, sem ir ao mesmo tempo

accommettendo e repellindo-o: outras vezes começa por estabelecer as suas provas, e d'aí passa a prevenir e refutar aquillo que parece oppôr-se-lhe. Por onde, a refutação ora antecede, ora acompanha, ora succede á confirmação.

§ 123.

E, com quanto ella tenha mais uso 'no foro, cabe todavia em todo o genero de eloquencia; pois até mesmo o orador christão, imaginando ás vezes um adversario que lhe objecta, desfaz as razões especiosas com que este possa attacar ou a crença religiosa, ou os bons costumes. Seja porém qual for o genero de discurso, seja qual for a parte em que entre a refutação; as regras são ordinariamente as mesmas.

§ 124.

Primeira. Não é preciso responder a todas as palavras e miudos conceitos do adversario; que seria isso uma coisa infinita e escusada: attacae só o que vos for mais nocivo. — Segunda. As provas communs, lançae mão d'ellas, e retorquí-as contra o antagonista que as produziu; não só porque ellas pertencem a um e outro disputante, senão porque aproveitam mais ao que as emprega depois. — Terceira. Se o antagonista allegar coisas improprias do assumpto, ou a elle extranhas; direis que não pertencem á questão, e que por isso não deveis deter-vos 'nellas. — Quarta. Em quanto aos factos proprios da causa (o que principalmente costuma acontecer 'no foro), hão de negar-se, ou justificar-se, ou transferir-se, segundo o estado da causa. Assim, ora *direis que o facto não aconteceu, ou que não tem a natureza que diz o adversario;* ora *o justificareis, qualificando-o por um modo diverso* (§ 116). Se, antes de usardes d'algum d'estes dois meios, virdes que tem logar a *translação*, empregae-a; mostrando que *esse individuo não tem acção, ou que não a tem contra este, ou perante este juiz, ou por força d'esta lei, ou 'neste tempo,* etc.

§ 125.

Quinta. Se a prova, que tendes de refutar, for deduzida do testimunho dos sentidos, examinareis, se a connexão do signal com a coisa significada é intima, ou se é só remota; e sendo remota, se as circumstancias que o adversario diz, acompanham, ou não, a coisa. Se porém a prova for tirada do testimunho humano, vêde, se podeis mostrar, ou que as testemunhas estão corrompidas, ou que têm odio ao vosso cliente, ou que não têm conhecimento do facto, etc. — Sexta. 'Nas provas por confrontação, como 'no exemplo, 'na similhança, 'na paridade de direito, fazei toda a diligencia por descobrir alguma disparidade entre os objectos confrontados; pois não é possivel que elles sejam eguaes em tudo. — Septima. Quanto aos argumentos propriamente dictos, mostrareis que ou são falsos os principios em que se fundam; ou, sendo verdadeiros, que se não contêm 'nelles as consequencias; feito isto, os argumentos perderão necessariamente toda sua força.

§ 126.

Oitava. Se os argumentos forem ou tam fracos que d'um só impulso se possam derribar; ou tam fortes que não convenha pelejar em fórma com cada um d'elles; attacae-os todos junctos. Quando porém tirarem sua força da união, refutae-os separadamente; porque, se unidos tinham muita força, separados perdel-a-hão por certo; assim como os grandes rios, repartidos em regatos, por onde quer dão passagem. E, se vos for mais difficil desfazer as razões do adversario, confrontareis com ellas as vossas, vendo se podeis fazer com que estas pareçam mais valentes: chamam a isto — *refutar por compensação.* —

§ 127.

Nona. Em fim a melhor maneira de refutar é fazer por

descobrir 'nas objecções, que se vos fizeram, alguma expressão ou contradictoria, ou alhêa do assumpto, ou escusada, ou incrivel, ou mais a vosso favor que do antagonista.

CAPITULO XIV

Da peroração.

§ 128.

Levada a este poncto a obra do orador, nada lhe resta mais que colligir alfim os pensamentos, 'nella desinvolvidos, e dar o ultimo impulso aos corações. Eis *a peroração* ou *o remate do discurso*. Ao entrar 'nesta parte, 1.° não tome o orador os ouvintes d'improviso, concluindo insperadamente o discurso; nem engane a expectação, retardando o fim, quando elle já se espera. 2.°—Abra depois todas as fontes da eloquencia, para despedir os ouvintes com expressões favoraveis a elle e ao assumpto. O modelo d'uma excellente peroração é a de Cic. *a fav. de Mil.: Mas assás e muito tenho dicto sobre a causa; e fóra d'ella quiçá em demasia. Que me resta, senão pedir e supplicar-vos, senhores, que tenhais para com um varão tam animoso aquella compaixão que elle não implora, mas que eu, sem elle o querer, imploro e sollicito?* etc. E esta de Vieira: *Chegado a este poncto, de que não sei, nem se póde passar, parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor*, etc. *Serm., o 14.° da III, P.*

§ 129.

Duas são pois as partes da peroração,—*anacephaleose* e *epilogo*.—Anacephaleose ou *recapitulação* é—*a repetição summaria do que fica desinvolvido, appresentando-o 'num poncto de vista.*—E seus effeitos são: 1.° avivar a memoria dos ouvintes: 2.° tornar mais intelligivel o

assumpto, pela vista simultanea de seus ponctos: 3.º dar, pela união, ás provas mais força do que tiveram separadas.

§ 130.

Mas 'nesta parte duas regras se hão de observar: 1.ª tocar só as coisas mais importantes, e com a maior brevidade, como voando pelos ponctos capitaes: porque, se houver demora, não parecerá terminar-se o discurso, senão em certo modo começar de novo. 2.ª Reforçar com pensamentos ponderosos aquillo que se recapitular, e tirar-lhe o tédio pela variedade d'uma expressão nova e não trivial. Isto podereis fazer, já introduzindo alguem a substanciar por vós o que tinheis dicto: já substanciando-o vós mesmos, mas cortando vosso discurso e dirigindo-o a outra pessoa ou coisa particular. Assim o fez excellentemente Cicero 'na *Verr. V*, interrompendo o discurso, para falar com Verres: *Se teu páe mesmo fosse o juiz d'esta causa, que diria, vendo provados estes crimes?* E a isto ajunctou a recapitulação.

§ 131.

Ora, se pela simplicidade do assumpto for breve o discurso, claro é que em parte nenhuma se precisa de recapitulação, quanto ao seu primeiro effeito. Quando porém o assumpto constar de varios ponctos, ou, ainda que d'um só, for confirmado com muitas provas; não só demandará uma recapitulação *geral* 'no fim do discurso, senão tambem uma *especial* 'na confirmação, ou em a narração: sendo certo que um discurso extenso facilmente escapa á memoria do ouvinte.

§ 132.

O *epilogo*, posto que 'no sentido etymologico signifique *conclusão*, sóe todavia tomar-se por — *aquella parte da peroração, em que o orador mais se esforça por de-*

terminar os animos dos ouvintes. — Aqui rasga elle de novo as feridas que fizera; aqui procura com mais ardor a victoria: este é o logar dos affectos; este o triumpho da eloquencia. (Vede as regras sobre os affectos patheticos, nos §§ 63, 69 e seguintes).

§ 133.

Estes affectos, é verdade, tambem ás vezes cabem 'nas outras partes do discurso. 'No exordio conduzem elles para preparar o auditorio; sem elles não devem narrar-se as acções atrozes e as lastimosas; e até convém ajunctal-os a cada prova, ou a cada poncto do assumpto, quando se tracta de qualificar acções graves. 'Nestas partes, comtudo, excitam-se mais rapidamente os affectos; pois que a mór parte dos motivos, que podem abalar os corações, devem reservar-se para o epilogo. Aqui, como já está tractado o assumpto, e conhecida a sua gravidade; nem já resta outra parte, para onde guardemos o movimento: aqui, sim, podemos entornar os affectos com mão larga, desferir todas as vélas do discurso, e, ao ferrar o porto, soltar palavras nobres. — Quando nem o assumpto pedir affectos, nem o discurso repetição summaria, omittir-se-ha *a peroração*, propriamente dicta.

PARTE TERCEIRA

ELOCUÇÃO

CAPITULO XV

Da natureza da elocução em geral, e da sua difficuldade e excellencia.

§ 134.

Depois de achados e dispostos os pensamentos, que mais direitos possam ir ao fito do discurso, deve de procurar-se a expressão que os faça passar aos animos do auditorio. Eis-nos pois chegados á terceira parte da eloquencia, *a elocução.* Ella é, em geral,—*a expressão dos pensamentos por meio das palavras;*—diversa, segundo os diversos generos de discurso; em cada um dos quaes toma ella varias fórmas ou *estylos*, de que se ha de tractar adeante.

§ 135.

A todo o genero de elocução serve de fundamento a grammatical, que differe da oratoria, por não se proporem ambas o mesmo fim. Elocução grammatical é—*a simples expressão verbal dos pensamentos;*—porque se contenta com palavras e phrases taes que por ellas se intendam

bem os conceitos do espirito; sendo este o seu proprio e unico fim: assim a sua unica virtude é a *elegancia* (§ 140). O orador, porém, tem mais fins e de maior momento: por onde, *elocução oratoria é—a escolha de palavras e phrases, que dão aos pensamentos a conveniente luz, força e graça.*

§ 136.

Esta é por certo a mais difficil operação do orador; esta a que demanda mais trabalho e esmero: já porque é forçoso que quem faz um discurso tenha perfeito conhecimento da lingua (§ 14); conhecimento tanto mais difficil, quanto mais rica ella for de vocabulos e locuções: já porque muito releva saber a linguagem das paixões; a qual só se apprende bem com o longo exercicio, e com o profundo estudo do coração humano. Assim que, devendo as outras operações mais ao genio que á arte; a boa elocução, sem a guia da arte, jámais poderá conseguir-se.

§ 137.

Mas, assim como esta parte é a mais difficil, assim é tambem a mais excellente; sendo que, em primeiro logar, ainda os melhores conceitos, sem a elocução, ficariam inuteis e similhantes á espada'na bainha. Em segundo logar, pela elocução é que o orador se avantaja ao orador; porque a maneira de dizer de cada um é o que mais realça, ou escurece, o seu nome.

§ 138.

Não queremos porém dizer, com isto, que o orador, desprezando os pensamentos (que são como os nervos e a alma do discurso), páre a cada palavra, para a pesar; nem que d'ella se namore apaixonadamente: que isto embarga os passos ao discurso, e apaga o fogo da cogitação. De mais que, assim como o vestido decente e majestoso dá auctoridade ao homem; e pelo còntrario o feminil e gar-

rido não tanto enfeita o corpo, quanto descobre a leviandade do espirito: assim o exquisito e affectado trajo das palavras effemina os pensamentos. Haja pois cuidado 'nas palavras, 'nos pensamentos desvélo.

§ 139.

Antes de vermos, porém, que coisas conduzem para a perfeição da elocução; advertimos aos estudiosos que, com muita, variada e bem escolhida, lição dos exemplares, façam um bom provimento de palavras; que apprendam a arte de as ligar e collocar; e que fortifiquem, por fim, tudo isto com exercicio largo. D'est'arte, as palavras acudirão promptamente, parecendo acompanhar sem violencia os pensamentos, como a sombra segue o corpo. D'outra sorte, assim como os que não grangearam patrimonio para subsistir, são forçados a mendigar; assim acontecerá aos oradores, que não tiverem assás trabalhado.

CAPITULO XVI

Da elocução elegante.

I

DA PUREZA DA ELOCUÇÃO, PRIMEIRA PARTE DA ELEGANCIA.

§ 140.

Considerando-se pois a elocução tanto 'nas palavras separadas, como 'nas unidas em phrase (§ 135); para que ella tenha toda a perfeição, deve ser — *elegante, ornada, bem collocada* e *decente;* — pertencendo tambem esta ultima qualidade á invenção, disposição e declamação: mas

aquellas quatro virtudes geraes, *elegancia, ornato, collocação* e *decoro,* subdividem-se ainda em varias especies. —E em primeiro logar, elocução *elegante,* diz-se propriamente a que é *pura, correcta* e *clara;* dotes que, em verdade, requer tambem a elocução grammatical (§ 135): e, se ella não servir de base á oratoria, o edificio, que esta levantar, desabará.

§ 141.

Será *pura* ou casta a elocução, *se empregarmos palavras e phrases da propria lingua, e approvadas pelo uso dos que bem falam.* E, sendo uma palavras mais puras que outras, segundo as diversas edades da lingua, e conforme os diversos escriptores de cada edade; duas são as regras da pureza. 1.ª Empregae sempre as palavras de melhor seculo e de melhor escriptor, não as tomando jámais dos somenos, salvo se ellas 'naquelles faltarem. Para o que, é mister que os classicos exemplares noite e dia sejam de vossas mãos versados. 2.ª E, porque não deve só respeitar-se a auctoridade dos que já não existem, senão tambem a dos que vivem; tende familiaridade com os que bem falam: que a práctica d'estes é o que constitue o uso e norma da pura linguagem; assim como o exemplo dos bons é a regra de bem viver.

§ 142.

Devem pois evitar-se tres vicios oppostos á pureza: 1.º o *peregrinismo* ou barbarismo, i. é, o emprego de palavras ou phrases extrangeiras, que não estão ainda naturalizadas 'na lingua nacional. Para se naturalizar uma palavra, quando isso seja indispensavel, deve marcar-se ella com o cunho do uso, arbitro da linguagem; i. é, dar-se a essa palavra, por meio da analogia, a mesma declinação e accento que têm as palavras naturaes da lingua. 2.º O *provincianismo,* i. é, o emprego de palavra ou

phrase que, não tendo o uso ou a pronunciação dos polidos da côrte, se ha por agreste e como extranha. 3.º O *purismo,* i. é, a affectação ou excessivo cuidado 'na pureza das palavras, não empregando nenhuma que não seja auctorizada pelo uso dos melhores mestres da lingua.

II

DA CORRECÇÃO DA ELOCUÇÃO, SEGUNDA PARTE DA ELEGANCIA.

§ 143.

A *correcção* da elocução consiste em *se unirem as palavras umas ás outras, segundo as regras da syntaxe.* Esta parte da grammatica, postos os principios que respeitam ás propriedades das diversas classes de palavras, dá as leis sobre a *concordancia, regencia* e *construcção* das mesmas palavras, em harmonia com a reciproca relação das idêas. Estas leis, que, pela mór parte, variam segundo o genio de cada lingua, hão de receber-se dos grammaticos. O vicio contrario á correcção é o *solecismo.*

III

DA CLAREZA DA ELOCUÇÃO, TERCEIRA PARTE DA ELEGANCIA.

§ 144.

Clara será a elocução, se a phrase for como *transparente, dando as palavras passada ás idêas;* de modo que, assim como a luz do sol se mette pelos olhos, assim o discurso entre 'no espirito do ouvinte, ainda que o não applique. E, sendo esta 'na fala a virtude prima, tanto d'ella havemos de curar, que os ouvintes não só possam intender o que dizemos, mas nem mesmo possam deixar

de intendel-o. Para este effeito contribuem já os dois primeiros dotes da elegancia; mas ainda se requerem outros meios. São pois os principaes, — *a pureza, a correcção,* a *precisão,* a *ordem* e a *propriedade.*

§ 145.

Precisão é a justa proporção entre as palavras e os pensamentos, de modo que 'no dizer nada falte, e nada sobeje. — A *ordem* está em que as palavras, çujas idêas entre si têm relação intima, se colloquem tam perto umas das outras, que facilmente se perceba essa relação. E a *propriedade* consiste em se tomarem as palavras ou 'no sentido natural, ou 'no habitual, ou 'no mais accommodado ás idêas. Por onde, quando se tracta de propriedade, as palavras não se consideram como *vocabulos*, senão como *termos;* i. é, não se tomam em relação ao som, mas em relação á idêa do objecto. Proprias são, pois, as palavras ou *por natureza,* ou *por uso*, ou *por accommodação:* ás da primeira e da segunda classe contrapõem-se as *translatas;* ás da terceira oppõem-se as *vulgares;* a todas as tres classes *as improprias.*

§ 146.

E primeiramente, são proprias *por natureza* ou origem *as palavras tomadas 'na accepção primordial;* i. é, 'naquella significação da qual se crê derivarem-se as outras significações da mesma palavra. Tal é, em latim, a palavra—*vertex,*—quando se toma pelo redomoinho d'agua, ou por outra coisa que fórma um gyro similhante; posto que, por analogia, signifique tambem o redomoinho dos cabellos 'na cabeça; d'aí a parte mais alta da cabeça; depois o cume dos montes: e por fim a summidade de qualquer coisa. Taes são tambem, em portuguez, estas—*alto, duro,*—cada uma das quaes significa, além da idêa primitiva, outras muitas secundarias.

§ 147.

Em segundo logar, dizem-se proprias *as denominações que habitualmente pertencem aos objectos*; i. é, as palavras das quaes, ou por natureza ou por uso, as idêas estão como de *posse;* de sorte que a sua significação é a primeira que se offerece ao espirito de quem ouve ou lê; como estas—*fogo, luz*,—proferindo-se sós; porque, junctas com certas outras, como—*fogo do intendimento, luz da razão*—, são translatas; i. é, não proprias, mas em sentido emprestado.—Nem sempre porém nos servimos das palavras d'esta classe; já por amor do decóro, porque devemos evitar as obscenas, as sordidas e as baixas, que offendem o pudor, a cortezia, e a dignidade das pessoas ou das coisas: já por necessidade, quando não ha palavra propria; já por utilidade, quando a translata é melhor que a propria.

§ 148.

Em terceiro logar, chama-se propria *a palavra que o uso destinou e como que* consagrou *para significar um de muitos objectos, que entre si têm alguma coisa de commum:* assim a palavra — *nenia* — foi consagrada para designar o canto funebre. A esta classe pertencem os termos *technicos* ou proprios das artes; como estes nauticos, — *amurada, bolina.*

§ 149.

Tambem, em quarto logar, se diz proprio *aquelle nome que, sendo commum a outros individuos ou objectos*, por excellencia *se appropría a um d'elles em particular:* tal é, entre os Latinos, — *Urbs* —, quando designa Roma, havendo muitas cidades: assim, em vez de Luiz de Camões, dizemos — *o epico portuguez.*

§ 150.

Em quinto logar, finalmente, têm-se por proprias *as palavras tam significativas, que não se podem descobrir outras que mais o sejam.* As palavras d'esta classe denominam-se—*de propriedade oratoria,*—por se escolherem as mais accommodadas aos pensamentos; as quaes são pela mór parte translatas; como aquella de Virg. (*Ecl.* VI, 5): *tenue* canto; para significar o humilde assumpto e estylo pastoril. E estas de Vieira, quando descreve o trabalho do estatuario, formando uma estatua humana: *Ondêa-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a bôcca, avulta-lhe as faces, tornêa-lhe o pescoço, extende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos,* etc. *Serm. P. III, n.°* 520.

§ 151.

Pelos meios que ficam dictos (§§ 144 e 145), se dá prespicuidade á elocução; e o vicio opposto a essa virtude é a *obscuridade*, que, sendo affectada, muito peior é. Commette-se ella,—1.°, empregando palavras *desusadas*, ou por serem antiquadas, que se chamam *archaismos*, como estas—*ensembra, guisa*;—ou por serem muito modernas, a que chamam *neologismos*, como estas—*bellaz, sorremar.*—Escolhei pois (para evitardes o vicio) das novas as mais antigas, das antigas as mais novas.—2.° São escuras as palavras que, sendo *familiares a certas provincias, são desconhecidas em outras,* como estas usadas 'no Alémtejo—*monte, herdade,*—ás quaes 'noutras partes correspondem estas—*casal, fazenda.*—Não as empregueis, onde não forem conhecidas.—3.° As *technicas;* como aquellas que ha pouco (§ 148) trouxemos para exemplo: e estas, ou não as empregueis ante os que ignoram a arte a que ellas pertencem; ou definí-as.—As *homonymas*, i. é, as que sob o mesmo nome, ou som, têm muitas significações proprias; como—*barra, serrar:*—

e, quanto a estas, distingui, pelos appostos e attributos, as idêas que a essas palavras alligais.

§ 152.

Eis as causas da obscuridade 'nas palavras separadas: 'no contexto da phrase ainda são mais. — 1.º Torna-se escura a phrase, se constar d'um tão *longo rodeio de palavras*, que, não o alcançando todo a attenção do ouvinte, não possa perceber a relação das idêas. — 2.º Pela *perissologia* ou superfluidade de palavras; porque a multidão de accessorios distráhi do objecto principal a attenção do auditorio. — 3.º Pela *meiosis* ou demasiada concisão, que subtráhi á phrase palavras necessarias para a intelligencia do pensamento. — 4.º Pelas *expressões refinadas*, que em palavras claras encerram sentidos mysteriosos; como em Virg. (*Ecl.* III, 104):

Dize-me, onde (e serás um grande Apollo)
Não mais que braças tres o céo abranja.

— 5.º Pela tão *longa transposição das palavras*, que não deixa vêr logo a relação das idêas. — 6.º Pelo *extenso parenthesis;* que (afastando muito do sentido anterior o posterior) faz estorvo á intelligencia. — 7.º muito mais ainda pela *synchysis* ou confusão das palavras; a qual, transtornando a ordem das idêas, esconde a relação que umas têm com as outras; como (*Affons. Afric.* III, 73):

Entre todos c'o dedo eras notado
Lindos moços de Arzila em galhardia.

— 8.º Sobre tudo, em fim, pela *ambiguidade;* a qual faz que a phrase offereça dois sentidos ao mesmo tempo; e isto, — ou pela syntaxe equivoca dos casos, 'nas linguas que os tem; como o oraculo d'Apollo:

Aio, te, Aeacida, Romanos vincere posse;

equivoco que se evita, mudando as formas dos nomes e a do verbo: — ou pela construcção equivoca; tal como esta (*Ulyss.* C. VI, 72):

Heitor Achilles chama a desafio;

a qual evitareis, já dando outra ordem ás palavras, já ajunctando-lhes preposição:—ou pelo pronome que póde referir-se a duas ou mais coisas; como: *A aguia matou a pomba no seu ninho:* obscuridade que removereis, se ajunctardes ao pronome outra palavra.

CAPITULO XVII

Da elocução ornada.

I.

DOS DOTES E FONTES DO ORNATO.

§ 153.

Falar com pureza, correcção e clareza, mais parece na verdade carecer de vicios, que haver conseguido alguma grande virtude. Pela elocução ornada, porém, tão estimavel se torna o orador, que vêi a alcançar não só a approvação dos sabios, senão o louvor popular. *Ornato* é — *tudo o que á elegancia ajuncta mais luz, força e graça :* —e os seus effeitos são, convencer mais os ouvintes, por escutarem de melhor grado o orador; recreal-os com sensações agradaveis; e transportal-os pela admiração. Assim a espada, sendo brilhante, causa mais terror á vista; e os mesmos raios não nos confundiriam tanto, se sómente se temesse a sua violencia, e não fossem acompanhados do relampago.

§ 154.

Mas, para isto effeituar, deve o ornato, primeiramente, dar ao discurso uma belleza sólida, descobrindo e engrandecendo a boa constituição dos pensamentos; de modo que esse bello matiz não se pareça com o rebique ou côr pos-

tiça, senão com a natural, que resulta do bom sangue e das forças. Chamam por isso a este ornato *viril*, e ao seu contrário *effeminado*.

§ 155.

Importa, em segundo logar, que o ornato, unindo o util com o aprazivel, pela mesma belleza contribúa para o fim que o orador se propôz; sendo mais similhante ao casado ôlmo e á rica seára, que ao solteiro platano e á tosquiada murta. D'est'arte, será elle *fructifero*, e não *esteril* ou inutil.

§ 156.

É tambem mistér, em terceiro logar, que o ornato varíe, accommodando-se ao genero d'eloquencia, á materia e ás pessoas. Pois, se 'nos discursos laudativos, cuja fórma é ordinariamente epidictica ou de apparato, se permitte assoalhar todas as riquezas da arte, ostentando quanto ha brilhante, agradavel, pomposo; todavia, quando se tractam negocios de summa ponderação, como'na tribuna, e muito mais 'no pulpito, deve o ornato ser mais simples e mais sério, mostrando mais gravidade que enfeite. E, se uma assembléa illustrada exige um estylo mais sublime; o povo, mais pathetico; e as causas públicas, mais apurado: a uma deliberação particular, ou a um pequeno pleito, armará melhor um discurso singelo, e que não mostre cuidado. Guardando-se estas differenças, será o ornato *decente;* se não se amoldar a ellas, desagradará, como *incongruente*.

§ 157.

Ora duas são as fontes do ornato — os *pensamentos* e as *palavras*.—E, em verdade, os pensamentos, ainda enunciados por uma phrase simples, ornam o discurso, quando offerecem belleza e energia; por serem fieis imitações da natureza, guiadas pela phantasia, ou concepções d'um fecundo genio: e este ornato póde chamar-se *natural*. As

palavras porém, já pela veneração de antigas ou pela graça de novas, quando separadas; já pela accepção translata, em que são tomadas, ou pela fórma insolita, com que se empregam, quando junctas; ataviam os pensamentos, communicando ao discurso novas forças, e novas graças: denominaremos este ornato *artificial.*

§ 158.

D'aqui nascem pois tres meios de ornar o discurso, —*pinturas, conceitos* e *adorno;*—derivando-se da primeira fonte os dois primeiros, da segunda o terceiro. Pinturas são—*os pensamentos com que o orador imita fielmente a natureza.* Conceitos, em sentido restricto, são—*os pensamentos fortes ou engraçados, felizes concepções do genio do orador.* Adorno é—*o enfeite e gala que se dá aos pensamentos por meio das palavras.*—D'estes meios tractaremos d'aqui em deante, começando pelos

II.

DIVERSOS GENEROS DE PINTURAS.

§ 159.

O primeiro genero de pinturas é a *enargía,*—*que pinta o objecto tanto ao vivo, que parece estar-se vendo:*—e este genero comprehende duas especies.—A primeira é a enargía *total,* que pinta pelas palavras toda a imagem do objecto em um só quadro. Tal é a pintura da morte de Dido em Virg. *(En.* IV, 690, *trad. por Garção):*

Tres vezes tenta erguer-se;
Tres vezes desmaiada, sobre o leito
O corpo revolvendo, aos céos levanta
Os macerados olhos.

E a de Patroclo, ferido por Heitor:

. . . . Logo sobre a terra
Inclina, pondo a mão por sustentar-se;
Co'a eterna sombra os olhos abre e cerra,
Provando em vão tres vezes levantar-se.
Ulyss. VI, 64.

— A segunda especie d'enargia é a *individual*, ou propriamente *descripção*, que pinta as imagens dos objectos em varios quadros. Excellente é a pintura, que Cicero faz, do voluptuoso banquete de Gallio: *Figurava-se-me estar vendo uns entrando, outros saíndo; estes cambaleando com o vinho, aquelles bocejando ainda pela embriaguez do dia antecedente. Entre elles andava Gallio, ungido de perfumes, coroado de flores. O pavimento estava immundo, enlameado com o vinho, e coberto de capellas algum tanto murchas, e de espinhas de peixes.* E a do nosso epico, descrevendo a batalha dos Portuguezes com os Hispanhoes (*Lus.* IV, 31):

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros vôam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles sôam:
Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
Quédas co'as duras armas tudo atrôam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

— Devemos porém ter o cuidado de avivar estas pinturas; e isto por dois modos: 1.° fazendo que o objecto, que pintâmos, imite bem o *natural:* 2.° ajunctando-lhe os *accessorios*, ou verdadeiros ou fingidos, mas que em taes casos costumam acontecer. Por onde é mister *que imitemos sempre a natureza, que é o modelo das artes.* Assim, pelos accessorios, pinta Virg. o medo (*En.* III, 29):

Esfriam-se-me os membros e estremecem;
E com o susto o sangue se congela.

E Camões, traduzindo o verso 518 do VII canto da *En.* (*Lus.* IV, 28):

E as mães, que o som terrivel escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

§ 160.

Mais luminosas ainda são a similhança e a parabola (§§ 39 e 40), que representam o objecto, não pela força das palavras, mas pela d'outro objecto com que o confrontam: e por isso é que impressionam mais vivamente 'nos sentidos, offerecendo mais ponctos de analogia, por onde o mesmo objecto se esclareça. É pois *similhança* — *a pintura do objecto, confrontado com outro de relação proxima*: — este é o *similhante,* aquelle o *assimilhado.* Exemplo (*En.* II, 379, *Trad. de Lima Leitão):*

Qual caminhante que pisou ignaro
Occulta cobra em horridos espinhos,
Trépido foge ao vêr o monstro irado,
Que incha o ceruleo-peçonhento collo;
Tal foge, ao vêr-nos, Androgeo medroso.

E (*Ulyss.* V, 12):

E como, quando ao mar inclina, o dia
As sombras sobre a terra faz maiores;
Assim na alma de Circe, que ficava,
Á sombra da tristeza se dobrava.

—'Nesta especie de pintura deve de haver um particular cuidado, que o *similhante* não seja escuro, nem desconhecido: pois o que se toma para esclarecer um objecto, deve de ser mais claro que este a que dá luz. O contrário apenas se permitte ao poeta, ou a quem fala ante um congresso illustrado.

§ 161.

Mas a *parabola*, por isso que sóe procurar-se de mais longe, dá mais novidade ao discurso, tornando-o sublime, flórido e agradavel. Ella é—*a pintura d'um objecto, confrontado com outro de relação remota.* Exemplo (Ovid. *Trist.* I):

Bem como ao oiro fulvo apura o fogo,
Assim o duro transe ao fido amigo.

Outra: *Assim como'no echo, quando se bate entre os montes, o tom é'numa parte, e'noutra a pancada; assim,'nas adulações do lisongeiro, o tom é em vossos louvores, a pancada em seus interesses.* Heit. Pinto.

—Tanto'na parabola, como'na similhança, de quatro modos se collocam os objectos, *similhante* e *assimilhado:* umas vezes antecede aquelle a este; outras este áquelle: ora a *applicação reciproca* é manifesta; ora se subintende.

§ 162.

Mais promptamente pinta os objectos a *imagem* ou similhança breve, que é — *a pintura ligeira d'um objecto confrontado com outro, sem characterizar os ponctos de analogia que ha entre ambos;*—os quaes ponctos ella deixa á consideração do ouvinte ou leitor. Tal é esta: *Como a nuvem, passou minha saude. Job.* XXX, 15. E aquella (*Ulyss.* VI, 81):

Um trovão parecia a voz pesada;
Trás ella um raio o fulminar da espada.

§ 163.

Similhante a esta pintura, mas ainda mais concisa e rapida (por se calar a *applicação reciproca*), é a *syntomia* ou *bosquejo*, que são — *as primeiras linhas 'no desenho d'um objecto;*—de modo que a pintura só é inceptada, ficando ao ouvinte o gosto de a acabar; como: *A gloria é a sombra da virtude.* Cic. Outra: *Honras humanas são jogos de meninos.* Heit. Pint.

§ 164.

Tambem d'esta não differe muito, posto que seja mais expressiva, a *emphase*, i. é, — *a pintura em que as pa-*

lavras dão a intender mais do que significam, ou ainda o que não significam: — por isso ella se divide em duas especies. — Exempl. da primeira, o dicto de S. Pedro a Christo (*S. João* XIII, 6): *Lavas-me,* tu a mim, *os pés?* Outro, o de Virg. (*En.* II, 261): *Por corda alli suspensa vem descendo:* o que deixa vêr a altura do cavallo troiano. Outro, aquella brevissima carta de Octavio a Druso: *Pois que estais 'no Illyrico, lembrai-vos que sois dos Cesares; que vos mandou o senado; que sois moço; meu sobrinho; e cidadão romano.* Lobo, *Côrte 'na Ald.*, Dial. 3.—Exempl. da segunda, em que se supprime um sentido, que todavia bem se intende (Cic. *a fav. de Lig.*): *Se em tamanha fortuna tua não houvesse tanta clemencia, quanta tu por ti, sim, por ti mesmo tens (sei o que digo); nadaria 'no mais amargo prancto essa victoria.* Aqui supprimiu o orador este pensamento: — *Que não faltaria quem incitasse Cesar á crueldade.*

III.

DOS CONCEITOS FORTES.

§ 165.

Seguem-se os *conceitos* que constituem, como dissemos, o segundo meio de ornar o discurso; e, como uns lhe communicam força, outros graça, dividem-se por conseguinte em *fortes* e *agudos.* — Dos fortes ha dois generos, *o sublime,* e *a amplificação;* os quaes contêm varias especies. E, primeiramente, diz-se *sublime — o conceito que, ou pela grandeza do objecto, ou pela excellencia e raridade da acção, nos causa admiração e pasmo.*

§ 166.

Subdivide-se pois o *sublime* em duas especies: sublime da idêa ou do *pensamento;* e sublíme do coração ou do *sentimento.* Dá-se o primeiro, quando á cerca d'um ob-

jecto extraordinario concebemos idêas grandes, nobres e elevadas, exprimindo-as, de ordinario, por uma phrase singela, rapida e vehemente. Temos o segundo, quando ao contemplar uma acção heroica e insolita, experimentâmos 'no coração um movimento extraordinario. D'um e outro sublime em parte nenhuma achareis nem mais exemplos, nem mais frizantes, que'nas sagradas letras. Que sublime idêa não concebe Moysés da omnipotencia do Ente Supremo, 'naquelle bem conhecido passo: *Disse Deus: Faça-se a luz: e fez-se a luz—! Genes.* I, 3. O mesmo pensamento se vê mais desinvolvido e luminoso em Isaias: *Eis aqui o que diz o Senhor que te remiu, e que te formou'no ventre de tua mãe: Eu sou o Senhor que faço todas as coisas, e o que só extendi os céos, o que firmei a terra, sem que ninguem para isso me ajudasse.... Eu o que digo ao abysmo: Esgotta-te; e seccarei os teus rios. Eu o que digo a Cyro: Tu és o pastor do meu rebanho, e tu cumprirás em tudo a minha vontade*, etc. *Isai.* XLIV, 24, 27, 28; *Trad. de Pereira.* Tambem encerram um sentimento sublime aquellas palavras de D. João de Castro, enviando seu filho com soccorro aos cercados'na fortaleza de Diu: *Pelo que toca á vossa pessoa, não fico com cuidado; porque por cada pedra d'aquella fortaleza arriscarei um filho.* Jacinth. Freir., *Vida de D. João de Castro,* L. II.

§ 167.

E, como os conceitos sublimes são acompanhados da nobreza e força das idêas, demandam'no orador: 1.° muita viveza de *phantasia*, para conceber imagens nobres; tal é a idêa do lyrico romano á cêrca da constancia do varão justo:

Se estralado caír o orbe, ferem-no
As ruínas impavido.
(Od. III, 3, *Trad. d'Elp. Dur.)*

E 2.° *energia,* com a qual se dá vida e acção ás coisas inanimadas; como'no mesmo poeta *(Od.* I, 4, *Trad. d'Elp. Dur.):*

Com pé egual pallida morte pulsa
Dos pobres os alvergues,
E os palacios dos reis.

Assim tambem em o nosso epico (*Lus.* III, 83):

A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido.

§ 168.

Mais vezes emprega o orador o segundo genero de conceitos fortes, a *amplificação,* que é — *o conceito que engrandece a dignidade e amplitude do objecto, ou a sua indignidade e atrocidade.* — O effeito da amplificação é asseverar mais a verdade, a fim de que, não escapando ao ouvido, mas fazendo-se mais sensivel, se imprima 'no intendimento, e mova o coração. Por onde este conceito não serve só para ornar o discurso, mas tambem para reforçar as provas (§ 121), e despertar os affectos.

§ 169.

Engrandece-se o objecto, ora considerado só em si mesmo ou 'nas suas circumstancias; ora comparando-o com outro, inferior, egual, ou superior: por isso a amplificação se divide em *absoluta* e *relativa.* Da primeira são especies: *a gradação, o raciocinio,* e *a congeries;* da segunda estas: amplificação *de mai. para men., de egual para eg.,* e *de men. para mai.* (§§ 37 e 40).

§ 170.

Dá-se *a gradação,* quando engrandecemos o objecto, *subindo o discurso como por gráus.* E faz-se ella, umas vezes por um só gráu; quando o objecto é tão grave que, não se descobrindo outro mais grave, nem tendo nome que lhe dar, repetimos as palavras; como: *Mataste tua mãe. Que mais direi? Mataste tua mãe.* — Outras vezes

por muitos gráus e distinctos, até se chegar ao mais elevado. Assim amplifica Cicero o atrocissimo crime de Verres 'no supplicio de Gavio: *É um crime prender um cidadão romano; uma impiedade o açoital-o; quasi um parricidio o matal-o; e que direi, o crucifical-o? Verrin. V.* Tambem se vê gradação'nisto: *Tam dura, tam aspera, tam injuriosa coisa é um* — não: — *para a necessidade, dura: para a honra, affrontosa; para o merecimento, insoffrivel.* Vieira. *Serm.* Part. II, n. 90. — Outras vezes por gráus não distinctos; de modo, porém, que'no correr da phrase vão as idêas sempre subindo; como faz o orador romano, vituperando o vomito de M. Antonio: *'Na assembléa do povo romano, tractando um negocio publico, o general da cavallaria... Philipp. II.* Onde se vê que as idêas sobem gradualmente. Sendo o vomito indecente em particular, mais o é *em publico;* mais, 'numa assemblêa *do povo;* mais, do povo *romano;* mais, tractando um *negocio;* mais, um negocio *público;* mais, um *general de cavallaria.*

§ 171.

A amplificação por via de *raciocinio* dá-se, quando engrandecemos *as circumstancias do objecto,* para d'aí se inferir a grandeza d'elle. Assim, *'no logar citado,* Cicero, para exprobrar a Antonio a indecencia do vomito, diz: *Tu com essas fauces, com esse costado, com essa gladiatoria robustez de todo o corpo...* D'onde póde inferir-se quanto vinho elle bebêra 'nas bodas d'Hippias, que, com aquella *robustez d'um gladiador,* não o pôde sustentar nem cozer 'no estomago. — Mas por seis modos póde empregar-se esta especie de amplificação:

1.° Deduzindo dos *consequentes* a grandeza dos antecedentes; assim engrandece o epico portuguez, pelas consequencias da peleja, a coragem com que os Portuguezes matavam os Mouros (*Lus.* III, 52):

Já perde o campo o exercito nefando:
Correm rios de sangue desparzido.

2.° Colligindo dos *antecedentes* a grandeza dos consequentes; assim, quando Eolo, rogado por Juno *(En. I, 85. Trad. do Sr. Mendes).*

Com um revéz do conto a cava serra
A um lado impelle: e em turbihão, cerrados
'Num grupo os ventos, dada a porta, ruem;

vê-se, quam grande havia de ser a tempestade.

3.° Quando, entre muitas circumstancias da mesma ordem, de proposito *apoucamos algumas*, aliás graves, para que pareçam maiores as que queremos engrandecer; assim o fez Cic., dizendo contra Verres: *'Neste réo leves faltas são as que vou dizer. Um capitão de navios, d'uma cidade mui notavel, remiu a pêso de dinheiro o medo, que tinha, de ser fustigado: fraqueza humana. Outro, para escapar ao cutello, deu dinheiro: bagatella. Verr.* V. D'aqui podiam colligir os ouvintes, quam enorme deveria ser o crime que Cicero passava a referir; visto que, em comparação com elle, pareciam aquelles *fraquezas humanas e bagatelas.*

4.° Engrandecendo *a difficuldade da acção*, para d'aí se inferir *a força do agente.* Assim, pela grande difficuldade, que havia, de defender do violento attaque dos Mouros e Turcos a fortaleza de Diu, se engrandece a denodada valentia dos nossos, que rompiam por entre as lanças, e pelo meio do fogo, para effeituar a defensa: *Em todos os baluartes se pelejava em ambas as partes com valor, ainda que desegual pela desproporção do numero... Porém fizeram os defensores illustres provas de valor, pelejando entre chammas de fogo com tam nova constancia, que nenhum desamparou o logar, mostrando-se, sobre valentes, insensiveis.* Jacinth. Freire, *Vid. de D. João de Castro,* L. II.

5.° Engrandecendo *a importancia dos meios,* para d'ella se deduzir *a do fim.* D'est'arte encarece Homero a belleza d'Helena: *Não tem por indigno os magnates troianos, que Troianos e Gregos soffram tantas calamidades, e por tanto tempo, por amor da belleza d'Helena. Iliad. III.*

6.° Engrandecendo *o instrumento* dos heroes, para se dar a conhecer a grandeza ou a valentia d'elles; como faz Maro, falando do Polyphemo:

Esgalhado pinheiro *a mão lhe rege,*
E os passos seus lhe firma.
En. III, 659.

E a respeito d'Heitor o nosso Gabriel Pereira:

Erguia Heitor o braço, d'onde a lança,
Que era uma faia, *despedida desce.*
Ulyss. VI, 73.

§ 172.

Em fim, como muitas coisas junctas fazem de certo modo grandeza; tambem se amplifica o objecto pela *congeries,* i. é, — *o ajunctamento de idéas e pensamentos equivalentes;* — como 'naquelle logar de Cic. *a fav. de Lig.: E que fazia, Tubero, aquella tua espada desembainhada 'na batalha de Pharsalia? que peito procurava aquella ponta? qual era o sentido de tuas armas? qual a tua intenção? as vistas? os manejos? o ardimento? que desejavas? que pretendias?*

§ 173.

Mas a amplificação *relativa* ou por comparação (que dissemos ser o segundo genero) faz-se: 1.° *de men. para mai.* quando, engrandecendo o que é inferior, fazemos sobresaír o que é superior; como se vê 'no citado passo de Cic. *Philipp. II): Se isto* (o vomito) *te acontecesse á tua mesa entre aquelles teus desmarcados copos, quem o não teria por vergonhoso? Mas 'na assembléa do povo romano...*

2.° *D'egual para eg.;* quando, propondo um caso que parece quasi egual, fazemos parecer maior aquelle que procuramos exaggerar. Assim engrandece o nosso epico a lealdade d'Egas Moniz:

Não fez o consul tanto, que cercado
Foi 'nas forcas caudinas, de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado

Do samnitico jugo triumphante:
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Est'outro a si e aos filhos naturaes,
E a consorte sem culpa, que dóe mais.
Lus. C. VIII, 15.

3.° *De mai. para men.*, quando asseverâmos que o objecto, que queremos engrandecer, é mais grave que outro gravissimo; como 'naquella passagem do poëta mantuano (*En.* III, 321, *Trad. do Sr. Mendes):*

Ó só feliz a priaméa virgem,
Que immolada morreu sobre hostil çampa
'Nos patrios muros!

Pois quam lastimosa é a sorte d'Andromacha no captiveiro, se, comparada com ella, foi Polyxena feliz, morrendo!

IV

DOS CONCEITOS AGUDOS, OU SENTENÇAS.

§ 174.

Temos agora os conceitos que dão graça ao discurso, e que propriamente se denominam sentenças. E com effeito, ainda que, em razão da origem, a palavra *sentença* significa em geral — *qualquer pensamento:* — está adoptada pelo uso para designar — *um conceito agudo que em poucas palavras encerra um sentido amplo e profundo.* — As principaes especies de sentenças são tres, — *gnoma, enthymema, epiphonema.*

§ 175.

Gnoma ou maxima é — *o resumo de muitas verdades moraes, enunciado em mui poucas palavras:* — differe pois do *principio;* porque este refere-se ás verdades theoricas; o *gnoma* porém ás verdades prácticas. Subdivide-se

o gnoma em varias especies, segundo o objecto, partes, fórma e extensão. — Umas vezes é esta sentença relativa só á *coisa;* como: *Nada ha tam popular, como a bondade.* Cic. *a fav. de Lig.* E esta: *O illustre nome nunca se alcançou sem trabalhos.* Heit. Pint. — Outras vezes é relativa á *pessoa;* como: *A misericordia e a verdade são a guarda do rei. Proverb.* XX, 28. — Ora é *simples;* como: *Vence amor tudo.* Virg. — Ora *duplice* ou composta; como esta de Terencio:

O obsequio cria amigos,
A verdade inimigos,

E aquella de Jacinth. Freir.: *O nascimento em todos é egual, as obras fazem os homens differentes.* — Já se exprime por *termos proprios;* como: *Mais estimavel é a sabedoria, do que as forças. Sabed.* VI, 1. — Já por *termos translatos;* como a de Ovidio:

Longe do ocio, a paixão afroixa e morre.

E a de Heit. Pint.: *A cortezia é um laço que prende as vontades.* — Em fim ou é *commum;* como: *Não ha corpo fraco, onde o coração é forte.* L. de Sousa. — Ou *appropriada;* como a de Xenocrates em Heit. Pint.: *Muitas vezes me pezou de haver falado, e nunca de me ter calado.* E a de Cic. *a fav. de Lig.: Não tem a tua fortuna, ó Cesar, coisa maior do que poderes; nem a tua indole coisa melhor do que quereres, salvar a quantos for possivel.*

§ 176.

O *enthymema* (§ 48), significando em geral qualquer conceito, é em sentido proprio, e em quanto sentença, — *o conceito formado de idéas oppostas;* — como o de Cic. *a fav. de Lig.: E ha de incitar-te, ó Cesar, a que sejas cruel, o discurso d'esses mesmos, cuja conservação é a gloria da tua clemencia?* E este de Heit. Pint.: *De homens moderados é remediarem, como prudentes, os erros em que cáem, como ignorantes.* Se o enthymema se emprega para provar, póde formar-se (como 'noutro logar se indicou) de

idêas *consequentes* ou *oppostas;* o que se traz para ornar, só das *oppostas.*

§ 177.

Epiphonema, em fim, é — *a sentença em fórma d'exclamação depois d'uma exposição ou d'uma prova;* como:

Tanto custava a fundação de Roma!
En. I, 37.

E este:

Tanto Deus se contenta da humildade!
Lus. III, 15.

§ 178.

A importancia das sentenças de ninguem é desconhecida. Férem ellas o espirito, e d'um só golpe lhe dão frequentes impulsos; a sua concisão faz que se fixem mais, e a delicadeza da expressão as torna persuasivas: por onde não só são uteis ao assumpto, senão que tornam recommendavel o orador. Assim que, aquelles que não querem falar com este sabor, não gostando senão do que é chão e rasteiro, parecem andar sempre de rôjo.

§ 179.

Mas, assim como estes, por irem muito seguros, temendo as quédas dos que se remontam, se arrastam pelo chão; assim cáem 'noutros inconvenientes os que quasi nada mais procuram, senão sentenças. Primeiramente, sendo muitas as sentenças, empecem-se reciprocamente, porque não deixam umas vêr o esplendor das outras; bem como, sendo as plantas ou os fructos espessos, nada póde crescer até á sua justa grandeza, por não ter logar, para onde se desinvolva. Em segundo logar, com a multidão das sentenças fica o discurso cortado e sem ligação; porque, como ellas são por natureza curtas, não podem, como as pedras roliças e cerceadas de todos os lados, assentar umas sobre

outras. Em terceiro logar, por isso que nem todas brilham egualmente, vêi a ficar o discurso desegual, e como salpicado de muitas e varias malhas. E finalmente, como não póde haver escolha, onde só se quer numero; quem só procura sentenças, forçosamente ha de empregar muitas puerís, frivolas e ineptas.

§ 180.

Tres coisas pois manda a arte sobre o uso das sentenças: 1.ª que o orador siga um meio termo; não as empregando muito a miudo, nem as desprezando inteiramente. 2.ª Que se não appresentem indiscretamente; mas que convenham á materia, ao logar, ao tempo e outras circumstancias. 3.ª Que não as empregue qualquer orador; senão aquelles que, por seu estudo, edade e experiencia, tenham obtido auctoridade, que dê pêso a essas regras da vida.

V

DO ADORNO OU ORNATO ARTIFICIAL, E PRIMEIRAMENTE NAS PALAVRAS SEPARADAS.

§ 181.

Resta o terceiro meio de ornar a elocução, *o adorno;* que, como acima (§ 157 e 758) se disse, veste os pensamentos de palavras nobres e agradaveis, quer separadas, quer junctas em phrase; e'numas e outras ou é negativo, ou positivo. E, começando pelas separadas, antes de indicarmos as que adornam o discurso, lembramos que devem de evitar-se as *desornadas;* sendo que a primeira virtude está em não ter vicios. É logo necessario escolher as palavras.

§ 182.

Mas a escolha cabe só nas *synonymas;* que são — *as que, significando a mesma idéa commum e principal, differem nas especiaes e accessorias.* — Taes são os verbos: — *levar, conduzir, trazer, acarretar, transportar*, etc. — Podendo porém tomar-se as palavras, ou só em relação ás idêas, ou tambem em quanto ao som; escolhereis entre os termos synonymos — os que significam a idêa com mais justeza; os mais confórmes á honra e á virtude; os que mais elevam o discurso; e os que mais cheiram a um civilizado cortezão; i. é, — os mais *significativos* (§ 150), os mais *honestos;* os mais *sublimes;* e os mais *polidos:* aos quaes se oppõem os *improprios*, os *obscenos*, os *baixos*; e os *grosseiros*. E dos vocabulos synonymos tomareis com preferencia os de som mais alto e cheio; e os que, sendo de pronunciação facil, são ao mesmo tempo mais agradaveis ao ouvido; i. é, — os mais *sonoros*, e os mais *euphonicos:* — aos primeiros dos quaes são oppostos os *surdos*, e aos segundos os *asperos*.

§ 183.

A regra geral, porém, que acâbamos de dar, soffre na práctica algumas excepções. Primeiramente, quando for bastante dar a intender só a idêa geral do objecto, será então indifferente usar d'este ou d'aquelle synonymo. E, se os termos *honestos* são preferiveis sempre aos *obscenos;* nem 'num discurso polido têm jámais logar os *grosseiros:* todavia os *nobres* e *sublimes* devem de ordinario medir-se pela grandeza da materia. Porque o termo que em uma é nobre, em outra ficará inchado; e o que em materia grande é *baixo*, virá bem 'na menor. Pois, assim como 'num discurso brilhante é para notar um termo grosseiro, como o é uma nodoa em um bom vestido; assim em um discurso chão e singelo não fica bem um termo sublime e polido; sendo, como um oiteiro 'no meio d'uma

planicie. Ás vezes, com tudo, é preciso abater um objecto; e para isso conduz a mesma *baixeza* dos termos. Por ventura, quando Cicero diz a Pisão: *Oppõis a cabeça, marrando com ella;* não parece elle augmentar, com este termo *baixo*, o desprezo d'esse homem que elle queria anniquilar? — Finalmente, ás coisas atrozes estarão melhor os vocabulos *asperos*, do que os *euphonicos*.

§ 184.

Posto isto, as palavras separadas adornam o discurso, sendo *antigas*, e sendo *novas:* aquellas lhe dão mais respeito e dignidade; estas o tornam mais agradavel. Mas deve haver moderação; pois (como 'noutro logar se disse) nem as antigas se hão de ír buscar ás ultimas trevas da antiguidade; nem se hão de empregar das novas as que mais o forem. Se alguma vez, todavia, nos faltar uma palavra, ser-nos-ha permittido ou retomar alguma das antiquadas, ou ainda mesmo forjar uma nova; o que com o raciocinio e com exemplos demonstra, além d'outros criticos, Horacio (*Epist. aos Pisões*, vv. 46 — 72).

§ 185.

E por quatro modos se innovam as palavras; a saber, pela *reproducção*, por *onomatopeia*, por *composição*, por *derivação*. Pela reproducção, fazendo como renascer aquellas que ha muito jaziam em esquecimento; como se fizermos reviver estas — *oganno, soér,* — que já se haviam antiquado. Por onomatopeia, formando palavras imitativas dos sons d'alguns objectos, ou dos gritos d'alguns animaes; como a d'Ennio:

Rebombando da tuba o som terrivel,
Taratán taratántara, *repete.*

E estas portuguezas — *mugir, coaxar.* — Por composição, formando de duas palavras simples e conhecidas uma; como — *alipede, tremeluzir.* — Por derivação, ou variando

variando a terminação d'um vocabulo da nossa lingua para formar outro; como do verbo — *apurar* — se derivou — *apuramento;* — ou naturalizando um vocabulo extranho por meio d'uma leve alteração; como do francez — *garantie* — derivámos — *garantia.*

§ 186.

Advertimos porém, e não nos cansaremos de o repetir, 1.º que não haja affectação 'no innovar as palavras, senão necessidade e moderação: 2.º que, innovando-as, se use de certas preparações e correctivos; como — *por assim dizer; se o posso dizer; em certo modo; permitta-se-me a expressão;* etc.: — 3.º que as palavras, que se derivarem, se tomem principalmente da lingua mãe; qual é para nós a latina, como fonte da mór parte das nossas palavras.

VI.

DO ADORNO DAS PALAVRAS JUNCTAS; E PRIMEIRO DOS VICIOS.

§ 187.

Passemos pois já ao adorno das phrases; materia que demanda tractado um pouco mais extenso. E, assim como ha pouco advertimos sobre as palavras separadas (§ 181): assim agora, quanto ás unidas em phrase, veremos primeiro quaes, por desornadas, devam de evitar-se; visto que não é d'esperar que sáia ornada a phrase, *que tiver mais ou menos polimento do que é justo.*

§ 188.

Doze vicios se contam 'nas phrases desornadas:
1.º O *cacophaton,* que se commette, ou quando abu-

samos d'uma phrase honesta para significar um sentido obsceno; ou quando da união de duas palavras resulta uma dissonante, grosseira, ou torpe; como (*Lus.* VI, 98):

Soffrer aqui não póde o *Gama mais;*

ou quando, dividindo na pronúncia ou na escripta uma palavra, fica uma das partes obscena ou sordida.

2.º A *tapinosis*, que apouca a dignidade ou grandeza do objecto; como, se ao parricida dessemos o epitheto de *ruim*, em vez de *impio* ou *scelerado*. Isto porém não será vicio, se de proposito quizermos abater o objecto.

3.º *As phrases desornadas em geral;* quaes são as *rombas*, que em muitas palavras dizem pouco: as *séccas*, que satisfazem só ao intendimento, não enchendo o ouvido: as *insipidas*, que exprimem pelos termos proprios o que dos translatos receberia mais graça: as *desleixadas*, que appresentam as palavras sem escolha. As primeiras são oppostas ás *finas;* as segundas ás *ricas;* as terceiras ás *agradaveis:* as quartas ás *apuradas*.

4.º A *meiosis* (§ 152), que não só é vicio contra a clareza, mas tambem contra o ornato; por subtrahir á phrase palavras com que ella ficaria mais cheia, e por isso mais engraçada. Quando porém a subtracção for bem feita, será uma virtude, de que em seu logar se falará.

5.º A *homeologia*, que, por causa da monotonia ou falta de variedade, torna a phrase fastidiosa. Commette-se ella, repetindo os mesmos conceitos, a mesma fórma de elocução, e a mesma collocação das palavras. Sendo este seguimento mui desagradavel ao espirito e ao ouvido, é um dos vicios de que mais se deve fugir.

§ 189.

Os vicios d'estas phrases são por defeito; os das seguintes por excesso:

6.º A *tautologia*, i. é, a repetição superflua da mesma palavra ou phrase. Ás vezes porém serve a repetição para imprimir mais profundamente no animo do ouvinte a idêa

do objecto; e então é uma virtude, que com outro nome apparecerá no proprio logar.

7.° A *auxesis*, ou expressão muito superior á grandeza do objecto; como, se ao *voluptuoso* se désse o epitheto de *malvado*. Tambem isto deixa de ser vicio, quando sobrepensado se quer exaggerar o objecto, ou excitar o riso.

8.° A *macrologia*, que desinvolve em muitas palavras o que em poucas se exprimiria com mais belleza; como em T. Livio: Os enviados, não tendo conseguido a paz, voltaram *para trás, para casa, d'onde tinham vindo*. Se porém as idêas accessorias não só convierem ao objecto, senão tambem ao fim do orador, o circumloquio será uma virtude, de que abaixo falaremos.

9.° O *pleonasmo*, i. é, a escusada repetição d'uma idêa assás indicada; como: *Eu vi com os meus olhos;* bastando — *vi*. — Quando porém a repetição se emprega para asseverar a verdade, e para fazer crer que o testimunho dos sentidos nos não engana, deixa de ser vicio; como em Maro (*En.* IV, 359.):

A voz *'nestes ouvidos embebi.*

10.° A *periergia*, ou ostentação de excessivo apuramento em polir a phrase: porque a demasiada lima necessariamente a enerva, tirando-lhe a energia.

11.° O *cacozelon* ou imitação infeliz; i. é, toda a expressão que passa os limites do verdadeiro ornato; quando o genio do orador, destituido de bom gosto, se engana com o bello apparente. Taes são as expressões *pedantescas*, as *redundantes*, as *escuras*, a *collocação effeminada*, a *affectação pueril de consoantes e equivocos*, etc.

12.° O *cenismo* em fim, i. é, o emprego de palavras de varias linguas 'no mesmo discurso; ou a mistura de palavras sublimes com baixas, antigas com modernas, poëticas com vulgares. Assim, falta a unidade; e onde quer que esta não apparece juncta com a variedade, não ha belleza.

VII

DOS TROPOS.

§ 190.

Evitados estes vicios, applicar-se-hão os meios com que dissemos (§ 157) se aformosêa o discurso; a saber, as palavras translatas e as apartadas do modo ordinario de falar; i. é, os *tropos* e as *figuras*. Differem estas expressões em que — o tropo muda a significação da palavra, a figura não —; mas esta differença na práctica nada vale.

§ 191.

Começaremos pois pelos tropos; os quaes se derivam de duas fontes: — a pobreza da lingua, e a imaginação. — Primeiramente, tantos objectos ha em a natureza; tanta cópia de pensamentos occorre á nossa alma, que não ha lingua alguma, ainda a mais rica de palavras, que possa exprimir, sem recorrer a emprestimos, todas as idêas. Em segundo logar, muita influencia tem sobre a linguagem a imaginação; sendo que, em qualquer objecto que se lhe appresente, jámais contempla ella uma só e simples idêa, senão acompanhada d'outras accessorias. E, havendo muitas vezes 'nestas idêas accessorias mais viveza, mais força, e mais dignidade, do que na idêa principal; deixamos então o termo proprio, e empregamos o translato. Por onde bem se vê quanta seja a importancia dos tropos no discurso.

§ 192.

É pois *tropo* — *a translação d'uma palavra ou phrase da propria significação para outra, com virtude.* — Dá-se a translação (como 'noutro logar se indicou), quando as palavras, que empregamos, não são por nós tomadas na

sua significação primordial, nem na habitual (§§ 146 e 147). Mas, para ter logar a translação, releva: 1.° que seja necessaria, por faltar termo proprio; ou util, por dar ao discurso mais luz, força e graça, do que o mesmo termo proprio: 2.° que não seja arbitraria, mas natural, i. é, que tenha o seu fundamento em a natureza dos objectos; e este fundamento é a relação natural do objecto, de que se toma a palavra, com o outro, para o qual ella se transfere. Quatro são as principaes d'estas relações, — relação de *similhança*, relação de *opposição*, relação de *comprehensão*, e relação de *connexão;* as quaes dão outros tantos generos de tropos; sendo todavia muitas as especies, pertencentes, umas a um, outras a mais generos.

PRIMEIRO GENERO, *A METAPHORA.*

§ 193.

Entre os generos occupa o primeiro logar a *metaphora*, i. é, — *a translação da palavra da propria significação para outra, com similhança.* — Differe a metaphora da similhança em que 'nesta desinvolve-se, ou é manifesta, a confrontação do objecto similhante com o assimilhado; 'naquella substitue-se o similhante ao assimilhado. Se disserdes: *Achilles arremetteu, como um leão;* empregais uma similhança breve ou imagem (§ 162): se porém, intendendo Achilles, occultardes este nome, dizendo — *arremetteu o leão* —, será metaphora. D'onde se segue que, para haver clareza, é mistér que a relação dos objectos seja mais obvia e manifesta 'na metaphora, do que 'na similhança.

§ 194.

Não ha tropo algum que mais vezes se empregue, do que a metaphora; pois tão natural é ao homem, que os

mesmos ignorantes usam d'ella a cada passo, sem o perceberem. Nenhum tropo ha tambem mais excellente que este; já para pintar clara e vivamente um objecto, já para aformosear o discurso: até algumas idêas pouco honestas se exprimem com mais decencia por meio d'este tropo. E, 'na verdade, aquellas metaphoras — *Acceso* em cholera; *Inflamado* 'na paixão; *Caído* em erro (Quinct.); e estas — *Fervia* a guerra; *Gemem* nossos mares debaixo das armadas (Jacinth. Freir.), — são mais significativas que os termos proprios. Est'outras porém — *Torrente* d'ingenho; *Tormentas* das assemblêas populares (Cic.); e estas — Espiritos varonis em annos *verdes* (Jacinth. Freir.): Sêccas do rosto as *rosas* (Camões), — procuram-se para enfeitar as phrases.

§ 195.

Mas, como todos os objectos, de que se póde transferir a palavra para outros, são animados ou inanimados; da combinação d'uns com outros resultam quatro maneiras d'empregar a metaphora:

1.ª Tomando o animado pelo animado: assim Christo chama *raposo* a Herodes (*Luc.* XIII, 32): Ide dizer a esse *raposo* que ainda tenho de expulsar demonios, etc. *Trad. de Per.* Tambem Coge Çofar chama *viboras*, aos Portuguezes (Jacinth. Freire. L. I): Tiremos d'entre nós estas *viboras*, nascidas 'no ultimo occidente para inficionar a Asia toda.

2.ª O inanimado pelo inanimado; como (*En.* VI, 1):

.... A frota as *redeas* larga.

E em Luiz de Sousa (*Vid. do Arceb.* L. I, C. 7): Metteu todas as *vélas* de sua eloquencia.

3.ª O inanimado pelo animado; como (*En.* VI, 842):

Os dois *raios* da guerra, esses ardidos
Scipiões, *terror* da Lybia.

E em Sousa ('no mesmo Liv. C. 20): Não vai longe d'aqui o *lume* da Egreja, S. Thomaz.

4.ª O animado pelo inanimado; como (*En.* VIII, 728):

O Araxes contra a ponte *enfurecido*.

E (*Ulyss.* C. I, 44):

.... As portas do oriente,
Chorando aljofar, *abre* a bella aurora,
Que, quando *ri* 'nos céos, 'nos campos *chora.*

As metaphoras d'esta ultima especie, por virem junctas com a *energia,* são de todas as mais sublimes.

§ 196.

Devem porém evitar-se: 1.º as metaphoras *frequentes* e as *continuadas;* maiormente, se forem *tiradas do mesmo objecto,* em periodos successivos; porque escurecem o discurso e o tornam fastidioso. As *atrevidas* ou as que *exaggeram excessivamente o objecto;* como aquella, censurada por Cicero: *Tempestade da galhofa.* 2.º As *baixas* e as *sordidas;* qual esta que o mesmo orador condemna: Glaucia *esterco* da curia. 3.º As que são *inteiramente dissimilhantes,* como estas d'um escriptor nosso: Os pensamentos, *partindo* das vastas *costas* da memoria, *embarcam* 'no *mar* da imaginação; e as *violentas,* i. é, em que ha só uma similhança remota; como a de Furio Bibaculo:

O alvo Jove 'nos Alpes hynvernosos
A branca neve *cospe.*

Estas, assim como as atrevidas, devem de ser temperadas com os correctivos (§ 186). 4.º As *poëticas,* que o uso não admitte 'na prosa; porque os poëtas, assim pelo seu fim, que é principalmente o deleite e a moção, como pela prisão do metro, têm mais liberdade, que os oradores, 'no emprego dos tropos. Assim, é poëtica esta metaphora do lyrico romano *(Od. L. 4, Trad. d'Elpin. Dur.):*

Trotou, qual chamma pela têa, ou Euro
Pelas siculas ondas.

§ 197.

Sendo tambem a relação de similhança o fundamento da *catachrese* e da *allegoria,* são ellas por conseguinte duas

especies da metaphora. *Catachrese* ou abuso é — *a translação da palavra d'um objecto similhante, para significar outro que não tem nome.* — Com quanto ella se empregue principalmente por necessidade, tambem tem alguma novidade e graça; como (*En.* II, 15):

Por Pallas induzidos, um cavallo
O Gregos *edificam*, e lhe *tecem*
De taboões d'abêto as amplas costas.

Tambem por catachrese se diz: As searas *tem sêde;* os fructos *padecem.*

§ 198.

Allegoria ou inversão de sentido é — *a translação da phrase da propria significação para outra, por similhança;* — e differe da metaphora: 1.º em que esta transfere uma só palavra, aquella muitas; denominando-se por isso a allegoria uma continuação de metaphoras; 2.º em que o sentido da metaphora é mais facil de perceber-se que o da allegoria. Um excellente exemplo d'este tropo nos offerece o poëta de Venusa (*Od.* L. I, 14, *Trad. d'Elp. Dur.*):

Ó náu, ao mar te tornam novas ondas?
Ó que fazes? com força o porto aferra;

onde toma a *náu* pela républica, as *tormentas* pelas guerras civís, o *porto* pela paz e concordia. Outra (Jacinth. Freir., *Vid. de D. João de Castro,* L. II): Livremos esta *escrava* da Asia das *prisões* do tributo; livremos nossos mares, que debaixo de suas armadas *violentados gemem.*

§ 199.

Algumas vezes, ainda sem translação, se faz uma especie d'allegoria *real,* que exprime pelos termos proprios uma coisa ou pessoa, figurativa d'outra. Tal é a *parabola,* quando se toma pela narração d'um successo imaginado, mas com moralidade; de que ha muitos exemplos 'no Evangelho; onde o reino dos céos se compára já a *dez virgens,*

já á *rede lançada ao mar*, já ao *thesoiro escondido*. Tal é tambem o *apologo* (§ 38); como aquelle *(Juiz.* IX, 8. *Trad. de Per.): Foram uma vez as arvores a eleger sobre si um rei; e disseram á oliveira: Reina sobre nós.* etc.

§ 200.

Mas a allegoria *verbal*, e propriamente dicta, ora é *total*, i. é, formada toda de palavras translatas; e esta, por ser como um enigma, rarissimas vezes terá logar; e, não se empregando a proposito, será um vicio. Ora é *mixta* de palavras proprias e translatas; e é a que deve ser mais frequente; porque das palavras proprias lhe resulta a clareza, das translatas o atavio. Tendes exemplo da primeira 'naquelle verso do bucolico romano (*Eclog.* III, 111):

Vedae já, ó meninos, as levadas;
Assás bebeu o prado.

Da segunda 'neste passo de Cic. *(a fav. de Milão)*: Em verdade que sempre tive para mim, que Milão tinha de passar por todas as *tempestades* e *tormentas* que se experimentam 'nos *marulhos* das assembléas populares.

§ 201.

Sobre esta especie de allegoria uma regra ha importante: — *Por aquella especie de metaphora pela qual principiastes o pensamento allegorico, por essa o deveis continuar e concluir;*—porque, se, havendo tomado da *tempestade* o primeiro termo translato, terminardes por outro tirado do *incendio* ou da *ruina;* quebrareis o liame das idêas. Nem obsta o vermos que esta regra não tenha sido mui religiosamente observada por escriptores aliás grandes; e entre estes por Horacio (*Epist.* L. I, 1):

Ninguem tão *fero* que se não *madure*,
Se á *cultura* prestar paciente ouvido.

Pois do que é fero dizemos que se *se amansa;* dos fructos, que *amadurecem;* dos terrenos, que *se cultivam.*

SEGUNDO GENERO, *A IRONIA.*

§ 202.

O segundo genero de tropo é a *ironia* ou irrisão; que tem o seu fundamento na relação de opposição que ha entre os objectos. *Ironia* é—*o tropo que diz o contrario d'aquillo que as palavras significam;*—o que se dá a conhecer ou pela pronunciação, ou pelo character da pessoa, ou pela natureza da coisa; pois, se alguma d'estas tres coisas não convém com as palavras, bem se vê que queremos significar o contrario do que dizemos. Muita força tem este tropo, já para fazer parecer leves as coisas graves, ou graves as leves; já para vituperar, simulando louvor, ou louvar, simulando vituperio. Excellente é aquella ironia de Cic. *(a fav. de Mil.): A morte de Clodio, ninguem a póde levar com paciencia: chora o senado; magôa-se a ordem equestre: toda a cidade está consumida de pena; estão de lucto os municipios; consternadas as colonias: os mesmos campos alfim tem saudades de tam benefico, tam prestadío, tam pacifico cidadão.* Pelo contrario, falando de si mesmo, diz Cic. em uma carta a Bruto: *Enganámos o povo, passando por oradores.* Tambem é muito bella a ironia de Vieira, implorando o auxilio divino 'na guerra com os Hollandezes: *Abrazae, consumi, destrui-nos a todos.... Hollanda defenderá a verdade de vossos sacramentos.... Hollanda edificará templos; Hollanda levantará altares,* etc. *Serm.* Part. II, n. 587.

§ 203.

Têm-se por especies de ironia,—o *sarcasmo*, o *asteismo*, a *antiphrase*, o *euphemismo*, e a *paremia;*—ainda que as duas ultimas pareçam pertencer antes á allegoria. *Sarcasmo* é toda a ironia, acompanhada de riso insultante, e dirigida a quem se não póde vingar; tal é a que os Judeus

dirigiram a Christo, crucificado: *Ó lá, tu que destróis o templo de Deus, e que o reedificas em tres dias; livra-te a ti mesmo, descendo da cruz. Marc.* XV, 29 e 30, *Trad. de Per.* — O *asteismo* é uma ironia menos insultante, e que vitupéra com uma apparencia de urbanidade; como em Virg. *Eclog.* III, 90):

Quem não odía a Bavio, os cantos ame
Que tu, ó Mevio, entôas.

— A *antiphrase* exprime, para bom agouro, idêas funestas por palavras de idêas contrarias; assim, sob D. João II, deram os Portuguezes ao cabo das tormentas o nome de — *Cabo da Boa Esperança.* — O *euphemismo* diz as coisas tristes, torpes e desagradaveis, por palavras mais brandas; como em Cic. *(a fav. de Mil.): Fizeram os criados de Milão o que qualquer quizera, que os seus fizessem, em tal conjunctura;* em vez de — *mataram.* — Assim dizemos tambem d'um fallecido: *Que está em gloria.* — A *paremia* significa por um dictado uma coisa a que alludimos; como, se ao que ensina a quem sabe mais, applicarmos o proverbio latino: *Sus Minervam*; ou o portuguez: — *Ensinar a aguia a voar.* Heit. Pint.

TERCEIRO GENERO, *A SYNECDOCHE.*

§ 204.

Dá o nome e o fundamento ao terceiro genero de tropo a *synecdoche* ou comprehensão, i. é, a relação do *todo* com a *parte;* assim que, pelo todo se dá a intender a parte, e pela parte o todo. É pois *synecdoche* — *o tropo que dá a perceber mais, ou menos, que as palavras significam 'no sentido proprio:* — e serve, assim para dar variedade ás phrases, como para as tornar mais expressivas.

§ 205.

Comprehende este genero varias especies.—A primeira põi o todo physico pela parte; como (*En.* XII, 119):

Fonte e fogo levavam.........;

ou a parte pelo todo; como (*En.* II, 198):

Dez annos, *quilhas* mil, os não domaram.

E (*Lus.* I, 24):

Eternos moradores do luzente,
Estellifero *pólo* e claro assento.

§ 206.

A segunda toma a materia pela fórma ou artefacto; como *ferro* pela espada; *prata* pelo dinheiro; *pinho* pela náu. Assim (*Ullyss.* V, 43):

Vão pelo alto e socegado argento
Lavrando o mar as *faias encurvadas*;

ou a forma pela materia; como (Virg. *Eclog.* X, 41):

Capellas para mim colhêra Phyllis,
Amyntas me cantára.

§ 207.

A terceira especie emprega o singular pelo plural; como (*En.* II, 290):

O *imigo* occupa os muros; e já Troia
Inteira vêi ruindo.

E (*Lus.* II, 51):

Alli suberba, altiva e exalçada,
Ao gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá........

Ou o plural pelo singular; como: Logo mal escreveram *os Jeronymos, os Ambrosios, os Agostinhos*, etc. Sousa, *Vid. do Arceb.* Tom. I, liv. I, c. 23, Ou o numero determinado pelo indeterminado; como acima (§§ 205): *mil* quilhas em vez de *muitas*; *seiscentas vezes* por *muitas vezes.*

§ 208.

A quarta substitue o genero pela especie; como (Hor. *Od.* I, 3, *Trad. d'Elp. Dur.*):

Nada *aos mortaes* é arduo.

Ou a especie pelo genero; como (o mesmo, *Od.* II, 16, *Trad. do mesmo*):

Descanço aos deuses roga o que engolphado
Se vê 'no bravo *Egeo*, assim que a negra
Nuvem lhe esconde a lua........;

e (*Lus.* I, 27):

Por vias nunca usadas, não temendo
De *Africa* e *Noto* a força, a mais se atreve.

A classe pelo individuo; como: *O orador romano* por *Cicero.* Ou o individuo pela classe; como: *É um Cicero* em vez de *é muito eloquente.*

E tambem o abstracto pelo concreto; como (*Lus.* III, 99):

Este sempre *as suberbas castelhanas*
C'o peito desprezou firme e sereno.

Ou o concreto pelo abstracto; como: Mysterios incomprehensiveis *ao homem,* i. é, *á razão.* — Mas em todas estas especies de synecdoche têm mais liberdade os poetas, que os oradores; por onde necessario é vêr o que o uso admitte (§ 196).

QUARTO GENERO, *A METONYMIA.*

§ 209.

A relação de *connexão* ou *ordem dos objectos,* assim successivos, como coexistentes, é o fundamento do quarto genero de tropo, a *metonymia* ou *substituição d'um nome por outro.* — Este tropo, que é d'uma grande extensão, enriquece o discurso, e lhe dá novidade. As suas princi-

paes especies são seis, parte relativas aos objectos successivos, parte aos coexistentes.

§ 210.

A primeira especie é a *antonomasia,*—*que toma o accessorio em vez do nome proprio do individuo.*—E faz-se ella: 1.º pelo epitheto; quer patronymico; como quando se diz, em vez d'Achilles, *Pelides,* i. é, o filho de Peleu; por Diomedes, *Tydides,* i. é, o filho de Tydeu: quer commum; como: o *Apostolo* por S. Paulo.—2.º pelas qualidades characteristicas do individuo; como (*Lus.* I, 22):

Estava o *padre* alli *sublime e dino,*
Que vibra os feros raios de Vulcano.

—3.º por meios das acções por que o individuo se distingue; como: *o destruidor de Carthago e Numancia* por Scipião; e (*En.* IV, 495):

As armas que do thalamo pendentes
Deixou 'na fuga o impio.

E (*Lus.* I, 26):

.................Levantaram
Um por seu capitão, *que peregrino*
Fingiu 'na cerva espirito divino.

—Muito usado é este tropo dos poetas e oradores; mas, se for mui frequente, cái no vicio da obscuridade.

§ 211.

Segunda especie *a metalepse,*—que pelos antecedentes dá a conhecer os consequentes; como (Virg. *Eclog.* I, 83. *Trad. do Dr. Lima Leitão*):

Já fumam dos casaes ao longe os tectos,
Dos altos montes sombras móres cáem;

o que mostra estar-se approximando a noite. Assim tambem (*Lus.* II, 92):

Iam-se *as sombras lentas desfazendo,*
Sobre as flores da terra, em fresco orvalho;

o que dá a intender que se avizinha o dia: — ou pelos consequentes os antecedentes; como (*Genes.* III, 19): Comerás o pão *no suor do teu rosto.*—Egualmente pelo signal a coisa significada; como: Sempre meus conselhos foram pela *toga*, não pelas *armas*. Cic. *a fav. de Marc.* E: Os antigos Romanos *do arado* eram escolhidos para o *bastão*. Vieir. *Serm.* P. VI, 123.

§ 212.

A terceira especie de metonymía toma o effeito pela causa; como (*En.* VI, 275):

Alli habita a *pallida* doença
Com a velhice *triste.*

E (*Lus.* III, 128):

Mas, se t'o assim merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e *misero* desterro.

—Ou a causa pelo effeito; assim (no mesmo Canto, 133):

Como da *seva* mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia.

§ 213.

Põi a quarta o inventor pelo invento; ou o escriptor pelos escriptos; como (Virg. *Georg.* II, 113):

Ama *Baccho* as collinas.........;

e assim (*En.* I, 101):

A *Ceres* pelas aguas mareada;

e (*Lus.* V, 96):

Lia Alexandre a *Homero*, de maneira
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

§ 214.

A quinta o possuidor pela coisa possuida; como (*En.* II, 311):

Já perto de nós arde *Ucalegonte.*

E (*Lus.* IV, 84):

Onde o licor mistura e branca arêa
C'o salgado *Neptuno* o doce Téjo.

Assim tambem d'um homem, *a quem dissipam os bens*, dizemos que *o devoram*.

§ 215.

A sexta em fim o continente pelo contido; como: Levanta-te, esclarece-te, *Jerusalem:* porque chegou a tua luz. *Isai.* LX 1, *Trad. de Per.* Assim tambem (*Ulyss.* VI, 93):

O Ilion poderoso e triumphante
'Nelle a gloria contempla que perdia.

Ou o contido pelo continente (*o mesmo Poema,* II, 7):

Que alli vão despedir-se concertaram,
Onde a anchora pesada *o sal* fería.

ESPECIES DE TROPOS, RELATIVOS A VARIOS GENEROS.

§ 216.

Entre os tropos dos quaes cada um se póde referir a varios generos contamos tres,—*o ephitheto, a periphrase, a hyperbole.*—*O epitheto* ou apposto é ou grammatico ou oratorio; entre os quaes ha esta differença: o grammatico ora explica, ora restringe, a idêa do subjeito ou do attributo da proposição; sendo por isso necessario para a intelligencia ou para a verdade do sentido. O oratorio porém não se emprega por necessidade, senão para ornar ou amplificar o discurso. Mais: se os poetas se contentam com que o epitheto convenha á palavra a que se ajuncta; não se lhes censurando o dizerem,—*brancos dentes, humidos vinhos;*—'na oratoria, com tudo, se o epitheto não desperta a imaginação, ou não esclarece os objectos, ou não dá impulso aos animos, é redundante.

§ 217.

É pois *epitheto* oratorio — *a expressão que ao nome d'um objecto ajuncta uma idêa accessoria d'outro objecto, para dar graça ou energia ao discurso,* — Só porém é tropo, quando ha translação de palavra; i. é, quando vêi juncto com algum dos quatro generos de que acima se tractou. E, como a todos elles póde pertencer o epitheto, subdivide-se por isso em *metaphorico, ironico, synecdochico* e *metonymico.*—Exempl. do *metaphorico:* Irás em fim, para onde muito ha te arrastava essa tua *desenfreada* e *furiosa* cubiça. Cic. *Catil. I.* E (*Lus.* IV, 75):

Veiu a manhã 'no céo pintando as côres
De *pudibunda* rosa e roxas flores.

— Exempl. do *ironico;* o de Juvenal (*Satyr.* XV, 10), ridiculizando a idolatria dos Egypcios:

Sanctas gentes a quem 'nas hortas nascem
Tam poderosos numes!

E o de Garção (Comed. *Os preparativos d'uma assembléa,* scena III):

Que *florente* não fôra o vasto imperio
Das fulas Amazonas, se o regêra
Tam gentil coração, alma *tam nobre!*

— Exempl. do *synecdochico* (Hor. *Od.* IV, 12, *Trad. d'Elp. Dur.*):

Já socias do verão, que o mar temperam,
As *thracias* virações as velas incham.

Outro (*Ulyss.* VIII, 93):

Nem com tanto furor o mar *egéo,*
Co'as forças d'Austro em tempestade escura,
Ergue as tumidas ondas......

—Exempl. do *metonymico* (Hor. *Od.* II, 16, *Trad. d'El. Dur.*):

Que nem riqueza ou consular archeiro
Da mente afasta os *miseros* tumultos.

Outro (*Ulyss.* I, 78);

Da lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas *neptuninas.*

§ 218.

Ora, ainda que sem os epithetos fica o discurso como nú e desenfeitado; não se deve todavia carregar de muitos: porque assim se torna longo e embaraçado; bem como um exercito seguido de tantos vivandeiros, quantos são os soldados; onde seria dobrada a gente, não as forças. Apesar d'isto, algumas vezes podem ajunctar-se a um nome, não um só, senão muitos epithetos; com tanto que as idêas accessorias, por elles indicadas, tenham relação umas com outras e com a idêa principal. Taes são estes *(En.* III, 658, *Trad. do Dr. Lima Leitão)*:

Gran' monstro, informe, horrendo, e já sem vista.

E'nos *Lus.* IV, 28:

Deu signal a trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente e *temeroso.*

§ 219.

A *periphrase* ou circumloquio — *explica por muitas palavras o que póde exprimir-se em poucas ou em uma só;* — e, quando consta de palavras translatas, é tropo, que póde pertencer tambem a varios generos. Emprega-se a periphrase, umas vezes *por necessidade;* — ou para encobrir idêas obscenas e sordidas; como aquella periphrase de Sallustio: Partiu um certo Ligo, para satisfazer ás necessidades da natureza; onde ha synecdoche do genero pela especie; — ou para adoçar pelo euphemismo (§ 203), ou pelo asteismo, idêas tristes e duras. Outras vezes procura-se com ella *a utilidade,* i. é, o ornato; — já porque põi as propriedades do objecto em luz mais clara: — já porque pelos accessorios dá mais força á idêa do objecto; — já porque appresenta sob nova face as coisas vulgares e communs. N'este uso, mui frequente é a periphrase na

poesia; e tambem 'na prosa não é rara, com quanto mais curta. Exempl. *(En. II, 268, Trad. do Sr. Mendes)*:

Era quando aos mortaes começa e côa,
Divino dom, gratissimo descanço.

Outro *(Lus. II, 60)*:

Meio caminho a noite tinha andado;
E as estrellas 'no céo c'o a luz alhéa
Tinham o largo mundo allumiado,
E só c'o somno a gente se recréa.

—Todas as vezes, porém, que o circumloquio nem é necessario, nem util, converte-se 'no vicio da perissologia ou macrologia (§ 152, e 189); porque tudo o que não auxilia o discurso é ocioso, e serve-lhe d'embaraço.

§ 220.

Muito póde alfim 'na amplificação dos objectos a *hyperbole*, i. é, — *a exaggeração mentirosa com que se engrandece ou apouca o objecto fóra das proporções naturaes:* — e forma-se ella, ora por termos proprios, ora pelos translatos; e estes de varios modos. — 1.° Pelos termos proprios, dizendo mais do que aconteceu; como (Cic. *Philipp. II*): *Vomitando, encheu de bocados de comida, que cheiravam ao vinho, o seu regaço e todo o tribunal.* E 'no *Psalm.* CVI, 26, *Trad. de Per.*: *Ora sobem até os céos, ora baixam até os profundos abysmos.* — 2.° Por similhança; como *(En. VIII, Trad. do Dr. Lima Leit.)*:

.... Então dirias
Que arrancadas as Cycladas nadavam.

—3.° Por comparação *(En. V, 319, Trad. do Sr. Mendes)*:

Excede os ventos e do raio as azas.

—4.° Por metonymia *(En. VII, 808, Trad. de Lima Leitão)*:

Se voára pela flor da messe intacta,
Deixára sem lesão a tenra espiga.

E 'na *Ulyss.* II, 38:

E, subindo Neptuno á mór altura,
Ondas introduzir 'no céo procura.

— 5.º Por metaphora *(Ulyss.* IV, 7*)*:

Toca d'um monte a testa levantada,
Que faz columna ao céo co'as penhas graves.

— 6.º Ajunctando a uma outra hyperbole; como (Cic. *'na citada Philipp.*). *Que Charybde tão voraz? Charybde digo eu? essa, se existiu, foi um animal só. O oceano mesmo (eu o juro) apenas parece ter podido sorver tam depressa tantas coisas, tam espalhadas e postas em logares tam distantes.*

§ 221.

Porém 'no emprego d'este tropo tres cautelas deve haver: 1.ª que não seja muito frequente a hyperbole; porque, sendo-o, ficará o discurso sem naturalidade; e por conseguinte sem interesse, frivolo e ridiculo. 2.ª Que, com quanto a hyperbole passa os limites da verdade, não exceda todavia os da moderação; de modo que não procure enganar, mentindo, senão levar o ouvinte ao conhecimento da verdade. 3.ª Que só se empregue, quando o objecto, de que se tracta, é assombroso ou extraordinario; sendo que então se permitte dizer mais do que elle é, por não ser possivel o descrevel-o como realmente seja.—Isto basta sobre os tropos: passemos já ás figuras, que são, como dissemos (§ 190), o segundo meio de adornar as phrases.

VIII

DAS FIGURAS EM GERAL.

§ 222.

Temos aqui, primeiramente, de advertir que somos taes por natureza que, movendo-nos a presença, real ou ainda imaginada (§ 67), do bem ou do mal, manifestamos esse movimento pela lingua, interprete do nosso coração. Por

isso é que, sentindo, já a dôr, já o prazer e outros affectos similhantes, ora perguntamos, ora exclamamos, e rompemos em varias expressões, ou reaes, ou produzidas pela imaginação, Logo, assim como do sentimento e da paixão resulta a expressão verdadeira; assim os mesmos affectos, junctos com a imaginação, constituem as fontes da locução fingida ou figurada.

§ 223.

É pois *figura* ou *schema—a fórma de locução, despertada pela imaginação e affectos.*— Com a figura se accrescentam á enunciação simples e logica do pensamento idêas accessorias, que o tornam mais vivo, interessante, ou agradavel.—Concorda a mór parte dos rhetoricos em distinguir duas classes de figuras; a saber: figuras *de pensamentos*, e figuras *de palavras*. As primeiras olham só ao sentido das palavras; de sorte que, ainda mudadas estas, permanece a figura; as segundas consistem 'na ordem e 'no som material dos vocabulos; alterados os quaes, a figura desapparece.

§ 224.

Ambas estas classes de figuras têm grandes e varias utilidades e virtudes, que em toda a operação e officio do orador se dão a vêr bem claramente. Em primeiro logar, por meio das figuras se faz mais crivel o que dizemos, insinuando-se 'no animo dos ouvintes por onde menos se pensa. Pois, assim como 'no jogo da esgrima é mais facil o vêr e repellir os manejos direitos e singelos, do que os indirectos e disfarçados; assim abala mais os espiritos o discurso figurado, do que o simples. Em segundo logar, se, para despertarmos 'nos corações alheios o movimento da paixão que em nós sentimos, nos é forçoso exprimil-o (§§ 67 e 68); sendo as figuras as expressões da paixão (§ antec.); quem não vê a grande força que ellas têm para determinar a vontade? Mais que tudo porém contribuem ellas para fazer recommendavel o orador, para

tirar o tédio pela variedade, e para dar ao discurso novidade e graça. São logo tres os principaes fins das figuras; umas reforçam as provas; outras engrandecem o movimento das paixões; outras em fim deleitam os espiritos. Mas é de notar que as figuras mais proprias para provar e mover são as *dos pensamentos;* e para deleitar, as *das palavras.*

§ 225.

Já desd'aqui porém advertimos ao orador, que seja parco 'no uso de todas as figuras, maiormente das que consistem 'nos vocabulos, empregando-as, quando as pedir a materia; sirva-se d'ellas, como d'um tempêro, com que torne mais saboroso o discurso; e não perca, pela nimia affectação, aquella graça da variedade que ellas podem trazer á phrase. Cumpre, pois, que não sejam *frequentes*, nem *continuadas 'na mesma especie;* senão *raras* e *variadas*, para se não tornarem fastidiosas.

DAS FIGURAS DOS PENSAMENTOS, *PARA PROVAR.*

§ 226.

Ora, assim como é natural o conceber primeiro as idêas, e depois o enuncial-as; assim daremos primeiro as figuras dos pensamentos. E, começando por aquellas que servem de avivar a prova, poremos em primeiro logar a *interrogação;* i. é, — *a pergunta que se faz, não para saber alguma coisa que se ignore; mas para intimar o que se diz.* — Assim urge Cicero a Catilina com estas perguntas *(1 Cat.): Não sentes descobertos teus designios? Não vês que ao conhecimento de quantos aqui se acham não escapa já a tua conjuração?* Mais (Jacinth. Freire, *Vid. de D. João de Castro,* L. II): *Depois de commettido o maior delicto, qual não terão por leve? Quem duvidará ser offensor, onde se não vingam injurias?* E d'estes lo-

gares se vê que esta figura tambem é propria para mover affectos.

§ 227.

Tambem a *resposta* é figura, — quando, perguntando-se-nos *uma coisa, respondemos outra, por nos ser mais util.* Póde ella muitas vezes empregar-se 'no foro; já para aggravar uma accusação; como se uma testemunha, perguntada, — *se um individuo fôra fustigado pelo réo?* — responder: *e innocente:* já para desviar o crime; como se, perguntando-se a um: — *Mataste este homem?* — responder: *um ladrão;* ou — *Apossaste-te d'este prédio?* responder: *do que era meu.* Quinctil.

§ 228.

Da pergunta e resposta resulta outra figura, a *subjecção,* — *pela qual o orador, fazendo a pergunta, ajuncta logo a resposta;* como (Cic. *a fav. de Lig.): E perante quem digo eu isto? Sim, perante aquelle que, sabendo-o, todavia, antes de me vêr, me restituiu á republica.* E (Vieir. *Serm.* Part. VIII, pag. 192): *Pois quem é o verdadeiro rico? aquelle que não quer nada, porque nenhuma coisa lhe falta.*

§ 229.

Ás vezes, — *fingindo que não queremos falar de certa coisa, vamos com tudo dizendo-a;* e esta figura se chama *preterição.* Tal é a de Cic. *(a fav. da Lei de Manil.) Não vos direi pois, senhores, quam grandes e quam afortunados foram seus feitos 'na paz e 'na guerra, por terra e por mar; assim que não só os cidadãos assentiram sempre aos seus quereres, os alliados lhe obedeceram, os inimigos se lhe subjeitaram; senão que os mesmos ventos e tempestades lhe foram favoraveis.* E a de Camões *(Lus.* I, 26)*:*

Deixo, deuses, atrás a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato 'na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram.

§ 230.

Maravilhosa força tem 'no discurso, maiormente 'no exordio, a *prolepse* ou *anticipação,*—*pela qual prevenimos e desfazemos a objecção que se nos póde fazer;*— qual a de Cic. *(a fav. d'Arch.): Perguntar-nos-has, ó Graccho, por que gostamos tanto d'este homem. Porque nos subministra materia com que o espirito se allivie d'este estrepito do foro, e com que os ouvidos, cançados da vozeria, tomem descanço.* E a de Vieira *(Serm.* Part. I, col. 81): *Dir-me-heis o que a mim me dizem, e o que já tenho experimentado: Que, se prégamos assim, zombam de nós os ouvintes .... Zombem e não gostem embora, e façamos nós nosso officio.*

§ 231.

É propria para conciliar attenção e crédito a *duvida* ou *perplexidade; a qual se dá, quando o orador finge que ignora e pergunta, por onde ha de começar, onde acabar; o que ha de dizer, ou deixar de dizer.* Assim Cic. *(a fav. de Cluenc.): Em verdade, pelo que me toca, não sei para onde me volte. Negarei eu a infamia d'um tribunal peitado?* E Vieira (*Cart.* 75, tom. II): *Não sei por onde comece, e se explicára melhor a minha dór com lagrimas e suspiros, que com palavras.*

§ 232.

D'esta figura não differe muito a *communicação:* e emprega-se ella,—*quando,* confiados 'na bondade da nossa causa, ou *consultamos os mesmos adversarios,* ou *como que deliberamos com os juizes.*—Temos exemplo em Cic.

(Verr. I): *Agora vos consulto eu, senhores; que julgais devo eu fazer? Por certo que, sem o declarardes, me dareis aquelle conselho que eu mesmo intendo me é forçoso tomar.* E em Vieir. *(Serm.* Gart. VI, n. 110): *Torno a perguntar: Quando esteve o officio e dignidade episcopal mais auctorizada? agora quando tantos a pretendem, ou quando ella era a pretendente?*

§ 233.

Quasi a mesma é a origem da *permissão:—pela qual deixamos ao juizo dos ouvintes ou dos adversarios a decisão d'alguma coisa.* — D'esta figura usaram S. Pedro e S. João perante a Synagoga *(Act.* IV, 19, *Trad. de Per.): Se é justo deante de Deus ouvir-vos a vós antes que a Deus, julgae-o vós: porque não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido.*

§ 234.

Faz tambem attento o auditorio a *suspensão* ou o *inopinado;—quando, tendo por algum tempo em expectação os ouvintes, ajunctamos depois uma coisa muito maior, ou muito menor, do que elles esperavam.*—Cic. *(Verr. V): Que se seguiría depois? que cuidais vós? quiçá espereis algum furto ou nova prêsa......* E, depois de ter por muito tempo em suspensão os animos dos juizes, ajunctou um crime muito maior. E pelo contrario *(a fav. de Lig.)*, havendo começado: *Um crime novo e até hoje nunca ouvido te delatou o meu parente, Q. Tubero;* remata o pensamento assim: *Que Q. Ligario estivera em Africa;* o que ou não era crime, ou só leve.

DAS FIGURAS DOS PENSAMENTOS, *PARA MOVER.*

§ 235.

Entre as figuras, proprias para augmentar o movimento das paixões, contam-se principalmente estas. A primeira é a *exclamação;* i. é,— *a expressão forte, viva e subita, de qualquer paixão violenta;*—já de prazer: *Estou livre, respirei!* Cic. *a fav. de Mil.*; já de dôr: *Ó infeliz de mim! enxugaram-se as lagrimas; a dôr está-me ainda pregada 'no coração! Philipp. II;* e *(En.* II, 241, *Trad. do Sr. Mendes):*

. . . . Ó patria! ó Ilio!
Invictos muros, divinal estancia!
Berço de heroes!

já de obsecração: *Ó doce nome da liberdade!* Cic. *Verr.* V: já de indignação: *Ó tempos! ó costumes! Cat. I;* já de admiração e reprehensão: *Ó edades cegas! ó gentilezas enganadas! ó discrições mal intendidas!* Vieir. *Serm.* Part. IV, n. 491; já de imprecação *(En.* IV, 24, *Trad. do Dr. Lima Leit.)*:

Porém sorva-me a terra, ou Jove iroso
C'um raio vingador me lance ás trevas,
Trevas pallidas do orco e noite obscura;
Antes de que, ó pudôr, as leis te eu quebre.

E *(Lus.* IV, 102):

Ó maldicto o primeiro que, 'no mundo,
'Nas ondas vélas poz em sêcco lenho!

§ 236.

A segunda é a *parrhesia* ou *licença;*—*pela qual dizemos confiadamente coisas que pareciam arriscadas;*— com o fim de admoestar, ou reprehender, ou ainda mesmo adular. Tal é a de S. Paulo (*Act.* XXV, 10): *Ante o tribunal de Cesar estou; aí devo de ser julgado: para Cesar*

appello. E a de Jeron. Osorio *(Carta a D. Sebastião): De que servirá logo tanto trabalho e tanta dispesa sem fructo?.... Vença-se a si mesmo V. Altesa; dome seu espirito; amanse a grandeza de seu coração.*

§ 237.

Mais atrevida que estas é a *prosopopeia* ou *personificação;—pela qual introduzimos ficticiamente a falar ou pessoas, ou os animaes mudos, ou as mesmas coisas inanimadas.* São pois tres as suas especies, *dialogismo, idolopeia* e *prosopopeia* propriamente dicta. — Pelo *dialogismo* fingimos as pessoas a falar ou comsigo, ou umas com outras, ou comnosco; mas, para que isto se torne crivel, é mister fingirmos que as pessoas dizem o que natural ou verisimilmente pensariam. Um bellissimo exemplo temos 'no cantico de Moysés depois da passagem do mar vermelho: *O inimigo disse: Eu os perseguirei e eu os alcançarei; repartirei seus despojos; minha alma ficará saciada: desembainharei a minha espada; a minha mão acabará com elles. Exod.* XV, 9. — Dá-se a *idolopeia*, quando introduzimos a falar a divindade, ou os mortos. Assim *(a fav. de Celio)* Cicero evóca do tumulo Appio Cego, para reprehender a filha Clodia: *Mulher, de que tens que accusar a Celio?* etc.—Se porém se introduzem a falar os animaes irracionaes ou as coisas inanimadas, chama-se isso *prosopopeia* em sentido proprio; como 'na *I Cat.: A patria como que parece falar comtigo, ó Catilina, e dizer-te: Alguns annos ha que se não commetteu attentado de que tu não fosses a causa, nem delicto em que não tivesses parte,* etc. E (em Baruch III, 36, *Trad. de Per.): As estrellas foram chamadas, e disseram: Aqui estamos; e deram luz com alegria áquelle que as fez.* E (em Vieir. *Serm.* Part. I, pag. 754, ediç. de 1679): *É possivel (estão bradando estas paredes), é possivel que faz Deus tantos milagres por nos dar a saude e vida temporal; e que os homens não queiram fazer o que Deus lhes*

manda. sendo tão facil, para alcançar a saude espiritual e a vida eterna? — Mas a dureza d'estas prosopopeias ('nas quaes têm os poëtas mais liberdade, que os oradores) deve de adoçar-se por meio de correctivos, taes como estes — *se, como, em certo modo, parece-me, figura-se-me,* etc. — E ninguem se metta a empregal-as, sem ter um grande cabedal de ingenho e eloquencia; nem use d'ellas em materia de pouca monta, senão sómente 'nas que demandam o movimento de grandes paixões. Pois é certo que as coisas, por natureza falsas e incriveis, forçosamente ou hão de mover mais, por passarem de verdadeiras; ou hão de ter-se por frivolas, por isso mesmo que não são verdadeiras.

§ 238.

Tambem 'no movimento das paixões tem admiravel força a *apostrophe*, i. é, — *a locução apartada da pessoa, a quem naturalmente se dirige o discurso, para outra;* — quer esta seja presente, quer ausente, quer morta: ás vezes até dirigimos a fala a coisas insensiveis, unindo assim a apostrophe com a prosopopeia. Apostrophe a uma pessoa presente é a de Cic. (*a fav. de Lig.*), invectivando contra o accusador: *Que outro empenho era o nosso, ó Tubero, senão alcançarmos o poder de que hoje goza aquelle que está presente?* A um fallecido esta (*Lus.* III, 71):

Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina, etc.

A Deus esta (*Lus.* II, 31):

Ó tu, guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não póde ser guardado.

A coisas inanimadas (Cic. *a fav. de Mil.*): *A vós, tumulos e bosques albanos, a vós é que eu imploro e conjuro.* E (*Ulyss.* III, 37):

Dizei-o vós, ó concavos penedos,
Quantas vezes as queixas repetistes
De minha imiga; e o echo, que me ouvia,
A ultima vóz, imiga, *repetia.*

§ 239.

Move tambem os affectos a segunda especie d'energia de que acima falámos (§ 159), e a que outros chamam *hypotypose*; — *esta não só indica a acção, mas até mostra o modo porque ella se executou; e não em grosso, senão por partes; assim que parece não tanto lêr-se ou escutar-se a mesma acção, quanto o tel-a ante os olhos.* Em Cic. (*Verr. VII*) achais um exemplo bem frisante: *Inflammado em maldade e furor, veiu elle ao foro: chamejavam-lhe os olhos; de todo rosto a crueldade scintillava.* E 'na *Ulyss.* IV, 90):

Achilles, que se vê mais alentado,
Estreitamente aperta Heitor comsigo:
Mette o joelho esquerdo ao dextro lado,
Carregando 'nos peitos do inimigo,
Que, sem poder suster-se, cái forçado.

§ 240.

A *aposiopese* ou *reticencia*, — *que rompe a phrase, deixando-a incompleta,* — tambem exprime affectos, já de cholera; como *(En.* I, 139, *Trad. do Sr. Mendes):*

Eu vos.... Mas insta abonançar as vagas;

já de dôr; como (*Lus.* II, 41):

Mas moura em fim 'nas mãos das brutas gentes;
Que pois eu fui.... E 'nisto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes;

já como de receio e escrupulo (Vieir. *Serm.* Part. I, col. 81): *O rustico veste como rustico, e fala como rustico; mas um prégador vestir como religioso, e falar como.... não o quero dizer em reverencia do logar.*

§ 241.

Move affectos mais brandos a *ethopeia*, a que outros querem chamar *mimesis:* e que é — *a pintura dos costu-*

mes alheios: — pinta ella a indole, genio, sentimentos e paixões ou do homem em geral (e esta se denomina *character*); ou d'um individuo em particular; e tem então o nome de *retrato*. Mas o seu fim mais ordinario é o ridiculizar; e se faz, ou pintando factos, ou referindo dictos: das quaes a primeira é quasi o mesmo que a hypotypose (§ 239). Tal é o retrato de Catilina em Sallustio, *Trad. do Sr. Barreto Feio: Lucio Catilina, de nobre ascendencia, foi de grande força d'alma e de corpo, porém de má e depravada indole. Desd'a sua adolescencia as guerras intestinas, as mortes, as rapinas, as discordias civís, gratas lhe foram,* etc. E o do nosso Viriato em Manuel de Faria: *Era Viriato, 'no delineamento do corpo, grande, membros avultados, cabellos crespos, sobrancelhas caídas, gesto terrivel, nariz curvo, e não pequeno, com proporção ao rosto. 'No animo, prudente, modesto, liberal, de engenho prompto, de invenção copioso,* etc. Quando a ethopeia refere dictos, ora estes são proprios e verdadeiros, ora fingidos pelo dialogismo. Assim pinta ficticiamente Maro o ardente amor de Dido a Enêas *(En.* IV, 9, *Trad. do Sr. Mendes):*

Suspensa que visões, Anna, me aterram?
Que hospede novo aporta ás nossas plagas?
Quam gentil parecer! que acções! que esforço!
Creio, nem creio em vão, divina é prole.

DAS FIGURAS DOS PENSAMENTOS, *PARA DELEITAR.*

§ 242.

Ainda que todas as figuras, e maiormente as das palavras, produzem deleite; contam-se todavia, entre as dos pensamentos, tres mais proprias para esse fim; que são a *duvida,* de que já falámos, a *epanorthose* e a *anamnese.* E, porque dão um ar de singeleza e d'extemporaneidade

ao discurso, não só deleitam estas figuras, senão tambem fazem o orador menos suspeito aos ouvintes.

§ 243.

Epanorthose ou *correcção* é—*o fingido arrependimento do que se disse:* — como o de Cicero *(a fav. de Cel.): Mas para que introduzi eu aqui tam grave personagem?* E'na *Verr. III: Enganei-me, senhores; pois elle comprou, não furtou. Quizera não ter dicto isto. Ha elle de gloriar-se, e cavalgar 'nesses potrinhos.* Bem assim em Vieir. (*Serm.* Part. XII, n. 213): *Tudo o que nasce e vive 'neste mundo, a este fim vive e nasce. Que digo eu, o que vive e o que nasce? Os elementos não são viventes; e a este mesmo fim* (a pensão do sustento humano) *cançamos e fazemos trabalhar aos proprios elementos.*

§ 244.

Anamnese é a figura — *pela qual o orador finge lembrar-se de repente d'uma coisa que lhe esquecêra.*—Assim o mesmo Cic. *(Verr. IV)*, tendo contado o caso de Pisão, que 'no tribunal mandára fazer um annel a um ourives; como se com isto se lhe despertasse a memoria, accrescentou: *Agora o annel de Pisão me suscitou a lembrança d'uma coisa que de todo me escapára. A quantos homens de bem, cuidais vós, tirou elle dos dedos os anneis d'oiro?* —Com esta figura se fazem tambem galantes transições: como esta de Vieir. (*Serm.* Part. II, n. 372): *Lembra-me (vamos do monte ao mar), lembra-me que no mar de Tiberiades corria fortuna a barca do Apostolado.*

DAS FIGURAS DAS PALAVRAS; E PRIMEIRAMENTE DAS QUE SE FAZEM *POR ACCRESCENTAMENTO.*

§ 245.

A segunda classe de figuras, que consiste 'no som ou 'na ordem dos vocabulos, contém muitas especies: pois que se formam ou por accrescentamento, ou por diminuição, ou por consonancia, ou por symetria, ou por contraposição, ou por transposição. — As primeiras têm a virtude de imprimir mais profundamente 'nos animos do auditorio aquellas idêas que com particularidade lhe queremos inculcar: taes são as figuras seguintes.

§ 246.

Epizeuxis ou *reduplicação* é a figura — *que repete seguidamente a mesma palavra;* — já para amplificar; como (Cic. *a fav. de Mil.*): *Existe, existe aquelle poder.* Já para exhortar: *Animo, animo,* meus filhos; não haja ninguem que desmaie. Sous., *Vid. do Arceb.* L. III, 20. E (*Ulyss.* X, 9):

Arma, arma, repetia o som violento;
Arma, arma, logo os esquadrões gritaram.

Já para exprimir a compaixão; como (Virg. *Eclog.* II, 9):

Corydon, Corydon, quanto és demente!

E (A. Ferreira; *Traged. Castro*):

Ah coitada de ti! ah *triste, triste!*

§ 247.

Similhante, mas ainda mais vehemente, é a *diacope* ou separação, — *que repete a mesma palavra, mettendo uma ou mais de permeio;* — como (Cic. *a fav. da Lei Manil.*): *Foi* outr'ora, *foi* proprio do povo romano o ir guerrear longe do seu paiz. E (Virg. *En.* IV, 657):

> *Feliz*, ai! mui *feliz*, se ás praias nossas
> Nunca troianas quilhas aportassem!

E (*Lus.* III, 19):

> *Tu*, só *tu*, puro amor, com força crua,
> Que os corações humanos tanto obriga,
> Déste causa á molesta morte sua,
> Como se fôra perfida inimiga.

§ 248.

Tambem intíma com força os pensamentos a *anaphora*, — *que repete a mesma palavra 'no principio de varias phrases;* — como: *Tudo* cura o tempo, *tudo* gasta, *tudo* digere, *tudo* acaba. Vieir. *Serm.* Part. III, n. 550. Muito serve, pois, esta figura para despertar as paixões; já de indignação ; como: *Nem* te fez abalo a nocturna guarnição do palatino, *nem* as sentinellas da cidade, *nem* o temor do povo, *nem* o consenso de todos os bons, *nem* este segurissimo logar onde se acha o senado, *nem* a presença e semblantes d'este congresso? Cic. na *I. Cat.;* já de compaixão; como (Virg. *Georg.* IV, 465):

> *A ti*, ó doce esposa, *a ti* cantava,
> *A ti* sozinho 'na deserta praia,
> *A ti* nascendo, *a ti* findando, o dia.

E (Ferr. *Trag. Castro*):

> *Já* me não ouves? *já* não te hei de vêr?
> *Já* te não posso achar em toda a terra?

§ 249.

'Nos parallelos e comparações se costuma tambem empregar a *anaphora alternada*, que é—*a repetição e correspondencia reciproca das primeiras palavras de varias phrases.* — Tal é a de Cic. *(a fav. de Murena)*, fazendo o parallelo d'um general com um jurisconsulto: *Tu* vélas de noite, para poderes responder aos que te consultam; *elle*, para chegar cêdo com o exercito ao logar destinado.

Tu acordas ao cantar dos gallos; *elle* ao som das trombetas. *Tu* pôis uma acção em juizo; *elle* um exercito em batalha. *Tu* acautelas as partes, para que não sejam surprehendidas; *elle* dá as providencias, para não serem tomadas as cidades e os arraiaes. *Elle* possúe e sabe a arte de repellir as tropas inimigas; *tu* a de desviar as aguas da chuva. *Elle* tem-se exercitado em alargar as raias do imperio; *tu* em o administrar. E a de Vieir., introduzindo a falar Saul com David sobre o combate d'este com o philisteu Golias: Olha, moço (dizia Saul a David, apontando-lhe para o gigante); olha, moço, que *aquelle* é mais que homem; e *tu* menino: *aquelle* armado; e *tu* sem armas: *aquelle* exercitado em batalhas; e *tu* sem exercicio da guerra.

§ 250.

Contraria a esta, mas de egual força, é a *epistrophe*, — *que fecha varias phrases com a mesma palavra;* — como: Os Carthaginezes, 'na justiça o povo romano os *venceu*, 'nas armas os *venceu*, 'na liberdade os *venceu*. Cic. *Philipp. V.* — E: Tudo acaba a *morte*, e tudo se acaba com a *morte*, até a mesma *morte*. Vieir. *Serm.* Part. I, col. 1047.

§ 251.

A *symploce*—*começa e termina as phrases pelas mesmas palavras*; — comprehendendo assim a anaphora e a epistrophe. Exempl.; *Quem* promulgou a lei? *Rullo*. *Quem* privou dos votos a mór parte do povo? *Rullo*. *Quem* presidiu aos comicios? O mesmo *Rullo*. Cic. *sobre a L. Agr.* E: *Que faz* o lavrador 'na terra, cortando-a com o arado? *busca pão*. *Que faz* o soldado 'na campanha, derramando o sangue? *busca pão*. *Que faz* o navegante 'no mar, luctando com as ondas? *busca pão*. Vieir. *Serm.* Part. XII, n. 212.

§ 252.

A *ploce—faz corresponder a palavra do meio da phrase ou á do principio d'outra;*— como (*En.* VII, 759):

Chorou-te a Angicia selva saudosa,
Do Fúcino *chorou-te* a vitrea onda;

ou *á do fim,* como: Esta náu carregada de *prêsa* siciliense, sendo a mesma tambem parte da *prêsa.* Cic. *Verr. VII.* Mais: *Amor* que póde crescer não é *amor* perfeito. Vieir. *Serm.* Part. I, n. 423. E: Succederá a *saüde* á infermidade; e vós conhecereis o que tendes'na *saüde.* O mesm. *Serm.* P. XIV, n. 110.

§ 253.

Epanalepse é— *a figura pela qual a palavra do meio d'uma phrase corresponde á palavra do meio d'outras—;* como: Em Dina *matou* a formosura a Sichem; em Dalila *matou* a Samsão; em Judith *matou* a Holofernes; em Helena a *toda* a Troia; em Lucrecia a *toda* a Roma; em Florinda a *toda* a Hispanha. Vieir. *Serm.* P. VI, n. 317. Ou *a do principio á do fim da phrase ou verso;* como: *Alegrae-vos* incessantemente no Senhor, outra vez digo, *alegrae-vos.* S. Paul. *Epist. aos Philipp.* IV, 4, *Trad. de Per.* E (Virg. *Ecl.* VII, 4, *Trad. do Dr. Lima Leit.):*

Ambos na flor da edade, Arcades *ambos.*

E (*Ulyss.* VI, 91):

Vencido, quer não parecer *vencido.*

§ 254.

Epanodos, ou regressão, é a figura — *que repete, separando, palavras que primeiro disse junctas;* — qual é o celebrado epigramma d'Ausonio ácerca de Dido (o 2.º verso é traducção de Philinto Elysio):

Dido infeliz, a *um* e *outro* mal unida,
Morre-te *um,* foges; foge-te o *outro,* morres.

E este passo de Vieir. *Serm.* Part. XIV, n.º 75: Admiravel foi David 'na *harpa* e 'na *funda:* com a *harpa* afugentava demonios, com a *funda* derribava gigantes.

§ 255.

O *polyptoton—repete o mesmo nome em differentes casos:* — e, com quanto d'elles careçam os nomes portuguezes, póde 'nelles todavia, pelas preposições que se lhes ajunctam, dar-se em certo modo esta figura, Exempl. *(En.* IV, 628, *Trad. do Sr. Mendes):*

. . . . Com praias travem praias,
Ondas com ondas, guerra, armas com armas.

E *(Ulyss.* X, 10):

Já co'as infestas armas pelejando,
A lança á lança oppõem, *o peito ao peito.*

§ 256.

A *derivação — repete o nome em differente genero ou numero,* e *o verbo em differente modo, tempo* ou *pessoa;* —como: De exemplos estão *cheios* todos os livros, *cheias* as vozes dos sabios, *cheia* a antiguidade. Cic. *a fav. d'Arch.* E (*Lus.* I, 106):

'No mar *tanta* tormenta e *tanto* damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
'Na terra *tanta* guerra, *tanto* engano,
Tanta necessidade abhorrecida!

E tambem (Hor. *Od.* L. II, 13, *Trad. d'Elp. Dur.):*

Mas da morte a improvisa força *rouba*
E *roubará* as gentes.

Bem como (Pedro d'Andrade Caminha, *Eleg. á morte de A. Ferreira):*

Amará e será *amado;* assim lá se usa:
Cantará e será ouvido de a quem *canta;*
Que quem lá se *ama,* de *amar* não se escusa.

§ 257.

A *anadiplose* — *repete a ultima palavra da oração ou do verso 'no principio do seguinte.* — Exempl.: Este com tudo *vive. Vive?* Até mesmo vem ao senado. Cic. *I. Cat.* E (Virg. *Ecl.* X, 72):

O meu canto fareis bem grande *a Gallo,*
A Gallo, cujo amor em mim cada hora
Tanto se augmenta, ó Musas.

Assim tambem (Ferr. *Trag. Castro*):

C'os olhos lhe accendi 'no peito *fogo,*
Fogo que sempre ardeu, e ainda arde agora,
'Na primeira viveza inteiro e puro.

§ 258.

A *synonymia* — *repisa as mesmas idéas por palavras on phrases synonymas;* — e, quando as idêas sobem gradualmente, toma esta figura o nome de *exergasia.* Exemplo: *Peccámos* com os nossos páes, *obrámos injustamente, commettemos iniquidades. Judith.* VII, 19. E (Cic. *Cat. II*): *Foi-se, saíu, abalou, escapou.* Bem assim (Sousa, *Vid. do Arceb.* L. II, C. 12): Em se tractando dos (negocios) de Deus, era *fogo,* era *raio,* era *corisco.*

§ 259.

O *polysyndeton* — *emprega varias conjuncções, ou repete a mesma muitas vezes;* — figura propria para amontoar idêas; como: Até esta hora padecemos fome *e* sêde *e* desnudez *e* máos tractamentos, *e* não temos morada estavel, *e* trabalhamos por nossas proprias mãos com assás fadiga. Apost. *1 aos Corinth.* IV, 11 e 12. E (Virg. *En.* II, 666):

E Ascanio *e* meu páe *e* ao pé Creusa,
Vêl-os-hei uns com outros immolados?

E (Heit. Pint. *Dial. da discret. ignor.* C. VIII): O bom

ingenho ha de ter agudeza *e* subtileza *e* força *e* velocidade; mas isto ha de ser para o conhecimento de coisas proveitosas.

§ 260.

O *climax* ou gradação — *repete o que está dicto, e, antes de passar ao gráu seguinte, pára 'no antecedente.* —Exempl.: *'Na cidade nasce o luxo; do luxo resulta necessariamente a avareza; da avareza rompe a audacia; a audacia géra todos os crimes e maldades.* Cic. *a fav. de Rosc.* E: *Da perda* (do bem) *nasce o conhecimento; do conhecimento a estimação; da estimação a dôr.* Vieir. *Serm.* Part. XIV, n. 112. Mas esta figura, por isso que tem um artificio mais sensivel e effectado, deve ser mais rara.

DAS FIGURAS DAS PALAVRAS *POR DIMINUIÇÃO.*

§ 261.

As figuras *por diminuição* prestam ao discurso mais concisão e novidade. A primeira é a *synecdoche*, por outro nome *ellipse*, — *que subtráhi á phrase alguma palavra que, pelo contexto, facilmente se intende:* — frequente é o seu uso em todo o genero de eloquencia; 'nas cartas e 'na conversação ordinaria, frequentissimo. Exempl.: *Tal homem? tal impudencia? tal audacia?* Onde se intende — *soffreremos,* — ou um verbo similhante. Cic. *contra Verr.* O mesmo em uma carta a Brut.: *Nem uma palavra, senão a teu respeito.* I. é, — *se disse.* E (*En.* IX, 51):

Qual de vós, ó mancebos, o primeiro
Será que ao lado meu c'o inimigo? ....

Onde subintendemos—*se affronte.*—E (Vieir. *Serm.* 14.° da III.ª part.): *Aos hereges o vosso rebanho? aos hereges as almas?* Onde se deve intender — *entregais.*

§ 262.

A segunda é o *asyndethon*, ou *dissolução*, — *que, tirando todas as conjuncções ás phrases*, — lhes dá mais força e viveza; e que, accelerando a marcha do discurso, o torna mais animado. Exempl.: *As boas letras criam a adolescencia, recrêam a velhice, adornam os successos prosperos, servem d'asylo 'na adversidade, divertem-nos em casa, não nos embaraçam por fóra, velam comnosco, nas jornadas nos seguem, 'no campo nos acompanham.* Cic. *a fav. d'Arch.* E (Ferr., *Cart.* L. II, 4.ª):

. . . . Uma hora chega em fim
Triste, espantosa, fêa, dura, amarga.

§ 263.

A terceira é a *zeugma*, ou *juncção*, — *que liga varias phrases com um só verbo*; — posto ou 'no principio; como: *Venceu* ao pudor a lascivia, ao temor a audacia, á razão a loucura. Cic. *a fav. de Cluenc.* Ou 'no meio; como: A flor da formosura *murcha* com a doença ou com os annos. Auct. ad Herenn. Ou 'no fim, como: Certo que tal não és, Catilina, que nem da torpeza o pudor, nem do perigo o medo, nem do furor a razão, jámais te *haja apartado.* Cic. *Cat. I.* Mais: *Foi* (Vasco da Gama) venturoso em seus trabalhos, domador do suberbo oceano, e conquistador do imperio occidental. Amador Arraes, *Dial. IV da gloria e triumpho dos Lusit.* C. 24.º

DAS FIGURAS DAS PALAVRAS *POR CONSONANCIA.*

§ 221.

Conciliam a attenção duas figuras, a *paronomasia* e a *antanaclase.* A *paronomasia*, ou consonancia do nome,

emprega 'na phrase duas palavras quasi do mesmo som, mas de idêas differentes; — qual é a de Cic. *a fav. de Celio;* Cidadão de boas *artes* e boas *partes.* E a de Vieir. (*Serm.* Part. IV, pag. 421): As *magnetes* attrahem o ferro, os *magnates* o oiro.

§ 265.

A esta figura se assemelha muito a *antanaclase*, ou repercussão, — *que emprega em significação diversa, ou contraria, palavras levemente alteradas pelas preposições que as compõem;* — como: não *emittido* da cidade, senão *mettido* 'nella. Cic. *Cat. 1.* E: Dizem que um amor com outro se *paga;* e mais certo é que um amor com outro se *apaga.* Vieir. *Serm.* Part. III, n. 477.

§ 266.

Alguma virtude terão estas figuras, se a consonancia servir para distinguir as propriedades dos objectos e as relações das idêas; quando porém ella só pára 'no ouvido, é um vicio: sendo que taes equivocos ou trocadilhos de palavras, frivolos ainda 'no discurso jocoso, demostram um espirito ocioso, baixo, occupado em bagatelas, e assim destituido de bom gosto.

DAS FIGURAS DAS PALAVRAS *POR SYMETRIA.*

§ 267.

Outro tanto deve dizer-se das figuras que se formam por *symetria*, e que têm o mesmo fim que as da classe antecedente. Deve a leveza d'ellas ser acompanhada de pensamentos ponderosos: o empregal-as vasias de sentido não será só affectação vã; será tambem tam ridiculo, como o procurar figura e gesto onde não ha corpo. Mas, ainda

as que têm pêso, não se devem de amiudar muito; para que se não perca a variedade que por ellas se procura (§ 225). Veja-se em fim, mais que tudo, se as pede a materia, o logar, as pessoas, etc.—'Nesta especie só contamos tres, o *homeoteleuton*, o *homeoptoton*, o *isocolon*.

§ 268.

Homeoteleuton, ou desinencia similhante, dá-se — *quando as phrases terminam por palavras consoantes:*— como em Cic. *(a fav. de Mil.):* Não só para a vida lhe *tirar*, mas tambem a gloria lhe *menoscabar*. E em Sousa *(Vida do Arceb.* L. I, 23): Do altar *furtamos* tudo o que aos pobres não *damos*. Com quanto porém se encontrem exemplos d'esta figura; todavia, se exceptuardes as phrases proverbiaes, deve-se ella evitar em qualquer genero de discurso, quanto for possivel.

§ 269.

O *homeoptoton*, ou cadencia similhante, — *emprega varios verbos nos mesmos tempos, ou nomes nos mesmos casos.* — Exempl.: (Cic. *a fav. de Rosc.*): Que coisa tão commum, como o *ar aos vivos, a terra aos mortos, o mar aos navegantes, a praia aos naufragos?* Ainda que em portuguez carecem de casos os nomes (§ 255); com tudo as preposições e artigos, que lhes ajunctamos, podem d'alguma sorte formar esta figura; como: Quem me desendivida a mim mais *dos Japões*, que *dos Parauás?* as tormentas *dos seus mares?* os cossarios *da sua costa?* as perseguições *dos tyrannos?* João de Lucena, Tom. II, L. IV, C. 8. Nos verbos porém forma-se um verdadeiro homeoptoton; como (*Lus.* I, 88):

> Bramando, duro *corre* e os olhos *cerra*,
> *Derriba, fere, mata* e *põi* por terra.

§ 270.

O *isocolon* — *appresenta membros ou phrases quasi eguaes;* — como em Cicero *a fav. de Mil.: Olha quanto é vaga e voluvel a fortuna; quantas as deslealdades nos amigos; quantas as ficções proprias do momento; quantos os desamparos dos propinquos 'no perigo.* E em Vieir. *Serm.* Part. IV, pag. 290: *Leva Abrahão seu filho Isaac ao monte; ata-o sobre a lenha do sacrificio; tira pela espada para lhe cortar a cabeça; manda-lhe Deus suspender o golpe.*

DAS FIGURAS DAS PALAVRAS *POR CONTRAPOSIÇÃO.*

§ 271.

Avivando as idêas, maior força dão ao discurso as figuras por *contraposição;* mas, como 'nellas é mais sensivel a arte, deve fugir-se da affectação; porque, onde a arte se alardêa, parece estar d'aí mui longe a verdade. D'estas figuras ha varias especies; nomes só dois, — *antithese* e *antimetabole;* — e, com quanto ellas pertençam mais á classe das dos pensamentos (§ 223); aqui sóem todavia collocal-as os rhetoricos.

§ 272.

Antithese é a figura — *que contrapõi uma palavra a outra palavra;* — como (Cic. *Cat. II*): D'esta parte peleja o *pudor,* d'aquella o *despêjo;* d'aqui a *pudicicia,* d'alli o *estupro;* d'aqui a *fé,* d'alli o *engano;* d'aqui a *piedade,* d'alli a *impiedade.* E (Vieir. *Serm.* Part. V, n.º 4): Passou o mundo do estado da *innocencia* ao da *culpa*; da *immortalidade* á *morte;* da *patria* ao *desterro.* Ou *phrase a phrase;* como *Abhorrece o povo romano o luxo dos particulares; estima porém a magnificencia pública.*

Cic. *a fav. de Cluenc.* Outra: *Temos poder para nos conservar, inteiros; não temos forças para nos reparar, perdidos.* Jacinth. Freir. *Vida de D. João de Castro,* L. II.

§ 273.

Antimetabole é — *a contraposição juncta com derivação ou polyptoton* (§§ 255 e 256). — Tal é aquella sentença, attribuida a Socrates: *Não vivo, para comer; como, para viver.* E esta: Ha aí homens tão avessos, que *se accendem com o que se deviam de apagar, e apagam-se com o que se deviam de accender.* Heit. Pint. *Dial. da tranq. da vida,* C. X.

DAS FIGURAS DAS PALAVRAS *POR TRANSPOSIÇÃO.*

§ 274.

Finalmente as figuras *por transposição,* não as pede só o adorno; pede-as tambem a necessidade da collocação. Sim, muitas vezes é forçoso, que palavras, cujas idêas se offerecem simultaneamente á nossa alma, se separem 'na fala, mettendo de permeio outras palavras; já para que o discurso não fique aspero e solto, mas numeroso; já para se tornar mais energico e vehemente. Para isto servem o *hyperbaton,* a *anastrophe,* a *tmese.*

§ 275.

Hyperbaton é — *a transposição da palavra ou phrase do logar proprio e habitual para outro.* — Exemplo: Observei, senhores, que o *discurso* do accusador era *todo* em duas partes *dividido.* Cic. *a fav. de Cluenc.* E este: Continuou, dizendo: *Que quanto se fazia 'na terra,* fossem quaes fossem os meios e os principios, *tudo vinha*

traçado do céo. Sousa, *Vida do Arceb.,* L. 1, 22. Tambem 'no verso; como (*Lus.* I, 9)

.... Vereis um novo *exemplo*
De amor dos patrios feitos valorosos,
Em versos *divulgado* numerosos.

—Evitem-se porém as transposisões affectadas; bem como as longas (§ 152) e as amphibologicas, que produzem obscuridade.

§ 276.

Anastrophe é—*a inversão 'na collocação das palavras;* — como (Jacinth. Freire, *Vida de D. João de Castro,* L. II): A diligencia d'estas matronas serviu de allivio 'no trabalho, *'nos perigos de exemplo.* E (*Ulyss.* VI, 74):

De Heitor o grego o peito rutilante
Reconhece, que *a Pátroclo vestíra;*
Embravece co'a dor de o ver deante,
E *da vista arrojava* raios de íra:
A um tigre ferido similhante,
Que *a varia pelle arriça e fogo espira,*
Quando, do silvo ou setta provocado,
'Nas lanças entra *de fereza armado.*

§ 277.

A *tmese*—*divide uma palavra composta, mettendo outra em meio.*—'Nos poëtas latinos se acham muitos exemplos d'esta figura; 'na prosa são mais raros. Em portuguez póde ella tambem dar-se 'nestas variações dos futuros dos verbos; como: *amar-te-hei, defender-te-hei, applaudir-te-hei.* — Estas ultimas especies de figuras nos chamam á terceira virtude da elocução.

CAPITULO XVIII.

Da elocução collocada.

§ 278.

Escolhidas as palavras, releva por certo dar-lhes o conveniente logar, para effeituarmos nosso intento. Nada póde calar 'no animo, uma vez que desde logo desagrade ao ouvido, que é como o seu vestibulo; e tam naturalmente nos incanta a musica e harmonia, que os mesmos sons dos instrumentos, sem exprimirem palavras, nos impressionam o coração. Grandemente serve, pois, a boa *collocação* das palavras, não só para deleitar, senão para mover os animos. Com ella tambem o discurso se esclarece; e ainda alguns pensamentos fracos, e medianamente enunciados, por esta só virtude se fazem recommendaveis.

§ 279.

Collocação é—a justa e harmonica disposição das palavras e seus aggregados.—Duas são em geral as partes da collocação: uma racional, porque attende mais ás idêas dos objectos; e é a *ordem:* outra musical, e que respeita assim aos sons, como aos compassos dos vocabulos e phrases; i. é, a *harmonia.* Mas antes de tractarmos d'estas duas partes, falaremos das diversas formas da elocução prosaica.

§ 280.

Estas fórmas ou aggregados de palavras denominam-se —*inciso, membro, periodo;*—os quaes, podendo caber em todo o genero de discurso, são todavia empregados propriamente e com mais frequencia 'no oratorio.—*Inciso,* ou (em grego) *comma,* é—*a phrase de numero incompleto, e sem conclusão final;*—cuja medida não ex-

cede um hemistichio do verso hexametro latino, ou o de um hendecasyllabo portuguez. Taes são aquelles incisos (Cic. *Cat. I*): *Ó tempos! ó costumes! O senado isto intende; o consul o vê: e este ainda vive. Vive?* E estes (Vieir. 2.º *Sermão da Cinza*): *Arrima o bastão; renuncía o imperio; despe a purpura,* etc. — Usareis de *incisos*, todas as vezes que for necessario falar com calor, força e acrimonia; como 'nas apologias, 'nas argumentações, refutações e invectivas; pois que tanto se deve de ajustar a collocação aos pensamentos e aos objectos, que, se elles forem asperos, aspero deve ser tambem o numero; arripiando-se quem ouve junctamente com quem fala.

§ 281.

Membro, ou *colon*, é — *uma ou mais phrases de numero completo, mas sem conclusão final:* — a sua medida querem alguns rhetoricos que seja a d'um verso hexametro latino, ou a d'um hendecasyllabo portuguez; mas póde ser mais curto, ou mais extenso. Taes são aquelles (Cic. *a fav. de Mil.*): *Vejo que até aqui tudo concorda, senhores: que a Milão era mesmo util o viver Clodio; e a este, para os seus fins, mui desejavel a morte de Milão.* E estes (Jacinth. Freire, *Vida de D. João de Castro,* L. III): *Este imperio da Asia é filho de nossas victorias; creámol-o em seu primeiro berço: sustentemol-o agora já robusto.* — Empregaremos os membros, ou prosa solta, em as narrações ordinariamente, ligando as phrases com liames menos apertados: porque, sendo a narração exposição de factos, cada uma das varias circumstancias, que os acompanham, póde e deve exprimir-se em curto espaço. Só exceptuareis aquellas narrações que fizerdes, não para instruir os ouvintes, mas para ornato do discurso: a estas armará bem uma composição suave e corrente. — A mesma prosa solta se requer 'na conversação familiar e 'nas cartas, onde se tractam nogocios de sua natureza diversos e desligados; excepto se a sua materia for mais elevada, como objectos

philosophicos, politicos, etc.; porque, 'nesse caso, deverá com o estylo elevar-se tambem a collocação.

§ 282.

Periodo, ou circuito, é — *o aggregado de varias phrases, de numero completo e conclusão final.* — Este é o periodo propriamente oratorio: o simples, ou em sentido lato, é — qualquer proposição, desinvolvida em um ambito maior, do que pede a expressão logica; — de modo que eguale, pouco mais ou menos, a extensão de dois hexametros, em latim; ou de dois hendecasyllabos, em portuguez; como (Cic. *a fav. de Cluenc.*): *Observei, senhores, que todo o discurso do accusador era dividido em duas partes* (§ 275); em vez de: *Observei duas partes 'no discurso do accusador.* — O oratorio porém, segundo a mór parte dos rhetoricos, deve ter quatro condições: 1.ª Constar de dois, tres, ou quatro membros; cujos sentidos fiquem suspensos até o ultimo membro: esta é a *conclusão final,* que distingue a prosa *ligada* ou periodica da *incidida* e *desmembrada.* 2.ª Ser claro e distincto, para poder intender-se. 3.ª Não desmarcado, para facilmente se reter 'na memoria. 4.ª Proporcionado 'nos membros; porque, sendo um d'elles mui extenso, e outro mui curto, ficaria a marcha do periodo por uma parte, arrastada; por outra, claudicante. — Se os membros, passando de quatro, não excederem a oito; esse aggregado já se não chama *periodo,* senão *oração periodica:* e se tantos forem os membros, quantos a respiração de quem fala póde alcançar, têm o nome de *pneuma.*

§ 283.

Divide-se pois o periodo, propriamente dicto, em — *dicolos, tricolos* e *tetracolos;* i. é, bimembre, trimembre, quadrimembre. — Bimembre é aquelle (Cic. *a fav. de Lig.*): *E se podesses conhecer a fundo a concordia dos*

Ligarios, assentarias que todos os irmãos estiveram por ti. E este (Jacinth. Freire, *Vida de D. João de Castro*, L. II): *Todos em fim obraram tam valorosamente, que este só dia bastava para os fazer soldados.* —Trimembre, o de Cic. *a fav. da L. Manil.*: *Como eu d'antes, pelos meus annos, não ousasse tocar esta tribuna respeitavel; e me persuadisse que se não deviam trazer aqui senão as producções mais acabadas do ingenho e arte; assentei que devia dedicar todo meu tempo aos negocios de meus amigos.* E o de Vieir. *Serm.* Part. X, n. 384: *Posto que os juizes sejam rectos, ou o queiram parecer; é tal o enredo dos testimunhos falsos...; que a mentira é a que vence, e a falsidade a que triumpha.* — Quadrimembre, o de Cic. *a fav. de Cecina*: *Se quanto póde 'no campo e logares desertos a audacia, tanto 'no foro e tribunaes podesse a impudencia; na causa não cederia menos Cenina á impudencia d'Ebucio, do que cedeu á audacia 'no lance em que este o attacára.* E o de Heit. Pint. *Dial. da discreta ignorancia.* C. IV.: *Assim como a espada quanto é mais excellente, tanto é mais perigosa 'na mão do furioso; assim a linguagem quanto é mais elegante, tanto mór perigo traz comsigo 'nos livros profanos.* — Este periodo quadrimembre é de todos o mais perfeito; porque enche o ouvido, sem fatigar a respiração, nem a attenção: deve porém de ser mais raro, assim para evitar affectação, como para que o discurso não marche sempre a passo egual, nem perca a variedade, que em tudo se ha de guardar. — Está bem o periodo aos proëmios sobre assumptos mais elevados, aos logares communs, aos epilogos; e, 'na geralidade, quando o discurso demanda pompa e grandeza.

DA ORDEM.

§ 284.

Estes são os aggregados de palavras que, segundo a clareza, successão e excellencia das idêas, a *ordem* dispõi 'nos seus proprios logares; sem desprezar, com tudo, a suave modulação da voz. E considera-se a ordem, já 'nas *palavras independentes, que, por se não subordinarem entre si, formam muitos sentidos distinctos;* quaes são *muitos subjeitos, muitos predicados, muitos complementos* continuados, etc.: já nas *palavras dependentes, que, subordinadas umas ás outras, fazem um só sentido;* assim ao *agente* se subordina a *acção*, a esta o *objecto*, a este o *termo*, as *circumstancias*, etc.

§ 285.

'Na primeira consideração se distinguem tres ordens. — Umas vezes damos ás palavras o logar que as coisas, significadas por ellas, têm physica ou moralmente em a natureza; esta ordem se chama *natural:* assim dizemos — *homens* e *mulheres*, *pãe* e *filho; dia* e *noite, nascente* e *poente.* — Outras vezes seguimos 'na exposição dos factos a ordem por que elles aconteceram; e esta é a ordem *historica;* assim como: *Triumpharam* (os Portuguezes) *das aguas do mar atlantico, ethiopico, arabico, persico, indico, taprobanico e boreal.* Amad. Arr. *Dial.* IV, *da glor. e triumph. dos Portug.* Cap. 23. — Outras vezes collocamos as palavras de modo que, subindo ou descendo a força dos pensamentos, o discurso vai crescendo ou diminuindo em energia; eis a ordem *oratoria.* Exempl.: *Tu com essas fauces, com essas ilhargas, com essa gladiatoria constituição de todo o corpo.* Cic. 'na citada *Philipp. II.* Outro: É a guerra aquella tempestade terrestre que leva *as casas, as villas, os castellos, as cidades,* e, talvez em

um momento, sorve *reinos* e *monarchias inteiras*. Vieir. *Serm.* Part. XVI, n. 7. Quando queremos ou engrandecer ou apoucar um objecto, esta é a ordem que devemos seguir, desprezando a natural e a historica, se a isso se não prestarem.

§ 286.

Tambem 'na segunda consideração por tres maneiras se podem construir as palavras. — Ora vão ellas succedendo umas ás outras, de sorte que antes d'uma não falta outra para a intelligencia do sentido; exempl.: *A maldade perverte o juizo, e o máo é ignorante.* Heit. Pint. — Ora se põem primeiro aquellas que, segundo as leis da grammetica e o genio da lingua, deveriam pôr-se depois; como: Os que *melhor sentiram* entre os *mesmos gentios, á inteireza e valor do animo attribuiram* mais, que a *todas as riquezas*. Luiz de Sousa. — Ora separamos, mettendo outras em meio, as palavras cujas idêas andam 'no pensamento naturalmente ligadas (§ 274); o que se vê 'neste passo: *Chegaram* (os Portuguezes), *despregando bandeiras, tomando cidades, subjeitando reinos, aonde nunca o victorioso Alexandre nem o afamado Hercules (cujas façanhas os antigos tanto admiraram) poderam chegar*. Amad. Arr. A primeira ordem se chama *directa*, a segunda *inversa*, a terceira *interrupta*.

§ 287.

Qualquer d'estas ordens póde escolher-se, tendo em vista a perspicuidade e a força das idêas, e ainda o som grato ao ouvido; assim que, se com estas coisas se compadecer a ordem *directa*, esta seguiremos: em caso contrário, usaremos da *inversa* e da *interrupta*, como 'noutra parte se advertiu. Muitas vezes, com effeito, ha uma força especial em uma palavra; a qual, se fica escondida 'no meio da phrase ou periodo, á sombra das que a cercam, facilmente escapa á attenção; posta porém 'no fecho, ap-

parece mais, e se fixa 'no animo do ouvinte. Tendes exemplo em Cic. *(Phillipp. II.)*: Forçoso te foi vomitar 'na presença do povo romano *ao outro dia*. E em Virg. *(En.* IV, 309):

Até 'na hyberna quadra a frota aprомptas,
E, a través do áquilo, a sulcar os mares
Te apressuras, *cruel!*

E em Jacinth. Freire, *Vida de D. João de Castro*, L. II.: Parece que (D. Francisco d'Almeida) queria beber o sangue do oriente *todo*. Tambem muitas vezes pelas inversões e transposições se procura a coherente ligação das palavras, e a numerosa cadencia da phrase; como 'no *citado* Freire, e 'no *mesmo liv.*: Aquelles que, em urnas de alabastro, deixaram d'uma vida sem nome *ociosa memoria*.— Tornamos porém a lembrar aqui o que já recommendámos; que as transposições não sejam longas, nem imitem as danças lascivas.

DA PRIMEIRA ESPECIE DE HARMONIA, *A LIGAÇÃO* OU *MELODIA*.

§ 288.

Passando á segunda parte da collocação, a *harmonia*, ou — *concerto de coisas varias;* — divide-se ella em duas especies, como (§ 279) indicámos, a saber — a *melodia* e o *numero;* e póde ser *mecanica* ou *imitativa;* segundo ella ou satisfaz só ao ouvido, ou pinta ao mesmo tempo a idêa do objecto. Da conveniente ligação assim 'nas palavras, como 'nos incisos, membros e periodos, nasce a *melodia*, isto é. — *o concerto suave de varios sons successivos;* — d'onde se vê que duas são as suas virtudes, — *consonancia* e *variedade;* — e dois os vicios, — *dissonancia* e *monotonia.* —

§ 289.

Começando pois pela junctura ou ligação das palavras, tres são as causas da *dissonancia;* as quaes devemos evitar, para haver melodia.— A 1.ª é o *cacophaton* (§ 188), quando da ultima syllaba d'uma palavra e da primeira da seguinte resulta um vocabulo mal soante; como em Camões (*Lus.* VIII, 92):

Que quem não quer commercio, *busca guerra.*

— A 2.ª é o *hiato,* i. é, o concurso de vogaes de sons muito abertos; sendo maior a dissonancia, quando concorrem vogaes longas, ou as mesmas, ou as que se pronunciam com a bôcca mais aberta ou mais concava; como se disserdes: A cubiça *dá azo* ao furto. Porque, parando assim a pronunciação e como que padecendo incommodo, pela difficuldade e trabalho do orgam oral; o embaraço do que fala incommoda tambem o que ouve. Se porém a uma vogal breve se segue uma longa, ou a uma longa uma breve, menor é a dissonancia; e sendo breves ambas, quasi que não ha nenhuma. — Em evitar pois este vicio haja um mediano cuidado; porque o excessivo escrupulo embarga o passo ao discurso, e desvia o orador do que mais importa. — E casos ha em que os hiatos não são vicios, senão virtudes; como: 1.º quando pela *synalepha* se elide a vogal anterior: 2.º quando com os hiatos damos á phrase um som mais cheio, e por isso mais proprio para exprimir a grandeza do objecto: 3.º quando com elles pintamos a difficuldade da acção: 4.º quando em um discurso singelo, como o dialogal e o epistolar, os hiatos deixam ver um não desagradavel desleixo d'um homem, occupado mais dos pensamentos, que das palavras. — A 3.ª causa da dissonancia é a *collisão* ou encontro de consoantes asperas; qual o de *S* 'no fim d'uma palavra com *R* 'no principio d'outra; como — *lirios rôxos;* — ou de *S* com *S*; como — *rosas sêccas,* — etc.

§ 290.

São causas da *monotonia,* ou vicios contra a variedade os seguintes: 1.º O *echo* ou som reflexo, i. é, a continuação de palavras que começam, ou terminam, pelas mesmas syllabas com que acabaram ou começaram as palavras immediatas; como 'neste verso:

Dobrado brado os valles repetiam.

Quando porém o echo imita a natureza, é uma virtude; como (*Lus.* X, 29):

O mar todo com fogo e *ferro ferve.*

— 2.º A continuação de monosyllabos; que faz com que a phrase, cortada por muitas clausulas, vá aos saltos; como (*Lus.* I, 28):

Do mar que vê do sol a rôxa entrada.

— 3.º A continuação de syllabas breves; bem como a de syllabas longas; aquellas aceléram o movimento do discurso, estas o retardam. Umas e outras porém, empregadas sobrepensado, com o fim de imitar a natureza 'na pintura das acções, não serão vicios, senão virtudes. Tendes o exemplo das breves 'neste verso (*Lus.* IV, 88):

De mil *religiosos diligentes.*

Das longas 'nest'outro (*Lus.* VI, 90):

*Des*ta cançada *já* vel*hi*ce *mi*nha.

— 4.º Os *homeoptotos* e *homeoteleutos* (§§ 268 e 269) continuados; sendo que as mesmas figuras, como 'noutro logar se disse, causam tédio, se faltar a graça da variedade.

§ 291.

'Na ligação dos incisos, membros e periodos, devem evitar-se os mesmos vicios (§§ ant.); não é porém aqui necessario tanto escrupulo. Por quanto, ainda que os fins d'uns concorrem com os principios d'outros; todavia d'um para outro inciso, membro ou periodo, ha uma pausa maior, do que d'uma para outra palavra; e por isso menor desagrado ao ouvido.

DA SEGUNDA ESPECIE DE HARMONIA, *O NUMERO* OU *RHYTHMO*.

§ 292.

Ao compasso é que principalmente se refere o *numero*, i. é, — *a conveniente medida dos tempos que se gastam em pronunciar as palavras e as phrases.* — Divide-se elle em oratorio ou *rhythmo*, e poëtico ou *metro*. E, com quanto, em certo modo, ambos constem de pés; ha com tudo, além d'outras, esta differença, — que o rhythmo attende só ao espaço dos tempos; o metro porém não só a isso, senão tambem á ordem das palavras e das syllabas. Assim que, se transtornardes a ordem das palavras d'este verso (*Lus.* I, 1):

As armas e os barões assignalados,

poderá resultar o mesmo espaço de tempo; o verso porém ficará desfeito.

§ 293.

Ora, para fazerdes a phrase numerosa, podereis: 1.º *substituir* a uma palavra menos numerosa outra que mais o seja; com tanto que esta seja synonyma e equivalente: 2.º *ajunctar* alguma, se não parecer ociosa: 3.º *subtrahir* outra, se ella não fôr necessaria: 4.º *mudar os casos* pela *antiptose:* 5.º *variar os numeros* pela *synecdoche:* 6.º empregar a *syncope:* 7.º a *synalepha:* 8.º e com especialidade, em fim, o *hyperbaton*, de que acima falámos.

§ 294.

E, se em todo o espaço da phrase ou do periodo é necessario o numero; o fecho é todavia a parte em que elle mais se requer, e se faz mais sensivel: já porque pela perfeição e acabamento do periodo se avalia a perfeição do pensamento: já porque os ouvidos estão sempre á espera do fim, e 'nelle repousam; podendo então julgar

melhor do numero, quando já tem parado a impetuosa corrente do discurso, e lhes deu tempo de observal-o. Devem-se pois de reservar para alli os membros mais extensos e os vocabulos mais cheios e sonoros: se porém quizerdes ou negar uma acção, ou apoucar algum objecto; ou tambem se falardes sobre coisas tristes; virão bem os membros mais curtos e os vocabulos menos cheios.— Depois do fecho, a parte que demanda mais cuidado, é o principio; porque tambem a elle está attento o ouvinte. Como porém os começos dos periodos não estão pegados com o que precede; mais facil e mais livre é 'nelles o numero. — Tambem 'no meio, embora seja elle como a sombra 'na pintura, e requeira por isto menos esmero, que o principio e o fim, que são como os claros; não deve a marcha do periodo ir vagarosa pelas muitas palavras e phrases longas, nem aos saltos pela continuação das breves.— Mas tudo isto ha de ser variado, para que não fatigue o ouvido; e o cuidado 'na collocação assim se deve disfarçar, que os numeros pareçam correr natural e espontaneamente, e não constrangidos ou forçados.

CAPITULO XIX.

Da elocução apta e decente.

§ 295.

Inutil é porém o serem elegantes, ornadas e apuradamente collocadas, as palavras, se ellas não condisserem com os fins a que intentais conduzir o auditorio. Resta pois a ultima virtude da elocução, o *decóro;* que, por se dever guardar tambem 'nas outras operações do orador (§ 140), já em varios logares o tocámos; e continuaremos ainda. Certo que, assim como 'nos outros actos da vida, assim tambem 'no discurso ha se de obrar e dizer

o que fôr decente. Mas, em eloquencia, *decoro* é — *a conveniencia das palavras com os pensamentos, e d'ambas estas coisas com a materia, pessoas e circumstancias.* — E assim, daremos aqui em resumo a parte do decoro relativo ás *pessoas,* ao *logar* e ao *tempo;* reservando para o seguinte capitulo, em que se ha de tractar dos varios estylos, o que ainda resta por indicar sobre os *pensamentos* e *materia.*

§ 296.

Ora as principaes pessoas a que se deve de accommodar o discurso, são — a do *orador,* as dos *ouvintes,* e *aquella* ou *aquellas de que se fala;* — e, para se guardar o decoro devido a cada uma d'ellas, observem-se as regras seguintes. — Começando pela pessoa do *orador,* muito importa vêr: 1.° qual seja a sua *edade;* pois ao maduro ancião convém uma elocução precisa, placida, limada, e tão grave, que pareça (como quer Cicero) começar já a encanecer: ao fogoso joven 'na flor dos annos, mais copiosa, arrojada e flórida. — 2.° Qual a sua *auctoridade;* pois o que fôr distincto pelo nascimento, feitos e fortuna, poderá falar mais livremente; ao que taes predicados não tiver, está melhor um tom mais humilde e submisso. Áquelle basta a propria auctoridade: este com a sua mesma razão mal se cobre dos tiros da censura. Por isso é que muitas vezes uma e a mesma expressão em um é liberdade, em outro loucura, em outro suberba. — 3.° Qual a *profissão;* ao orador militar convirá a simplicidade e concisão: ao civil e politico a riqueza d'elocução: ao evangelico uncção e gravidade: ao academico permitte-se mais alguma ostentação.

§ 297.

Além d'estas tres regras peculiares a certos oradores, ha outras tantas communs a todos; são as que se seguem. — 4.° Como não ha coisa tão capaz de grangear a benevolencia, como o natural pêjo e modestia (§ 99); evi-

te, mais que tudo, o orador a jactancia das suas proprias virtudes ou eloquencia. Pois o que se gaba, maiormente com excesso, dá mostras de querer abater e menosprezar os outros; e contrahirá, por isso, dos somenos a inveja, dos superiores a mofa, de todos os bons a censura. E se alguma vez, para se justificar, se vir forçado a tocar 'nas proprias acções, como aconteceu a Demosthenes *'no discurso a fav. de Ctesiphonte;* mostre o orador essa necessidade, e faça recaír todo o odioso sobre quem a isso o obrigou.

§ 298.

Deve tambem, 5.° evitar 'no seu modo de dizer a demasiada confiança ou arrogancia; sendo que com taes vicios se torna elle não só fastidioso, senão abhorrecido aos ouvintes. Apenas alguma vez achará isto desculpa 'na edade provecta ou 'no reconhecido merecimento do orador; com tanto que sempre o tempere com alguma prudente modificação.

§ 299.

Fuja em fim, 6.°, da declamação immodesta e desinvolta; a qual, sendo indecente em qualquer orador, mais reprehensivel é 'naquelle que, por seus annos, merecimento e experiencia, sobresái. Em verdade que esta descompostura e descomedimento da voz e do gesto, dando a ver grosseiros costumes, não só quebra as leis da cortezia, senão que muitas vezes descobre um altercador desacompanhado de razões, e desconfiado da justiça e bondade da sua causa.

§ 300.

Passando ás pessoas dos *ouvintes,* segundo a condição e character d'elles se ha de variar o discurso: não será elle ante um principe o mesmo que ante um magistrado; nem o mesmo ante uma assemblêa respeitavel que 'no ajunctamento do povo; nem ante um corpo militar o

mesmo que entre gente rustica. Qualquer que seja a classe do auditorio, seja para com elle sempre urbano e civil o orador; sendo porém um congresso distincto pela educação, literatura, ou auctoridade, releva tractar-se ainda com respeito e acatamento. A um similhante auditorio não se appresente jámais o orador sem a devida preparação; vá munido do indispensavel estudo do assumpto.

§ 301.

Agora, quanto ás pessoas *sobre que versa o discurso,* com quanto deva elle variar, segundo o character do individuo for honesto ou odioso; todavia, seja qual fôr, bom será que em todo o discurso respirem os sentimentos de humanidade, doçura, moderação e benevolencia. Mas tambem, se as circumstancias o pedirem, não empecerão á bondade do orador os sentimentos contrarios, como o odio dos máos, a vingança do crime, a desaffronta das injurias, etc.; de geito, porém, que pareça recorrer a esses meios, não por gosto, senão violentado (§ 62).

§ 302.

Tambem para o *logar* e *tempo* ha certas leis de decoro. O *tempo* ora é alegre, ora triste; agora largo, agora estreito: e com tódas estas circumstancias tem de se conformar o orador. Assim, quanto ao *logar,* muita differença faz o falardes 'no publico, ou 'no particular; 'no frequentado, ou 'no escuso; 'na vossa terra, ou 'na extranha; 'no campo, ou 'no foro; 'nas côrtes, ou 'no templo: cada uma d'estas circumstancias pede sua fórma e modo de eloquencia particular.—Resta vêr agora o que ainda ha que dizer sobre a conveniencia dos pensamentos e das palavras com a *materia.*

CAPITULO XX.

Das varias fórmas d'elocução, ou estylos.

I

DA NATUREZA E DIVISÃO DO ESTYLO.

§ 303.

É pois mistér que passemos a tractar do *estylo.* 'Na accepção primordial, significou esta palavra o poncteiro com que os antigos escreviam; depois veiu a tomar-se pela mesma esciptura; e d'aí pela maneira particular por que cada um se exprime, falando ou escrevendo. E assim, em qualquer genero de discurso, *estylo* é — *a fórma d'elocução, que de certos pensamentos e palavras toma o discurso todo ou parte d'elle.* — Por onde a lei fundamental do estylo é a sua conveniencia com a materia.

§ 304.

Sóe porém considerar-se o estylo, já em quanto ao maior ou menor numero de palavras por que se exprimem os pensamentos; já quanto á natureza e collocação das mesmas: pelo que ou é relativo á *quantidade,* ou á *qualidade.* 'No primeiro sentido, segundo o genio das antigas nações gregas, quatro estylos se distinguem, — *attico, asiatico, rhodio, laconico:* — 'na segunda consideração, attendendo aos officios do orador, a mór parte dos rhetoricos faz tres generos d'estylo, — *tenue, temperado, nobre.*

§ 305.

Estylo attico é — *o modo de dizer preciso, e irreprehensivel 'nos pensamentos e 'nas palavras:* — compõi-se este de pensamentos finos e delicados, e d'uma phrase limada, polida e depurada de palavras e ornatos improprios; similhante á fonte pura, que nada tem de heterogeneo.— O *asiatico* porém, á maneira do turvo e caudal torrente, é *empolado, vão, e mui sobejo em palavras prolixas e pensamentos superfluos e ornatos excessivos* — O *rhodio*, como o placido tanque, é o *médio entre o attico e o asiatico;* de sorte que nem tem a redundancia d'este, nem eguala a precisão d'aquelle. O *laconico*, em fim, é *tão conciso e apanhado, que quasi se torna inintelligivel;* qual o pequeno ribeirinho. — D'estes o melhor é sem duvida o attico; e depois d'elle o rhodio: os outros dois, como extremos, são 'na geralidade viciosos. Sim, apenas em um joven se póde tolerar o asiatico; apenas em algumas cartas tem ás vezes logar o laconico. Observareis todavia que de todos elles se serviu Cicero; pois que 'nas *Catilinarias* e *Philippicas* chegou quasi a tocar o atticismo; em algumas das suas cartas familiares o laconismo; *a fav. de Roscio* o asiatico; 'nos demais discursos o rhodio.

§ 306.

Vindo agora á segunda divisão, o estylo *tenue* (chamado tambem simples, infimo e subtil), *contentando-se com palavras proprias, claras e expressivas, despreza os ornatos exquisitos;* porque, sendo seu officio o *instruir*, ama só um singelo asseio; qual a simples pastora, ataviada de flores, mas sem adereço de diamantes. Exemplo tendes em Virg. (*Ecl.* I, 20):

A cidade, que Roma se noméa,
Louco a julgava eu similhante á nossa,
Para onde, Melibeo, os pegurciros
Muitas vezes levamos tenros anhos.

Assim ao cão o filho assimilhava,
Á mãe o cabritinho; e co'as pequenas
As grandes coisas comparar soía.

E em Sousa, *Vida do Arceb.* L. I, C. 2.º: *De muitos sanctos lemos, que o começaram a ser ainda 'no berço. Assim madrugava 'neste menino a inclinação ás coisas de religião e da egreja.*

§ 307.

Estylo *temperado* (ou ornado e flórido) *é o medio entre o nobre e o tenue;* de modo que, mais ricó do que este e mais moderado e dôce do que aquelle, veste-se de todas as galas da eloquencia; rejeita porém as figuras mais vehementes, porque põi sua mira 'no *deleite;* similhante a uma ribeira crystallina e, por uma e outra margem, assombrada de verdes arvoredos. D'este genero d'estylo nos offerece um excellente exemplo o poeta de Venusa (*Od.* L. II, 3. *Trad. d'Elp. Dur.):*

Onde o gran' pinho e o branco chopo folgam
Sombra hospedeira receber 'nos ramos,
E 'no torcido arroio a fugaz lympha
Com murmurinho corre.

E o nosso epico (*Lus.* C. IX, 54):

Tres formosos oiteiros se mostravam
Erguidos com suberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam
'Na formosa ilha, alegre e deleitosa:
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

§ 308.

Finalmente, o *nobre* ou *grande* (denominado tambem robusto, vehemente e, pela mór parte dos rhetoricos, sublime) *serve-se de toda a sorte de palavras animadas, gra-*

ves e valentes, e proprias para engrandecer a sublimidade dos pensamentos. Um tal estylo pois, azado para *mover*, empregando os tropos mais atrevidos e as figuras mais energicas, arrasta o ouvinte, ainda o reluctante; como o rio caudaloso e arrebatado, que revolve os rochedos, enfurece-se contra as pontes, e faz, por onde quer, as margens. Tal é a imprecação de Dido moribunda (*En.* IV, 625);

Das cinzas minhas nasça quem me vingue,
E a ferro e fogo os Dárdanos persiga, etc.

E este passo de Jacinth. Freire (*Vida de D. João de Castro,* L. II): *Os grandes feitos, que os Portuguezes obraram 'neste dia, o Oriente os diga: eu cuido que da illustre Diu lhe será cada pedra um epitaphio mudo.*

§ 309.

É porém de advertir que cada um d'estes tres generos d'estylo é susceptivel de muitas gradações ou matizes. Porque o *tenue* ora será mais, ora menos subtil; o *grande* mais ou menos robusto; e o *temperado* já subirá ao sublime, já descerá ao singelo. Assim, ha 'no mesmo genero uma infinidade de especies ou variações, que entre si têm alguma differença, ainda que mui pequena, e que se não póde facilmente assignar: assim como 'na pintura uma e a mesma côr passa do claro ao escuro, ou ás avessas, por meio de innumeraveis gradações, ás vezes insensiveis. E não ha dúvida que estas fórmas e tons de elocução se devem de accommodar assim á materia (§ 303), como a qualquer parte maior ou menor do discurso; sendo que tambem respeita ao orador, e a qualquer que fala ou escreve, aquelle preceito que aos poetas prescreve Horacio (*Epist. aos Pis.* v. 86, *Trad. de Cand. Lusit.*):

Pois com que fundamento por poeta
Quero ser respeitado, se não posso
E se não sei usar dos differentes
Characteres e estylos dos poëmas?

e ('no v. 96):

Dê-se a cada poëma o seu decente
Logar.......................

§ 310.

Mais: os tres generos d'estylo distinguem-se por varios dotes, em parte proprios de cada um, em parte communs a todos tres. — Designam principalmente o tenue a *agudeza, a perspicuidade, a singeleza, a precisão;* posto que a luz da perspicuidade deve brilhar em todo o estylo; e os dois ultimos dotes são geitosos para exprimir tanto um objecto familiar e ordinario, como um sublime. Sim, o pensamento sublime não precisa de lustre exquisito; e, sendo ordinario, não o admitte; assim a um e outro convém a singeleza. Tambem devemos ser parcos 'nas palavras, quando os objectos são ou tamanhos e tam extraordinarios, que em certo modo por si mesmos falam; ou tam vulgares e de tam pouca monta, que pouco basta dizer á cerca d'elles: em ambos os casos, pois, está bem a precisão. — Os dotes do estylo temperado são a *doçura, a graça,* e todas as *bellezas* que excitam sensações agradaveis em quem lê ou escuta. — Characterizam o nobre e grande a *gravidade, a riqueza, a força, a energia,* a *vehemencia,* e tudo o mais que póde despertar as paixões e a admiração.

§ 311.

Haja porém cautela não venham estes dotes a degenerar em vicios. Certo é que, se ao orador fallece a arte e o gôsto, o estylo simples cairá 'no *baixo,* i. é, inferior á dignidade dos objectos; e 'no *arido,* que não tem succo, nem ornato algum. Pelas mesmas causas, o ornado e florido sairá ora *brincado* ou nimiamente enfeitado; ora *pueril* e *sem interesse,* brilhando com florzinhas que cáem ao mais leve toque. Assim, póde tambem o grande degenerar em *inchado,* o robusto em *duro,* o sublime em *des-*

penhado, o vehemente em *furioso*. Ha em tudo certas raias, fóra das quaes não póde existir a virtude: por onde, assim 'nisto, como em tudo o mais, o caminhar pelo meio é de ordinario o mais seguro.

§ 312.

Mas, assim como cada homem têm sua physionomia propria, assim tem sua maneira de dizer particular; de sorte que, se não tiver assás firmeza para, sem constrangimento, a seguir até certo poncto, e se andar só 'nas pisadas d'outrem; não poderá jámais falar, nem escrever bem: nada se ha de dizer, nada escrever, repugnando o genio. Releva porém que o orador melhore e, a todo poder, aperfeiçôe seu estylo; o que poderá conseguir, empregando os seguintes meios, que são os principaes: 1.° o contínuo e desvelado exercicio de compôr; 2.° a familiaridade com os melhores escriptores; 3.° a confrontação do seu estylo com o d'elles. D'est'arte, formará elle o gôsto, desapprovando, á vista do melhor, o seu modo de dizer que d'antes lhe agradára; bem como se despreza a falsa purpura, confrotando-a com a verdadeira.

II

DO USO DO ESTYLO.

§ 313.

E, pois que as palavras são como o trajo dos pensamentos, e a elles se devem de ajustar como ao corpo o vestido; regrar-se-ha o estylo de modo que as coisas pequenas appareçam exprimidas 'no singelo, as medianas 'no temperado, as graves 'no grande e nobre. Fôrça é, por tanto, ver qual dos tres estylos arma a cada genero de

discurso; advertindo porém, primeiro que tudo, que, embora em qualquer obra predomine, em geral, uma só fórma; deve esta variar, com tudo, segundo a diversidade dos objectos e dos pensamentos.

§ 314.

A *conversação familiar* e as *cartas*, que d'ella são imagem, requerem o estylo tenue e singelo; pois o que ha que dizer sobre os objectos familiares, de sua natureza varios e triviaes, convém por certo enunciar-se em phrase breve e simples. Aqui pois os longos circuitos de palavras, a collocação muito apurada, e os enfeites brilhantes, devem evitar-se. Quando porém 'neste genero de discurso se tractar d'algum objecto maior, levantar-se-ha o estylo; como 'noutro logar (§ 281) advertimos.—A mesma fórma d'elocução simples e natural se dará aos *commentarios* ou *memorias*, aos *dialogos*, e ao *discurso didactico*, em prosa; porque, sendo um poëma, pertence-lhe o estylo médio; do qual nos offerecem o mais bem acabado modelo as georgicas de Virgilio. — Mas sobre o estylo *poëtico*, que varía com os differentes generos de poësia, lá se dão as regras 'no livro respectivo.

§ 315.

A *historia* demanda, sim, um modo de dizer temperado, mas ao mesmo tempo grave, qual convém á que é *luz da verdade e mestra da vida:* e ás vezes, maiormente quando ella refere os grandes feitos dos grandes heróes, deve elevar o tom. E, quando 'nella entram *descripções de paizes*, estar-lhes-ha bem uma elocução mais amena e florida; nunca porém affectada, mas natural.

§ 316.

'No *discurso oratorio*, em fim, ha de variar o estylo

segundo o genero de eloquencia, assumpto, e partes do mesmo discurso.—'Na eloquencia judicial, não se ha de falar sobre uma causa capital do mesmo modo que em uma de estillicidio: sendo que esta pede uma fórma de elocução ora temperada, ora mais subtil; aquella, mais gravidade e vehemencia.—Aos discursos da tribuna e do pulpito, bem como a todos aquelles em que se tractam assumptos de mór importancia, ou em que o orador se esforça em mover os animos, quadra o estylo grande e robusto.—Ao exordio está bem o tenue, mas ao mesmo tempo apurado; de geito que os pensamentos não sejam nimiamente ingenhosos, nem as palavras nimiamente ataviadas, nem a collocação nimiamente trabalhada; senão que em tudo respire a modestia. Porque, no começo, tudo o que é artificio, parece que se encaminha a enganar os ouvintes; quando o orador os não tem conciliado ainda, e a fresca attenção d'elles o está espreitando.—'Na proposição e partição empregue-se o estylo simples: em a narração o médio, enfeitando-a com todas as bellezas que 'nella cabem; porque o auditorio accredita mais facilmente aquillo em que acha agrado.—Á confirmação compete o subtil; de modo que a pureza e perspicuidade da phrase vá acompanhada da força e ardor, como de um soldado 'no conflicto. —A peroração, em fim, onde o orador espera a victoria e o triumpho, demanda uma fórma de eloquencia nobre e sublime.

QUARTA PARTE

MEMORIA

CAPITULO XXI.

Da importancia e subsidios da memoria.

§ 317.

Escripto o discurso, todo trabalho que até aí teve o orador, será inutil, se elle não retiver 'na memoria, que é como o thesouro da eloquencia, aquillo que tem de dizer ao auditorio. Força é, pois, que *tam profundamente deposite 'no espirito os pensamentos, as palavras e a sua ordem, que possa appresentar todas estas coisas aos ouvintes.* Esta é a memoria, considerada como operação do orador (§§ 12 e 16). Não basta porém só reter com firmeza o que houverdes meditado ou escripto, seguindo o encadeamento das idêas e das palavras; senão que releva o recordar-vos tambem do que tiver dicto o adversario, para que se possa refutar opportunamente e 'nos proprios logares; muitas vezes é isto preciso 'nos discursos da tribuna e 'nas causas forenses.

§ 318.

Ás vezes temos tambem de orar de improviso e sem preparação; o que só se póde effeituar, havendo tal viveza d'espirito, que possa com rapidez conceber muitas idêas,

apoderar-se facilmente d'ellas, e retel-as fielmente. Por onde, em quanto dizemos uma coisa, é necessario cuidar 'na que lhe ha de succeder: e assim a nossa cogitação, tem de se adeantar além da idêa que a occupa; e o que de caminho acha, guarda-o 'na memoria: esta depois, como uma fiel depositaria, entrega á elocução o pensamento que da invenção recebêra. Prestando taes officios a memoria, ninguem ha que perfeitamente não conheça, quanto ella seja util, antes indispensavel, ao orador. Até mesmo com ella se grangêa a fama d'um ingenho prompto e vivo; parecendo que o orador não trouxe de casa o que diz, senão que immediatamente o tomou do logar em que está orando.

§ 319.

Com quanto porém a memoria seja um dom natural, não ha dúvida que, assim como todos os outros, póde ella por meio d'alguns preceitos ajudar-se e engrandecer-se. Conhecendo isto, já os antigos ensinaram *mnemonicas;* sendo, segundo é fama, Simonides o primeiro que deu uma arte; a qual outros depois illustraram. Os preceitos d'esta arte (entre os antigos) têm por fundamento *logares* e *imagens;* os logares representam o papel, as imagens ou symbolos a escripta: a práctica é esta. Escolhe-se um *logar* o mais espaçoso, e assignalado por uma grande variedade de objectos; por exemplo, uma grande casa, repartida em muitos aposentos. Tudo o que 'nella ha notavel, fixa-se bem 'no espirito, até que a cogitação possa percorrer todos as partes e objectos da mesma casa sem trabalho e 'num momento. Depois, aquillo que qualquer escreveu ou tem de cór, marca-o por meio de *imagens,* que lh'o representem e recordem: quer, por exemplo, falar da navegação, toma por signal uma anchora; quer falar da guerra, toma por signal uma espada, etc. D'aí assignala o primeiro poncto do seu discurso 'no portico da casa; o segundo 'no atrio; e seguidamente os outros

'nas salas e 'nos quartos. Feito isto, quando quer recordar-se, começa a passar em revista com o pensamento aquelles logares; e, exigindo de cada um o que lhe confiou, as imagens ou signaes o advertem, e lh'o recordam.

§ 320.

Depois, pelo decurso dos annos, appareceram innumeraveis mnemonicas, algum tanto differentes, assim d'aquella antiga, como umas das outras. Ao methodo dos *logares* e *imagens* accresceu o dos *numeros;* e estes tres elementos variaram segundo as diversas escholas; de modo que em uma predominava este, 'noutra aquelle. 'Nos tempos modernos porém, tanto em outras nações, como entre nós, começaram de predominar os numeros; sendo a base d'esta mnemonica uma phrase ou palavra *sacramental* (que qualquer póde formar para si), cuja primeira ou primeiras syllabas recordem um facto de que nos queiramos lembrar; e as ultimas o tempo em que elle aconteceu (*a*).

(*a*) Hoje, segundo o systema geralmente seguido, e que o meu carissimo Collega, o Sr. Doutor Doria, abraçou 'nos seus *Principios de Mnemonica;* bem como nos seus o Sr. Castilho: consiste a *mnemonica* em representar os algarismos — 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 — por articulações ou consoantes, fixas e determinadas; sabendo com promptidão substituir a consoante ao algarismo, ou este áquella. Para melhor prender á memoria as consoantes representativas dos dez algarismos, offerece cada um d'aquelles literatos dois versos que por ordem os representam: o pensamento dos do segundo é relativo a Sancto Antão, eremita, 'na gruta do deserto, com as disciplinas em punho, ao pé de si a ampulheta, e a sepultura aberta, para se lembrar da brevidade da vida, e da certeza da morte. Eis os versos:

—Qual é o teu mundo, Antão, e o teu viver qual é?
Um *aç*oi*t*e '*n*a *m*ão, *r*e*l*o*g*io e *c*o*v*a ao *p*é. —

As consoantes do segundo verso, que se aproveitam para symbolizar os algarismos, são: — ç, t, n, m, r, l, g (soando j), c, v, p, — : desprezam-se as vozes ou vogaes, bem como o m

§ 321.

Não negamos, com effeito, que estas e outras similhantes mnemonicas tenham algum prestimo; como para 'no monosyllabo *Um*, primeira palavra do segundo verso; porque o *m* (e assim o *n*), quando pertence á vogal antecedente, não dá som articulado. Para mais se facilitar o estudo mnemonico: e porque restam ainda oito articulações, para as quaes já não ha algarismos; têm-se ellas como equivalentes ás que ficam indicadas; e isto pela maneira que se vê na tabella seguinte:

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
ç	t	n	m	r	l	g	c	v	p
s	d	nh			lh	j	g	f	b
z						ch	q		
						x			

Advirta-se que o *g*, symbolo de 6, sôa como j: e o *g*, symbolo de 7, sôa como *gue*.

Posto isto, para se traduzir em algarismos uma ou mais palavras, deve-se reparar 'nas consoantes; e suppondo-as algarismos, exprimil-as, como se fossem numeros. Exempl.: *Lisboa*, que tem as consoantes, L, s, b, vale como — 509 — ; *Porto*, em que ha P, r, t, corresponde a — 491, — etc. Quando pois quizermos reter 'na mente uma éra, ou certo numero de graus de longitude ou de latitude, ou qualquer outro numero; o artificio está em formar uma phrase que prenda á memoria o pensamento d'essa éra, ou grau, etc.: de modo que a ultima ou ultimas palavras da phrase tenham as consoantes que, traduzidas em algarismos, dêem a éra, grau, etc. Esta palavra chama-se, em linguagem mnemonica, *sacramental*. Assim, querendo, por exemplo, reter 'na memoria a data da fundação da nossa monarchia, formaremos esta phrase, ou qualquer outra analoga:

— 'Na batalha d'Ourique tem a fundação da monarchia portugueza uma *data mui boa*. —

'Nos tres ultimos vacabulos está a palavra sacramental, que

repetir por ordem muitos nomes de coisas ou pessoas, ou para recordar varias series d'annos e outros numeros. Mas para apprender de cór todos os pensamentos d'um discurso seguido, certo que de pouco servirão ellas. Os infinitos logares e imagens a que teriamos de recorrer, com dobrado esforço da memoria, haviam de interromper necessariamente o fio do nosso discurso: pois como poderiam as palavras correr seguidas e convenientemente ligadas, se para cada uma tivessemos de consultar a fórma que a representa? Deixemos portanto essas regras; observemos outras mais singelas e proveitosas.

§ 322.

Em verdade que o melhor meio de ajudar a memoria é *o continuo e longo exercicio.* Coisa nenhuma tanto, como a memoria, se augmenta com o uso, ou se perde com o descuido. Deveis pois decorar muito, meditar muito, e todos os dias, se vos for possivel; e, já pelo tracto familiar com os eruditos, já pela continuada lição dos melhores livros, enriquecer a memoria, assim de pensamentos espirituosos e delicados, como de palavras e phrases as mais proprias e as mais polidas.

contém as consoantes — d, t, m, b, — as quaes, symbolizando os algarismos — 1, 1, 3, 9, — nos dão a data da fundação da monarchia em 1139. Daremos tambem aqui o exemplo da phrase, formada pelo Sr. Castilho, para conservar 'na memoria a data da fundação de Roma; é esta:

— Mal cuidaram Romulo e Remo, ao edificarem a cidade do seu Marte, que estavam fundando para a Egreja Christã a mais firme *columna.*

Desprezando o *m*, pela razão acima dada, achamos 'na palavra sacramental as consoantes — c, l, n —; que representam os algarismos — 7, 5, 2 —; e por conseguinte a data da fundação de Roma em 752 antes de Christo, segundo alguns chronologos. — Já por estes exemplos se vê, de quanto prestimo é a mnemonica para reter qualquer numero; não o é porém assim para um discurso seguido. Vêde o § 321.

§ 323.

Agora, para facilmente decorardes e reterdes o discurso, que escrevestes ou que só tendes meditado, dois meios ha mui efficazes. O 1.º é *a ordenada distribuição dos pensamentos* (Cap. X): sim, quando as partes e particulas d'um discurso estão bem dispostas e estreitamente ligadas, tam prêsas ficam entre si, que um pensamento chama á memoria outro, e nenhum se póde subtrahir, nem inserir outro 'no contexto, sem que logo se perceba.

§ 324.

Por uma razão similhante, será muito util *a exacta collocação das palavras*, que é o 2.º meio. Pois, quando as palavras se acham bem collocadas, o seu mesmo encadeamento guia a memoria; sendo que, assim como decoramos mais facilmente o verso, do que a prosa; assim tambem decorâmos melhor a prosa bem ligada e harmoniosa, do que a desatada e dissonante. Tam naturalmente nos enleva a musica e harmonia! (§ 278).

§ 325.

Em fim, se vos favorecer a memoria, e não faltar o tempo, *assim decorareis todas as palavras do vosso discurso, que nem sequer uma syllaba vos escape:* aliás, escusado fôra o escrevêl-o. Se porém a memoria for por natureza dura e infiel, ou o tempo estreito, inutil será prender-vos a todas as palavras; porque basta o esquecimento d'uma, para vos trazer ou um ingrato enleio, ou mesmo uma vergonhosa mudez. O mais seguro é então assenhorear-vos bem dos pensamentos, reservando para o acto da declamação a liberdade de os exprimir pelas palavras que lá occorrerem.

PARTE QUINTA

DECLAMAÇÃO

CAPITULO XXII

Regras sôbre a declamação.

§ 326.

Eis-nos, pois, chegados á ultima operação do orador: vejamos por que maneira deve elle appresentar aos ouvintes o deposito que a memoria lhe ha guardado. É o que se chama declamação; i. é, — *a conformação da voz e do gesto com os varios pensamentos e palavras do discurso:* — parte esta que, em verdade, 'nelle é d'uma energia e influencia maravilhosa. Pois, nem as provas são tam valentes, que não percam sua força, não sendo animadas pelo tom asseverativo do orador; nem as bellezas se tornam tam sensiveis; nem o movimento das paixões póde ser vigoroso, se não tomar calor das intoações da voz, e da acção de todo o corpo.

§ 327.

Duas são, pois, as partes da declamação, — *a voz e o gesto:* — aquella fere os ouvidos, este os olhos; que são os dois principaes sentidos, por onde todo o pensamento cála 'no animo do ouvinte. A lei fundamental d'uma e outra parte é a sua justa conformidade com a natureza dos pensamentos e de todo discurso, e com as pessoas e cir-

cumstancias. Mas, para isso, em ambas as partes se requerem varios dotes; e, para que estes mais a lume venham, falaremos de cada uma d'ellas separadamente.

DA VOZ.

§ 328.

Primeiro que tudo, releva que a voz seja — *clara, agradavel, concertada.* — *Clara* será a voz: 1.º, se todas as palavras e todas as syllabas se articularem espevitadamente; não tanto porém, que pareça que se vão contando as letras; que isso sería fastidioso e abhorrecivel. 2.º Se a pronunciação for distincta; de geito que, onde ha maior differença de sentido, i. é, onde termina o pensamento total, a voz descance, colhendo toda a respiração: onde porém a differença fôr menor, como 'nos sentidos parciaes, se suspenda um pouco a vòz, assim para se tomar algum fôlego, como para dar aos ouvintes algum tempo de meditarem.

§ 329.

Para ser *agradavel* e corteza, é mistér: 1.º que imite a fala dos polidos da côrte (§ 142); de sorte que 'nella não sôe rusticidade, nem peregrinismo algum; sendo certo que os homens se distinguem uns dos outros pelo som da voz, como pelo tinnir os metaes: 2.º que não sáia violentada, senão livre, facil, e com certa suavidade; não effeminada, mas viril e natural: 3.º que seja firme e constante, sem com tudo se afastar do som conveniente.

§ 330.

Será, em fim, *concertada,* se fôr opportunamente variada segundo os differentes logares, pensamentos, affe-

ctos, pessoas e partes do discurso: de maneira que umas vezes seja elevada, outras abatida; ora grave, ora aguda; já branda, já vehemente, etc. A esta variedade se oppõi a *monotonia* ou esse tom unisono e desagradavel, que faz murchar toda a belleza e donaire do discurso.

§ 331.

Assim, quando declamardes em um logar extenso e espaçoso, soltareis uma voz mais alta, para que possa ser facilmente ouvida por toda a assemblêa; em um logar estreito ou menos largo, mais abatida.—'Na enunciação dos grandes pensamentos, ou sôbre assumptos importantes, seja a voz majestosa; 'nos baixos submissa; 'nos mediocres moderada. — A cholera demanda uma voz aspera, aguda, cortada a miudo pela respiração: o amor e a mansidão, branda: a compaixão e a tristeza, chorosa, interrompida: o prazer e alegria, cheia e fluente: o medo, abatida: o atrevimento, alta e elevada.

§ 332.

Ante um congresso polido e civilizado a voz deve ser mais suave; ante rusticos, mais dura e vehemente: nunca porém clamorosa; senão tal, que pareçamos falar, não ladrar. — A um orador esclarecido por suas acções, ou respeitavel por seus annos, está bem uma voz mais grave e socegada; a outros mais moderada e mais submissa.

§ 333.

Tambem cada parte do discurso pede seu tom de voz. 'No exordio empregue o orador uma voz submissa e vergonhosa; excepto se tiver de mover algum affecto pathetico: e não dispare logo as palavras, mas demore-se por um breve espaço, como fixando o pensamento; para se tornar senhor de si e dispôr-se para orar. 'Na propo-

sição e partição seja a voz singela e bem clara; quasi como a da conversação familiar: a mesma deve ser em a narração; salvo se outra demandarem as paixões que tenhais de excitar, em razão dos factos que expozerdes. 'Na confirmação, mais forte e energica. 'Na peroração, em fim, mais elevada.

§ 334.

Finalmente, não só 'nos periodos e 'nas phrases se deve de variar a voz; senão tambem cada palavra se ha de, ás vezes, emittir com seu tom. Porque uma e a mesma palavra, mudando-se a pronunciação, ora indica simplesmente a idêa do objecto, ora affirma, ora nega, ora pergunta, ora exprime admiração, ora indignação, etc.

DO GESTO.

§ 335.

Deve o gesto acompanhar a voz, e abrir com ella os varios conceitos do espirito. Gesto é — *a conformação do movimento do corpo com os pensamentos e palavras:* — e as leis geraes, por onde elle se ha de regular, são estas: 1.ª Não seja elle effeminado, nem muito exquisito, nem demostre affectado esmero e arte. 2.ª Não se divise rudeza nem grosseria; para que, fugindo do melindre, não pareçamos caír no contrário vicio da rusticidade. 3.ª Esteja o corpo direito; sem todavia parecer immovel, como uma estatua; nem tambem agitar-se com movimentos muito amiudados, vehementes e descomedidos.

§ 336.

Quanto porém ás regras particulares da acção, respeitam ellas principalmente á cabeça, semblante, olhos,

braços e mãos. — A *cabeça* tenha-se alta e erguida; não cabisbaixa, nem virada para tras: se bem que 'nisto mesmo se ha de guardar seu modo. Porque, se, por um lado, a cabeça hirta e immovel denota barbaridade ou arrogancia; por outro, abatida, póde ás vezes mui bellamente significar a tristeza, a magua, o pezar e outros affectos. — 'Nisto porém o que mais domina é o *semblante;* o qual, segundo a natureza dos pensamentos e affectos, vós offerecereis já alegre, já triste; agora brando, agora ameaçador, etc.

§ 337.

E, no semblante mesmo, a maior viveza da acção está 'nos *olhos,* que são como os ministros da alma, e os indicadores do pensamento; pois que, ainda sem se moverem, com a alegria parece que brilham, e com a tristeza se anuviam e deslumbram. — Levantados ao céo, indicam elles o homem posto em oração a Deus: quasi cerrados, descobrem o animo entregue á meditação: fitos 'num logar, significam o pasmo e assombro: abatidos, revelam a modestia e o pudor: voltados para outra parte, manifestam a negação, ou o tédio e abhorrecimento. E todas estas differentes posturas devem de ageitar-se aos pensamentos e palavras.

§ 338.

Os *braços* não se pendurem desconcertados, nem se extendam em demasia, excepto na maior vehemencia da paixão; sirvam, sim, ás mãos livre e concertadamente. — As *mãos* porém tanto se avantajam 'na acção aos outros membros, que (como diz Quinctiliano) não só ajudam a quem fala, senão que até em certo modo falam. Por ventura não parecem ellas pedir? prometter? chamar? despedir? ameaçar? supplicar? abominar? temer? perguntar? negar? etc. Mas tambem o seu movimento

está subjeito a certas leis. — 1.ª Seja elle parco 'na entrada do discurso; e pronuncie-se, ordinariamente, sem gesto algum de mãos o primeiro periodo do exordio: logo que o discurso comece a tomar calor, amiude-se tambem a gesticulação; nunca seja porém descomedida. 2.ª Não se eleve a mão acima dos olhos, nem desça abaixo do peito; excepto 'nos maiores transportes das paixões. 3.ª Parta o meneio do lado esquerdo para o direito; terminando 'neste, como quem repousa, e não de golpe. 4.ª A esquerda quasi nunca gesticule só; amolde-se, de ordinario, á direita.

E isto baste sobre a declamação. O que resta ainda, tanto em relação á voz, como pelo que toca ao gesto, fique para o exercicio: que a este e ao favor da natureza muito mais se deve, que aos preceitos da arte.

FIM

INDICE

NOÇÕES PRELIMINARES

DA ELOQUENCIA E DA RHETORICA EM GERAL.

PARTE PRIMEIRA

INVENÇÃO

PARTE SEGUNDA

DISPOSIÇÃO

PARTE TERCEIRA

ELOCUÇÃO

PARTE QUARTA

MEMORIA

PARTE QUINTA

DECLAMAÇÃO